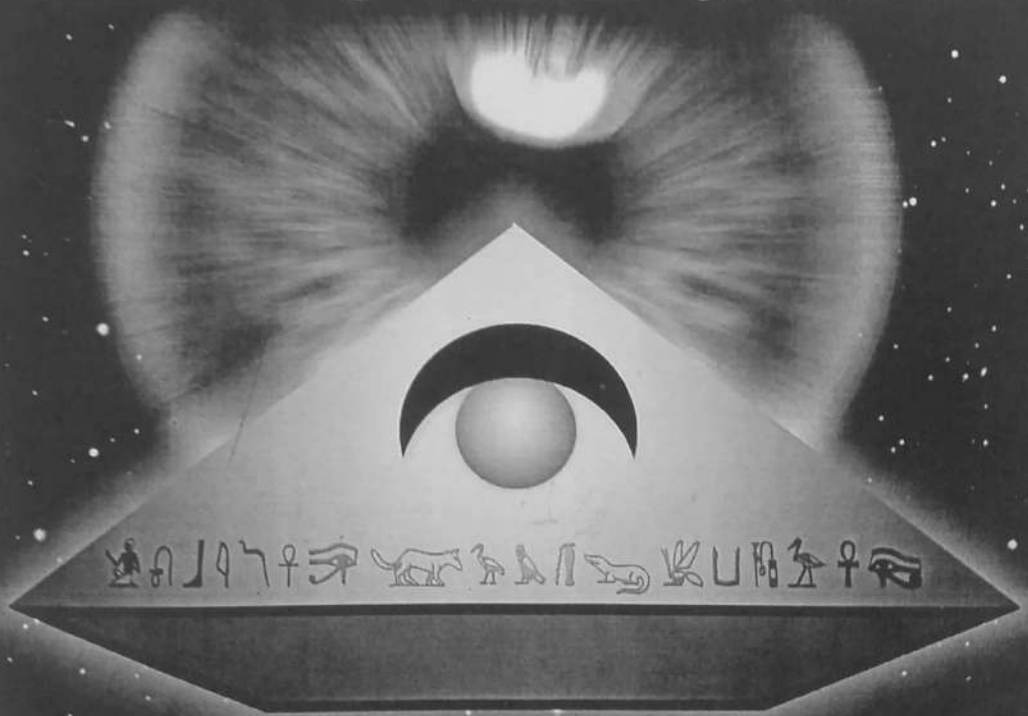


O GATILHO CÔSMICO  
O DERRADEIRO SEGREDO DOS  
ILLUMINATI





*Robert Anton Wilson*

O GATILHO CÔSMICO  
O DERRADEIRO SEGREDO DOS  
ILLUMINATI



*Tradução:*  
Fulvio Lubisco



MADRAS

Publicado originalmente em inglês sob o título *Cosmic Trigger*, por New Falcon Publications  
© 1997, Robert Anton Wilson.  
Tradução autorizada do inglês.  
Direitos de edição para todos os países de língua portuguesa  
© 2004, Madras Editora Ltda.

**Editor:**  
Wagner Veneziani Costa

**Tradução:**  
Fulvio Lubisco

**Produção e Capa:**  
Equipe Técnica Madras

**Revisão:**  
Fábio Leonel de Paiva  
Vera Lucia Quintanilha  
Ana Lúcia Sesso

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.**

---

W721g

Wilson, Robert Anton, 1932-  
O Gatilho Cósmico: o derradeiro segredo dos Iluminati/Robert Anton Wilson: tradução Fulvio Lubisco.  
— São Paulo: Madras, 2004

Tradução de: *Cosmic trigger (vol 1): final secret of the Illuminati*  
ISBN 85-7374-800-1

1. Ciências Ocultas. I. Título.  
04-0049.

CDD 133  
CDU 133

---

09.01.04	14.01.04	005245
----------	----------	--------

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da Internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



**MADRAS EDITORA LTDA.**  
Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana  
02403-020 — São Paulo — SP  
Caixa Postal 12299 — CEP 02013-970 — SP  
Tel.: (0\_ \_11) 6959.1127 — Fax: (0\_ \_11) 6959.3090  
[www.madras.com.br](http://www.madras.com.br)

## Dedicatória

### **Este livro é dedicado a:**

Ken Campbell e o Teatro de Ficção Científica de Liverpool, Inglaterra,  
e também ao  
Templo do Deus Oculto,  
Houston, Texas

### **Agradecimentos pela Luz durante o Caminho:**

Alan Watts,  
Timothy Leary,  
Parcifal,  
Melaclypse, o mais jovem,  
a Reformada Nova Ordem Ortodoxa da Golden Dawn,  
Dr. Israel Regardie



# Índice

<b>Introdução da Edição Brasileira</b> .....	11
<b>Prefácio da Nova Edição</b> .....	15
<b>Introdução</b> .....	23
<b>Prólogo</b>	
Pensando a Respeito do Impensável .....	29

## Parte I: A Conexão Sírius

<b>Fábulas Introdutórias</b> .....	44
Dos Sufis .....	44
Dos Antigos Babilônios .....	44
Da Tradição Zen .....	45
A Porta para a Capela Perigosa .....	45
Foi um Duende que Deixou Panquecas para Simonton? .....	51
O Assassinato de Kennedy e a Teia .....	54
Uma Visita a Millbrook .....	56
A Rainha do Espaço .....	63
O Enigma 23 .....	65
A Caça à Heresia Começa .....	69
Múltiplas Realidades .....	72
O Assassinato de Cristo: Uma Reprise .....	74
Jim Garrison e os Illuminati .....	81
Operação Estupro Mental .....	83
Os Terríveis Segredos do Malvado Aleister Crowley .....	85
Um Sinal Discordiano do Falecido Aldous Huxley .....	90
A Teia .....	93
A Dama de Guadalupe .....	94
A Ascensão de Sírius .....	97
O Sagrado Anjo Guardião .....	105
Seres de Luz, Cães Falantes, Mais Extraterrestres e Outras Criaturas Estranhas .....	108
Semente Estelar .....	110
Magia, Tecnologia ou Ambas? .....	113
Esses Misteriosos Sufis .....	115

Uma Mensagem da Central Cósmica? .....	118
Alguns Deuses Egípcios Interferem na Narrativa e Nossa Senhora do Espaço Fala Novamente .....	123
Uma Visita ao “California Medical Facility” .....	129
As Perspectivas da Imortalidade .....	134
Parando o Relógio Biológico .....	140
Aparições e Desaparições .....	144
Uma Lição de Carma .....	146
Bruxaria .....	148
Nikola Tesla, um Xamã Secular .....	149
Outros Sinais Estelares .....	152
Nas Pegadas dos Illuminati .....	154
Drogas e Divindade .....	157
Os Horrores Começam .....	160
O Passeio de Ishtar: Uma Volta Guiada pelo Inferno .....	165
Babalon, o Mistério .....	169
Leary Emerge da Escuridão e Sírius Aparece Novamente .....	175
O Falcão de Hórus e Uri Geller .....	179
As Profecias do Mothman .....	185
Cãezinhos de Sírius .....	186

## **PARTE II: Modelos e Metáforas**

<b>Outras Fábulas e Alegorias</b> .....	190
Dos Sufis .....	190
Dos Judeus .....	190
Dos Alemães .....	190
A Evidência Sírius .....	191
ERP e o Teorema de Bell .....	196
Túneis-Realidade e Impressões .....	202
A Oitava da Energia .....	213
A Lei da Aceleração .....	218

## **PARTE III: O Gatilho**

<b>Uma Fábula Final</b> .....	224
Dos Egípcios .....	224
Sírius Ascende Novamente .....	225
Sangue dos Deuses? .....	226
O Companheiro Obscuro .....	230
Via Dolorosa .....	232

<b>Epílogo</b> .....	241
<b>Índice Remissivo</b> .....	247

# Introdução à Edição Brasileira

Robert Anton Wilson é um escritor singular; lê-lo é destruir conceitos, aniquilar certezas, desarraigar crenças. Livre-pensador é um clichê, um rótulo, uma pálida imagem quando aplicado a ele.

O *homo sapiens* tem uma predileção especial por rótulos, pelas situações definidas, catalogadas, pelo conhecido e explicado. Mesmo que para ter este oásis de certezas tenham de parodiar os avestruzes e enfiar a cabeça no buraco, e olha que nem os avestruzes realmente fazem isso. E dentro de suas cavernas (lembre-se de Platão), ou melhor, buracos, pensam que sabem o real. A idéia de enfiar a cabeça dentro da terra é interessante, pois, por mais que ela envolva por todos os lados, dificilmente isso ajudará a entendê-la e, conseqüentemente, o mundo além.

As pessoas defendem pontos de vista de outros, muitas vezes criados com finalidades escusas ou deturpados, com o tempo, como seus. Ou ainda como uma verdade divina, ou pior, como a verdade, como se ela fosse algo passível de ter proprietários e ser única. Macacos sem pêlos, condicionados, agem mecanicamente. Se alguém não é Y, logicamente será X, isso é lógico, mas somente para a lógica indexada a uma determinada forma de entender o real.

O feiticeiro britânico Austin Osman Spare tinha conceitos como *inbetweennes*, e Neither-Neither, no seu sistema de Magia, o *Zos kia Cultus*. Ele explorava a matriz profunda do Caos, de onde todas as coisas brotam. Para acessá-la, a mente deve ser conduzida ao vazio, tirada de suas certezas e condicionamentos corriqueiros; esta é a chave para a verdadeira criatividade. Desta forma, o “intervalo”, a “ambivalência”, o “nem isso nem aquilo” ganham uma importância sublime.

Os seres humanos agarram-se aos seus conceitos de mundo como um náufrago a uma tábua em meio ao mar revolto. O fato de descartar tudo

o que não tem a ver com o sistema de crenças da pessoa, além de tornar o seu mundo mais pobre, limita terrivelmente a sua apreensão.

A ciência ocupa, para muitos, o lugar que a religião tinha na Idade Média, dando explicações e recheando o Universo de certezas. Ainda, por sua vez, destrona o Deus vingativo que poderia nos condenar ao inferno ou a outras punições. Algumas pessoas que “sabem” desvendam o mundo a quem “não sabe”. A ciência é fantástica, assim como as manifestações religiosas, desde que sejam entendidas como formas de vivenciar, ver e entender o mundo, e não verdades absolutas. O impossível hoje é a realidade amanhã.

A mecânica quântica, especialmente na interpretação de Copenhague, do físico Niels Bohr, alerta-nos que, por mais elaboradas que sejam as teorias, elas não passam de descrições e não são reais em si mesmas. Mas, infelizmente, tanto cientistas quanto leigos confundem suas teorias e crenças com o real. Desta forma, a busca termina, os horizontes se calcificam e a “verdade” é feita prisioneira de uma gaiola dourada, tal qual a lenda do rouxinol do imperador chinês de Hans Christian Andersen. Da mesma forma que o rouxinol, ela não atende a caprichos e se mantém livre, brindando-nos por alguns momentos com sua presença.

Por mais que seja uma história singela, ela se torna extremamente reveladora se imaginarmos a verdade como sendo o rouxinol. Especialmente quando a corte do imperador sai em busca do pássaro e o confunde com toda a gama de seres, não estando preparada para o que encontra. Ou ainda quando o imperador ganha um rouxinol mecânico, e “todos” ficam felizes, pois este canta sempre as mesmas músicas, na hora determinada, sem as desvantagens de cantar sempre algo novo e inesperado, surgindo quando melhor lhe aprouver. Esses dois dinamarqueses, Andersen e Bohr, disseram muito a nós.

O Universo brota da soma de vários universos construídos pela interação de milhares de fatores. Se pensarmos na realidade humana, ela é formada pela língua, por condicionamentos sociais, religiosos e científicos e da inter-relação destes com as emoções, aspirações, traumas, etc. Isso apenas para citar uma ínfima parte desta composição. Desta forma, é criado um binóculo com várias lentes (cada um destes fatores), e o “real” é percebido por meio deste artefato. O que temos é uma grande mentira, nada é o que parece ser. E sobre estes alicerces, erigiram a sociedade humana.

Como diria Aleister Crowley, o Universo é um espelho, o que vemos é o nosso reflexo. De posse deste conhecimento, podemos ser editores do real, da nossa realidade que é, de todas, a mais significativa, posto ser aquela em que estamos imersos. Editando-a livramo-nos dos condicionamentos impostos e das verdades de outrem. Assim é criado o nosso universo, que será mais livre, menos dogmático e extremamente fértil.

Inúmeras mudanças em nossas vidas, para ocorrerem, necessitam de um catalisador externo. O catalisador nada mais é que um símbolo de um processo interno, mas que, por algum motivo, evocamos a forma visível e externa a nós, talvez para podermos aprender melhor toda a gama de infor-

mações por ele representadas, ou ainda por osmose, essas características são assimiladas. Assim sendo, deuses, demônios, anjos, extraterrestres funcionariam como portais para determinados estados conscienciais.

Os universos são como uma grande teia tecida pela aranha do destino; cada fio está interligado ao outro. Quando um é tocado, a impressão é passada a todos os outros. Qualquer mudança reverbera na teia inteira, o que faz lembrar a filosofia tântrica. O futuro, o passado e o presente são um grande *continnum*, tudo está acontecendo agora, neste exato momento. No passado, o contato eram os deuses, os anjos, os santos; hoje são os extraterrestres; e amanhã seremos nós mesmos, vindos do futuro. Um encontro com o amanhã.

Um dado curioso sobre os óvnis é que eles lembram naves espaciais, mas o seu comportamento, bem como a aparência, tem muito a ver com o sistema de crenças do observador. É como se os fenômenos ditos espirituais, na Idade Média, como o contato com anjos e demônios, tivessem agora se adaptando à nossa era mais tecnológica e recoberto com uma roupagem *high tech*. É claro que isso é uma suposição aplicável em muitos casos, em outros não, sem falar em algumas representações do mundo antigo que nos fazem lembrar o contato com alienígenas. Um exemplo disso, que gerou uma acalorada controvérsia, foram as revelações de Sírius aos Dogons, que encontram ecos atuais nos sistemas mágicos de Crowley e Gurdjieff.

Robert Temple, em seu livro *The Sirius Mystery*, expõe a hipótese da Terra ter sido visitada por ETs; e alguns conhecimentos destes terem sido deixados com os mesopotâmicos e os egípcios, sendo *a posteriori* disseminados em algumas partes da África e, por fim, permanecido na tribo dos Dogons. Temple também demonstra que o calendário egípcio girou em torno do movimento de Sírius — o ano teve início com os “dias de cão”, quando Sírius começou a ascender atrás do Sol (23 de julho de nosso calendário).

As ligações do trabalho de Crowley/Grant com Sírius e a relação desta com a A.:A.:, o olho de Hórus, Set, o sol por trás do sol e outras metáforas são tratadas de forma aprofundada no *Renascer da Magia*, publicado pela Madras Editora. O espaço sideral e as tradições mágicas inspiradas em Crowley não tiveram somente ligações metafóricas, antropológicas ou filosóficas. Jack Parsons e outros cientistas da Cal Tech estavam interessados nos escritos de Crowley; o governo achou por bem infiltrar agentes para averiguar o que ocorria. Foi desta forma que L. Ron Hubbard, fundador da ciéntologia, aproximou-se por ordem da inteligência naval de Parsons.

Wilson crê que o brilhante cientista Jack Parsons foi assassinado a mando do então chefe da CIA, Edgar Hoover. Parsons trabalhou no desenvolvimento do combustível usado nos foguetes espaciais. Ele foi um cientista que rivalizava com o célebre Werner von Braun, o criador das famosas V2 nazistas e, depois, o maior responsável, para quem não sabe, pelo programa espacial americano. De cientista nazista a cientista da NASA, Parsons foi um ardoroso estudante dos métodos mágicos de Crowley, autor do célebre *Book of Babalon*. Sua morte, devido a uma explosão, foi associada por muitos justamente ao contato com Babalon. Ele era, devido às suas

idéias revolucionárias e libertárias, um perigo em potencial; o receio de que os seus desenvolvimentos na tecnologia da propulsão dos foguetes caíssem na mão dos comunistas teria sido o estopim.

Um personagem ímpar na tradição ocidental é Giordano Bruno. Explorar a respeito de sua vida e seu trabalho vai muito além desta introdução; convém, entretanto, salientar que ele foi uma das primeiras pessoas a defender a vida em outros planetas (lembrando que o mundo da época de Bruno havia acabado de sair da Idade Média) e, de acordo com Timothy Leary, a praticar Magia Sexual.

Wilson e Leary trabalharam juntos em vários projetos; a admiração entre ambos era evidente. Cada um por seu caminho e por suas experiências pessoais chegou a conclusões e resultados muito similares. Não só os dois, mas um pesquisador independente chegou a idéias muito similares: Terence McKenna. Ele e seu irmão Dennis levaram a cabo uma série de experiências com psilocibina e dimetiltriptamina. Os resultados são, em vários aspectos, similares aos de Leary e RAW. O espantoso é que as pesquisas se desenrolaram independentemente.

Os irmãos McKenna traçam paralelos entre as mudanças mundiais e grandes ciclos que seriam espelhados no *I Ching*. A evolução global culminaria em uma migração espacial (a colonização) do espaço, o que, em verdade, seria o retorno às nossas origens. Uma série de comunicados vindos do *Logos* transmite essas informações. Terence McKenna observa que o Universo é informação, chegando a conceitos semelhantes ao Memes de Leary.

Podemos encontrar ressonância delas também nas descobertas mágicas de Aleister Crowley e, especialmente, do seu discípulo Kenneth Grant. Desta forma, a tradição estelar de Crowley, de Grant e o calendário maia fariam parte de uma grande teia, que nada mais seria que a teia da vida, interligando tudo, uma ressonância entre todas as coisas existentes ou, se preferirmos, Tantra.

Timothy Leary, mais conhecido como o Guru lisérgico, antes de ser proscrito e tido como o homem mais perigoso do mundo, para o presidente Richard Nixon, era “apenas” um Ph.D. em Psicologia, de Harvard. Leary executou uma experiência com os detentos de MCI-Concord usando a psilocibina encontrada nos cogumelos do gênero *Psilocybe*. A droga foi ministrada aos detentos como uma forma de reprogramação, objetivando a quebra do padrão criminoso. Como acontece por aqui, o nível de reincidência era altíssimo, ou seja, uma vez presa, a pessoa normalmente nunca mais sairia da vida criminosa. As prisões serviam apenas para cercear a liberdade e afastar o criminoso do convívio social. O experimento teve sucesso total; em sua grande maioria, os detentos não mais reincidiram em crimes.

Leary, além de ministrar a psilocibina, manteve um acompanhamento psicológico, notando que a droga produzia introspecção, expansão da consciência e uma introversão profunda que possibilitava ao usuário mudar seus padrões comportamentais e redimensionar sua vida. Além do exposto, havia por parte dos participantes uma sensação “espiritual” e mística, origi-

nando remorso pelos anos desperdiçados em sua vida marginal, uma preocupação por si e pelas outras pessoas e pelo mundo em geral.

Com a quebra do padrão “criminoso”, um novo padrão poderia ser implementado. Foi ainda constatado que a psilocibina era segura e praticamente sem efeitos colaterais. Pena que o sistema já acompanhava as pesquisas com cogumelos desde a época do casal Wasson, inclusive infiltrando um agente da CIA entre os pesquisadores. As pesquisas de Leary realizadas por décadas com as drogas, Budismo tibetano e cibercultura levaram-no a entender como poucos a mente humana. Ele se empenha em mudar a programação pessoal e intitula Memes as programações macro.

Os Memes, em uma visão muito resumida e simples, são paradigmas, palavras-chaves, ícones, códigos; eles funcionam da seguinte forma: ao ver determinado símbolo (ou ouvir, sentir, cheirar, degustar), eles ativam uma imensa teia de correspondências aprendidas durante toda a nossa vida. Essas associações nos conduzem inevitavelmente a modelos de atitudes. Quanto menos conscientes disso, mais somos joguetes dessa programação.

Essas idéias de Leary (e de Mckenna e RAW) encontram paralelos nas teorias de Edward Fredkin. De uma forma mais mecanicista, ele concebe o Universo como informação. O nosso Universo estaria condicionado, programado, seria um autômato celular. Desta forma, o “desenvolvimento” do Universo estaria regido por padrões de *bits*, um código simples, como o código binário dos nossos computadores. Esses padrões se combinariam dando forma a tudo o que conhecemos.

No sistema de Fredkin, o Universo é formado por unidades de informação binária, elas estão em uma grade. Da combinação desse código binário teremos todas as coisas do Universo. De acordo com David L. Chandler (*New Scientist*), o autômato celular é como um tear; os fios correspondem ao tempo, sobre o qual o ato de tecer ocorre linha por linha. Este processo seria regido por uma regra estrita. A prova disso se daria por meio da descoberta do “relógio cósmico”. O grande problema (ou um dos) da teoria de Fredkin é que a regra estrita que iria reger o Universo é determinada e atritaria com o indeterminado da mecânica quântica. O Universo seria informação.

Os chineses, com o *Yin* e o *Yang*<sup>\*</sup>, tinham um código binário que, de sua interação, produzia o Universo. Da combinação de *Ch'ien*, o criativo, com *K'un*, o receptivo. Da multiplicação deles, chegaram ao 8 e, conseqüentemente, aos 8 trigramas, e multiplicando (8x8), aos 64 hexagramas. Isso se repete no DNA, no xadrez e na computação.

Outro paralelo interessante é a informática e o seu código binário. A partir dele são geradas infinitas combinações que culminam na infinidade de atividades desenvolvidas por nossos computadores. O *bit* (dígito binário) é a menor unidade de informação; 8 *bits* formam um *byte*; por meio do *byte* é possível executar todos os comandos do computador. O Cobol, uma das primeiras linguagens de computador, usa uma grade similar à do *I Ching*.

\* Lembrar dos 0 = 2 de Aleister Crowley

Convém falar, ao menos um pouco, a respeito dos Illuminati, que, afinal de contas, serviram de inspiração para o título desta obra. Os Illuminati foram criados em 1776 por Adam Weishaupt; ele havia estudado com os jesuítas, sendo posteriormente professor de Direito Canônico. A Companhia de Jesus, além de ter conquistado terras nas Américas, criando quase um país, foi inspiração também para a SS Nazista. Seu nome simbólico nos Illuminati era Spartacus. Tudo indica que o objetivo dos Illuminati era criar uma nova Ordem mundial. Para quem gosta de teorias de conspiração, os Illuminati e a família Rothschild tiveram origem muito próximas. O fundador da dinastia, Mayer Amschel Rothschild, nasceu em 1744, em Frankfurt am Main.

Ordens misteriosas que influenciam a política e a sociedade nos bastidores são mencionadas até os dias de hoje, como a Skull & Bones, de quem os presidentes americanos Bill Clynton e o clã Bush fariam parte. Outras entidades nebulosas são o grupo Bilderberg, a Comissão Trilateral. Além disso, sociedades secretas como Skull & Bones são tidas como mentoras de movimentos, como o Nazismo, por exemplo. É relevante que um pesquisador como Anthony Sutton origina a Skull & Bones justamente da Thule Order, que teria originado o Terceiro Reich.

A obra de RAW sintetiza e aglutina, de um lado, as atávicas aspirações humanas pelo significado da vida: imortalidade, magia, poder e liberdade; por outro, a voz da contracultura, seja ela representada por anarquistas, *ciberpunks*, cientistas heterodoxos, artistas, enfim, navegantes exploradores do caos das mais diversas safras.

Robert Anton Wilson passou por um processo de reprogramação cerebral auto-imposto, conhecido nas sociedades secretas como Iniciação ou, se preferirmos, a senda do autoconhecimento. Por meio das técnicas de Aleister Crowley, dentre outras, os vários aspectos do “Eu” foram analisados e estudados. Wilson termina por considerar o ego uma ilusão incômoda. Há uma metáfora ocultista que coloca o Eu como um sonho do Sagrado Anjo Guardião, o *Self*. Ele nos demonstra que o contrário de uma verdade não é necessariamente uma mentira, pode ser outra verdade.

Jogando por terra os rótulos e ampliando ao infinito os horizontes da experiência humana, o ser se transforma de uma certeza em uma hipótese, um conceito de vir a ser. Todo rótulo é limitante, ou como RAW mesmo disse: “*Tudo aquilo em que acreditamos nos aprisiona*”.

Por esses motivos, o *Gatilho Cósmico* é um disparo direto no meio dos olhos, atingindo o cérebro. Jogando por terra os rótulos e ampliando ao infinito os horizontes da experiência humana, o ser se transforma de uma certeza em uma hipótese, um conceito de vir a ser.

Todo rótulo é limitante, ou como RAW mesmo disse: “*Tudo aquilo em que acreditamos nos aprisiona*”.

# Prefácio da Nova Edição

*O Gatilho Cósmico* foi originalmente publicado há dez anos e, logo depois, foi lançada a versão em livro de bolso. Apesar do fato de que alguns dos meus romances resultaram numa vendagem maior do que outros, este é o meu livro de maior “sucesso”, em termos humanos, em pelo menos dois aspectos:

1. Desde a primeira impressão até este momento, recebi mais correspondências a respeito de *O Gatilho Cósmico* do que de qualquer outro livro, já que a maioria dessas correspondências têm sido extraordinariamente inteligente e de pensamento aberto. Por algum motivo, muitos leitores deste livro pensam poder escrever-me de forma íntima e sem medo a respeito de assuntos considerados oficialmente tabu por nossa sociedade. Aprendi muito por meio dessas cartas e conheci alguns novos amigos maravilhosos.

2. Durante as palestras de apresentação, as perguntas giram mais em torno deste livro do que de qualquer outro trabalho meu.

Esta nova edição apresenta uma oportunidade para responder às perguntas mais freqüentes e corrigir os mal-entendidos mais recorrentes.

Deve ser óbvio para todos os leitores inteligentes (mas curiosamente não tão óbvio para muitos) que o meu ponto de vista neste livro é de agnosticismo. A palavra “agnóstico” aparece explicitamente no “Prólogo” e a atitude agnóstica é repetidamente mencionada no texto, mas muitas pessoas ainda pensam que “acredito” em algumas das metáforas e modelos aqui mencionados. Portanto, quero esclarecer, como nunca antes o fiz, que:

Eu não acredito em nada.

Essa afirmação foi feita explicitamente por John Gribbin, editor de física da revista *New Scientist*, em um debate de televisão da BBC com Malcolm Muggeridge, e provocou incredulidade por parte da maioria dos espectadores. Parece ser uma ressaca da era medieval católica que leva a maioria das pessoas, até aquelas consideradas “educadas”, a pensar que todos devem “acreditar” em alguma coisa ou outra: que se uma pessoa não é teísta, deve então ser uma ateuista dogmática; e se uma pessoa pensa que o capitalismo não é perfeito, ela deve acreditar fervorosamente no socialismo; e se uma pessoa não tem uma fé cega em  $x$ , ela alternativamente deve ter uma fé cega em  $y$  ou no reverso de  $x$ .

Minha opinião é de que a *crença é a morte da inteligência*. A partir do momento que alguém acredita em algum tipo de doutrina ou assume a certeza, ele pára de pensar a respeito do aspecto da existência. Quanto maior é a certeza assumida, menos é deixado para se pensar a respeito de um determinado assunto, e uma pessoa que tivesse certeza sobre tudo não teria nenhuma necessidade de pensar a respeito de qualquer coisa e poderia ser considerada clinicamente morta de acordo com as normas médicas atuais, pois a ausência de atividade cerebral é considerada o fim da vida.

Minha atitude é idêntica à do Dr. Gribbin e à da maioria dos físicos de hoje, visto que ela é conhecida como “A Interpretação de Copenhaguen”, pois foi formulada em Copenhaguen pelo Dr. Niels Bohr e seus colaboradores, entre 1926-1928. Algumas vezes, A Interpretação de Copenhaguen é chamada de “agnosticismo modelo” e reza que qualquer plano utilizado para organizar nossa experiência no mundo é um modelo do mundo e não deve ser confundido com o próprio mundo. Alfred Korzybski, o semanticista, procurou popularizar essa física externa por intermédio do slogan: “O mapa não é o território”. Alan Watts, um talentoso exegeta da filosofia oriental, reformulou-o mais vividamente como: “O cardápio não é a refeição”.

A crença no sentido tradicional, ou convicção, ou dogma, resulta na grandiosa ilusão: “Meu modelo presente” — ou plano, ou mapa, ou túnel-realidade — “contém todo o universo e não precisará mais ser revisto”. Em termos de história da ciência e do conhecimento em geral, para mim, isso parece absurdo e arrogante e fico sempre surpreso pelo fato de tantas pessoas conseguirem viver com essa atitude medieval.

*O Gatilho Cósmico* trata de um processo de *alteração cerebral deliberadamente induzida*, pelo qual eu mesmo passei durante os anos de 1962 a 1976. Esse processo é chamado de “iniciação” ou “busca da visão” em muitas sociedades tradicionais e pode facilmente ser considerado, em terminologia moderna, como uma variedade perigosa de autopsicoterapia. Eu não o recomendo para todos e acho que consegui um número maior de bons resultados do que de ruins, visto que passei por duas variedades de psicoterapia clássica antes de começar minhas próprias aventuras e, por pos-

suir um bom conhecimento de filosofia científica, eu não estava inclinado a “acreditar” literalmente em nenhuma impressionante Revelação.

Em resumo, o que aprendi de mais importante em minhas experiências é que “*realidade é sempre plural e mutável*”.

Como a maior parte de *O Gatilho Cósmico* é dedicada à explicação e à ilustração dessa afirmação, e como já tentei explicá-la em outros livros e ainda encontro pessoas que leram tudo o que escrevi acerca do assunto e continuam não entendendo o que quero dizer, tentarei novamente neste novo “Prefácio” explicá-la *UMA VEZ MAIS* e talvez de forma mais clara que antes.

“Realidade” é: (a) um substantivo e (b) singular. Pensando no idioma português (e nos conhecidos idiomas indo-europeus), essa palavra nos programa subliminarmente a conceituar “realidade” como uma entidade de um só bloco, por exemplo, um arranha-céu de Nova Iorque, onde cada parte é tão-somente outro espaço dentro do mesmo edifício. Esse programa lingüístico é tão dominante que a maioria das pessoas não pode “pensar” além de seus limites e, quando alguém tenta oferecer uma nova perspectiva, logo imagina que esse alguém esteja falando bobagem.

Saber que “realidade é um *substantivo*, algo sólido como um tijolo ou um taco de beisebol, deriva do fato evolutivo de que o nosso sistema nervoso normalmente organiza a dança energética dentro desses sólidos, provavelmente como avisos instantâneos de sobrevivência biológica. Entretanto, esses sólidos voltam por se dissolver em danças energéticas — processos, ou *verbos* —, quer quando o sistema nervoso entra em sinergia mediante certas drogas, quer quando transmutado por exercícios xamânicos ou de yoga, quer recebendo a ajuda de instrumentos científicos. Tanto no misticismo quanto na Física, há uma concordância geral de que os sólidos são construídos pelo nosso sistema nervoso e de que “realidades” (plural) são mais bem descritas como *sistemas* ou conjunto de funções energéticas.

Isso no que se refere à “realidade” como *substantivo*. O fato de saber que “realidade” é *singular*, como um jarro hermeticamente fechado, não se harmoniza com as descobertas científicas que, durante este século,\* sugerem que “realidade” pode ser melhor considerada como fluindo e vagueando como um rio, ou interagindo como uma dança, ou evoluindo como a própria vida.

A maioria dos filósofos sabia, pelo menos desde os anos 500 a.C., que o mundo percebido pelos nossos sentidos não é “o mundo real”, mas uma construção criada por nós mesmos — nossa própria e particular obra de arte. A ciência moderna teve início quando Galileu demonstrou que a cor não é “parte integrante” dos objetos, mas é a “interação de nossos sentidos” com os objetos. Apesar desse conhecimento filosófico e científico da

\*N. do E.: Referência ao século passado, XX.

relatividade neurológica, mais claramente demonstrada pelos instrumentos cada vez mais modernos, devido à linguagem, nós ainda pensamos que, *atrás* do universo que flui, vagueia, interage e evolui criado pela percepção, encontra-se uma sólida “realidade” forte e nitidamente delineada quanto uma barra de ferro.

A física quântica minou aquela “realidade” de barra de ferro, mostrando que faz mais sentido falar das interações que realmente experimentamos de forma exclusivamente científica (nossas atividades no laboratório); e a psicologia da percepção minou a “realidade” platônica, mostrando que, se existisse, levaria a contradições desanimadoras se tentássemos explicar como realmente percebemos que um hipopótamo não é uma orquestra sinfônica.

As únicas “realidades” (plural) que realmente experimentamos e sobre as quais podemos falar significativamente são realidades percebidas, realidades experimentadas, realidades existenciais — realidades que nos envolvem como editores — e, para o observador, todas elas são relativas, fluuando, evoluindo, com capacidade de serem ampliadas e enriquecidas, movendo-se de uma baixa resolução para uma alta fidelidade e não se conformando juntas como peças de um quebra-cabeça em uma única Realidade, aquela com R maiúsculo. Ao contrário, projetam iluminação, uma sobre a outra, por contraste, como as pinturas em um grande museu ou os diferentes estilos sinfônicos de Haydn, Mozart, Beethoven e Mahler.

Alan Watts pode ter colocado isso da melhor forma: “O universo é um borrão gigante de Rorschach”. Para isso, a ciência encontra um significado no século XVIII, outro no século XIX e um terceiro no século XX; cada artista encontra significados únicos em outros níveis de abstração; e cada homem e cada mulher encontram significados diferentes em momentos diferentes do dia, dependendo dos ambientes, interno e externo, em que se encontram.

Este livro trata do que eu denominei de *alteração cerebral induzida* e que o Dr. John Lilly intitula mais especificamente de “autoprogramação do biocomputador humano”. Como psicólogo e romancista, basicamente me empenhei em saber quão rapidamente seria possível reorganizar a função cerebral de um primata normal domesticado e de inteligência média — o único sobre o qual eu poderia eticamente efetuar essa pesquisa arriscada —, eu mesmo.

Tal como a maioria das pessoas que historicamente tentaram essa “autoprogramação”, logo me encontrei em águas revoltas. Tornou-se seguramente óbvio que meus modelos e metáforas anteriores não poderiam ser responsabilizados pelo que eu estava experimentando. Portanto, tive de criar novos modelos e metáforas à medida que seguia adiante. Como eu estava lidando com assuntos fora de realidades consensuais, algumas de minhas metáforas são um tanto extraordinárias. Isso não me incomoda, pois sou tanto artista quanto psicólogo e também não me incomoda quando as pessoas interpretam essas metáforas ao pé da letra.

Peço-lhes, gentis leitores, que memorizem a citação de Aleister Crowley no início da “Parte I” e tornem a repeti-la caso, em algum momento, vocês comecem a pensar que estou lhes trazendo as mais recentes revelações teológicas da Central Cósmica.

O que minhas experiências demonstraram — o que tais experiências ao longo da história demonstraram — é simplesmente que nossos modelos de “realidade” são muito pequenos e ordenados, enquanto o universo da experiência é enorme e desordenado, e nenhum modelo pode jamais incluir toda a grande desordem percebida pela consciência não censurada.

Eu acho, ou espero, que os meus dados demonstram que o **modelo neurológico de agnosticismo** — a aplicação d’A Interpretação de Copenhague para além da física e para a própria consciência — permite escapar de certos limites da emoção mecânica e da mentalidade robotizada dos quais é impossível escapar enquanto as pessoas permanecerem dentro do modelo dogmático ou de algum túnel-realidade arraigado.

Tenho a impressão pessoal, ou a intuição, de que os mais incomuns desses meus modelos — aqueles que envolvem a Inteligência Superior como, por exemplo, o Sagrado Anjo da Guarda cabalista ou o extraterrestre de Sírius — sejam ferramentas de trabalho *necessárias* em certas etapas do processo de autoprogramação.

Quero dizer que, mesmo que essas entidades existam em qualquer lugar fora de nossa imaginação, algumas áreas do funcionamento cerebral não podem ser acessadas senão por meio dessas “chaves” que podem abrir suas portas. Eu não insisto nisso porque é tão-somente minha opinião. Algumas pessoas parecem passar por essa área da Capela Perigosa sem esses “guias” personalizados. Conheço um indivíduo que o conseguiu imaginando um supercomputador no futuro que transmitia, para o passado, informações a seu cérebro. Pessoas mais inteligentes podem encontrar até metáforas menos “metafísicas”.

Dez anos após o ponto final deste livro, não me importo tanto com tais especulações. Nossos pequenos e solitários seres podem ser “iluminados”, ou inundados, por informação de estilo ficção científica radical e por perspectivas cósmicas, cuja fonte pode ser esses extraterrestres que às vezes pareceram ajudar-me, ou os Chefes Secretos do Sufismo, ou os parapsicólogos e/ou as informações transmitidas para o passado por computadores do século XXIII, ou ainda pode ser somente as partes ainda inativas de nosso próprio cérebro. Apesar do reinado atual da Nova Inquisição que tenta obstruir a pesquisa nesse campo, aprenderemos mais a respeito de tais objetos com o passar do tempo. Entretanto, o agnosticismo é tanto honesto quanto convenientemente modesto.

A esse respeito, muitas vezes, perguntas são formuladas com relação a dois livros de outros autores estranhamente afinados com *O Gatilho Cósmico* — *VALIS*, de Philip K. Dick, e *The Sirian Experiments*, de Doris Lessing. *VALIS* é um romance que amplamente insinua ser mais do que um

romance — é um relato real da própria experiência de Phil Dick com algum tipo de “Inteligência Superior”. De fato, *VALIS* é só ligeiramente escrito como ficção: os acontecimentos reais, nos quais o livro se baseia, são recontados numa longa entrevista da qual Phil participou pouco antes de sua morte. (Vejam *Dick: The Last Testament*, por Gregg Rickmann.) Os paralelos com minha própria experiência são numerosos — como também as diferenças. Se a mesma fonte estava enviando idéias tanto para mim quanto para Phil, as mensagens tiveram nossas inclinações pessoais misturadas nela, à medida que decodificávamos os sinais.

Encontrei-me com Phil Dick em duas ou três ocasiões, chegando a manter com ele certa correspondência. Minha impressão era de que ele estava preocupado que sua experiência pudesse ser uma insanidade temporária e, ao mesmo tempo, tentava descobrir se eu também não era um pouco louco. Não tenho certeza se ele chegou a alguma conclusão.

Há alguns anos, entrevistei Doris Lessing para a revista *New Age*. Ela considera as sincronicidades com muita seriedade e é tão agnóstica quanto eu a respeito da possibilidade de que algumas sejam orquestradas pelos sirianos.

Eu recomendo de todo coração os três volumes — *VALIS, The Last Testament* e *The Sirian Experiments* — aos leitores deste meu livro. Caso vocês não estejam encerrados em um túnel-realidade muito dogmático, terão alguns momentos estranhos, ponderando se realmente os sirianos não estariam fazendo experiências conosco, e outros, experiências que podem tornar-se uma libertação para aqueles que não tenham medo deles.

Penso que mais importantes do que essa especulação extramundana são as perguntas práticas e pragmáticas sobre o que *fazer* com os resultados da experiência de alteração cerebral. Na realidade é bem fácil; descobri, mediante contatos com muitas pessoas do *New Age*, como utilizar as técnicas deste livro e de que modo aderir às insanas loucuras desses indivíduos. Casos de paranóia e de esquizofrenia são bem comuns entre aqueles que fazem experiências nessa área. Menos clínicas, mas socialmente até mais nefandas, são as seitas de gurus autoproclamados, com seus discípulos visionários, que descobriram, como eu, a existência das muitas realidades (plural), mas escolheram um túnel-realidade não-ocidental como favorito, nomearam-no a Derradeira Realidade ou a Verdadeira Realidade e estabeleceram novos fanatismos, esnobarias, dogmas e cultos em volta de suas ilusões.

Há uma grande parte de utopia neste livro. Não peço desculpas nem tampouco me arrependo disso. A década que passou desde a primeira edição não alterou o meu compromisso básico para com as regras do jogo, que rezam que uma mente decidida e otimista encontre várias soluções possíveis para qualquer problema que o pessimista considera insuperável.

Como todos nós criamos nossos túneis-realidade habituais, seja consciente e inteligentemente, seja inconsciente e mecanicamente, eu prefiro

criar para cada hora do dia o túnel-realidade mais feliz, mais engraçado e mais romântico, consistente com os sinais que o meu cérebro capta. Eu sinto pena das pessoas que insistentemente programam experiências em túneis-realidade tristes, sombrios e desesperados, e procuro mostrar-lhes como quebrar esse mau costume, mas não sinto nenhuma obrigação masoquista de compartilhar seus sofrimentos.

Este livro não quer exigir que “você criem sua própria realidade” no sentido de total (mas misteriosamente inconsciente) psicocinese. Se um carro o atropela e o remete ao hospital, eu não acredito que isso aconteceu porque você “queria realmente” ser atropelado por um carro ou porque você “precisasse” disso, como os indivíduos mais populares do New Age afirmariam. A teoria da Psicologia transacional, fonte dos meus modelos e de minhas metáforas favoritas, meramente atesta que, uma vez que você foi atropelado por um carro, o **significado** da experiência depende totalmente de você e os **resultados** dependem parcialmente de você (e, nesse caso, parcialmente de seus médicos). Se clinicamente é possível você sobreviver, cabe a você decidir sair do hospital o mais rapidamente possível ou permanecer ali se lamentando, sofrendo e reclamando.

Muitas vezes, esse tipo de “decisão” é inconsciente e mecânica, mas, com o auxílio das técnicas descritas neste livro, essas decisões podem tornar-se conscientes e inteligíveis.

A última parte do livro trata das piores tragédias de minha vida. Quero afirmar, sem autopiedade (uma conduta que abomino), que meus anos de existência neste planeta incluíram muitas outras experiências terríveis e penosas, começando com dois surtos de poliomielite quando criança e várias outras coisas das quais não quero me queixar publicamente. Quando digo para criar um túnel-realidade melhor e mais otimista, capaz de transcender os jogos do ego e assuntos equivalentes, não é porque eu vivi num berço esplêndido. É porque aprendi algumas técnicas práticas para lidar com as condições brutais deste planeta primitivo.

Em minhas palestras e seminários, as pessoas geralmente me perguntam se continuo otimista quanto aos programas espaciais civis e quanto à extensão da vida. Posso dizer que estou mais otimista do que nunca e, apesar da aparente *rigidez burocrática* da NASA, tenho razões para acreditar que certos países europeus, em conjunto, lançarão o tipo de esforço relativo à “migração espacial”, aqui mencionado, e ao Programa de Incentivo ao Desenvolvimento Espacial de Reagan, apesar de seu nacionalismo exacerbado, o que significa que maiores investimentos serão efetuados em pesquisas básicas do que aqueles feitos em qualquer época da história.

Quanto à extensão de vida, foram lançados vários livros de alta vendagem acerca do assunto desde que o meu livro veio ao mercado; há interesse até por parte da sociedade mais retrógrada dos Estados Unidos (ou seja, o Congresso); e os cientistas do campo da longevidade com os quais conversei recentemente se declararam satisfeitos por estarem recebendo

mais verbas para pesquisas do que na década de 1970. As boas-novas não devem estar longe.

Finalmente, a título de entretenimento, devo dizer que nem toda a correspondência recebida a respeito deste livro foi inteligente ou bem pensada. Recebi algumas cartas bem loucas e engraçadas (sem intenção) de dois grupos de dogmatistas — cristãos fundamentalistas e materialistas fundamentalistas.

Os cristãos fundamentalistas disseram que sou um escravo de Satã e que deveria ser exorcizado para expulsar os meus demônios. Os materialistas fundamentalistas dizem que sou um mentiroso, um charlatão, uma fraude, um impostor. Essa pequena diferença à parte, as cartas são incrivelmente parecidas. Os dois grupos compartilham do mesmo zelo e da mesma falta de humor, caridade e decência humana.

Essas seitas intoleráveis serviram para confirmar o meu agnosticismo pela apresentação de uma maior evidência em suporte de minha alegação de que, quando o dogma penetra no cérebro, todas as atividades intelectuais cessam.

Robert Anton Wilson

# Introdução

por Timothy Leary, Ph.D.

Robert Anton Wilson é um homem que alcançou o seu momento. É verdade o que se diz de todas as coisas boas — elas custam a chegar.

A inteligência, neste planeta, evoluiu em estágios metamórficos — períodos longos de preparação aquiescente e, de repente, vislumbres ofuscantes de mudanças.

A evolução pessoal de Robert Anton Wilson acompanhou esse mesmo ritmo. Isso sempre acontece a sábios, agentes evolucionistas e agentes da inteligência.

Tem sido axiomático, desde Haeckel, que a *ontologia recapitula a filogenia* — que o indivíduo em seu desenvolvimento repita passo a passo a evolução das espécies. Agora, podemos compreender o mistério e o paradoxo dos grandes alquimistas, filósofos, místicos e sábios. Eles *pré-capitulam*. De forma previdente, eles vivem o futuro da evolução em seus sistemas nervosos, os estágios que se encontram no futuro das espécies. Seus sistemas nervosos entram em comunicação (via transcriptase reversa) com o DNA. Eles aprendem como decodificar o mapa genético. Experimentam o que deverá acontecer no futuro. Certamente, esse é o caminho verdadeiro para a sabedoria: a estrada da evolução — a via de duas mãos entre o Sistema Nervoso Central (SNC) e os arquivos do DNA, via moléculas mensageiras do RNA.

Consideremos Lao-Tse. No século VI a.C., ele percebeu a relatividade de Einstein, sentiu que tudo é um fluxo, uma mudança evolutiva; antecipou (no *I Ching*) aquilo que os idealizadores do computador entenderiam 2.500 anos mais tarde — que a energia chega em código binário de *yin-yang* (liga-desliga); previu (nos trigramas do *I Ching*) o que os

microgeneticistas descobririam 2.500 anos mais tarde — a tríplice função da interação do aminoácido.

Agora, vamos pensar no destino doloroso de Lao-Tse. Ele sabia que não estaria presente biologicamente quando Watson e Crick decifrassem o código do DNA. O problema da diferença de tempo é resolvido pela sinalização neurogenética através do tempo: simbolismo. O agente da inteligência chamado Lao-Tse ensinou os códigos do *I Ching* a primatas domesticados, injetou-lhes um pouco de “abracadabra” e, dessa forma, transmitiu, por meio do canal de teletipo SNC-RNA-DNA de 2.500 anos, esse código-base. Ele sabia que os confucianos distorceriam o sinal com moralismos de escoteiro (respeitosamente preservado nos comentários vazios de Baynes-Wilhelm), sabia que inúmeros charlatões venderiam fortunas vulgares por intermédio do *I Ching* a troco de um níquel nos bazares orientais. Mas também sabia que, quando a tecnologia externa evoluísse, os agentes da inteligência do século XX receberiam a mensagem “ponto-traço” do trigrama e perceberiam que os códigos binários e os trigramas tríplices são referências, guias genéticos, que explicam a direção e a estrutura molecular da evolução, desde a terrestre, ☷, terra, até o extraterrestre, ☸, céu.

Agora consideremos Buda.

Também no século VI a.C., ele percebeu que a consciência cria realidade; que tudo é *maya*, isto é, uma dança interna de neurônios, uma dança externa de prótons. Ele aconselhou o desapego às impressões tribais (túneis-realidade locais) e anunciou a oitava natureza da evolução (novamente sabendo que seria corrompida por moralistas no caminho de oito voltas da virtude domesticada e eventualmente comercializada como um tabuleiro de xadrez 8x8). Ele sabia que Mendeleev e a oitava divisão dos “quarks” (uma das partículas fundamentais da matéria) estariam em compasso de espera 100 gerações no futuro.

Espanta-nos essa corrente contínua de sinalizações através das gerações. Em cada uma das 100 gerações, desde Buda, alguns agentes da inteligência nascem e vivem suas breves vidas e, alheios à colméia, aprofundam-se nas oitavas. E isso, presumimos, acontece em resposta a alguma sugestão do RNA com respeito à seqüência dos oito períodos da evolução — de pesado a leve, de lento a rápido, de água a fogo, de terrestre a pós-terrestre, de Kun ☷ a Chien ☵, de metais da terra a gases nobres.

Em seguida, consideremos a condição de G. I. Gurdjieff, que, 40 anos antes do pouso lunar da Apollo e 50 anos antes do ônibus espacial, escreve *Beelzebub's Tales to His Grandson*, prevendo o futuro pós-terrestre das espécies.

Lembremo-nos das últimas linhas do livro *Confessions*, de Aleister Crowley, no qual ele tristemente reconhece que as experiências científicas da próxima geração manifestariam exatamente o que os seus rituais mágicos só puderam interiorizar e antecipar por meio de cerimônias.

*O Gatilho Cósmico* e seu autor, Robert Anton Wilson, podem ser considerados como conexões modernas dessa corrente contínua de filósofos alquímicos e agentes da inteligência que aprenderam sistematicamente como afinar seus próprios sistemas nervosos e (pela auto-experimentação bioquímica interna) aprenderam a forma de se comunicar via RNA com seus DNA, a decifrar a genética da Pedra de Rosetta e a conseguir conhecimento experimentado e direto do processo evolutivo.

Wilson descreve 30 anos de experimentação com e sobre o seu cérebro. O mais importante é que ele correlaciona suas tentativas de relacionar a visão interna e subjetiva com a linguagem externa e objetiva das ciências da energia.

E aqui está o caso, o desafio clássico da Filosofia: expandir a realidade neurológica interna e conectá-la às realidades externas medidas pelos cientistas. A inteligência evolui quando a magia e o oculto se tornam o objetivo científico.

Lembro-me claramente de minha primeira conversa com Robert Anton Wilson, em 1964. Ele foi o primeiro e único jornalista que leu os meus escritos e compreendeu o desenvolvimento contínuo de minha própria pesquisa — da psicologia interpessoal até a neurogenética interestelar.

A habilidade de Wilson em se abrir para receber sinais, tanto de sua neurologia interna em expansão quanto das divulgações científicas, define-o como uma das personalidades-chave da filosofia neurológica moderna. Ele está se tornando uma figura literária de relevância.

Existem duas palavras que sempre definem um grande escritor-filósofo:

#### *Enciclopédico e épico*

Dizem que cada civilização produz um ou mais *trabalhos enciclopédicos* importantes que englobam o conhecimento, a tecnologia, a cultura e a filosofia da época. Esses livros se parecem com manuais neurogenéticos que resumem e explicam uma cultura planetária primitiva para um agente da inteligência de outro mundo. Dante, Boccacio, James Joyce, Hesse. À medida que a civilização americana caminha da sua adolescência para os estágios terrestres finais da centralização tecnológica, antecedendo a migração espacial, começa a produzir tais escritos enciclopédicos. Por exemplo, *Gravity's Rainbow*, de Thomas Pynchon, a trilogia *Illuminatus* de Shea e Wilson, e o livro que está agora nas suas mãos.

Consultem este livro se, e quando, vocês precisarem de um resumo pessoal e moderno destes conceitos básicos, tais como: a conspiração dos Illuminati, o fenômeno de Sírius, óvnis, drogas de alteração mental, novas perspectivas experimentais a respeito de Lee Harvey Oswald, Jim Garrison, Hugh Hefner, os 24 clones de Timothy Leary, o significado do número 23, Aleister Crowley, Aldous Huxley, Carl Sagan, Gurdjieff, Alan Watts, William

Burroughs, imortalidade, Nikola Tesla, a teoria quântica moderna, a Física da consciência, os oito circuitos evolutivos do sistema nervoso, etc.

Há um tópico a respeito de cada uma dessas referências acadêmicas, fazendo com que esses nomes importantes se tornem reais em suas respectivas páginas. É um trabalho bem-feito.

*O Gatilho Cósmico* é também um trabalho épico. Um trabalho épico é uma história de exploração, viagens e a busca venturosa por significado.

Esta obra é uma odisséia que relata a busca pessoal do autor. Ele explora as regiões dos labirintos de seu próprio cérebro por meio de drogas e de vários outros métodos de estimulação neurológica. Experimenta a magia, rituais, isolamento, PES (Percepção Extra-Sensorial). Consulta constantemente seus preciosos companheiros de viagem — sua encantadora esposa, Arlen, e seus sábios e brilhantes filhos.

Wilson sabe (como todos os alquimistas) que precisa evoluir à medida que o trabalho se desenvolve. Também sabe que o lema “*solve et coagule*” significa que ele precisa aceitar a dissolução pessoal, que precisa regular sua própria temperatura e pressão sanguínea, além de testar sua sanidade na prova de fogo da mudança. Ele desiste de um trabalho rentável para retirar-se da sociedade para o isolamento. Mergulha sem titubear na pobreza. Torna-se aquela pessoa destemidamente heróica — o intelectual independente! Recusa um salário universitário e verbas estabelecidas vive de seu talento e de sua sabedoria. Lendo este livro, compartilhamos sua rígida pobreza e seus altos e baixos.

*O Gatilho Cósmico* brilha com humor, mentalidade aberta, coragem, compreensão e tolerância. É a aventura épica de um homem que nos convida a crescer e a mudar junto com ele.

Somos-lhe gratos, Robert Anton Wilson, por este tesouro que nos chega na hora e na época certa.

Los Angeles, Califórnia

# Prólogo

Pensando a respeito  
do Impensável

*Tudo o que você sabe está errado.*

— The Firesign Theatre



# Pensando a Respeito do Impensável

O grande H. P. Lovecraft poderia começar esta narrativa dessa forma: Já se foram quase 13 anos desde aquele mal-fadado dia em que comecei a investigar as lendas terríveis envolvendo os enigmáticos Illuminati bávaros, um suposto grupo que, conforme algumas pessoas acreditam, conspira para governar o mundo. Como um herói de Lovecraft, embarquei em minha pesquisa sem suspeitar os perigos que me aguardavam; pensei estar investigando somente um caso especial de paranóia política e esperava encontrar unicamente algum esclarecimento acerca da psicologia que levou indivíduos aparentemente sãos a interessar-se por essas teorias de conspiração absurdamente ridículas.

Eventualmente, com a colaboração de Robert J. Shea, escrevi um romance satírico em três volumes a respeito da conspiração: *Illuminatus!* Completar esse livro exaustivamente longo deveria ter exaurido o meu interesse pelo assunto, mas, apesar de tudo, minhas pesquisas seguiram adiante, evidentemente impulsionadas por um “momentum” misterioso. (*Por favor, aumentem o volume da música.*) Fiquei psiquicamente enganchado nos Illuminati. Como uma tarântula nos lençóis, ou o riso de uma mulher que uma vez você amou, os malditos Illuminati não podiam ser esquecidos ou ignorados. Isso era muito aborrecedor para o Cético, um dos 24 eus que vivem dentro de mim e o único que geralmente possui poder de veto sobre todos os outros.

De qualquer forma, meu interesse pelos Illuminati era aquele de me guiar por uma Casa Cósmica de Divertimentos que apresentava agentes duplos e tríplices, óvnis, complôs para um possível assassinato presidencial,

os símbolos enigmáticos constantes das notas do dólar americano, mensagens de Sírius, panquecas de deus-sabe-de-onde, as ambigüidades de Aleister Crowley, alguns gaviões que seguem Uri Geller, futuristas, imortalistas, planos para deixar este planeta e os mais recentes paradoxos da mecânica quântica. Tem sido uma perseguição prolongada, mas nunca aborrecida: é como procurar uma cobra em um quarto escuro antes que ela o encontre.

A base do quebra-cabeça dos Illuminati bávaros é a seguinte: Na Bavária, no dia 1º de maio de 1776, Dr. Adam Weishaupt, um professor de Lei Canônica na Universidade de Ingolstadt, que já fora jesuíta, formou uma sociedade secreta, chamada Ordem dos Illuminati, *dentro* das existentes Lojas maçônicas da Alemanha. Como a própria Maçonaria é uma sociedade secreta, a Ordem dos Illuminati era *uma sociedade secreta dentro de uma sociedade secreta, um mistério dentro de um mistério, por assim dizer*. Em 1785, os Illuminati foram reprimidos pelo governo bávaro por supostos complôs organizados para derrubar todos os reis da Europa e o próprio papa. Isso é o que todos os historiadores contam a respeito da Ordem. Além disso, nada mais é contado do que uma acalorada e até fétida contravérsia.

Também se afirmou que o Dr. Weishaupt era um ateu, um mago cabalista, um racionalista, um místico; um democrata, um socialista, um anarquista, um fascista; um amoral maquiavélico, um alquimista, um totalitário e um “filantropo entusiástico”. (Devo dizer que esse último veredito foi pronunciado por Thomas Jefferson, um dos presidentes dos Estados Unidos.) Foi também dado crédito aos Illuminati pela organização, oriunda dos bastidores, das revoluções francesa e americana, de assumir o controle do mundo, de serem o cérebro atrás do comunismo, de continuar agindo secretamente até os anos de 1970 e de secretamente adorar o Demônio. Alguns dizem que não foi Weishaupt o fundador dos Illuminati, mas que somente os reavivou. A Ordem dos Illuminati foi rastreada até os Cavaleiros Templários, até os cultos iniciáticos gregos e gnósticos, até a civilização egípcia e mesmo até Atlântida. A única generalização segura que se pode fazer é que o intento de Weishaupt de manter a Ordem em segredo funcionou; não existem dois estudiosos de Iluminologia que concordem totalmente a respeito de qual era o “segredo interno”, ou de qual era (ou ainda é) seu propósito. Há muito espaço para a especulação e para a paranóia pedante, uma vez que alguém se aprofunde na literatura desse assunto; e tem havido uma onda de sensacionalismo com respeito aos Illuminati em cada geração, desde 1776.<sup>1</sup> Se você acreditasse em toda essa literatura sensacionalista, os malditos conspiradores bávaros seriam os responsáveis

---

1. A melhor e única referência acerca dos Illuminati, em fatos e mitos, é *The Illuminoids*, de Neal Wilgus, Editora Sun Press: Albuquerque, New Mexico, 1977. Dezessete livros ou panfletos, mutuamente contraditórios e tipicamente anti-Illuminati, são citados no Volume I do *Illuminatus (The Eye in the Pyramid)*, de Robert J. Shea e Robert Anton Wilson, Dell: Nova Iorque, 1975.

por todos os erros cometidos no mundo, inclusive pelas crises de energia e até mesmo por vocês não conseguirem um encanador durante os fins de semana.

E aqui vai um exemplo: a primeira explosão de histeria anti-Illuminati, ocorrida nos Estados Unidos em 1790, foi provocada por federalistas fanáticos e centrada na acusação de que Thomas Jefferson e o Partido Democrata Republicano eram fantoches dos Illuminati europeus. A segunda maior demonstração aconteceu na década de 1840 e foi organizada pelo Partido Anti-Maçônico, que acreditava que os Illuminati ainda detinham o controle dos maçons e que se haviam infiltrado em todos os níveis do governo americano. Nos dois movimentos, os Illuminati foram descritos como democratas radicais ou completos anarquistas na tradição da ala de extrema esquerda da Revolução Francesa. A literatura corrente anti-Illuminati, mormente espalhada entre a ala direita, paramilitar e anti-semita, descreve os Illuminati como os mestres do comunismo internacional e do controle do sistema bancário internacional. Um impulso separado e mais esquisito de teoria anti-Illuminati, ocasionalmente interagindo com essa literatura de conspiração política, descreve os Illuminati como nazistas, magos negros e satanistas.

Mas esses são unicamente os temas principais da sinfonia anti-Illuminati. Existem inúmeros indivíduos que até inventaram alguns refrões em be-bop — por exemplo: Philip Campbell Argyle-Smith, editor de um bizarro jornal chamado *High IQ Bulletin*, declara que os Illuminati, conhecidos como “judeus” neste planeta, na realidade, são invasores de Vulcano. Também vi um livro (pena não me lembrar do título nem do autor) em que o autor argumentava que os Illuminati são uma conspiração jesuíta infiltrada na Maçonaria e que depois assumiu o controle do mundo, utilizando-se da fachada maçônica para evitar que se descobrisse que o verdadeiro controle vinha do Vaticano. Ha-Ha-Ha! Isso é típico da ingenuidade das teorias de conspiração e os fatos que mais evidentemente as contradizem (as fulminações antimaçônicas, excomunhões por parte de todos os papas durante o último século, e as toneladas de propaganda anti-católica circulada entre as Lojas maçônicas) são explicados como sendo “parte do disfarce”.

E, é claro, as críticas anti-Illuminati de todas as escolas tristemente concordam que “acidentes têm meios de acontecer àqueles que muito descobrem a respeito dos Illuminati bávaros”. (Vamos levantar o volume da música tétrica e dar aquele grito histórico, como aquele do Sombra, no antigo seriado radiofônico.)

Uma vez fui convidado a participar de um programa de rádio (na KGO-San Francisco), durante o qual os ouvintes fazem perguntas por telefone, dando ao entrevistado a oportunidade de respondê-las. Uma ouvinte então disse que “por saber tanto sobre os Illuminati, eu deveria ser um deles”. Fiquei pensativo. “Talvez”, eu disse, “o segredo dos Illuminati está

em que você não saiba que é um membro da Ordem até que seja muito tarde para desistir.” Para ela, isso era metafísico demais. “Além disso”, respondeu triunfante e obedecendo ao seu próprio roteiro, “você são as pessoas que controlam o Banco Central e os bancos Morgan e Rockefeller.” “Bem”, disse o Escritor de Sátiras temporariamente substituindo o Cético. “Eu certamente não posso negá-lo e isso só pode melhorar o meu limite de crédito nesses bancos.”

Aquela senhora provavelmente estará dizendo ainda às suas amigas como, por intermédio do rádio, ela conseguira fazer com que alguém confessasse ser um dos Illuminati.

Na verdade, eu não desacredito nos Illuminati, mas também não acredito neles ainda. Vou explicar essa última observação antes que nos afundemos mais na escuridão. Ao pesquisar conspirações ocultas, pode-se eventualmente chegar a uma encruzilhada de míticas proporções (no comércio denomina-se Capela Perigosa). Você passa para o outro lado como um paranóico ou um agnóstico; não há uma terceira opção, e eu me tornei um agnóstico.

A Capela Perigosa, assim como a misteriosa entidade chamada “eu”, não pode ser localizada no contexto tempo-espaço; não tem peso, cheiro, sabor e não é detectável por instrumentos comuns. Tal como o ego, é até possível negar que exista e, no entanto, bem mais parecida com o ego, uma vez dentro, parece não haver como sair dela até descobrir, de repente, que veio a existir pelo pensamento e que fora do pensamento ela não existe. *Tudo o que você teme está à sua espera com grandes e ávidas mandíbulas na Capela Perigosa*; mas se você se mune da varinha da intuição, do cálice da simpatia, da espada da razão e do pentáculo da coragem, ali você encontrará (assim dizem as lendas) a medicina dos metais, o elixir da vida, a pedra filosofal, a verdadeira sabedoria e a felicidade perfeita.

É o que as lendas sempre dizem e a linguagem do mito é poeticamente exata. Por exemplo, se você for àquele reino sem a espada da razão, perderá sua sanidade; mas ao mesmo tempo, se você tiver a espada da razão sem ter o cálice da simpatia, perderá seu coração. Mais importante ainda é o caso de você se aproximar sem a varinha da intuição, pois poderá permanecer na porta durante décadas sem saber que chegou lá. Você pode pensar que está à espera de um ônibus, ou que está vagueando de quarto em quarto à procura de seus cigarros, ou assistindo à televisão, *ou ainda lendo um livro ambíguo que trate de ocultismo*.

Eu entrei na Capela Perigosa por acaso, num dia do ano de 1971, lendo o livro *The Book of Lies*, do místico inglês Aleister Crowley,<sup>2</sup> que despertou meu interesse por ter sido, indubitavelmente, um grande adepto

2. *The Book of Lies (falsamente assim chamado)* de Aleister Crowley, Nova Iorque: Samuel Weiser, 1952.

de yoga e de ocultismo; era considerado por muitas pessoas um mago negro, por outras, o Mago da Nova Era, e tinha a reputação contraditória de heróico alpinista, poeta, hippie pioneiro bissexual, alquimista, farsante sádico, autor de trabalhos maravilhosos e charlatão. Eu estava especialmente encantado pela lenda persistente de que Crowley tinha transformado o poeta Victor Newburg num camelo e pelo testemunho de várias pessoas de que ele arremessara e estilhaçara a vidraça de uma sala apenas com o seu olhar, numa demonstração em Oxford. Todos os livros de Crowley são geniais, paradoxais, intensos, obscuros e deliberadamente enigmáticos em vários graus, mas o *The Book of Lies* é de longe o mais mistificador de todos e, portanto, um dos meus favoritos, pois adoro resolver problemas e mistérios.

Na capa do livro *The Book of Lies*, consta um aviso aparentemente insignificante informando ao leitor que “não há piadas ou significados ocultos nesta edição”. Parece ser um aviso velado quanto ao seu conteúdo, mas, na realidade, é a primeira mentira do livro; o historiador de ocultismo Francis King determinou a data da impressão e definiu-a como errada por pelo menos um ano. Esse tipo de arte perversa é típico do relacionamento de Crowley com o leitor e diverti-me muito, nesses anos, decifrando suas piadas gnômicas em outros livros. Eu sempre volto ao *The Book of Lies* porque Crowley afirmou que, em *algum lugar* do livro, ele revela o segredo espiritual da Maçonaria e do Iluminismo, codificado de forma que somente aqueles com “percepção espiritual” teriam condição de decifrá-lo. Em 1971, eu tinha lido o livro várias vezes sem encontrar o segredo, mas seguia tentando, pois Crowley é considerado um líder da conspiração dos Illuminati por diversos escritores<sup>3</sup> e, de fato, fez uso do título “Epopot dos Illuminati”, bem como de muitos outros títulos honoríficos, quando estava com a veia de se vangloriar.

De repente, numa centelha ofuscante, ou pelo menos num mini-satori (estado de iluminação buscado pelos adeptos do zen-budismo), eu soube do segredo de Crowley. Encontra-se no “Capítulo 69” e trata-se do sexo tântrico. Asseguro-lhes que, no lugar apropriado de nossa narrativa, ele será explicado. O efeito desse descobrimento foi o de entrar num sistema de crença dentro do qual eu não considerava mais os autores dos anti-

3. Um típico trabalho ligando Crowley com a conspiração dos Illuminati é o livro *The Trail of the Serpent*, de “Inquire Within”, Clube do Livro Cristão da América: Hawthorn, Cal., 1969. “Inquire Within” era o pseudônimo de Carolyn Stoddard que, como o próprio Crowley, era um antigo membro da Ordem Hermética do Golden Dawn, uma ordem ocultista secreta, ativa na Inglaterra e na América, de 1888 até hoje. Crowley, Carolyn Stoddard e Dr. Israel Regardie (*The Eye in the Triangle*, Llewellyn: St. Paul, 1970) rastream a ordem do Golden Dawn até uma misteriosa Anna Sprenger da Bavária, possivelmente uma iniciada da Ordem original dos Illuminatis bávaros.

Iluminati — que eu havia estudado tão extensamente — como simples paranóicos. Eu agora sentia que eles estavam olhando para algo bem real, só não estavam interpretando-o corretamente. Eles eram aqueles indivíduos sem o pentáculo da coragem, aqueles que permanecem aterrorizados na porta da Capela Perigosa, tremendo e avisando àqueles que pretendessem entrar que a Capela era, na realidade, uma horrenda máquina-inseto envolta em matéria gelatinosa verde e gotejante, programada pelos demônios da morte.

Organizei imediatamente uma seqüência de experiências neuropsicológicas pelas quais pensei poder demonstrar objetivamente se eu havia, ou não, adivinhado o verdadeiro segredo. Os resultados principais dessas experiências são apresentados aqui, neste livro. O espetacular resultado foi o meu ingresso num sistema de crença, de julho de 1973 até meados de outubro de 1974, a partir do qual eu recebia mensagens telepáticas de entidades localizadas em um planeta da dupla estrela Sírius.

Também comecei a encontrar — algumas vezes pelas mais incríveis coincidências — várias pistas documentadas ligando a longa e misteriosa história do Iluminismo a crenças ocultas a respeito de Sírius. Essas “felizes coincidências” — ou sincronicidades, como são chamadas na psicologia junguiana — são comuns entre aqueles que se envolvem com sociedades secretas ocultas, em geral e em particular com a Capela Perigosa. Como Neal Wilgus escreve no livro *The Illuminoids*:

Desde o começo, o livro *The Illuminoids* foi modelado por coincidência, desde a descoberta das *Sociedades Secretas* de Daraul... até a publicação de *Illuminatus*, de Shea e Wilson... Um outro livro — de Colin Wilson, *The Occult* — também foi descoberto no momento certo e, freqüentemente, é “aberto na página correta” exatamente como Wilson afirma que outras referências fizeram o mesmo para ele.<sup>4</sup>

Essa última frase é uma abertura adequada para as ambigüidades que logo confrontaremos. Nem eu mesmo tenho certeza se ela se refere a mim ou a Colin Wilson.

Depois de outubro de 1974 (devido a um encontro com Dr. Jacques Vallee, um extraordinário astrônomo erudito, ciberneticista e ufólogo), comecei a desenvolver novos sistemas de crença para explicar com a minha experiência, Sírius, sem necessariamente envolver a incrível hipótese de que estivesse recebendo mensagens de um transmissor paranormal localizado no sistema estelar de Sírius.

Dr. Vallee lida com Ufologia desde a década de 1960, quando ele próprio viu dois seres extraterrestres. Com o passar dos anos, expandiu

4. *The Illuminoids*, op. cit., p. i.

suas investigações para incluir experiências “psíquicas” que, de uma forma ou de outra, relacionam-se aos óvnis, tais como minhas experiências com Sírius. Ele acredita que essas comunicações em outras linguagens sejam seculares e que provavelmente se chega à conclusão de que não sejam extraterrestres. Dr. Vallee diz que, atualmente, o conteúdo extraterrestre da experiência é somente uma adaptação às crenças do século XX. Seus dados indicam que, em outras épocas, o fenômeno havia tomado outras e mais estranhas formas.

Para mim, isso fazia sentido, pois originalmente eu estivera em contato com a “entidade” por meio do ocultismo de Crowley. A explicação extraterrestre não era a explicação *real*, como eu pensara; era somente o modelo mais recente para a experiência, assim como os anjos o foram na Idade Média, ou parentes falecidos comunicando-se por intermédio de médiuns no século XIX.

Então, no domingo, 13 de março de 1976, uma notícia do Serviço de Notícias da Reuters apareceu nos jornais do mundo inteiro. Li-a no *San Francisco Examiner-Chronicle*; foi como se eu abrisse uma das portas de minha casa e encontrasse Ming, o Cruel, lutando com Flash Gordon.

A notícia reportava-se a Robert K. G. Temple, um membro da “Royal Astronomical Society of England”, um cientista de realce que expunha uma teoria estranha o *suficiente* para sair das páginas do próprio von Däniken. Temple afirmava que a Terra havia sido visitada por uma raça adiantada de um planeta do sistema da dupla estrela Sírius, ao redor de 4500 anos a.C. Temple baseava sua afirmação no fato de que *conhecimento definido e específico* do sistema Sírius podia ser encontrado na mitologia dos babilônios, egípcios e em algumas das tribos africanas sobreviventes — conhecimento que a Astronomia moderna só redescobriu pelos instrumentos fantásticamente delicados das duas últimas décadas.

Qualquer um poderia se surpreender ao ver um astrônomo da envergadura de Temple verbalizando esse tipo de teoria absurda. Mas eu me encontrava além da surpresa, estava estupefato.

Alguns dias depois, mencionei essa notícia a um amigo, Saul-Paul Sirag, um físico de grande erudição que normalmente sabe mais a respeito de qualquer outra ciência do que a maioria dos especialistas da área.

“Ah, sim. Esses dados de Temple não são novidade”, disse Saul-Paul. “Os antropólogos souberam durante anos que várias tribos africanas possuem um conhecimento bem avançado do sistema de Sírius. Por exemplo, algumas conheciam a companheira de Sírius — uma estrela anã — muito antes de podermos descobri-la com nossos telescópios.”

“E como os antropólogos explicam esse fato?”, perguntei.

“Eles não o explicam”, disse Saul-Paul com um sorriso malicioso à Groucho Marx. “É considerado um mistério.” Saul-Paul, que fora um teólogo

antes de tornar-se físico, é também autor de um romance teológico-psicodélico hilariante chamado *Jumped by Jesus*. Ele também sofre de um grau ainda mais avançado de agravado agnosticismo do que o seu humilde narrador e adora trabalhar com dados que não se adequem às teorias de qualquer pessoa.

Eu logo consegui um exemplar do livro de Temple, que me assombrou.<sup>5</sup> A evidência de Temple, resumida mais adiante, *poderia ser interpretada* como a indicação da chegada de indivíduos de Sírius que aqui vieram numa espaçonave física por volta de 4500 a.C. De acordo com Temple, a informação desse acontecimento foi passada adiante por várias ordens iniciáticas do antigo Mediterrâneo e da África até hoje. Mas a evidência *poderia ser interpretada* como se métodos de telepatia interestelar entre a Terra e o sistema Sírius houvessem sido descobertos naquela época e que muitas pessoas se haviam sintonizado naquele canal desde então. Em outras palavras, por meio do ensinamento secreto de Crowley, eu posso ter sintonizado um diálogo cósmico de quase 6.500 anos.

Como disse antes, a Capela Perigosa é um lugar de enganos. Quando alguém pensa ter saído dela, ele simplesmente se encontra em outra sala de ilusões preparada para parecer uma floresta externa segura; e quando alguém pensa estar novamente nela, descobre, de repente, que está no caminho de volta para casa. É como reza a tradição zen:

Primeiro há uma montanha,  
E então não há uma montanha.  
E depois, aí está a montanha.

Nesse contexto, não esperamos que alguém acredite nas transmissões de Sírius só porque o autor parece ser honesto. Richard Milhous Nixon também parecia ser um sujeito honesto, pelo menos para aqueles que votaram nele. Não estamos enfaticamente competindo no mercado do verdadeiro crente com Nixon (ou Erich von Däniken). Esperamos poder demonstrar, mediante evidência documentada e objetiva, que *algo está acontecendo*. Algo mais físico e palpável do que alucinações.

O semanticista levanta suas sobrelhas e diz que a expressão “algo mais físico e palpável do que alucinações” não transmite uma idéia muito precisa; poder-se-ia falar de *algo mais tangível e objetivo do que imaginação*. Tornar-nos-emos mais específicos à medida que seguirmos adiante, mas, neste momento, devemos definir nossa total ignorância explicitamente, antes de ousarmos expor nossas especulações. É importante declarar, sem ambigüidade, que nossos dados não conflitam com a “ciência”; como os ingênuos podem imaginar — de fato, proporcionaremos várias

5. *The Syrius Mystery*, de Robert K. G. Temple, Nova Iorque: St. Martin's Press, 1976.

explicações científicas para tudo na segunda parte do livro —, mas estarão grotescamente *em conflito total com o bom senso*. São perversos, paradoxais e prepotentes. Poder-se-ia dizer: “Isso é muito *engraçado*”; e se uma criança perguntasse inocentemente: “Você quer dizer ‘gozado-ha-ha-ha’ ou ‘gozado-peculiar’?”, eu teria que responder: “Ambos”.

Vamos ilustrar com um exemplo o tipo de mistério que estaremos confrontando — o Caso das Panquecas do Espaço Exterior. É tão *engraçado* quanto um porco com asas; deixaremos que os leitores decidam se devem considerá-lo *gozado-hahaha* ou *gozado-peculiar*.

Joseph Simonton de Eagle River, Wisconsin, E.U.A., afirma que, certo dia, um disco voador aterrissou em seu quintal e que um extraterrestre saiu e ofereceu-lhe algumas panquecas.

Nenhuma testemunha estava presente nesse incrível acontecimento e, portanto, é certamente tentador dizer que Simonton deva ter alucinado. No entanto, não há razão para pensar que ele estivesse conscientemente passando um trote. Não tentou de forma alguma comercializar esse seu encontro e pareceu estar tão confuso quanto qualquer outra pessoa estaria.

Dr. J. Allen Hynek, um astrônomo cético que explicou outros avistamentos de óvnis como “gás de pântano”, foi enviado pela Força Aérea para investigar o evento de Simonton. Dr. Hynek levou algumas panquecas para a base de Dayton, onde se encontra o centro de investigações de óvnis. Ali, cientistas determinaram que as panquecas eram perfeitamente normais e continham germe de trigo nutriente, talvez indicando que os irmãos do espaço fossem fãs de Ralph Nader. O próprio Dr. Hynek diz pensar que Simonton estava dizendo a verdade, ou seja, que acreditava em sua experiência.

Dr. Jacques Vallee também investigou esse caso e afirma estar convencido de que Simonton é honesto. O próprio Simonton não imagina por que ele, entre tantas pessoas na Terra, foi selecionado para receber esse embaraçoso presente.<sup>6</sup>

No caso de Simonton ter alucinado o episódio, então, *de onde realmente teriam vindo essas benditas panquecas astrais?* Respondam-me, ó céticos! Por outro lado, se o disco voador esteve realmente no quintal da casa dele, por que, em nome de todos os deuses gordos de Burma, os extraterrestres decidiram, nessa ocasião, presentear um ser humano com *panquecas*? Essa história é tão bizarra quanto insatisfatória de qualquer forma que se interprete.

A aventura de Simonton é mais característica de contatos ufológicos do que possam imaginar os leitores que não estão familiarizados com o assunto. Os jornais e a televisão cobrem geralmente uma pequena fração

6. As panquecas de Simonton são discutidas no livro *The Edge of Reality*, de J. Allen Hynek e Jacques Vallee, Chicago: Regnery, 1975, páginas 147-154.

dos relatos sobre óvnis e, normalmente, publicam somente os contatados que estabelecem movimentos quase religiosos à sua volta, baseados em doutrinas de paz e ecologia pop, supostamente transmitidas pelos ufonautas. Tais eventos messiânicos são de leitura reconfortante, pois a nossa grande maioria gostaria secretamente de acreditar que irmãos espaciais benevolentes tentam salvar este planeta dos vários desastres que parecem ameaçá-lo. *Mas eles são uma minoria. As panquecas de Simonton são muito mais típicas.*

Um contato clássico envolveu dois oficiais de alta confiabilidade da Inteligência Naval Americana. Também houve um “apagão coincidente” (mas altamente misterioso) do radar em toda a área — como se a Capela Perigosa, nesse caso, usasse uma tecnologia que a tornasse invisível ao radar. Os oficiais pareciam ter contactado um ser benevolente do planeta Urano. O ingênuo que acredita em bons e amáveis irmãos do espaço se regozijará com essa narrativa, principalmente porque as comunicações recebidas incluíam a costumeira propaganda de paz. O mais analítico detectará o elemento porco com asas nos fatos que:

- (a) Urano é quase certamente *incapaz de proporcionar suporte vital*.
- (b) A entidade comunicadora apresentou-se com um nome que mais parece uma piada à custa de qualquer estudante de cabala que se dedica ao estudo de sua transcrição.

O nome era “AFFA” que, em linguagem cabalista denominada “angélica”, significa *nada* ou *o vácuo*. Neste caso, o contato foi 99% telepático, como em minha experiência com Sírius, mas foi proporcionado aos oficiais no apogeu da experiência, através de uma janela e de uma visão do que *parecia ser* uma autêntica espaçonave. E este foi o instante em que aconteceu o apagão coincidente do radar ocorrido na área.<sup>7</sup>

Outras pessoas tiveram experiências “alucinatórias ou “psicóticas” clássicas com os irmãos do espaço, como: o encontro com Jesus em um disco voador; ou ser levado a cem anos-luz e ser trazido de volta em questão de meia hora; dessa forma, o investigador apressado estaria inclinado a considerar imaginárias tais narrativas. Infelizmente, essas pessoas muitas vezes possuem evidência ambígua, mas definida, de que *algo* realmente aconteceu — testemunhas independentes avistaram um ÓVNI simultaneamente, ou ocorreram estranhas falhas mecânicas na vizinhança. Certa vez, duas pessoas, envolvidas em contatos diferentes, a centenas de milhas uma da outra e um ano de diferença entre o primeiro e o segundo caso,

---

7. A experiência de dois oficiais da Inteligência Naval é contada no livro *The Invisible College*, de Jacques Vallee, Nova Iorque: Dutton, 1976, páginas 72-76. Um oficial do Pentágono confirmou essa história no programa “UFO Report”, de Rod Serling, na televisão NBC, em 1976. Os dois oficiais ainda fazem parte da Inteligência Naval, considerados sãos e saudáveis por seus superiores.

relatarem exatamente os mesmos detalhes absurdos. Cada uma contou ter visitado um planeta chamado "Lanalus", onde os nativos eram humanóides e andavam nus. Essa narrativa foi contada tanto por um vendedor de West Virginia como por um estudante de direito de Washinton, D.C., *independentemente*.<sup>8</sup> Neste caso específico, o mais fervoroso reducionista (aquele que acredita que todos os fenômenos podem ser explicados em termos de um fenômeno mais simples) poderia reduzir o acontecido ao mínimo de *uma alucinação compartilhada por telepatia*, que por si só é incrível. (Quantas testemunhas independentes devem ser envolvidas antes que qualquer acontecimento possa ser descartado como alucinação compartilhada? Tal como Berkeley, Hume e outros indicaram, é logicamente impossível provar que nossa experiência diária não seja uma fantasia total. Visto que unicamente a telepatia poderia explicar a jornada espacial compartilhada, neste caso, em particular, os dados podem ser chamados, pelo cético determinado, de alucinação compartilhada, mesmo quando as testemunhas são independentes uma da outra. Esse é o caminho para o solipsismo ou até para a paranóia.)

Afirmar que as duas testemunhas eram mentirosas seria certamente conveniente, mas seria um sentimento desconfortável, para uma estranha coincidência, admitir que dois mentirosos independentemente inventassem a mesma mentira. Dessa forma, vocês poderiam rejeitar qualquer informação, inclusive qualquer experiência de laboratório da qual não gostem. Por exemplo, aqueles que rejeitam a telepatia alcançaram o ponto onde podem impugnar a honestidade ou a sanidade *de alguns milhares* de pesquisadores em *todos os maiores continentes* num período de *décadas*. Esses expedientes de descartar dados são meios utilizados pelos mais fervorosos anti-evolucionistas das seitas fundamentalistas.

Observem que prometemos *diversas* explicações científicas de nossos dados, e não *uma explicação*. Nesse ponto, não existe nenhuma teoria que possa responsabilizar-se por todas as maledicências que estaremos trazendo à baila para expô-las à sua inspeção. Para proporcionar-lhes uma perspectiva antecipada, relacionaremos algumas das idéias que passaram pela mente do investigador, no decurso de sua jornada, dentro e fora da Capela Perigosa:

- (a) a evidência aqui reunida pode ser explicada pelo Teorema de Bell, um avanço na Física, que sugere *uma indivisibilidade básica de todas as coisas*. Bell também permite três submodelos que estaremos

8. As duas visitas a Lanalus são contadas no livro *The Mothman Prophecies*, de John Keel, Nova Iorque: Dutton, 1975. Keel também relata muitos outros contatados que receberam a mesma "mensagem" que os dois receberam, mas com muitos detalhes conflitantes a respeito das entidades e de suas aparências físicas, tipo de transporte, tempo do contato, etc.

discutindo: (1) o universo criado pelo observador; (2) universos paralelos; (3) informação sem energia;

**e/ou**

- (b) alguns seres humanos de poderes psíquicos altamente evoluídos (os Illuminati) estão praticando jogos da mente com outros seres humanos; algumas vezes, fazendo-se passar por (c) ou (d) abaixo;

**e/ou**

- (c) estamos realmente sendo contatados, experimentados ou, de alguma forma, manipulados por inteligências superiores do Espaço Externo, provavelmente Sírius (ou os Illuminati estejam criando uma simulação desses extraterrestres);

**e/ou**

- (d) sempre repartimos este planeta com outras espécies inteligentes que podem tanto permanecer invisíveis ou como podem manifestar-se a nós sob qualquer forma escolhida por eles. O pesquisador de Óvni, John Keel, denomina-as de entidades hipotéticas “ultraterrestres”. Épocas bem anteriores chamaram-nas de fadas, anjos, demônios, o povo bizarro, etc.;

**e/ou**

- (e) estamos todos evoluindo para a utilização de *novos circuitos neurológicos que nos tornarão super-homens em comparação ao nosso estado atual*. O acionamento desses novos circuitos cria temporariamente muita estranheza até aprendermos a usá-los adequadamente. Essa é a teoria cientificamente orientada pelos yogis Sri Aurobindo, Gopi Krishna e Dr. Timothy Leary;

**e/ou**

- (f) uma combinação, ou permuta, do já exposto que agora ocorre simultaneamente.

Alguns dados se enquadram melhor em uma das teorias mencionadas do que em outras; outros se enquadram em duas ou três teorias de forma igual, e outros ainda, por enquanto, não se enquadram em nenhuma dessas teorias. A abordagem multiteórica (ou, como é denominada em Física, a abordagem multimodelo) é a única maneira de lidar adequadamente com todos os fatos. Qualquer abordagem que utilize uma única teoria é prematura e causa uma redução de nossa inteligência; ela nos leva a ignorar e a depreciar partes dos dados que poderiam ser cruciais.

A abordagem multimodelo teve seu início na Física subatômica e o principal responsável é o Prêmio Nobel Niels Bohr. Ao lidar com certas

entidades misteriosas naquele plano quase astral, os físicos haviam encontrado uma forte evidência de que essas entidades eram partículas. Isso é bom. Infelizmente, outra evidência igualmente persistente demonstrou que as entidades, na realidade, eram ondas. Isso não é tão bom. Alguns físicos mantiveram a teoria da partícula e insistiram em que todas as evidências de suporte à teoria das ondas seriam eventualmente explicadas e descartadas. Entretanto, outros aceitaram as ondas e rejeitaram as partículas, e outros ainda, de forma quase jocosa, começaram a falar de “ondículas”. *Bohr sugeriu que a busca por um modelo correto era medieval, pré-científico e obsoleto. Diz ele que podemos compreender melhor os eventos subatômicos se aceitarmos a necessidade de permitir mais do que um modelo.* Como Marshall McLuhan observou no *The Mechanical Bride* e em outras obras, a partir daquele momento, a abordagem multimodelo influenciou todas as ciências e aparece até na arte moderna (por exemplo, pinturas cubistas mostram de uma só vez diversas cenas; o *Ulysses* de Joyce descreve o mesmo dia em vários estilos — épico, dramático, jornalístico, subjetivo, naturalista, etc.). McLuhan até proclamou, em seu estilo apocalíptico, que a abordagem multimodelo é a mais importante e a mais original descoberta intelectual do século XX. O Conde Alfred Korzybski disse que ela marcou a transição da civilização aristotélica (dogmática, monística, autoritária) para a não-aristotélica (relativista, pluralista, de livre arbítrio).

Por conveniência, todos os modelos mencionados, que serão discutidos à medida que seguirmos adiante, podem ser englobados em dois metamodelos:

(1) Tudo é feito por nossos próprios sistemas nervosos. Em nosso avanço para a Inteligência Superior, nossos cérebros podem cada vez mais afetar o universo pela inseparabilidade quântica, criando antes coincidências, depois sincronicidades jungianas e, em seguida, seres super-humanos aparentemente externos que, na realidade, são máscaras dos eus maiores para os quais estamos evoluindo.

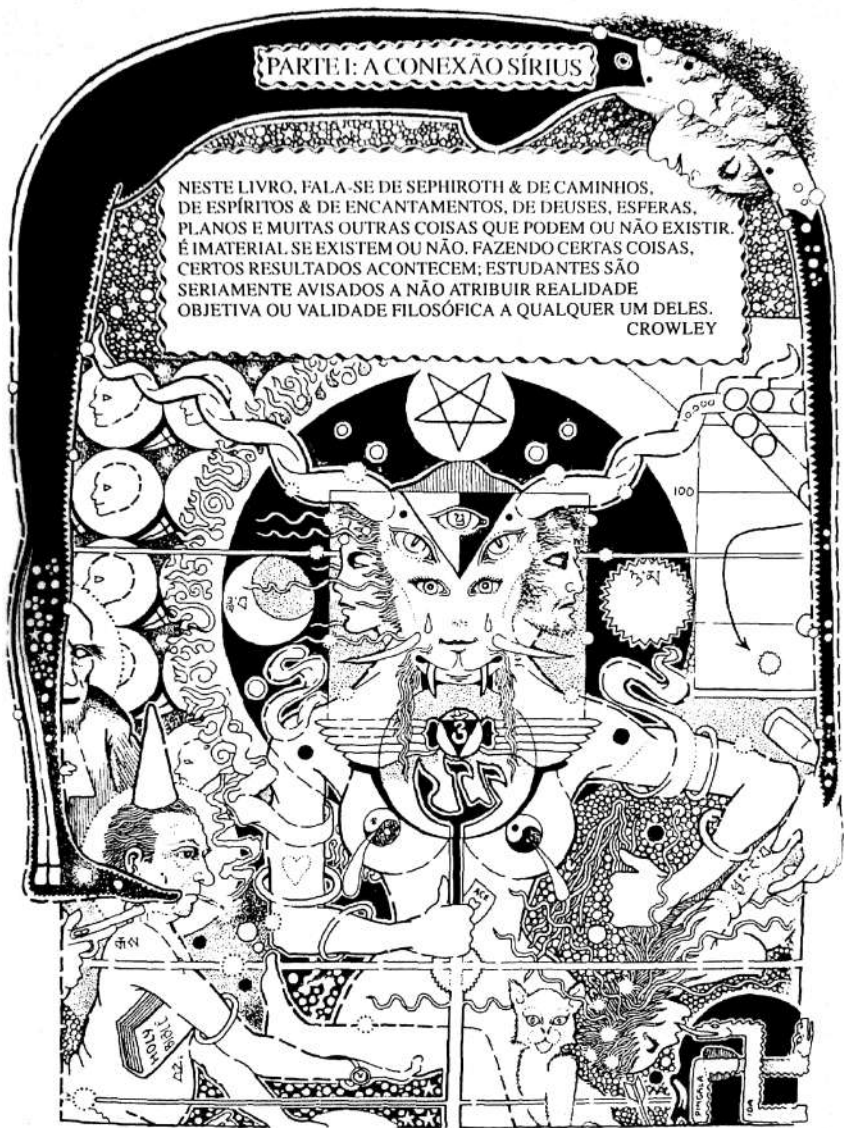
(2) Tudo *não* é feito por nossos próprios sistemas nervosos. Em nosso avanço para a Inteligência Superior, nossos cérebros podem cada vez mais contatar outras inteligências superiores. Pelo monismo quântico de Bell, isso inclui contatos com adeptos adiantados que tanto podem ser humanos como não humanos, terrestres como extraterrestres, localizados temporalmente por todo o passado, presente e futuro.

Entretanto, é melhor adiar tais questões filosóficas até depois de examinarmos o diário cronológico de minhas aventuras na Capela Perigosa. Lembre-se: é um lugar cheio de truques. Algumas vezes, parecerá não estarmos passando através do Portal do Mistério, mas simplesmente vagando em uma Casa de Entretenimentos, em um parque de diversões um tanto simplório.



## PARTE I: A CONEXÃO SÍRIUS

NESTE LIVRO, FALA-SE DE SEPHIROTH & DE CAMINHOS, DE ESPÍRITOS & DE ENCANTAMENTOS, DE DEUSES, ESFERAS, PLANOS E MUITAS OUTRAS COISAS QUE PODEM OU NÃO EXISTIR. É IMATERIAL SE EXISTEM OU NÃO. FAZENDO CERTAS COISAS, CERTOS RESULTADOS ACONTECEM; ESTUDANTES SÃO SÉRIAMENTE AVISADOS A NÃO ATRIBUIR REALIDADE OBJETIVA OU VALIDADE FILOSÓFICA A QUALQUER UM DELES.  
CROWLEY



# A Conexão Sírius

## Fábulas Introdutórias

(Amigos, vamos flexionar um pouco esses músculos mentais!)

### Dos Sufis:

Certa vez, o Mullah Nasrudin entrou numa loja e perguntou ao proprietário:

- Você já me viu antes?
- Não — foi a resposta pronta.
- Então — retruca Nasrudin — como você sabe que *sou eu*?

### Dos Antigos Babilônios:

Era aquele tempo triste depois da morte do jovem e maravilhoso deus da primavera, Tammuz. A linda deusa Ishtar, que amava muito Tammuz, seguiu-o até o Portal da Eternidade, desafiando os demônios que guardam os Portais do Tempo.

Mas, no primeiro Portal, o guardião-demônio obrigou Ishtar a lhe ceder as sandálias que os sábios dizem simbolizar a Vontade. No segundo Portal, Ishtar teve de abrir mão de suas tornozeliras de ouro, que os sábios dizem simbolizar a destituição do Ego. No terceiro Portal, ela cedeu sua veste, a parte mais difícil, pois representa abrir mão da própria Mente. No quarto Portal, teve de ceder seu cobre-peito, que representa a desistência do Papel Sexual. No quinto Portal, entregou seus brincos, que representam a Magia. E, finalmente, no sétimo Portal, teve de entregar sua coroa de mil pétalas, que representa a Divindade.

E só assim, nua, Ishtar pôde entrar na Eternidade.

## Da Tradição Zen:

Um monge, que havia meditado muito em busca de iluminação, finalmente recebeu uma centelha de percepção interna. Correu à procura de seu *roshi* (mestre zen) e disse: “Mestre, mestre. Descobri, descobri. Aquela pedra ali. Ela está dentro de minha cabeça”.

E o mestre respondeu: “Você deve ter uma cabeça muito grande para conter uma pedra daquele tamanho”.



## A Porta para a Capela Perigosa

Eu nasci no seio de uma família de operários irlandeses católicos, no Brooklin, no momento brutal da grande depressão americana. Como criança, eu não tinha nenhuma habilidade psíquica nem passei por qualquer experiência estranha de que me lembre. O único evento religioso de minha infância — minha primeira comunhão — foi um fracasso total: não senti nenhuma emoção nem nenhum contato com Deus, como havia sido prometido pelas freiras.

Com 14 anos, tornei-me um ateu e, na universidade, formei-me em Engenharia Elétrica, passando mais tarde para a Matemática, quando descobri que o meu temperamento básico era analítico e não prático. A partir dos 20 anos, passei por três tipos de psicoterapia para resolver, de uma vez, os conflitos remanescentes entre o meu hedonismo ateu e a doutrinação católica de minha infância.

Certa vez, com 18 anos, ocorreu-me a experiência estranha de liberdade no tempo, tal como Billy Pilgrim em *Slaughterhouse-Five*, de Vonnegut. E, novamente, com 24 anos, tive um satori espontâneo, um despertar repentino da imanente divindade em todas as coisas. Considerei essas duas experiências como alucinatórias e delas tinha tanta vergonha que nunca as comentei com meus três psicoterapeutas.

Em 1962, com 30 anos, comecei a experimentação com drogas de alteração mental. Essa área é um pouco menos controversa que as centrais elétricas nucleares (estou sendo indulgente), mas vamos lembrar que existem três tipos de escolas de pensamento científico a respeito dessas químicas:

- I. Algumas consideram essas substâncias como *psicomiméticas*: a consequente alteração da consciência é considerada uma imitação da psicose.
- II. Algumas consideram essas substâncias como *alucinógenas*: o novo estado mental criado pelo produto é considerado uma experiência alucinatória, mas não exatamente uma psicose.

III. Algumas consideram essas substâncias como *psicodélicas* (uma palavra instituída por Humphrey Osmond, M.D.) ou como *substâncias de metaprogramação* (nome instituído por John Lilly, M.D.): o novo estado é considerado propício para podermos reorganizar ou reimprimir nosso sistema nervoso para um funcionamento superior.

A ciência eventualmente determinará a interpretação mais exata *por meio de pesquisas futuras*. Infelizmente, essa decisão não se realizará a partir de debates verbais ou colocando os infratores na cadeia, apesar do alto número de denúncias ou de quantos dissidentes sejam “engaiolados”. Para o governo, que sempre quer resolver todos os problemas ilegalizando as controvérsias, isso é muito inconveniente, mas não é dessa forma que a ciência funciona.

Originalmente, interessei-me pelas drogas de alteração mental devido a um artigo publicado na revista mais conservadora dos Estados Unidos, a *National Review*, editada pelo milionário católico romano William Buckley Jr. É claro que, mais tarde, Buckley e sua revista atacariam as experiências com drogas com uma fúria neo-inquisitória, mas, durante os inocentes anos 1960 e 1961, eles ingenuamente publicaram um artigo redigido pelo historiador conservador Russell Kirk que revisara o livro *The Doors of Perception*, de Aldous Huxley, onde o autor conta como havia transcendido tempo e espaço, e experimentado o “paraíso”.

Huxley conseguiu esse feito sob a influência da mescalina, uma substância derivada do peiote, o “cacto sagrado”, usado em rituais dos índios americanos. Russell Kirk pensou ser essa uma boa evidência científica para dar suporte à religiosidade em geral contra os “humanistas liberais”, que ele considera serem os principais vilões da história. Kirk disse, entre outras coisas, que “somente o mais dogmático e retrógrado materialista” rejeitaria o relatório de Huxley *a priori* e sem duplicar a experiência. Como naquela época eu era um dogmático e retrógrado materialista, fiquei ofendido e argumentei muito a esse respeito com minha própria mente, durante meses. Parecia que, como materialista, eu *tinha* de aceitar um aspecto do livro de Huxley que Kirk não havia observado: a forte implicação de que a *consciência é química em sua natureza e muda à medida que sua química muda*. Isso era estimulante.

O Materialista teve a sua primeira “viagem” (induzida por droga) em 28 de dezembro de 1962, numa antiga cabana de escravos, nos bosques ao redor de Yellow Springs, Ohio, E.U.A. Com minha esposa Arlen e meus quatro filhos pequenos, havia alugado a cabana do Colégio Antioch por US\$30/mês. Ali, havia um acre de terra limpa para plantio e 30 acres de bosques para buscar o Mistério. O cultivo proporcionava parte de nosso sustento e, ao mesmo tempo, trabalhava como gerente assistente de vendas para uma empresa de microscopia chamada Antioch Bookplate Company,

em Yellow Springs. Pensávamos ter encontrado ali a maneira de fugir da colméia urbana sem morrer de fome.

Antes de ingerir o primeiro botão de peiote, o Materialista perguntou a seu fornecedor (um músico negro de jazz): “Esse material é perigoso?”

“Perigoso uma ova”, ele respondeu. “Os índios comem isso a cada lua cheia, há um milênio.”

“Ah, está bem”, disse o Materialista, lembrando o brilho descrito por Huxley em sua primeira viagem.

Comi rapidamente sete botões e, durante 12 horas, rodei em torno de uma viagem incoerente e encontrando-me sem preparo no vestíbulo da Capela Perigosa — uma experiência educativa e transcendental.

É claro que, alguns anos depois, foi bem diferente. O Materialista diria: “Mas os jornais afirmaram que as pessoas, às vezes, enlouquecem com essa química e permanecem fora de si durante meses”.

E o fornecedor argumentaria: “Os jornais também dizem que as nossas tropas encontram-se no Vietnã para ajudar os vietnamitas. Cara, não acredite nas bobagens que *eles* divulgam”.

E, sendo curioso por natureza, eu teria ido em frente de qualquer maneira, não sem muitas dúvidas, e a experiência poderia ter-se convertido em ansiedade e até em pânico. Mais tarde, vimos isso acontecer a outros, depois que a imprensa entrou realmente nessa história e fomentou a histeria em um nível febril.

De qualquer forma, o Materialista simplesmente sofreu a ilusão comum da primeira viagem: ele pensou haver renascido. Apesar de tudo, naquele momento, ele tinha Russell Kirk e o *National Review* — os mestres confirmados do conservadorismo santificado — a seu lado.

Durante as semanas seguintes, quando se tornou tristemente óbvio que não havia renascido *por completo* e que muitos programas neuróticos, deprimentes e egoístas ainda se encontravam em meu computador central, fiquei um pouco desiludido. Mas a viagem tinha sido *tão* interessante e empolgante... Tal como a dama da Espanha do poema, experimentei “de novo. E de novo. E de novo. E de novo, e de novo”. Em meados de 1963, com 40 viagens em meu diário de bordo, tornou-se óbvio que o peiote era de fato uma química mágica, como afirmavam os índios, mas que era necessário ser um xamã para que a viagem fosse melhor aproveitada.

Não é o nosso objetivo criar um entusiasmo, em prosa tecnicolor, ao redor das 40 viagens induzidas pelo peiote. Já havia suficiente literatura a respeito do assunto na década de 1960. De acordo com a terminologia do Dr. Timothy Leary, cada viagem envolvia uma transmutação da consciência dos circuitos terrestres “simbólicos” e lineares do sistema nervoso para os circuitos somático-genéticos futuros<sup>9</sup> (as teorias dos circuitos do Dr.

9. *Gems from the Equinox*, de Aleister Crowley, St. Paul: Llewellyn, 1974, p. 277.

Leary são explicadas na “Parte II: Modelos e Metáforas”). O Materialista aprendeu a experimentar o êxtase e a felicidade para transcender o tempo. A cada viagem, o corpo era renascido, Osfris ergue-se de sua tumba; eu era divino e eterno por um momento. E, cada vez, o efeito iô-iô (assim chamado por Dr. Richard Alpert) ocorria um ou dois dias depois; e eu me prostrava novamente. É claro que a viagem seguinte me recolocava em forma, mas logo me prostrava novamente: para cima e para baixo, para cima e para baixo: o efeito iô-iô. Era alternadamente inspirador e exasperador.

Entretanto, vagarosa e sutilmente, uma mudança começava a ocorrer em minha mente (Dr. Leary diria em meu “funcionamento neurológico”).

Freqüentemente, o Materialista tinha a alucinação de comunicação telepática com plantas, tanto durante seu vôo nas asas do peiote quanto durante seu estado normal. *Alucinação* era o julgamento de sua mente racional treinada tecnicamente; cada vez que isso acontecia parecia ser real como em todas as saídas mentais. Mas o Materialista sabia demais para levá-lo a sério... e continuou a conhecer mais, até os últimos anos de 1960, quando a pesquisa de Cleve Backster com polígrafos produziu uma forte evidência de que a telepatia homem-planta poderia estar ocorrendo o tempo todo, normalmente fora da atenção consciente do participante humano.

Muitas vezes, o Materialista entrou em contato com uma energia ou uma inteligência que parecia merecer a descrição de super-humana. Para mim, era óbvio que, com uma mente menos cética, eu poderia facilmente descrever esses diálogos além do tempo como encontros com deuses ou anjos reais. (Quanah Parker, o grande chefe guerreiro dos cheyennes, convertido ao pacifismo em uma viagem induzida pelo peiote e que, mais tarde, fundou a Igreja Nativa Americana, costumava dizer: “O homem branco entra em sua igreja e fala *a* Jesus. O índio entra em sua tenda, toma o seu peiote e fala *com* Jesus”. Eu considerava as entidades contatadas como *x*s — desconhecidos — e tentava encontrar, em cada experiência e nas reflexões entre experiências, uma explicação psicológica, neurológica ou até mesmo parapsicológica.)

A entidade mais estranha, contatada durante aqueles 20 meses de explorações psicodélicas, apareceu certa vez, *um dia depois* de uma viagem; eu estava limpando meu jardim das ervas daninhas quando um movimento, no campo de trigo ao lado, foi captado pelos meus olhos. Olhei para aquele ponto e vi um homem verde, cheio de verrugas e orelhas pontudas, dançando. O Cético ficou observando o indivíduo, hipnotizado, durante quase um minuto quando, simplesmente, desapareceu. “É só uma alucinação...”

Mas eu não podia esquecê-lo. Bem diferente da rápida meta-programação, numa viagem induzida pelo peiote, em que você nunca tem certeza do que é “real” e do que é somente o metaprogramador aplicando os seus jogos; essa experiência tinha todas as qualidades de uma realidade desper-

ta e diferente somente na *intensidade*. A entidade no campo de trigo havia sido mais linda, mais carismática, mais *divina* do que qualquer outra que eu pudesse conscientemente imaginar ao utilizar meus talentos literários para tentar descrever uma divindade. Como os místicos de todas as tradições atestam de forma agravante: “Aqueles que viram, *sabem*”.

Bem, eu tinha visto, mas não sabia. Eu estava mais aborrecido do que esclarecido. Mas aquele não foi o meu último encontro com aquele indivíduo em particular. Cinco anos mais tarde, em 1968, o Cético leu o livro *The Teachings of Don Juan*, de Carlos Castañeda, que trata do tradicional xamanismo mexicano e de seu uso do cacto sagrado. Castañeda, um antropólogo, viu esse mesmo homem verde várias vezes e Dom Juan Matus, o xamã, disse que seu nome era Mescalito. *Ele é o espírito da planta do peyote.*<sup>10</sup> Mas o *Materialista* passou por esta experiência antes de ler sua descrição. Isso era muito embaraçoso para ele.

Uma explicação razoavelmente plausível é que Mescalito seja um arquétipo do inconsciente coletivo, no sentido jungiano. Além de mim e de Castañeda, ele foi referido por muitas outras pessoas e sempre está de verde, cheio de verrugas e freqüentemente dançando.<sup>11</sup>

Entretanto, seria possível ousar considerar que Mescalito seja somente aquilo que os xamãs, que melhor o conhecem, sempre dizem que é — um dos “espíritos” da vegetação? Uma idéia tola demais para pessoas sofisticadas como nós? Paracelsus, o fundador da medicina moderna, acreditava em tais espíritos e afirmava manter um freqüente intercâmbio com eles. Assim também acontecia com o poeta alemão Goethe e com Rudolph Steiner, o pioneiro da agricultura orgânica — e as idéias de Goethe e de Steiner, rejeitadas no passado como sendo místicas demais, atualmente estão sendo seriamente reconsideradas por muitos ecologistas.<sup>12</sup>

Ou, então, vamos considerar Gustav Fechner, o criador da psicologia científica e do dimensionamento psicológico. Fechner perdeu sua visão, recobrando-a mais tarde. Após a recuperação, declara que, com sua nova visão, ele enxerga muitas coisas que pessoas normais não enxergam — inclusive auras em volta das pessoas, outras criaturas viventes e espíritos da vegetação, como Mescalito. George Washington Carver também dizia estar conectado com espíritos da vegetação, assim como o grande Luther Burbank. Thomas Edison estava tão convencido de sua existência literal que passou muitos anos tentando desenvolver um processo fotográfico que pudesse torná-los visíveis.<sup>13</sup>

10. *The Teachings of Don Juan*, de Carlos Castañeda, Ballantine: Nova York, 1968, pp. 97-98 e 148.

11. *The Peyote Cult*, de Weston LaBarre, Schocken: Nova York, 1969.

12. *The Secret Life of Plants*, de Peter Tompkins e Christopher Bird, Avon: Nova York, 1973. Para Steiner e Goethe, ver pp. 293-300, 381-83, 122-35.

13. *The Secret Life of Plants*, op. cit., pp. 150-57, 135-40.

Marcel Vogel (cuja organização, Vogel Luminescence, desenvolveu a cor vermelha utilizada em creions fluorescentes e as cores psicodélicas populares usadas na arte dos pôsteres da década de 1960) esteve estudando a consciência e a telepatia das plantas por dez anos. Em uma determinada experiência, Vogel e um grupo de psicólogos tentaram concentrar-se em imagens de sexo, enquanto uma planta era conectada a um polígrafo para revelar suas respostas eletroquímicas (emocionais?) aos pensamentos do grupo ali reunido. A planta respondeu, pelo polígrafo, com o padrão típico de excitação. Vogel especula que falar de sexo pode provocar no ambiente um tipo de energia sexual, como o *orgânio*\* assim declarado por Dr. Wilhelm Reich. Caso isso seja verdade, os antigos rituais da fertilidade, nos quais os humanos mantinham intercurso sexual nos campos recém-plantados, realmente poderiam ter estimulado a fertilidade das safras, e os xamãs não são pessoas tão ingênuas quanto gostamos de pensar.<sup>14</sup> Mescalito poderia ser *tanto* um arquétipo do inconsciente coletivo de Jung *quanto* uma tradução humana antropomórfica de um sinal persistente, transmitido pela inteligência molecular do mundo vegetativo. Naturalmente, a habilidade de decodificar tais sinais orgonômicos ou neuroelétricos deveria ser algo avidamente buscado por todos os xamãs em sociedades que dependem da agricultura. Em outras palavras, de acordo com esse modelo, Mescalito é um sinal genético de nosso inconsciente coletivo, mas ativado somente quando certas transmissões moleculares do mundo das plantas são recebidas.

Esse tipo de atenção seletiva, ou percepção especial, foi duplicado no mundo moderno pelo Dr. Vogel, que apresentou muitas demonstrações perante audiências, nas quais ele leu corretamente sinais vegetativos das plantas. Não é mais apavorante do que o transe seletivo yogi do cidadão que vive em uma metrópole, que lhe permite caminhar indiferente e despreocupado entre barulho, sujeira, pandemônio, miséria, neurose, violência, psicose, estupro, assaltos, injustiça e exploração, alheio a tudo e concentrado unicamente na repetição mecânica do papel assumido dentro da colméia-economia. Com treinamento, podemos receber ou ignorar uma maior variedade de sinais do que pessoas destreinadas possam imaginar.

Um terceiro modelo cogitaria que Mescalito e os seus semelhantes (as fadas, os “pequenos”, etc.) sejam todos extraterrestres que estiveram nos experimentando durante milênios. Isso não significa necessariamente que para cá venham em espaçonaves. Consideremos as seguintes especulações:

---

\* N. do T.: Segundo o médico e cientista Wilhelm declarado por volta de 1940, *orgânio* trata-se de uma energia vital que percorre e ativa os organismos vivos.

14. *The Secret Life of Plants* op. cit., pp. 43-44.

1. A lei de Clarke (pelo escritor de ficção científica Arthur C. Clarke):  
*“Qualquer tecnologia suficientemente avançada não é diferente da magia”.*

Imaginem uma tecnologia cem anos adiante da nossa. Mil anos adiante da nossa. E, depois, lembremo-nos de que muitas estrelas poderiam ter planetas e civilizações, literalmente, bilhões de anos mais velhos do que o nosso Sol. Poderia haver outras raças nessa galáxia com uma tecnologia até dez bilhões de anos mais avançada do que a nossa.

Uma velha piada do Arizona faz esta pergunta: “Quantos apaches estão escondidos nesta sala?”. A resposta é: “Tantos quantos queiram”. A tecnologia da comunicação avançada seria muito mais sutil do que as técnicas de rastreamento dos apaches. Se Clarke estiver com a razão, até mesmo em um nível materialista, a resposta à pergunta: “Quantas civilizações adiantadas estão monitorando os acontecimentos nesta sala?” deveria ser: “Tantas quantas queiram”.

2. O corolário de Wilson à lei de Clarke (por Robert A. Wilson):  
*“Qualquer parapsicologia suficientemente avançada não é mais diferente do que a magia”.*

Consideremos o lento avanço da parapsicologia, apesar da oposição entrincheirada, durante os últimos 70 anos. Projetemo-lo adiante outros cem anos. Mil anos. Um milhão de anos. E imaginemos raças nessa galáxia dez bilhões de anos adiante de nós, nesta área.

Extraterrestres de conhecimento psiônico avançado podem ter feito experiências e/ou ajudado nossa evolução, e/ou praticado jogos ontológicos conosco durante milhões de anos, projetando qualquer forma desejada, desde Mescalito até o Nosso Senhor Jeová, *sem sequer sair de seus planetas-base*. Se um vendedor de West Virginia e um estudante universitário de Washington D.C. podem compartilhar da mesma “alucinação”, de uma abdução e uma viagem de Óvni, a uma velocidade mais rápida que a luz, para um planeta chamado Lanalus, onde todos andam nus, então provavelmente exista um emissor interestelar desses dramas educacionais. Quem sabe!



## Foi um Duende que Deixou Panquecas para Simonton?

O homem de pele esverdeada e de orelhas pontudas, que vi em 1963, apareceu no folclore de muitas culturas que nunca fizeram uso do peiote. Ele foi visto, mais frequentemente nos últimos anos, como um extraterrestre humanóide, em várias reportagens com discos voadores, por supostos

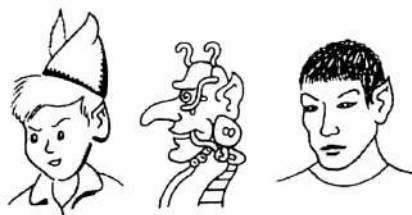
contatados. E, nos últimos anos da década de 1960, começou a aparecer regularmente na televisão, conhecido como “Sr. Spock” da série *Jornada nas Estrelas*, e permaneceu nela desde então, apesar das várias e frequentes tentativas da rede para cancelar a série e “livrar-se” dele. Os seus fãs sempre insistiram em trazê-lo de volta e, em 1977, no momento que escrevo este livro, “Sr. Spock” está programado para reaparecer em um filme ou na renovação da série para televisão. Ele é uma figura ou, de acordo com Jung, um “arquétipo” que não pode ser apagado da mente humana.

Por coincidência, em seu papel de Spock, este pequeno deus deu-nos um *slogan* largamente usado na correspondência dos imortalistas — cientistas dedicados à pesquisa da longevidade e, eventualmente, da imortalidade física. Era óbvio que o *slogan* fosse “*Viva muito e prospere*”. Já vimos esse *slogan* em cartas da Sociedade Criogênica de Michigan, da Sociedade Criogênica de Bay Area, da Sociedade Prometeu e outros grupos imortalistas. Essa “coincidência” possivelmente parecerá ser mais do que uma coincidência após examinarmos mais detalhes a respeito.

A forma irlandesa de Mescalito é o duende, conhecido por suas brincadeiras, seus truques e, estranhamente, por deixar presentes na forma de alimento, como aconteceu com o suposto ufonauta que deixou panquecas para Simonton.

Deve ser enfatizado que, quer estejamos falando de uma experiência envolvendo Mescalito, quer estejamos envolvendo uma cadeira de cozinha, todas as nossas percepções passam por miríades de processos neurais no cérebro antes de aparecerem em nossa consciência. No ponto de reconhecimento consciente, a imagem identificada é organizada em um holograma tridimensional que *projetamos para fora de nós* e a que chamamos de “realidade”. Somos modestos demais quanto à nossa própria criatividade, se considerarmos qualquer dessas projeções literalmente. Acompanhamos a “descida” do Sol ao crepúsculo, mas a ciência nos assegura que nada disso acontece; ao invés disso, é a Terra que está girando e não o Sol que está descendo. Percebemos uma laranja realmente na cor laranja, quando na realidade ela é azul; o laranja (cor secundária) é a cor complementar do azul (cor primária). E, para onde quer que olhemos, imaginamos objetos sólidos, mas a ciência só encontra uma rede de energia dançante.

*Mescalito aparece de várias formas em muitos sistemas míticos. Aqui, ele está esboçado, a partir de descrições de xamãs, índios americanos, como Peter Pan, em um anúncio comercial e como Sr. Spock, da série Jornada nas Estrelas. Ele é uma das criaturas mais reportadas da Capela Perigosa e é conhecido por muitas tradições xamânicas.*



O grande e venerável sábio Sufi, Mullah Nasrudin, certa vez percorria as ruas de Bagdá em seu burrico, galopando o mais rapidamente que o pobre animal podia. As pessoas preocupadas saíram às ruas para verificar por que o filósofo estava com tanta pressa.

— Ó Nasrudin, o que você está procurando? — alguém gritou.

— Estou procurando o meu burrico! — foi a resposta.

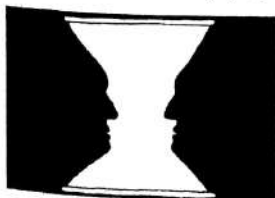
Como a maioria dos contos Sufis, esse parece ter sido calculado para nos aborrecer, como uma cena dos irmãos Marx que não consegue ser engraçada. Na realidade, Nasrudin preferia representar (talvez em demasia) suas parábolas e estava simplesmente dramatizando o erro mais comum dos seguidores do segredo cósmico.

Estamos em busca do segredo — da pedra filosofal, do elixir da sabedoria, do Iluminismo supremo, de “Deus”, ou de qualquer derradeira resposta — em todas as direções — norte, sul, leste, oeste —, quando ele sempre esteve nos carregando. Trata-se do próprio sistema nervoso humano, aquele instrumento maravilhoso que nos permite criar ordem do próprio caos, ciência da ignorância, significado do mistério, “Mescalito” (ou uma cadeira) da turbilhonante energia.

Dogen Zenji, um mestre zen do século XVIII, costumava perguntar aos praticantes: “Quem é o mestre que dá a cor verde à grama?”. De novo, a resposta está fechada em nosso córtex visual.

Psicólogos têm realizado milhares de experimentos, revelando a presença do “mestre que faz a grama verde”, ao qual o Dr. John Lilly denomina de metaprogramador dentro do sistema nervoso. Dois atores entram apressadamente em uma aula de Psicologia. Um deles faz o gesto de esfaquear o outro que cai. Quase todos os estudantes “vêm” uma faca na mão do esfaqueador. Mas logo se descobre que a suposta “faca” nada mais era do que uma banana. Aparentemente, o próprio movimento de esfaquear cria a faca: o sistema nervoso “sabe” que ninguém esfaqueia alguém com uma banana, como também “sabe” (apesar dos 300 anos de ciência) que o Sol “se põe” ao crepúsculo.

Em outro exemplo, fixa-se o olhar em uma imagem projetada em uma tela, por um segundo. Apresenta-se um homem branco com uma navalha na mão, brigando com um homem negro. Novamente, o sistema nervoso “sabe” o que está programado para ver. A maioria dos estudantes, até aqueles que juram insistentemente não serem racistas, verão a navalha na mão do homem negro: nosso estereótipo nacional. E ainda continua vendo a laranja em cor laranja, apesar de saber que não é.



*Você pode ver essa imagem de duas formas. Nossa falta de habilidade de ver o mundo em mais de uma maneira deve-se ao condicionamento cultural — isso de acordo com os modernos cientistas do comportamento — ou ao fato de que estejamos todos dormindo — isso de acordo com os místicos.*

É claro que todos nós entendemos que outras pessoas estão muitas vezes inclinadas para aquilo que Freud chamou de "projeção" — ver o que eles esperam ver. Que nossa experiência de realidade poderia igualmente ser uma autocriação — que, como disse Nietzsche, "Somos todos maiores artistas do que imaginamos" — é difícil de acreditar e mais difícil ainda é lembrar, momento a momento, mesmo depois de adquirir experiência suficiente para acreditar nela.

Aprender a lembrar do burrico invisível que sempre está a nos carregar — o autoprogramador — é o primeiro passo no despertar da consciência condicionada e mecânica para a consciência verdadeira e objetiva. Se existem ou não fadas, gnomos ou extraterrestres atrás de cada arbusto, o despertar revela que o universo está repleto de inteligência invisível. Para nós, é muito difícil aprender a contatar essa inteligência sem revesti-la de formas humanóides projetadas...

\* \* \* \* \*

Nos primeiros estágios do trabalho sobre a consciência, o mestre que dá a cor verde à grama (o metaprogramador) insiste em converter todas as coisas em estrutura humanóide. Isso porque, nesse nível, ele ainda é um chauvinista humano.



## O Assassinato de Kennedy e a Teia

Enquanto eu estava conduzindo uma pesquisa sobre o peiote em Yellow Springs, Ohio, acontecimentos mais estranhos estavam ocorrendo em Nova Orleans, Louisiana. Dois jovens, que haviam servido juntos na marinha americana, estavam "coincidentemente" morando no mesmo bairro a alguns quarteirões um do outro, sem se encontrarem novamente. O mais famoso dos dois chamava-se Lee Harvey Oswald que, durante o verão de 1963, quando aconteceram meus primeiros encontros com os gnomos, encomendou um rifle Carcano pelo correio. O que Oswald fez daquele rifle ainda é uma grande controvérsia e motivo de discussões intermináveis a respeito de conspiração. O outro jovem chamava-se Kerry Thornley e se encontrava no processo de fundar uma nova religião chamada Discórdianismo, tornando-se mais tarde tema central de novelas e de peças teatrais, coletivamente chamadas de Illuminatus. Como tudo isso aconteceu é a parte mais estranha de toda a nossa narrativa.

Mais tarde, naquele outono, a esposa de Oswald separou-se dele e foi morar com a Sra. Ruth Payne, em Fort Worth. A Sra. Payne era irmã do nosso médico de família.

Quando essa conexão veio à luz, depois dos enigmáticos eventos de Dealy Plaza, em 22 de novembro, o Materialista a considerou uma casual coincidência engraçada. Eu ainda não tinha me aprofundado o suficiente em Jung para chamá-la de “sincronicidade”.

(Quanto a Kerry Thornley, encontrei-me com ele somente em 1967, logo abracei sua religião, o Discordianismo, e tornamo-nos grandes amigos. E, então, alguns rumores quanto à conspiração diziam que Thornley fazia parte do grupo organizado para assassinar Kennedy — que ele era, de fato, o “segundo Oswald”. A teoria do “segundo Oswald” foi sugerida pelo prof. Popkin no livro intitulado *The Second Oswald*. Mas voltaremos a esse assunto mais tarde.)

Também foi em 1963 que Alan Watts, filósofo-palhaço de zen, passou pelo sul de Ohio para visitar sua irmã em Dayton e aproveitou para visitar nossa fazenda. Watts estava junto com sua esposa Jano e, provavelmente, foi nessa época que ela usou o termo “the Net” (a Teia) em minha presença. A Teia, de acordo com Jano, é uma seqüência de coincidências (ou sincronicidades) que conecta todas-as-coisas-do-universo a todas-as-outras-coisas-do-universo.

Por exemplo, eu mesmo apresentara Jano a Alan Watts por volta dos anos de 1960. Para ele, o relacionamento tornou-se o último, o mais duradouro e o mais feliz casamento. O nome do meio de Alan era Wilson e, caso vocês não tenham notado antes, este é também o meu sobrenome.

Muitos outros cientistas concordaram com a opinião de Carl Jung de que o número de coincidências impressionantes na “rede” aumenta sensivelmente para aquelas pessoas que se envolvem em psicologia profunda ou em qualquer investigação que expande o perímetro da consciência. (Aparentemente, é possível que tais pessoas se tornem simplesmente mais perceptivas das coincidências na rede. Visto que a sincronicidade é uma coincidência significativa cujo significado é subjetivo, essa pode ser uma questão objetiva para a qual a ciência não tem resposta.) Arthur Koestler estendeu-se muito acerca desse aspecto em seus dois livros: *The Roots of Coincidence* e *The Challenge of Chance*.<sup>15</sup> Dr. John Lilly sugeriu, de forma jocosa, que a pesquisa da consciência ativa os agentes do Centro de Controle da Coincidência Cósmica. Esperemos que ele esteja só brincando.

Em Nova Orleans, Oswald e Thornley seguiram seus próprios e diferentes caminhos e, em Ohio, o narrador seguiu com o seu, enquanto a Teia estava gradativamente nos atraindo... mas para onde? Para aquilo que, em *Illuminatus*, passamos a chamar de “Operation Mindfuck” (Operação Estupro Mental).

Quando John Fitzgerald Kennedy foi assassinado por Oswald e/ou outras pessoas desconhecidas, algo morreu na psique americana, como Jules

15. *The Roots of Coincidence*, de Arthur Koestler, Nova Iorque: Vintage, 1973. *The Challenge of Chance*, de Koestler et al., Nova Iorque: Vintage, 1975.

Feiffer, entre outros, observou. Kennedy não era uma figura apreciada universalmente, é claro — ninguém nunca foi, nem mesmo George Washington —, mas era jovem (ou razoavelmente jovem), bonito, culto, corajoso (todos conhecem a história do PT-109) e viril. Houve uma comoção de terrores primitivos liberados, sobre a psique nacional, pelas balas de Dealy Plaza; Camelot morreu; o rei divino foi sacrificado; repentinamente estávamos presos em meio a uma reapresentação Frazer-Freud de um ritual antropológico arquetípico.

A primeira conspiração emergiu, se minha memória não falha, no *National Guardian*, um jornal esquerdista, semanas depois do homicídio. O Cético leu a notícia com interesse, mas ela não me convenceu.

Quando o Relatório Warren saiu finalmente, o Cético também o estudou cuidadosamente. Este também não me convenceu.

De fato, muitas vezes me surpreendia o fato de tantas pessoas possuírem tantas opiniões seguras sobre o assunto. Comecei a compreender porque os Sufis sempre atacam “opiniões”. Hoje, todas as pessoas pensam que é preciso ter uma “opinião” para tudo, quer elas saibam algo a respeito do que dizem, quer não. Infelizmente, poucas pessoas conhecem a diferença entre uma opinião e uma prova. Pior ainda, a maioria não tem nenhum conhecimento a respeito da diferença, em graus, entre uma prova meramente legal, uma prova lógica ou verbal, uma prova das ciências leves, como a Psicologia, e uma prova das ciências pesadas, como a Física e a Matemática. Estão cheios de opiniões, mas pouca habilidade para distinguir o grau relativo da prova que sustenta todas essas diversas opiniões.

O ditado diz que “ver é acreditar”, mas, na prática, é como Santayana observou: sentimo-nos mais confortáveis acreditando do que vendo. De fato, estamos vendo o que acreditamos quase o tempo todo e apenas ocasionalmente vendo o que não podemos acreditar.



## Uma Visita a Millbrook

A conexão seguinte com a Teia foi um encontro com o Dr. Timothy Leary, o homem que operou uma lavagem cerebral numa geração inteira, com as drogas de deformação mental (opinião de seus inimigos), ou descobriu como libertar a mente da humanidade das limitações culturais condicionadas (opinião de seus amigos).

Conheci Leary através de Ralph Ginzburg, que em 1964 me ofereceu um emprego como editor associado da revista *Fact*. Apesar de estar apaixonado por minha pequena fazenda de Ohio e dos protestos amargos de meus filhos contra nossa volta a Nova Iorque, a oferta de Ralph, com um

tentador salário de US\$8.000/ano, quando na fazenda eu mal alcançava os US\$4.500, era demais para mim. Comprei algumas roupas apropriadas, distribuí meus últimos botões de peiete e voltei à colméia urbana. O próprio xamã redomesticado, por assim dizer.

Eu queria entrevistar o controvertido Dr. Leary para a revista, mas Ralph, com aquela estranha presciência que marca a sua carreira, disse que o alvoroço da droga psicodélica já havia passado (1964) e que ninguém mais estava interessado nele (1964), e que logo Timothy Leary seria esquecido (1964). Mas assim mesmo eu queria encontrar-me com o Dr. Leary. E, finalmente, consegui uma missão *free-lance* de Paul Krassner, da revista *The Realist*, e aceitei a jornada (que logo se repetiria por inúmeros psicólogos, padres, estrelas de *rock*, gurus orientais e jovens buscadores de maravilhas), subindo o Hudson até o Ashram de Millbrook.

Ainda estávamos no começo da história que Charles Slack mais tarde chamou de “Loucura dos Sessenta”. Timothy Leary, embora já considerado um arqui-herexe despedido da Universidade de Harvard, ainda não saíra para sua viagem ao Oriente; naquele verão ele estava estudando o *Livro dos Mortos Tibetano\**, mas ainda sentia o peso da Psicologia Clínica científica. Durante a visita do Repórter, Dr. Leary nunca usou a expressão “quando eu exercia a psicologia”, como ocasionalmente era dado a dizer, mais tarde, referindo-se aos anos 1960.

Tanto foi escrito acerca de Ashram de Millbrook que é desnecessário entrar em todos os incríveis detalhes. Quando ali chegamos, havia uma pessoa negra, em pé, no telhado do edifício principal, tocando um maravilhoso *jazz* em seu trompete e as famosas colagens psicodélicas eram exibidas nas paredes de, virtualmente, todos os quartos, mas o ambiente era totalmente parecido com qualquer lugar em que estudiosos têm seus seminários. Se G. Gordon Liddy estivesse oculto entre os arbustos, pensando ver através de seu binóculo alguma orgia sexual ou outros crimes hediondos, deve ter ficado muito aborrecido naquele dia em particular.

No primeiro encontro, Tim parecia um típico homem de meia-idade, do tipo acadêmico, apesar de ser mais atlético do que a maioria. Mencionamos isso porque, em anos posteriores, ele aparentou estar mais jovem. Quando discutirmos a teoria da metaprogramação, mais adiante, e as investigações de Paul Segall acerca dos aminoácidos relacionados aos psicodélicos e à idade, encontraremos alguma evidência de que a figura jovem de Dr. Leary poderia ter uma explicação bioquímica.

Além de ser um homem atlético de meia-idade e jovem, Tim estava singularmente livre das compulsões tempo-espço dos americanos em geral. Às vezes, até parecia um mexicano falando com você, olhando-o diretamente nos olhos sem o estilo que o americano tem de desviar o olhar. Caso isso o incomodasse, ele recuaria e deixaria que você relaxasse, mas

\*Lançado pela Madras Editora, 2003.

basicamente era uma pessoa confortável dentro de um relacionamento íntimo. Além do que, o sorriso de Leary já fazia parte de seu estilo particular.

“Os melhores resultados são obtidos quando você tem uma relação sexual com alguém que você ame, durante uma viagem induzida por ácido”, disse ele naquele dia. “É quando o sistema nervoso está mais aberto, sem condicionamentos e pronto para aceitar uma impressão totalmente nova.”

Tim estava contente com o razoável conhecimento de psicologia do Repórter, que podia traduzir termos como “jogo de total zero”, “reforço”, “transação”, etc., e estava especialmente satisfeito com o Repórter, que, ao contrário de qualquer outro entrevistador, estava familiarizado com seu livro *Interpersonal Diagnosis of Personality*, e também por seu interesse em querer questioná-lo a respeito de como as transformações de tempo-espaço da viagem psicodélica se correlacionam com as suas definições de tempo-espaço dos tipos de personalidades mencionados naquele trabalho (seu livro).

“O LSD o leva para além do ego normal do tempo-espaço”, disse concisamente. “Eu sempre passo por um processo pelo qual o jogo do espaço chega ao fim, o jogo do tempo chega ao fim e, então, o jogo Timothy Leary chega ao fim. Esse é o pico e, nesse ponto, uma nova impressão neurológica pode ser executada, porque todas as velhas impressões são suspensas por um pouco de tempo.”

O Repórter perguntou a respeito da experiência que ele teve com o peiote e da que outros tiveram com o LSD e se a pessoa está de fato “fora do corpo” naquele momento crucial.

“Até eu poder programar uma experiência para realmente testá-lo”, disse Timothy, “eu simplesmente não sei. Nesse momento, isso é meramente subjetivo.”

Realmente, a impressão mais persistente do Repórter, durante aquele dia, era de que Timothy Leary era um homem que odiava, detestava e desprezava qualquer um que cometesse o pecado epistemológico de “especular além dos dados”. Todas as perguntas feitas eram respondidas por um resumo de resultados experimentais ou com uma promessa de que ele esperava poder encontrar um meio de verificá-la experimentalmente durante o processo de seu trabalho.

Leary enfatizou, assim como fazia com todos os repórteres, que a experiência com a droga psicodélica era um produto sinérgico de três fatores não aditivos: (1) a dosagem do produto usado; (2) o plano — as expectativas do sujeito, os jogos emocionais do *status*, o perfil da personalidade, etc.; (3) o cenário — os acontecimentos reais no tempo-espaço. O Repórter compreendeu perfeitamente e citou-o precisamente; muitas vezes nos perguntamos por que outros repórteres não conseguiram fazer um bom trabalho, citando-o tão erroneamente. A teoria sinérgica de “dosa-

gem, plano e cenário” pode ser a magnífica contribuição do Dr. Leary à ciência da psicofarmacologia (falaremos mais tarde das contribuições para outras ciências), mas geralmente os jornalistas compreenderam-no tanto quanto alguém que escrevesse que Einstein descobriu que  $e =$  qualquer coisa.

Naquele dia, falamos principalmente a respeito da teoria do jogo. De fato, Timothy estava jogando beisebol na grama de Millbrook quando chegamos, e o beisebol, doravante, foi o tema de nossa conversa em nível metafórico. Ele havia deixado para trás os conceitos “psicólogo” e “paciente”, em 1957, substituindo-os por “equipe de pesquisa”, por estar convencido de que a hierarquia implicada no “psicólogo” (o cachorro de cima) e no “paciente” (o cachorro de baixo) predeterminava certas conclusões. Agora ele queria examinar todas as relações interpessoais em termos do jogo-modelo de Morgenstern-von Neumann.

(De acordo com o economista Oscar Morgenstern e o matemático John von Neumann na *Theory of Games and Economic Behavior*, a maioria das transações humanas pode ser analisada matematicamente como se fosse jogos. Leary havia escrito sua tese de doutorado sobre terapia de grupo — no momento em que alguém do Conselho Universitário indignadamente lhe disse: “Meu jovem, a terapia de grupo é uma contradição em termos!” — analisando a personalidade como um processo de grupo definido por regras de políticas interpessoais; assim posto, ele se refere a esses processos de grupo estereotipados por uma definição-realidade, como jogos.)

“O que os jogadores estão realmente fazendo no tempo-espaço?” Leary perguntou retoricamente naquele dia: “Quem é o batedor? Quem é o lançador? Quais são as regras do jogo? Quantos ‘strikes’ são necessários para estar fora? Quem dita as regras? Quem pode mudar as regras? Todas são perguntas importantes. Qualquer pessoa que fale de ‘doença’, ou ‘neurose’, ou ‘ego’, ou ‘instinto’, ou ‘maturidade’, ou qualquer bobagem metafísica é expulso imediatamente do recinto.”

Leary seguiu adiante para rejeitar virtualmente toda a terminologia psicológica por considerá-la pré-científica e vaga. “Entre nós, há um compromisso”, disse ele, “aquele de falarmos com sentido e isso significa especificar onde os corpos estão no tempo-espaço e que tipos de sinais estão intercambiando.”

Essa era a posição metodológica básica da Física pós-Einstein, mas Leary pretendia levá-la adiante o máximo que podia. Ninguém era “são” ou “insano”, estava “certo” ou “errado”, “alucinando” ou “não alucinando”; todas essas palavras eram julgamentos valorizados, ou seja, relativos aos preconceitos do observador. O que acontecia nos relacionamentos interpessoais, descritos objetiva e relativisticamente, era que vários grupos ou coalizões negociavam o controle do espaço neuromuscular (território

etnológico) ou o direito de definir o jogo para todos os outros jogadores (território ideológico).

Dr. B. F. Skinner, o arqui-rival de Leary em Harvard, havia sido um pioneiro da abordagem comportamentalista que rejeitava as psicologias intuitivas e poéticas dos seguidores de Freud e de Jung, considerando-as não-científicas. Apesar de concordar com isso, Leary sentia que o próprio Skinner havia tomado um rumo igualmente errado ao utilizar como modelo os mecanismos puxa-empurra (ação-reação) da Física newtoniana. “A Psicologia não se torna científica copiando a Física de séculos passados”, Leary me disse. “Devemos aprender a usar os melhores modelos da Física deste século.” Ele sentia que tais modelos seriam relativistas, descrevendo diferentes coordenadas-realidade experimentadas por corpos diferentes no intercâmbio de sinais no tempo-espaço.

Durante os anos seguintes, muitas pessoas se surpreenderam com o fato de que o conhecimento e o trabalho de Leary, o Guru, nunca foram totalmente compreendidos.

Durante o projeto de reabilitação de prisioneiros em 1961-1962 para o qual o doutor Leary fora recomendado pelo “Massachusetts Department of Corrections”, Timothy recusou-se a permitir que seus companheiros de trabalho especulassem se os presos estavam “mais doentes” ou se “se sentiam melhor”. “Onde estão seus corpos no tempo-espaço? Que sinais estão intercambiando?”, ele questionava e continuava questionando. Ele desenvolvera um modelo de jogo de sete dimensões e insistira na análise de todos os comportamentos em termos de (1) papéis a serem jogados; (2) regras tacitamente aceitas por todos os jogadores; (3) estratégias para ganhar (ou, para os masoquistas, vencer perdendo); (4) objetivos do jogo, o propósito a ser alcançado; (5) a linguagem do jogo e a semântica implícita da visão do mundo; (6) localizações tempo-espaço características e (7) movimentos característicos no tempo-espaço.

“Se você não pode descrever essas sete dimensões do comportamento do grupo, não pode compreender seu jogo”, disse Leary ao Repórter. “A maioria das chamadas ‘neuroses’ é melhor analisada imaginando um jogador de futebol profissional conversando com jogadores profissionais de beisebol. Se ele pensar que futebol é o único jogo no universo, aqueles jogadores para ele parecerão perversos ou loucos; por outro lado, se esses jogadores de beisebol acharem que beisebol é o único jogo no universo, para eles o louco seria ele, o jogador de futebol.”

Ao *Livro dos Mortos Tibetano*, Leary acrescentou que era “o manual para um tipo de jogo de alteração da consciência”. Foi útil nas sessões reprogramadas de LSD, porque o LSD “suspende os jogos neurológicos impressos” e permite-nos “imprimir novos jogos”.

(Roubeck, um psiquiatra tcheco, em 1957, colocou a proposta de que "o LSD suspende os reflexos condicionados". Leary foi o primeiro a sugerir que o LSD age abaixo do nível de condicionamento e muda diretamente as impressões básicas, isto é, os limites neurogenéticos que geralmente não mudam, seja por condicionamento, seja por contracondicionamento.)

"Na realidade, você está falando de usar essas drogas para alterar a personalidade inteira", disse o Repórter em um dado momento. "O ego, a mente, as emoções, tudo..."

"Sim", respondeu Tim. "Esse é o ponto. O LSD, com o plano e o cenário corretos, pode mudar qualquer coisa que nós consideremos. Portanto, é o agente de lavagem cerebral mais potente do mundo. É a isso que os meus dois mandamentos se referem."

"Os dois mandamentos para a Idade Neurológica" de Leary, publicados em diversos livros e artigos dos anos 60, são:

1. Não alterarás a consciência de seu vizinho ou de sua vizinha sem o seu consentimento (dele ou dela).
2. Não impedirás o seu vizinho ou a sua vizinha de alterar a sua própria consciência (dele ou dela).

Leary queria que os psicodélicos fossem regulamentados e controlados por médicos e psicólogos clínicos, em concordância com o código ético que protegeria os sujeitos. (É verdade que ele não gostou da palavra "sujeito" e preferia, de forma igualitária, chamar de "associados de pesquisa" os indivíduos de cada experiência.) Ele estava convencido de que as drogas seriam usadas com abuso e erroneamente, caso o controle fosse colocado nas mãos do governo. Algumas das recentes revelações a respeito das pesquisas da C.I.A. dramatizam os receios de Leary.

Uma clínica ideal de reimpressão, como Leary a visualizou, funcionaria assim: vamos supor que você tenha um problema de personalidade que queira alterar. Talvez você seja um feticista ou beba em demasia, ou tenha problema em aprender matemática, ou é incompetente com instrumentos, ou qualquer outro. Você se dirige à clínica e discute o problema com um especialista em alteração comportamental. Ele lhe explica a teoria da impressão psicodélica e lhe fornece um pacote de literatura, onde estão descritos claramente os prós e os contras da teoria (inclusive artigos daqueles que declaram que não funciona ou que é perigosa demais). Durante uma semana, você pensa a respeito. Se decidir a favor, você marca outra consulta e, caso a equipe decida que você seja um sujeito apto (que não é pré-psicótico ou vulnerável de outra forma), o programa para a viagem será planejado entre você e o especialista em alteração comportamental responsável por seu tratamento. O programa provavelmente incluirá música e um ritual — mas pode ser tão simples quanto relaxar individualmente seus músculos tencionados. No auge, a impressão é realizada. Você emerge para uma nova realidade: o que antes era invisível ou impossível, agora faz parte de seu ser e de seu campo perceptivo.

Leary fez uso dessa técnica com os prisioneiros do projeto de reabilitação de convictos e declara ter reduzido a taxa de reincidência em 80%.<sup>16</sup> Leary havia definido o sucesso ou o fracasso em termos de onde se encontravam os corpos no tempo-espaço dois anos após o relaxamento da prisão. A partir de então, ele observou satisfeito que mais de 80% continuava fora da prisão, enquanto a maioria dos presos não tratados estava de volta à prisão dentro de dois anos. Em 1976, Dr. Walter Huston Clark observou que os corpos da maioria dos convictos de Leary e dele conhecidos continuavam fora da prisão no tempo-espaço depois de 15 anos.<sup>17</sup>

Dr. Richard Alpert usou a mesma técnica para tratar um homossexual compulsivo que queria ser capaz de manter relações sexuais com mulheres. Três sessões foram suficientes — uma delas foi utilizada criando o programa em colaboração com o paciente. Foram duas viagens induzidas por LSD: (a) com pornografia e (b) com uma sexóloga que imprimiu a nova realidade; o homem tornou-se principalmente heterossexual. Nenhum modificador comportamental funcionando sem o LSD jamais obteve tal transformação em menos de vários meses de condicionamento.<sup>18</sup>

Observem, uma vez mais, que o Dr. Leary jamais declarou que esses incríveis resultados poderiam ser obtidos sem o necessário plano, o cenário adequado e a total cooperação e comunicação entre a pessoa que procura a alteração comportamental e o(s) clínico(s) responsável(eis) pelo caso. Dentro desses parâmetros e orientado pelos seus “dois mandamentos”, segundo ele, resultados altamente benéficos podiam ser conseguidos. Ele especificamente avisou que a não-observância desses parâmetros poderia ser traumática para o sujeito, como também coerciva e aterradora (base experimentada) — um tipo de estupro mental.

“A regra mais importante”, ele disse energeticamente ao Repórter, “é que o viajante decida qual alteração comportamental ele deseja. Ninguém tem o direito de decidir por ele.”

Naquele dia, em 1964, encontrei essa anarquista variação einsteniana sobre a modificação comportamental de Skinner, de 1984, excitante e esperançosa. Decidi que o Dr. Leary deveria definitivamente ser observado; aqui estava um homem, pensei, que conseguirá realizar trabalhos importantes nos próximos dez anos. Eu não tive nenhuma intuição de que o Dr. Leary passaria quatro daqueles anos lutando para não ser preso e outros seis lutando para sair da prisão.

16. *Forum of Contemporary History*, 2 de julho de 1973.

17. “Tim Leary: A Personal Appraisal”, de Walter Huston Clark, *Association for Humanistic Psychology Newsletter*, abril de 1976, pp. 1-2. Dr. Clark também oferece sua opinião profissional, como um teólogo, no caso de Dr. Leary e de suas críticas. Clark opina que Leary é, de maneira geral, honesto, em oposição à sua imagem de presidiário na mídia, e possui os quatro traços positivos da santidade, em contrariedade à sua imagem de patife. Dr. Clark é diplomado em Teologia e Psicologia avançadas.

18. *Sex and Drugs*, de Robert Anton Wilson, Nova Iorque: Playboy Press, 1973, pp. 230-232.



## A Rainha do Espaço

Algumas semanas após o meu encontro com Dr. Leary em Millbrook, minha família teve sua primeira experiência com ÓVNI.

Morávamos ao norte de Nova Jersey (e viajava diariamente para o meu emprego na revista *Fact*). Nossa casa encontrava-se ao sopé de uma colina; na manhã de um certo sábado, estando em casa, as crianças vieram apressadamente me dizer que um disco voador acabara de aterrissar perto do topo da colina. Fui para o quintal e encontrei os vizinhos também em grande alvoroço.

Ao todo, éramos seis adultos (o autor, sua esposa e quatro pessoas da família vizinha), além de sete crianças (nossas e dos vizinhos), e vimos o que parecia ser uma nave prateada em forma de disco, aterrissando. Com os binóculos passando de mão em mão, procuramos observar o local da aterrissagem. Quando chegou a minha vez, vi o que parecia ser uma cúpula geodésica Bucky Fuller (que nunca estivera lá antes) e nenhuma figura humana ou humanóide. Outros viram uma nave em forma de disco, e ainda outros viram humanóides com vestimenta prateada.

De repente, “aquilo” levantou vôo. (Definitivamente não era uma cúpula geodésica.) Observando-o, à medida que se afastava, decidi que provavelmente se tratasse de um helicóptero.

Naquela mesma tarde, meu filho Graham encontrou um “extraterrestre” no bosque atrás de nossa casa. Era uma fêmea de pele prateada que disse a Graham (ele tinha cinco anos na época) que, quando crescesse, deveria se tornar um físico.

O prof. Jacques Vallee, que analisou por computador todas as histórias a respeito de contatos ocorridos desde 1890, buscando padrões estatísticos, informou-nos que este evento era melancolicamente típico. Vallee descobriu que a maioria das crianças contatadas relata um ser de sexo feminino. (A maioria dos relatos de adultos é com seres de sexo masculino de dois tipos de padrão — pequenos homens verdes ou gigantes azuis.)

Dr. Vallee encontrou 44 paralelos (similaridade de imagens, palavras e detalhes) entre a experiência média de crianças contatadas e os milagres atribuídos à Virgem Maria em países católicos.<sup>19</sup> “Os óvnis e as aparições da Virgem Maria”, disse quase brincando, “parecem ser o mesmo fenômeno.” A maioria das aparições de Nossa Senhora é para crianças, quer ela venha em um “disco voador”, quer venha do “céu”; geralmente ela está acompanhada de luzes brancas brilhantes e é capaz

<sup>19</sup> *The Invisible College, op. cit.*, pp.161-74.

de neutralizar as leis da Física na presença de grandes multidões (ou por intermédio de alucinação telepática compartilhada).

Perguntei a Graham, que agora está estudando Física, conforme o pedido da Senhora, para recontar o acontecimento e verificar a precisão de minha memória. Graham enfatizou principalmente a estranha vestimenta prateada das figuras humanóides vistas na colina antes de a Senhora aparecer. Marilyn Pooler, uma velha amiga de Las Vegas que, naquela época de 1964, morava naquela parte de Nova Jersey, “coincidentemente” chegou para nos visitar em Berkeley, dois dias depois que o ocorrido foi divulgado. Espontaneamente, sem saber da experiência de Graham, ela contou de dois aparentes extraterrestres que vira na mesma época em 1964 — no fim do verão — a aproximadamente 30 milhas de nossa casa. Ela é uma das muitas contatadas que sofreu amnésia e só se lembra de ver as criaturas, mas sem nenhum detalhe. Vinte minutos mais tarde, acordara como se sáísse de um transe, e elas haviam sumido. Ambas vestiam uniformes prateados.

Os católicos agora chamam a Virgem Maria de “Nossa Senhora do Espaço”. Sem dúvida, ela é um outro arquétipo do inconsciente coletivo de Jung e estava presente bem antes da era cristã. Os egípcios chamavam-na de Nuit e ligavam-na especificamente à estrela Sírius. Mas há descrições dela em estátuas encontradas em cavernas, datando de aproximadamente 30000 anos a.C. Robert Graves, em seu famoso (e altamente controvertido) livro *The White Goddess*, tentou provar que sua adoração era a religião mais antiga da humanidade e originalmente envolveu o uso do cogumelo psicodélico *Amanita muscaria*.

Os índios americanos xamãs também a conheciam e chamam-na de Mulher Peiote. É a versão feminina de Mescalito.

Ela também aparece, de forma engraçada, como a bruxa de *O Mágico de Oz*. No filme, cada aparição começa com um globo prateado brilhante descendo do céu e, em seguida, ela aparece onde o globo aterrissa. De acordo com Vallee, é dessa forma que as crianças contatadas geralmente a reportam, e o globo prateado também estava presente em alguns de seus milagres em Lourdes e em Fátima, onde disseram ser a Virgem Maria.

Em um de seus milagres em Fátima, ela fez com que o Sol mergulhasse em direção à Terra, uma experiência ou alucinação compartilhada por mais de 100.000 testemunhas. Se você acredita que o Sol realmente deu esse mergulho rumo à Terra, você é um ingênuo (em minha opinião). Mas se aceita que 100.000 pessoas possam participar telepaticamente da mesma alucinação, você então deve responder à grande pergunta (ou talvez devesse chamá-la de pergunta cabeluda): “Até que ponto essa realidade de consenso é similarmente criada?”.



## O Enigma 23

Eu passei cinco anos (1966-1971) como editor associado da revista *Playboy*. Claro, vocês querem saber se Hef realmente transa com todos os “Playmates” e se realmente ele é um homossexual. (Essas são as duas lendas do mundo ocidental mais comuns a respeito de *Playboy*). Não temos nenhuma informação real a respeito — mas nossa impressão é de que Hef fez amor com um bom número de Playmates (não com todos, certamente) e de que ele não seja um homossexual.

Desculpem.

Minha função era editar as cartas no “Fórum da *Playboy*”, assim como escrever em itálico as respostas que expressavam a posição da revista. Esta posição é um libertarianismo direto típico de John Stuart Mill, e (sendo também minha filosofia, assim como a de Hefner) eu gostava imensamente do trabalho.

O que mais importa em nossa narrativa é que William S. Burroughs apresentou-me o *enigma 23* quando trabalhava para a *Playboy*.

Quando, em 1956, vi pela primeira vez o manuscrito inédito de *Naked Lunch*, eu disse: “Este homem é o maior estilista de prosa desde James Joyce”. (Continuo sentindo orgulho por ter sido o primeiro a fazer essa comparação.) Eu só conheci Burroughs em 1966 e achei o Bill um indivíduo muito mais encantador e normal do que seus livros sugerem — eu estava preparado para enfrentar um gênio louco quando, na realidade, é um gênio um tanto prosaico, quase acadêmico e bem cortês. Aqui está sua história do mistério 23:

No início dos anos de 1960, em Tangier, Burroughs conheceu um certo Capitão Clark que dirigia uma balsa entre Tangier e a Espanha. Um dia, Clark disse a Burroughs que nunca sofrera um acidente durante seus 23 anos de serviço. Naquele mesmo dia, a balsa afundou, matando Clark e todas as pessoas a bordo.

À noite, Burroughs estava pensando no que havia ocorrido, quando ligou o rádio. A primeira notícia fazia referência à queda de um avião da “Eastern Airlines” no trecho Nova Iorque-Miami. O piloto era outro Capitão Clark e o vôo era anunciado como *Vôo 23*.

(Ah! Agora vocês entenderam? Vários romances surrealistas de Burroughs começavam com a frase “Capitão Clark lhes dá as boas-vindas a bordo”.)

Burroughs então começou a manter registros de coincidências estranhas e, para sua surpresa, o número 23 aparecia em muitas delas. Quando

ele me contou, comecei a manter os meus próprios registros — e o 23 apareceu em muitos deles. (Os leitores do livro *Challenge of Chance*, de Koestler, certamente constatarão que também existem muitos 23 naquela enciclopédia de estranhas coincidências.)

É óbvio que isso ilustra o conceito de Jano Watt de “A Teia” — as linhas de coincidência-sincronicidade que conectam tudo com tudo. Também é uma analogia (e talvez mais do que uma analogia) com o que os físicos denominam de “QUIP — Quantum Inseparability Principle” (Princípio da Inseparabilidade Quântica). QUIP, que é aceito por alguns e negado por outros físicos, reza que cada partícula realmente afeta todas as outras partículas, em todos os lugares.

Uma extensão plausível é fornecida pelo Dr. Fritjof Capra, um jovem físico de Berkeley que experimentou a inseparabilidade quântica durante um estado alterado de consciência. No livro *The Tao of Physics*, Dr. Capra defende a “teoria bootstrap”, onde afirma que efetivamente todas as coisas são a causa de tudo, em todas as formas no tempo.<sup>20</sup>

A inseparabilidade quântica e a teoria bootstrap são sabores ontológicos diferenciados do que são chamados modelos “não-locais” na Física moderna. Modelos não-locais não são limitados pela barreira da velocidade da luz de Einstein; eles permitem, por exemplo, que o futuro possa determinar o presente tanto quanto o passado, como no famoso poema humorístico:

Havia uma moça chamada Brilho  
Que corria mais rapidamente que a luz;  
Um dia ela partiu  
De maneira relativa  
E voltou na noite anterior.

O mais recente convertido ao modelo não-local ou não-cronológico é o famoso astrônomo-cosmologista Sir Fred Hoyle, que explicitamente defende uma teoria de transtempo não-local de causalidade em seu último livro *Ten Faces of the Universe*.<sup>21</sup>

As teorias não-locais, como a sincronicidade de Jung, arranca-nos da máquina newtoniana de ação-reação e leva-nos perigosamente perto da lógica do *I Ching* e do Taoísmo, onde atirar três moedas ao acaso pode revelar um padrão arquetípico de significado pessoal e cosmológico. Com esse tipo de raciocínio (ou de racionalização), aceitei o enigma 23 como sinal de que deveria tentar decifrá-lo.

Depois de algum tempo, minha paixão de anotar todos os 23 significativos que eu encontrasse começou a aborrecer minha linda e ruiva esposa, Arlen.

20. *The Tao of Physics*, de Fritjof Capra, Shambhalla: Berkeley, 1975, pp. 286-299.

21. *Ten Faces of the Universe*, de Fred Hoyle, W. H. Freeman: San Francisco, 1977, pp.120-128.

“Está tudo em sua cabeça”, disse-me ela em várias ocasiões. “Você só está olhando para os 23 e ignorando os outros números.”

Certo. Mas ela estava aborrecida porque havia sido implicada no mistério 23 até antes de nos encontrarmos. Nossas duas filhas maiores (de seu casamento anterior) nasceram em 23 de fevereiro e 23 de agosto, respectivamente.

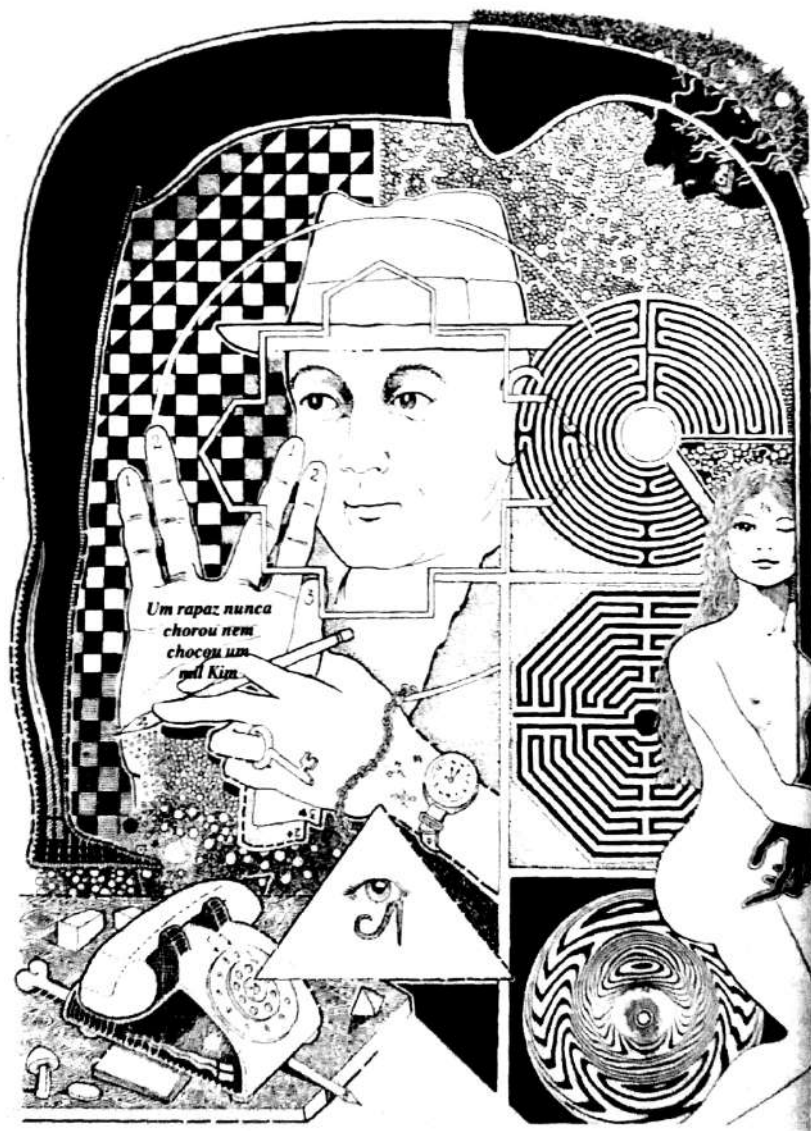
Certa vez, o Numerologista foi assistir *Charly*, um filme premiado pela Academia de Cinema, com um amigo que era particularmente cético quanto à minha obsessão pelo número 23. A história do filme diz respeito a um indivíduo de baixo nível de inteligência (QI ao redor de 70) que, por meio de uma neurocirurgia, é transformado em um gênio sobre-humano de QI 200+. Durante a cena crucial da cirurgia, o número da sala cirúrgica torna-se visível e adivinhem... era a sala 23. Meu amigo, ao lado, começou a coçar a cabeça dizendo: “Jesus Cristo, como é que você faz isso?”

A maioria dos dados acerca do número 23 foi incorporada no *Illuminatus*, cuja referência já foi apresentada aos leitores. Aqui estão alguns exemplos:

“Cão Louco” Coll foi morto na Rua 23 com a idade de 23 anos; um ano mais tarde, Dutch Schultz (que contratara a morte de Coll) foi morto em 23 de outubro de 1935. Marty Krompiewski, rei de um setor da máfia de Harlem, sofreu um atentado com bala no mesmo dia 23 de outubro de 1935. (“Deve ser uma das tais coincidências”, ele disse à polícia.) O assassino de Schultz, Charlie Workman, serviu 23 anos de uma sentença de prisão perpétua, quando lhe foi concedida a liberdade condicional.

A partir do momento em que o “burrico” que nos carrega, o metaprogramador, observa estranhezas desse tipo, o sinal-chave torna-se proeminente em todas as ocasiões. Eu logo reparei nos 23 axiomas que abrem a Geometria de Euclides; assim como o fato de que o homem louco da bomba, no filme *Airport*, estava sentado na poltrona 23; na antiga produção da peça *A Tale of Two Cities* (Um Conto de Duas Cidades), Sydney Carton é o 23<sup>o</sup> homem guilhotinado no sangrento ápice (alguns lexicógrafos acreditam que essa foi a origem da expressão “23 Skiddoo!”); 23, em código telegráfico, é “abortar” ou “quebrar a linha”, e o hexagrama 23 do *I Ching* é “desintegração” (quebrar tudo). Eu estava até entusiasmado em observar que, na concepção, mãe e pai contribuíram com 23 cromossomos no óvulo fertilizado, enquanto na espiral do DNA das instruções genéticas da metaprogramação, existem ligações irregulares sem explicação a cada 23 angström. Mais tarde, o *Cabalistic Dictionary*, de Aleister Crowley, despertou estranhas especulações a respeito do 23, talvez por estar envolvido com a reprodução, definindo 23 como o número da “partida, da remoção, da separação”, “alegria”, “um fio” e “vida”.

Analise o seguinte texto do professor Hans Seisel, da Universidade de Chicago, através de seu filtro mais cético:



*O enigma 23 é a sua recorrência na história da morte de Dutch Schulz, que foi relatada pelo autor em Illuminatus.*

Meus avós por parte de mãe viviam em Gablonz, Mozartstrasse 23; nós vivíamos em Viena, na Rossaurelaende 23; nosso escritório de advocacia encontrava-se na Gonzagagasse 23; minha mãe, na Alserstrasse 23, apartamento 23 e assim por diante...

A mãe do professor Seisel, numa visita a Monte Carlo, comprara um livro de Ilya Ehreburg, *Die Liebe der Jeannie Ney*, no qual a heroína ganha muito dinheiro apostando no número 23 na roleta. Ela decidira, então, passar pela mesma experiência, e o 23 apareceu na segunda tentativa.<sup>22</sup>

Isso é arquetípico. Veremos, à medida que avançamos, que as peculiares entidades encarregadas do hipotético Centro de Controle de Coincidência Cósmica, de John Lilly, prestam muita atenção àqueles que também lhes prestem atenção.

Entrementes, o numerologista tinha uma nova racionalização para a sua obsessão: a famosa história de como Dr. James Watson, ao descer uma escada em espiral em Oxford, repentinamente teve o *flash* intuitivo da forma em espiral do DNA. Toda a evidência microfotográfica daquele tempo parecia contradizer sua teoria, mas a irracionalidade de Watson confiou em sua intuição e seguiu trabalhando com aquele modelo. Mais tarde, ele ganhou o Prêmio Nobel por provar que o DNA é uma dupla espiral (duas espirais entrelaçadas). O número 23 foi minha escada em espiral, meu sinal intuitivo.



## A Caça à Heresia Começa

Um dia, em 1966, Tim Leary apareceu nos escritórios da *Playboy* e o Numerologista acompanhado do cientista louco almoçaram juntos. Eu tinha encontrado recentemente algumas referências a “Leary” e ao “LSD” na revista *Finnegans Wake* e perguntei a Tim o que ele pensava daquilo. Ele respondeu que Leary era um nome próprio muito comum entre os irlandeses e que LSD significava “libra, shilling, pence” (moedas inglesas).

Passamos, então, a conversar seriamente sobre o LSD na pesquisa do câncer. Tim estava muito entusiasmado e tinha muitas esperanças a respeito de várias aplicações bem-sucedidas de LSD no tratamento de pacientes terminais com câncer.

O Numerologista mencionou uma apresentação, na televisão, acerca da pesquisa de Spring Grove em relação ao LSD e ao alcoolismo. “Você viu o Dr. Unger abraçando o ‘viajante’?”, Tim perguntou. “Esse é um

22. *The Challenge of Chance*, op. cit., pp. 215-216.

sinal de que ele esteve em Millbrook. Qualquer terapeuta que *abraça* um viajante de LSD estudou conosco." Ele parecia considerar o fato tão importante quanto qualquer outra contribuição teórica-metodológica sua para a psicofarmacologia. Na verdade, o tabu contra tocar esse tipo de paciente estava sendo quebrado na psicoterapia da década de 1960, mas Timothy estava tipicamente mais entusiasmado e exuberante a respeito do acontecimento do que qualquer outra pessoa.

Algumas noites mais tarde, o Editor da *Playboy* encontrou-se com Tim novamente na selvagem mansão de Hefner. Tim estava bebendo e seus olhos estavam em uma "coelhinha" que ele obviamente pretendia assaltar o mais rapidamente possível e, portanto, o Editor não conseguiu conversar com ele por muito tempo.

\* \* \* \* \*

Nesse meio-tempo, a Guerra do Vietnã começara a esquentar, e a insistência do governo em mentir a respeito de tudo que era ligado à guerra começava a desgastar a estrutura da sociedade americana. Mentir sistematicamente cria aquilo que os cientistas da comunicação chamam de "situação de desinformação", na qual todos eventualmente começam a ficar desconfiados, infernizados e endiabrados.

Paul Watzlavik, entre outros, efetuou experiências clássicas em que pessoas absolutamente sãs começaram a se comportar com toda a irracionalidade dos paranóicos ou esquizofrênicos internados — porque haviam sido alimentadas somente com mentiras, de forma calculada e sistemática. Esse tipo de matriz de "desinformação" é tão típico de muitos aspectos de nossa sociedade (por exemplo, a publicidade e a religião organizada, bem como o governo) que alguns psiquiatras, como R. D. Laing, afirmam ser a principal causa de surtos psicóticos. Quando a política da mentira torna-se normal, paranóia e alienação são a "ordem" do dia. Está claro que o governo, como fonte principal de mentiras nos anos 1960, estava mais desiludido do que qualquer um, pois seu mapa-realidade havia se tornado um clássico sistema de desinformação. A sociedade começou a buscar os vilões a serem culpados pela escalada da desintegração social e Tim Leary foi aclamado por unanimidade como o vilão número 1.

A "guerra às drogas" — ou seja, a guerra à pesquisa — começara. Ela foi chamada de guerra às drogas, mas o efeito total de toda a histeria e da caça às bruxas foi de que o número de usuários de drogas aumentou sistematicamente a cada ano, principalmente entre os jovens, os ignorantes e os despreparados, com resultados previsivelmente desestimulantes. As únicas experiências suspensas foram aquelas realizadas por cientistas inteligentes que começavam a aprender algo novo a respeito do sistema nervoso, quando foram obrigados a desistir. Irônica, mas tipicamente, Dr. Leary, que havia previsto esses acontecimentos e promulgado sua advertência em

seu testemunho ao Senado em 1966, foi considerado o responsável pela situação pelo próprio governo, que, na verdade, era o grande culpado.

Aqui está uma parte do testemunho de Dr. Leary ao Senado, em 1966:

*Senador Edward Kennedy:* Você acha que há necessidade de controle, no mínimo, sobre a importação?

*Dr. Leary:* A venda, a produção ou distribuição, sim.

*Kennedy:* ...Você testemunhou. Agora, por que você acha que devem sê-lo?

*Leary:* Eu acho que a atividade, particularmente as atividades comerciais que envolvem a produção, venda e distribuição dessas substâncias, deve ser controlada, pois não se tem conhecimento da qualidade, não se tem conhecimento da segurança, não se sabe o que se está comprando. É óbvio que leis serão necessárias, assim como há leis sobre as anfetaminas...

*Kennedy:* Você disse que não se tem conhecimento da qualidade. Que há com a qualidade que o amedronta?

*Leary:* Não queremos que a venda ou a distribuição de LSD seja feita por amadores ou que exista um mercado negro.

*Kennedy:* Por que não?

*Leary:* Ou barbitúricos, ou bebida alcoólica. Quando você compra uma garrafa de bebida...

*Kennedy:* Isso não responde à pergunta. Refiro-me ao LSD... por que você não quer produção e a distribuição indiscriminada? Será porque ela é perigosa?

*Leary:* Porque não se sabe o que se está adquirindo.

*Kennedy:* Será porque ela é perigosa?<sup>23</sup>

E assim por diante. Leary, continuamente, procurou chamar a atenção para o terrível mercado negro que seria criado pela criminalidade do LSD, enquanto Kennedy o interrompia constantemente, tentando atraí-lo para uma admissão "incriminadora". O governo foi em frente e vetou a pesquisa do LSD. O mercado negro cresceu em nível nacional quase imediatamente. Ninguém sabia, o que se estava comprando, e as "viagens" malfeitas se multiplicaram horrendamente, sem falar naqueles que tinham o azar de serem presos em momentos de vulnerabilidade de impressão que, no caso, imprimiram naturalmente o desamparo, o terror e a paranóia. Os mesmos resultados eram obtidos nas experiências clandestinas da C.I.A., onde as pessoas não sabiam o que lhes era feito. Aquelas pessoas que corretamente começaram a suspeitar que estavam sendo cobaias *de pes-*

23. Millbrook, de Art Kleps, Oakland Cal.: Bench Press, 1977, pp. 137-138.

soas que mentiam para elas também imprimiram paranóia. Tudo isso poderia ter sido prevenido e evitado se o trabalho de Leary, baseado no plano, no cenário e na dosagem, tivesse sido respeitado.

Infelizmente, as idéias de Leary nunca alcançaram a mídia das massas. Ali, ele era descrito como um louco cujo desejo era que todos usassem o LSD e, mais tarde, como o “gênio criminoso” por trás do mercado negro que ele tentara, com todas as suas forças, evitar. Também nunca foi publicado que nas pesquisas de Leary com o LSD jamais houve sequer uma má viagem, como também nenhum surto psicótico nem nenhum suicídio.



## Múltiplas Realidades

Um dos escritores do departamento promocional da *Playboy*, todos os fins de semana, tomava uma dose de algo que seu fornecedor (mercado negro) dizia ser LSD. (O verdadeiro LSD já era ilegal naquele momento.) Um dia, esse escritor, que chamaremos de Joseph K., disse-me que havia recebido mensagens telepáticas do espaço em várias viagens recentes. O Materialista não conseguiu esconder perfeitamente o seu instantâneo ceticismo, e Joseph K. emudeceu imediatamente. Nunca mais ouvimos uma palavra dele referente ao assunto e, mais tarde, desligou-se da *Playboy* mudando-se para tentar escrever em Hollywood.

Naquela época, eu havia colocado “todo aquele material místico” para trás e fazia o papel do urbano, sofisticado e bem-sucedido editor da *Playboy*. A estranheza é algo que, como a pobreza, só acontece a outras pessoas. Eu estava me dirigindo para a gratificação hedônica, principalmente devido a uma nova droga que estava entrando em minha vida, a sedutora dama conhecida como Maria Juana, deusa do sexo, do êxtase e da auto-realização.

Na época da Convenção Democrática dos Horrores, de 1968, o Materialista fumava maconha quase regularmente — bem como todos no departamento editorial da *Playboy* e em todas as outras revistas por nós conhecidas e por toda a indústria das comunicações.

Certa noite, o hedônico Materialista encontrava-se satisfeito e sozinho sob o efeito da erva — as crianças estavam dormindo e Arlen (paradoxalmente, para a esposa de um editor da *Playboy*) havia ido para uma reunião de libertação feminina. De repente, fiz uma descoberta neurológica. A maioria dos fenômenos de auto-hipnose é facilmente duplicada sob o efeito da maconha, sem incorrer no treino aborrecedor envolvido em hipnose normal. Em vez de ser uma viagem não programada para emoções sensoriais inesperadas, a maconha tornou-se um programa deliberado de enriquecimento sensorial. Podia-se converter música em cores, em carícias,

em sabores; crescer em tamanho gigantesco ou encolher-se para dentro das próprias células e moléculas; *sintonizar* seu próprio sistema nervoso como uma combinação de microscópio com aparelho de TV.

Diversos meses extraordinários de experimentação logo revelaram que muitos desses efeitos podiam ser obtidos sem necessidade da substância (apesar de ser mais fácil *com* ela), e o abalado Materialista começou finalmente a compreender o que Freud quis dizer com *projeção* e Buda com *maya*. Ficou claro como a vodca que, o que quer que “realidade” signifique filosoficamente, nossa *experiência* cotidiana (a definição lógica de “realidade”) é quase inteiramente autoprogramada. Essa edição cinemática ocorre tão rápido que normalmente não nos apercebemos dela; e assim agregamos coisas que não estão ali (a projeção de Freud), deixando de lado milhões de outras coisas que ali estão (a censura de Freud). Confundir o produto acabado com uma reflexão precisa de uma externalidade é exatamente o que Buda quis dizer quando relatou que a consciência normal é ilusão (*maya*).

Descobrimos, então, que maconha podia ser um instrumento pelo qual poderíamos ajustar o sistema nervoso tão casualmente quanto ajustariamos a imagem de uma televisão. Eu havia realizado o que o semanticista Korzybski denomina de “consciência de abstração”, percepção do mecanismo geralmente inconsciente pelo qual cada um de nós faz o mundo à sua própria imagem.

Agora, o Neurologista assumiu o yoga sem misticismo e sem nenhum grau de religiosidade. Eu compreendi que o treino de yoga — e qualquer outra coisa que ele possa englobar — é um método para libertar o sistema nervoso da *percepção condicionada*. Combinando maconha com yoga, eu logo demonstrei para mim mesmo, por experiência direta, que o sistema nervoso pode virtualmente libertar-se de todas as percepções e reflexos que caracterizam nosso espectro ordinário de possibilidade.

Nosso velho amigo Alan Watts, teólogo e místico experimental dos mais céticos, estava realizando uma pesquisa semelhante, durante aqueles anos, e chegava a conclusões similares. Durante uma de suas visitas a Chicago, disse a outro editor da *Playboy*: “Mas meu caro senhor, realidade é só uma mancha de tinta de Rorschach”. É uma pena, porque aquelas pessoas que não realizaram a pesquisa pessoalmente, em nível neurológico, dificilmente compreenderão isso; o editor permaneceu cínico. Mais tarde, Paul Krassner, editor do *The Realist*, colocou o mesmo pensamento de uma forma mais colorida: “Realidade é um *silly-putty*”\*. As pessoas sem experiência direta não conseguiram compreender e, precipitadamente, concluíram que um certo segmento da “intelligensia” havia enlouquecido...

\*N. do T.: *Silly-putty* é a “geleka”: brinquedo de criança chamado de sólido aquoso

É por isso que os usuários de maconha desenvolvem uma certa e inevitável alienação da sociedade, por se sentirem caolhos no Reino dos Cegos.



## O Assassinato de Cristo: Uma Reprise

Neste ponto de minha carreira, como yogi amador, Tim Leary veio a Chicago com o seu *show* de rua "Death of the Mind" (Morte da Mente), e devo admitir que ele não me impressionou como o havia feito no nosso primeiro encontro. Ele apareceu em cena descalço, queimou incenso, fez uma palestra sobre Buda, ilustrada com *slides* e estranhos efeitos de luz, e mais se parecia com um Billy Graham oriental. Aquele brilhante cientista tornara-se um messias de segunda categoria, mas, um ou dois dias mais tarde, encontrei-me com Leary na rua, perto do edifício da *Playboy*, e fomos almoçar juntos novamente. Ele estava centrado, vibrante, alegre e mais esplêndido do que nunca, mas também com mais senso de humor do que antes e não parava de fazer piadas de seu próprio papel de guru. Mas nós dois sabíamos que grande parte de sua atual *persona* era só uma encenação pela única causa em que ele acreditava: a possibilidade de que o LSD, *sabidamente usado por profissionais*, poderia reprogramar suficientes sistemas nervosos para acelerar a consciência e a inteligência, antes mesmo de acabarmos com nosso planeta e conseqüentemente com a humanidade.

De alguma forma, começamos a falar de Dr. Wilhelm Reich, e eu comparei seus crescentes problemas legais com os de Reich. Dr. Reich fora o primeiro freudiano a considerar as descobertas de Freud literalmente e a dizer explicitamente que a maioria das neuroses são causadas pela repressão sexual judeu-cristã. Pior, Reich insistia em que essas neuroses eram as causas diretas de racismo, sexismo, estupro, violência e guerras. Ele concluiu que a repressão sexual é o problema número um da saúde pública e que deveria ser combatida tão vigorosamente quanto a poliomielite e o câncer. Reich começara a promulgar essa heresia já nos anos de 1920. Também iniciou pesquisas reais com casais praticando o ato sexual, na década de 1930 (30 anos antes de Masters e Johnson). Devido a essas e outras posturas radicais, o Dr. Reich fora expulso da Sociedade Psicanalítica Internacional, dos Partidos Socialista e Comunista da Áustria, da Alemanha pelos nazistas, difamado pela imprensa da Suécia, ao ponto de não poder trabalhar mais naquele país, difamado pela Associação Médica Americana, após a sua chegada naquele país e, finalmente, vindo a falecer numa prisão federal em 1957. Isso tudo convenceu muitas pessoas, inclusive eu

mesmo, de que a liberdade científica do século XX estava tão segura quanto o foi na Idade das Trevas (Idade Média), caso um cientista se tornasse revolucionário demais em suas idéias.

O caso Reich não amedrontava Timothy.

"Estou muito bem de saúde em todos os aspectos", ele disse com seu sorriso largo e genuíno. "Penso sobreviver à histeria e à perseguição, até que todas as minhas convicções sejam confirmadas e aceitas, até que não sejam usadas todos os dias em todas as clínicas do mundo, até que elas se tornem truísmo comum." Aí o seu sorriso se ampliou ainda mais. "Mas, então, eu espero estar defendendo alguma outra heresia e encontrar-me em águas ferventes novamente."

Esta pode vir a ser uma previsão exata.

É um tanto peculiar olhar para trás, em 1977, para um livro parecido com a antologia de David Solomon, *LSD*,<sup>24</sup> publicado em 1964 — só 13 anos atrás. Nele, encontramos cientistas como Dr. Humphrey Osmund, Dr. James Terrill, Dr. Charles Savage, Dr. Donald Jackson, Dr. Sanford Unger (cujo abraço em um paciente já foi mencionado), Dr. Jonathan Cole, Dr. Martin Katz, Dr. Eric Kast, etc., reportando alterações de consciência (e comportamentais) induzidas por LSD *com um plano e um cenário adequados*. Também encontramos filósofos como Aldous Huxley e Alan Watts contemplando o potencial dessas químicas com otimismo e esperança. Além de todos eles, Dr. Leary está sendo considerado um colega altamente respeitado pela maioria dos cientistas, escrevendo a introdução do volume que mais parece ter caído de outro universo por meio de uma dobra do tempo.

Foi publicado só 13 anos atrás? E esses contribuintes, por que não foram todos jogados na cadeia simultaneamente? Que tipo de mundo era aquele e, naquela época, onde o LSD podia ser discutido científica, objetiva e racionalmente?

É como o Dr. Leary escreve em *The Curse of the Oval Room*:

Poucos americanos, até nestes dias pós-Watergate, entendem como Nixon instalou a sua própria polícia especial secreta de elite. Sob a forma de "controle das drogas", este golpe orwelliano realizou-se com a aprovação de liberais de meia idade. Foi tão simples. O orçamento dos narcóticos pulou de 22 milhões para 140 milhões... Os direitos constitucionais foram suspensos e foi instituída a lei marcial (vai entrando, pare-e-reviste, toque de recolher, etc.) seletivamente num segmento da população facilmente identificável... O medo baixou sobre a terra. Os porta-vozes da contracultura foram presos, maltratados, silenciados. A imprensa cooperou totalmente...<sup>25</sup>

24. *LSD*, ed. por David Solomon, Nova Iorque: Putnam, 1964.

25. Esgotado. A ser reeditado como *Neuro-politics*, por Timothy Leary, San Diego: 88 Books, 1977.

Durante a campanha terrorista descrita por Leary, ele mesmo foi detido repetidamente; condenado por possuir dois papéletes de marijuana (ele se declarou vítima de uma armação, mas os liberais não estavam interessados em seus protestos, pois os policiais eram os novos deuses da liberalidade corporativa) sentenciado a 30 anos de prisão; teve a maior fiança da história americana (US\$ 5 milhões); foi seqüestrado no Afeganistão por violação de 148 sentenças da corte, e tais seqüestros são ilegais nos países onde não existe acordo de extradição; foi mantido acorrentado por um tempo e depois colocado em confinamento solitário por 19 meses; foi ainda mantido incomunicável por 10 meses, estando proibido de que seus amigos lhe enviassem mensagens ou as recebessem dele.

Tudo isso aconteceu em plena luz do dia, com os liberais e a Organização Americana de Defesa dos Direitos Individuais sem capacidade de reconhecer que a Constituição estava sendo usurpada e manipulada da mesma forma como ela o foi durante o famoso "Terror Vermelho", no começo da década de 1950.

Com horror, eu me inteirara da destruição de Dr. Reich pelas forças da burocracia e pela inveja cega dos anos de 1950. Era uma espécie de despertadora experiência o primeiro amanhecer da compreensão de que o nosso governo, como qualquer outro governo, é pior do que bom. Para outros, esse despertar veio por causa da Guerra do Vietnã ou pelo trabalho dos negros e dos índios em suas lutas pelos direitos civis e descobrindo que a miséria dessas minorias não é só um dramático "problema" político, mas uma realidade muito dolorosa. Para alguns, o despertar só veio por meio de Watergate. E, finalmente, para alguns, ainda não chegou. Para mim que sou um libertário, o despertar chegou quando agentes do FDA jogaram todos os livros do Dr. Reich — 30 anos de pesquisa científica — no incinerador da rua Vansivoort, na cidade de Nova Iorque, em 1957, queimando-os.

A queima de livros foi uma cena saída da Alemanha nazista: o horror de todos os filmes antinazistas que o Libertário havia assistido quando criança, *vivo em seu próprio país, em seu próprio tempo*.

O Libertário escreveu muito em defesa de Reich naqueles anos, para pequenos e independentes jornais políticos e ocultos — os únicos dispostos a divulgar seus artigos, dizendo que o governo dos Estados Unidos possivelmente teria assumido o papel da Santa Inquisição contra um possível Galileu. O único efeito de todo esse trabalho sério foi a oportunidade de poder me encontrar com alguns reichianos que acabei achando bem sombrios — adictos emocionalmente à paranóia, dogmáticos e intolerantes (uma imitação inconsciente, mas brilhantemente precisa, de todos os sintomas de estresse que o próprio Reich havia desenvolvido, após sete anos de perseguição e assédio por parte de Washington).

À medida que os anos 60 eram deixados para trás, comecei a ver o roteiro "mate o herético" emergir novamente com o papel principal estrelado por um personagem parecido com Tim Leary. Era tão repetitivo e roti-

neiro quanto o sacrifício da virgem às safras de trigo. Reich chamara esse ritual sangrento de “Assassinato de Cristo” e disse que ele se repetiria sempre, enquanto a humanidade permanecesse “muscularmente armada” contra a liberdade do amor e da sexualidade. Chegamos a pensar que talvez ele estivesse certo a esse respeito...

Em 1966-1967, alguns artigos meus de intento subversivo foram publicados por uma pequena revista chamada *The New Libertarian*, e fiz amizade (por correspondência) com o editor Kerry Thornley. Começamos a nos corresponder com extensas cartas (Thornley estava em Los Angeles e eu em Chicago), surpresos pela afinidade incrível de nossas filosofias políticas — éramos totalmente opostos a todas as formas de violência ou coerção contra indivíduos, quer fossem praticadas por governos, quer por pessoas que se considerassem revolucionárias. Também estávamos desencantados com a direita organizada, mas permanecendo utópicos, sem uma utopia em que acreditar. As vezes, discutíamos comunidades libertárias flutuando livres em águas internacionais, o que me fez criar a anarquista fantasia submarina em *Illuminatus* e, mais tarde, proporcionar apoio aos planos de migração espacial de Leary e do professor Gerard O’Neill.

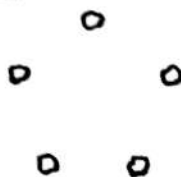
Em uma determinada carta, Thornley mencionou que havia servido na marinha americana com Lee Harvey Oswald e que haviam sido companheiros. Mencionei que a esposa de Oswald morara com a irmã de nosso médico na época do assassinato. Ficamos intrigados pela coincidência, e não fizemos referência (ainda) à sincronicidade.

Eventualmente, por intermédio de Thornley e de outros libertários da Califórnia, fui iniciado nos mistérios do Discordianismo, a primeira “verdadeira religião” que Thornley e Gregory Hill haviam criado em 1958. O Discordianismo baseia-se no culto a Eris, a deusa grega do caos e da confusão, também chamada de Discórdia, em latim. Aqueles leitores que leram *Illuminatus* já devem estar a par dessa fé sublime, da qual mencionaremos aqui um resumo breve citando um “Manual para Evangelistas Discordianos” que Thornley redigiu:

“A ABORDAGEM SOCRÁTICA tem muito sucesso na confrontação com ignorantes. A abordagem socrática é o que você chama de iniciar um argumento fazendo perguntas. Você se aproxima do inocente e simplesmente pergunta: ‘Você sabia que o nome de Deus é ERIS e que ELE é uma mulher?’. Se ele responder ‘Sim’, é porque provavelmente seja um companheiro erisiano e, então, esqueça-se dele. Caso ele responda ‘Não’, então logo prossiga para:

A AFIRMATIVA CEGA e explique: ‘Bem, Ele é uma mulher e o Seu nome é ERIS!’. Observe com perspicácia se o sujeito está convencido. Caso esteja, conjure-o para a Legião da Discórdia Dinâmica antes que mude de idéia. Se não estiver convencido, então prossiga para:

A REFERÊNCIA DA FÉ: ‘Mas você precisa ter fé! Sem a fé, tudo está perdido! Realmente eu sinto pena de você se não tiver fé’. E depois acrescente:

**OS SEIXOS DE STARBUCK****QUAL  
É  
REAL?**

Esses 5 seixos realmente formam um pentágono?

Aquelas pessoas influenciadas pela ilusão anerfística diriam sim.

Aquelas pessoas influenciadas pela ilusão erística diriam não.

Entrelacem os pontos e é uma estrela.

Uma mente iluminada pode perceber tudo isso; no entanto, não insiste para que qualquer pessoa seja realmente autêntica ou que ninguém seja realmente autêntico. Estrelas, pentágonos e desordem são todos sua própria criação, e pode fazer com eles o que desejar. É verdade, e assim é o conceito do número 5.

Você pode traçar a  
rota até a  
Querida  
do Capitão Valentine?

Aí está a verdadeira realidade, mas tudo o que você **CONHECE** a respeito dessa realidade encontra-se em sua mente e é sua para fazer o que quiser com ela. Conceitualização é arte e **VOCÊ É O ARTISTA.**

Convicções causam convictos.



00054

Quando eu estava com 8 ou 9 anos de idade, comprei uma revista. Imaginem a minha decepção quando examinei as fotos por meio de um microscópio e tudo o que podia ver eram pontos.



7. Nunca escreva com lápis, a não ser que você esteja em um trem ou doente na cama.

*Uma página do agora lendário Principia Discordia. A ilusão anerfística é que ordem a é real; a ilusão erística é que a desordem ou o caos é real; iluminação é a realização de que isso depende do observador. Veja a ilustração da página 59.*

O ARGUMENTO DO MEDO e, com voz sinistra, pergunte: "Você sabe o que acontece àqueles que negam a deusa?" Se ele hesitar, não diga que certamente ele reencarnará como um Botão de Mao-Tsé-Tung e será distribuído aos miseráveis da região mais pobre da China (o que seria mal-doso), mas simplesmente abane sua cabeça tristemente e, enxugando uma lágrima dos olhos, passe para:

A TÁTICA DA PRIMEIRA CLÁUSULA, onde você aponta para toda a discórdia e confusão no mundo, e explique: "Bem, quem você pensa que causou tudo isso, cara?". Se ele disser "Ninguém, somente forças impessoais", então passe logo para:

O ARGUMENTO PELA GINÁSTICA SEMÂNTICA e diga que ele está absolutamente correto e que essas forças impessoais são femininas e que Seu nome é ERIS. Caso ele, maravilha das maravilhas, continue obstinado, então apele para:

A ESQUIVA DO SIMBOLISMO FIGURATIVO e confidencie que pessoas sofisticadas como ele reconhecem que Eris é um símbolo figurativo de uma realidade metafísica inefável e que o movimento erisiano, na realidade, é mais um poema do que uma ciência e que ele está sujeito a ser transformado em um Precioso Botão de Mao e distribuído entre os miseráveis da região mais pobre da China se ele não acordar. Então, coloque o seu nome em sua agenda."

A ateologia discordiana tornava-se cada vez mais complicada à medida que era trabalhada e desenvolvida por Thornley, Greg Hill e outros que por ela eram atraídos — Bob Shea, outro editor de *Playboy*; Camden Benares (autor de *Zen Without Zen Masters*); a poetisa Judith Abrahams; Dr. Robert Newport, um psiquiatra; e muitas outras almas similares. Eventualmente, Greg Hill produziu uma Bíblia Discordiana denominada *Principia Discordia*. Nada disso era uma simples paródia religiosa *per se*. Era um exercício de guerrilha ontológica — uma tentativa de tornar visível o burrão de Nasrudin. Uma versão Irmãos Marx do zen. Nós a chamamos de Operação "Estupro Mental".

(Estávamos nos divertindo muito com o Discordianismo. Ninguém tinha percebido ainda que a Operação Estupro Mental poderia sair do controle...)

Um dos primeiros "catmas" (metacrença relativa, parecida com o dogma) foi a *lei dos cinco*, de Kerry Thornley, que reza que todos os incidentes e eventos estão diretamente ligados ao número cinco ou a qualquer múltiplo de cinco, de uma forma ou de outra, *levando em consideração suficiente ingenuidade por parte do intérprete*. Geralmente, diríamos isso para os novatos, porém, sem a cláusula final (em itálico), a mais importante; isso é para que eles descubram o metaprogramador e resolvam essa parte sozinhos.

Eu ainda inseri a lei dos 23, derivada de Burroughs, baseado no fato de que  $2 + 3 = 5$ , e os discordianos começaram logo a reportar histórias relativas aos números 23 e 5, correntes e passadas, de todos os lugares.

A iluminação discordiana é alcançada quando você se conscientiza de que, apesar de a deusa Eris e de a lei dos cinco não serem literalmente verdadeiras, *nada é literalmente verdadeiro*. Dos cem milhões de sinais brilhantes zunindo, recebidos a cada minuto, o cérebro humano ignora a maioria e organiza o resto em conformidade com qualquer sistema de crença estabelecido nele. Podemos selecionar sinais ordeiros e legais e dizer que tudo é projetado por uma inteligência cósmica, como no tomismo, ou selecionar sinais caóticos e afirmar que Deus é uma Mulher Louca, como no Discordianismo. O cérebro ajustará os sinais recebidos aos dois sistemas de crença... ou a uma dúzia de outros.

Nos seminários sobre Exopsicologia, que é o que ensino nesses dias, dramatizo esse ponto, fazendo com que a classe inteira visualize o *hall* pelo qual passou ao entrar na sala do seminário. Depois, pergunto quantas pessoas visualizam cinco objetos distintos, dez, 15... Quando encontramos a pessoa com o maior número de sinais distintos armazenados em sua memória, relacionamos os elementos do *hall* percebidos por aquela pessoa, anotando-os em um quadro negro. Chamamos esse número de X. Então, recolhemos e totalizamos os sinais do restante da classe que não estão na lista X. A nova lista é sempre maior que 2X, o que significa que se o campeão de memória daquela classe detinha 14 sinais, a classe toda tinha 28 ou mais.

Isso ilustra que uma das formas de duplicar nossa inteligência prática (percepção do detalhe) é tentar receber o máximo possível de sinais de outros seres humanos, por mais errado que pareça ser o mapa-realidade deles, por mais tolos ou aborrecidores que *a priori* aparentam ser. O nosso hábito normal de descartar todos os sinais humanos imediatamente incompatíveis com o nosso mapa-realidade favorito é o mecanismo que nos torna muito mais estúpidos do que deveríamos ser.

A experiência também ilustra o princípio de Leary do relativismo neurológico. Duas pessoas jamais acusam os mesmos sinais. Qualquer que seja o *hall* “objetivo” (provavelmente uma dança de energia, se confiarmos na Física moderna), cada pessoa, passando por ele, criou um túnel-realidade diferenciado, um *hall* que se conformou aos seus próprios hábitos neurológicos. Existencialmente, não houve duas pessoas, ao “mesmo” tempo, no “mesmo” *hall*.

Incidentalmente, é divertido argumentar a posição discordiana com um teólogo tomista ou um materialista determinista antiquado. Há tanto mais evidência de caos e de interação no universo como há de lei e ordem; é só começar a investigar.

Naturalmente, e durante muito tempo, não suspeitei que Eris, a deusa da confusão, era a mesma Dama do Espaço que voltara para me assombrar, porém com uma aparência diferente.



## Jim Garrison e os Illuminati

O Discordianismo está em direta contradição com os fundamentos da monoteoria monoteísta da religião ocidental, da lógica ocidental e da lei ocidental, todas as quais assumem haver um modelo correto que seja verdadeiro em todos os casos. As pessoas religiosas, no sentido dogmático judaico-cristão, logicistas que ainda não alcançaram a prova de Gödel e todos os advogados em geral são as últimas pessoas na Terra com capacidade de apreciar a filosofia discordiana.

Não obstante, Kerry Thornley, de uma maneira totalmente quixótica e arrastando atrás de si sua história discordiana, insistiu em se envolver na saga do assassinato de Kennedy nos anos de 1960, indo procurar direto *um advogado* — Jim Garrison, “O Alegre Gigante Verde”, promotor público de Nova Orleans —, assim como poderia ter ido procurar um teólogo tomista.

Em 1967, depois de ter lido *Rush to Judgement*, de Mark Lane, e outros livros sobre o assassinato de Kennedy, Kerry chegou à conclusão de que provavelmente seu velho amigo Lee Harvey Oswald não havia matado o presidente; era muitíssimo possível que houvera uma conspiração. Ingenicuamente, ele voltou a Nova Orleans, onde manteve longas conversas com o promotor público Garrison, que abrisse uma nova investigação e parecia estar descobrindo novos indícios sobre uma conspiração.

Para dizer a verdade, Thornley e Jim Garrison juntos não formavam uma boa equipe. De fato, na última entrevista, cada qual mandou o outro para o inferno. O Discordianismo e a lei não se misturam. Kerry saiu de Nova Orleans e informou a todos os seus amigos e correspondentes que Garrison era um demagogo sem escrúpulos e estava organizando uma caça às bruxas para instigar os ingênuos e, ao mesmo tempo, promover-se politicamente. Os ajudantes de Garrison, por sua vez, responderam a esse ataque com uma série de acusações ridículas contra Thornley.

Naturalmente, eu fui atraído para a controvérsia. Isso aconteceu quando comecei a compreender realmente quão arbitrárias são as idéias-realidade do sistema nervoso humano de nível médio. A imprensa estabelecida era 100% anti-Garrison e negou todas as acusações. A imprensa clandestina era 100% a favor de Garrison e apoiou todas as acusações. Na linguagem de Leary, todos os sinais que podiam ser organizados numa “boa” estrutura (Gestalt), favorecendo Garrison, foram transmitidos livremente e para todas as direções no jogo da imprensa clandestina, enquanto todos os sinais sugestivos de um “mau” Garrison, ou inconsistentes com o “bom” Garrison, eram leve e eficientemente reservados para o jogo da imprensa estabelecida.

“Meu Deus”, disse consigo mesmo o Libertário no início de 1968, quando tudo se tornara claro, “a ala esquerda é tão robotizada quanto a direita.” (Devemos nos desculpar por ter levado tanto tempo para descobrir isso.) Entretanto, a descoberta serviu para ilustrar a primeira lei do Discordianismo: “Convicções causam convictos”. *Tudo em que você acredita o aprisiona.*

Thornley, como passei a conhecê-lo por meio da correspondência e depois em nossos encontros, era um libertário de bom humor, agnóstico e dogmático a respeito de duas únicas coisas: anarquismo e pacifismo. Ia contra a sua ética pessoal destruir qualquer tipo de vida. Era impossível considerá-lo um indivíduo com seriedade participante de uma conspiração para assassinar qualquer pessoa.

E, no entanto, para a imprensa clandestina, Thornley e os outros suspeitos de Garrison foram descritos como um bando esquisito de satânicos homossexuais da C.I.A. Fanáticos nazistas. Surgia novamente o macarthismo dos anos de 1950, mas vindo da ala esquerda desta vez.

(“Parece haver uma porção de diferentes realidades hoje em dia”, disse Abbie Hoffman durante os horrores da Convenção Democrática de 1968; isso pode, muito bem, ser a única coisa inteligente que ele jamais disse.)

Desde aquele tempo, o Cético fez questão de ler um ou dois periódicos lançados mensalmente por grupos políticos ou religiosos desprezados por ele e assim verificar quais tipos de sinais estariam sendo rejeitados por seus próprios mapas-realidade costumeiros. É muito educativo. (Aleister Crowley e Bertrand Russell, respectivamente o extraordinário místico e o extraordinário racionalista do século XX, também recomendaram essa prática. É uma das melhores maneiras para descobrir como funciona o burro de Nasrudin — o nosso próprio metaprogramador.)

Entrementes, Thornley descobriu que Allan Chapman, do Texas, um dos ajudantes de Garrison, acreditava que o assassinato de JFK havia sido engendrado pelos Illuminati bávaros. Como sabem, eu havia sido um especialista nesse assunto (pensava ser) durante anos, e o envolvimento de Garrison incentivou-me a entrar no sistema da crença de que Garrison era um paranóico, ou um demagogo, ou ambos. Simplesmente não havia Illuminati reais; tratava-se de fantasia da ala direita — uma versão sã da cansada e velha mitologia “Os Anciãos de Sion”.

Apesar de a imprensa clandestina, em sua aliança, ser basicamente fundamentalista em relação às revelações de Garrison, também era intensamente ingênua, querendo acreditar em todos os tipos de teorias conspiratórias adicionais e, quanto mais estranhas, melhor. Nessa época, a maioria dos discordianos contribuía com os jornais clandestinos em todo o território americano. Começamos, então, a evidenciar a Sociedade Discordiana emitindo papéis de posicionamento oferecendo técnicas anarquistas de não-violência para a mutação de nossa sociedade robotizada.

Uma das técnicas era chamada Greve Universal Permanente do Aluguel (GUPA), pela qual todas as pessoas param de pagar aluguel para sempre. (É possível sermos todos despejados e jogados no Atlântico ou no Pacífico?) Outra técnica era o nosso plano de Isenção de Impostos Universal Permanente (IIUP). Ao mesmo tempo, plantamos uma série de histórias a respeito da épica e da constante guerra da Sociedade Discordiana contra os sinistros Illuminati. Acusávamos todos de fazerem parte dos Illuminati — Nixon, Johnson, William Buckley Jr., os invasores marcianos, todos os conspiradores, enfim, todo o mundo.

Não considerávamos tudo isso como uma brincadeira ou um logro no sentido ordinário, mas uma guerrilha ontológica.

Minha atitude pessoal era de que, se a nova esquerda quisesse viver no particular túnel-realidade do paranóico, ela teria o direito àquela escolha neurológica. Eu via o Discordianismo como o fator da risadinha cósmica introduzindo muitas paranóias alternativas, das quais todos poderiam escolher a sua favorita, se assim estivessem inclinados. Também esperava que algumas almas menos ingênuas, oprimidas por esse embaraço de riquezas, pudessem enxergar através de todo esse jogo paranóico e decidir mudar para um mapa-realidade mais amplo, mais engraçado e de maior esperança.

Certa vez, o distinto poeta Ed Sanders enviou-me uma mensagem de alerta urgente: “Não há nada de engraçado com os Illuminati. Eles são reais!”

Minha risada foi grande, enorme, como o bobo sempre faz antes que as portas se fechem atrás dele, na Capela Perigosa.



## Operação Estupro Mental

As revelações discordianas parecem haver pressionado um botão mágico. Novos artigos referentes aos Illuminati começaram a aparecer por todos os lugares, desde jornais da extrema direita até os de ultra-esquerda. Alguns deles definitivamente não procediam de discordianos. De fato, um artigo no *Los Angeles Free Press*, em 1969, consistia em uma entrevista gravada por telefone por uma pessoa negra que dizia representar a “Black Mass” (Missa Negra), uma conspiração afro-discordiana nunca ouvida antes. Como representante da “Black Mass”, ele assumia todos os atentados com bomba antes atribuídos ao “Weather Underground”.

Outros artigos afirmavam que os Illuminati, “com certeza”, faziam parte de uma conspiração jesuíta, uma conspiração sionista, uma conspira-

\* N. do T.: Grupo Revolucionário.

ção de banqueiros, etc., e acusavam personalidades como FDR, J. Edgar Hoover, Lênin, Aleister Crowley, Jefferson e até Carlos Magno de serem seus membros.

Tudo isso inspirou Bob Shea e eu a começarmos a trabalhar no gigantesco romance que finalmente saiu como a trilogia *Illuminatus*. Fizemos dos discordianos os mocinhos e dos Illuminati os bandidos, numa epopéia de traição convulsiva que satirizou todas as teorias conspiratórias da direita e da esquerda.

Logo no começo, um sinal positivo nos animou bastante. Uma busca pelos arquivos discordianos revelou que o primeiro livro sagrado — *How the West Was Lost*, de Malaclypse, o jovem (Greg Hill) — fora originalmente impresso na máquina de xerox do promotor público Garrison, no verão de 1963, fora do horário normal de trabalho. (A namorada de Greg era a secretária de Garrison.)

Isso devia estar ocorrendo na época em que Oswald estaria encomendando o rifle Carcano e eu estaria tendo minha experiência com o homem verde no campo de trigo; nessa época, estávamos todos sofisticados demais para descartar o padrão como uma “mera coincidência”.

Pela deusa, a sincronicidade havia começado... e a estranheza estava aumentando. Por exemplo, nós, discordianos, possuíamos um sinal místico, como os maçons e outros. O nosso havia sido inspirado no velho guerreiro Winston Churchill; era o *V da vitória* que Winnie (Churchill) usara durante toda a Segunda Guerra Mundial. Era claro para nós, pois tinha significados discordianos especiais: o V, sendo o numeral romano para 5, ilustrava a *lei dos cinco*. A forma como o sinal é feito, com 2 dedos para cima e 3 para baixo, exemplifica o oculto 23 dentro da *lei dos cinco*. O fato de esse sinal também ser usado pelos padres católicos para abençoar e pelos satanistas na invocação do Demônio ilustra a ambigüidade essencial de todo o simbolismo ou o fator da “risadinha cósmica”.

Entre a primeira edição do *Principia Discordia*, cópia feita na máquina xerox de Jim Garrison, em 1963, e a quarta edição publicada pela Rip-Off Press, em Berkeley, em 1969, somente 3.125 cópias daquele texto básico discordiano foram distribuídas. Entretanto, o símbolo V, de alguma forma, foi aceito pela contracultura inteira, principalmente entre 1966 e 1970. Vimos centenas de milhares de contestadores usando-o na demonstração ao Pentágono, em outubro de 1967, e novamente na Convenção Democrática de 1968. É estranho que virtualmente todos aqueles que o usavam não sabiam que nós, discordianos, havíamos reavivado...

Aliás, o próprio Pentágono é um altar sagrado discordiano, pelo fato de ter cinco lados\* e pela bizantina burocracia ali enraizada que ilustra tão

\* Todos os membros do Estado Maior Conjunto das Forças Armadas (Joint Chiefs of Staff) são santos discordianos honorários, pertencendo à Ordem de Quixote, também conhecida como os Cavaleiros do Castelo de Cinco Lados.

maravilhosamente a lei sociológica básica Discordiana enunciada por Kerry Thornley em *The Gospel According to Fred*: “Imposição da Ordem = Escalada do Caos”. Eu estava presente no protesto ao Pentágono em outubro de 1967 — em que os *hippies* tentaram expulsar o Demônio, Yog-Sothoth, cantando “Fora, Demônio, fora!” e todos, o tempo todo, fazendo o sinal V, como se a versão surrealista discordiana estivesse se tornando uma nova realidade política.

No ano seguinte, os *hippies* inscreveram um porco para presidente.

Richard Ryan, um psicólogo de Nova Jersey, leu alguma literatura discordiana e escreveu-me para contar outra “coincidência” 23. Estando no hospício onde trabalhava, ele ouviu um psiquiatra passando uma tremenda carraspana em uma enfermeira que cometera um engano. “Quando eu digo 23 cc”, o psiquiatra gritava, “eu quero 23 cc e não 24 cc.” Ryan escutara isso a caminho da ala dos esquizofrênicos crônicos. Quando ali chegou, um dos pacientes voltou-se para ele e disse: “Sim, sim, 23 cc”.



## Os Terríveis Segredos do Malvado Aleister Crowley

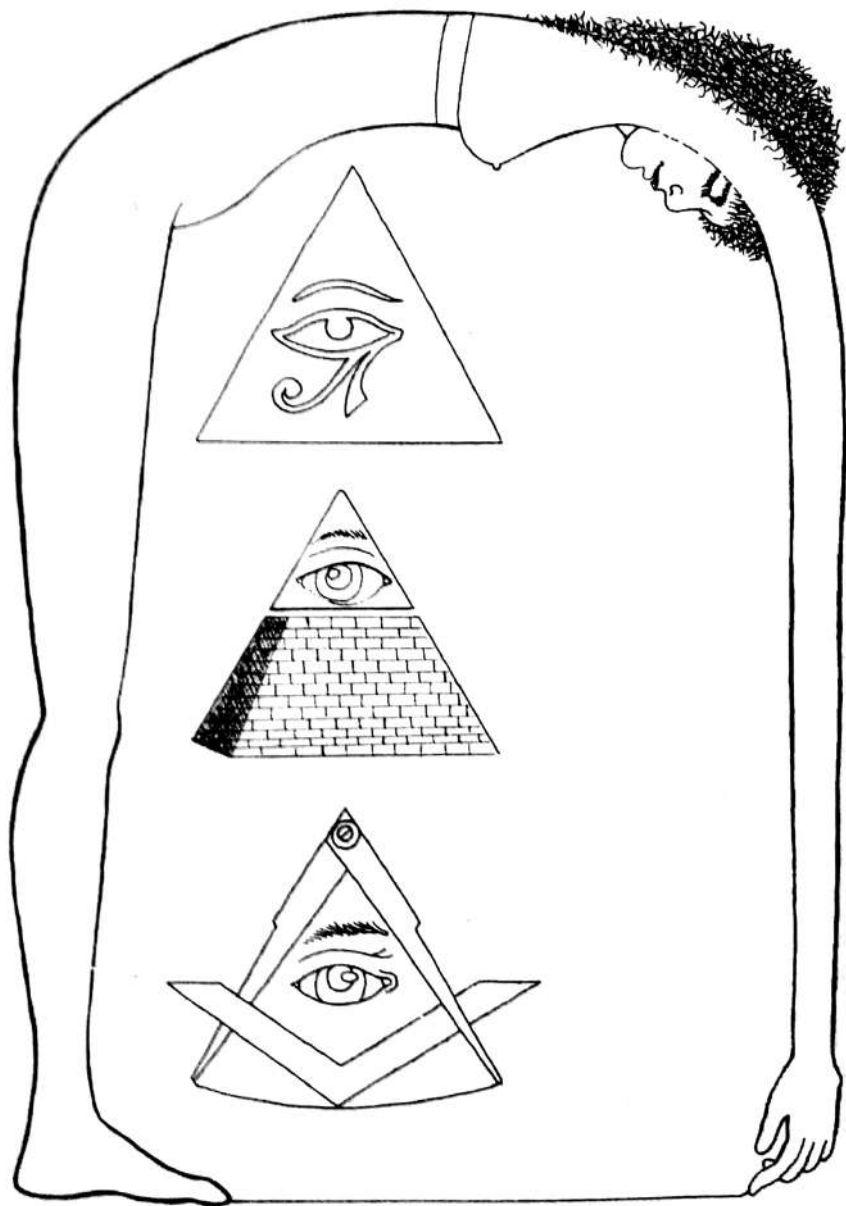
Um dia, em 1970, eu almocei com Alan Watts e sua amável esposa, Jana.

No final do almoço, Alan indagou-me a respeito dos meus vigentes projetos de escrita e eu lhe contei um pouco a respeito de *Illuminatus* e, não sei por que, acabei mencionando o olho dentro do triângulo, que dizem ser o símbolo dos Illuminati.

“Isso me faz lembrar!”, disse Alan. “O melhor livro que eu li em anos é *The Eye in the Triangle*. Diz respeito a Aleister Crowley.” E acabou recomendando-me o livro.

Tudo o que eu sabia de Aleister Crowley era vago e desfavorável. Diziam ter sido um satanista, um mago negro, um sádico, um louco, um adicto à heroína e um degenerado sexual de monstruosas proporções. De alguma forma também ouvira dizer que Crowley havia escalado o Chogo Ri no ponto mais alto que qualquer outro alpinista na história e que havia estabelecido vários outros recordes no alpinismo. Isso me intrigou muito, pois poucos adictos possuem a resistência para esse tipo de esforços, e é de se perguntar se tudo o que se falava de sua infame reputação não seria um exagero.

O Cético comprou *The Eye in the Triangle*, do Dr. Israel Regardie, secretário de Crowley na década de 1920 e agora um psicólogo reichiano em Los Angeles. Dr. Regardie enfatizava a conexão entre a magicka tân-



*Algumas formas de desenho do olho-triângulo. O primeiro é o emblema da Sociedade Mágica de Crowley, a Ordo Templi Orientis. O segundo é o Grande Selo dos Estados Unidos, documentos Illuminati e vários edifícios maçônicos. O terceiro aparece em todas as Lojas Maçônicas. Outras formas são usadas por budistas vietnamitas, teosofistas, rosacruceanos, etc.*

trica de Crowley\* e a psicologia bioenergética de Reich; o Cético compreendeu, então, que as energias “astrais” usadas na magia crowleyana eram o mesmo fenômeno da “energia orgânica” usada na terapia de Reich. Logo procurei me informar sobre os livros, ainda em impressão, de Crowley e comecei a corresponder-me com o Dr. Regardie.

Ao mesmo tempo, comecei a experimentar os métodos de treinamento em magia, constantes dos livros de Crowley. Muitos desses exercícios eram francamente emprestados do Hatha Yoga, do qual eu tinha alguma experiência; alguns eram similares aos métodos dos xamãs tribais, como Dom Juan Matus, cujo treinamento do antropólogo Carlos Castañeda está repleto de técnicas de Crowley; outros vieram do tantra tibetano e indiano, a arte de tornar o êxtase sexual uma mística expansão da mente.

Crowley nunca se refere diretamente a essas práticas tântricas em seus livros, só indiretamente e por meio de códigos, trocadilhos, metásteses, acrósticos e simbolismo obscuro. Comecei a entendê-lo, como mencionei anteriormente, ao ler o Capítulo 69 de *The Book of Lies*, que também é conhecido como “The Way to Succeed and The Way to Suck Eggs”. Como é próprio de Crowley, o número do capítulo relaciona-se com o assunto (geralmente de maneira cabalística, mas nesse caso por gíria sexual). O título é um trocadilho típico de Crowley (a forma de chupar *sêmen...*). O capítulo descreve a descida da pomba em Pentecostes, chamada de “O Dom das Línguas” pelos teólogos cristãos, mas também pode ser lido como uma descrição de Crowley e de sua amante (chamada de Laylah no texto) fazendo sexo oral. Crowley dizia que o sexo oral podia ser um método de meditação.<sup>26</sup>

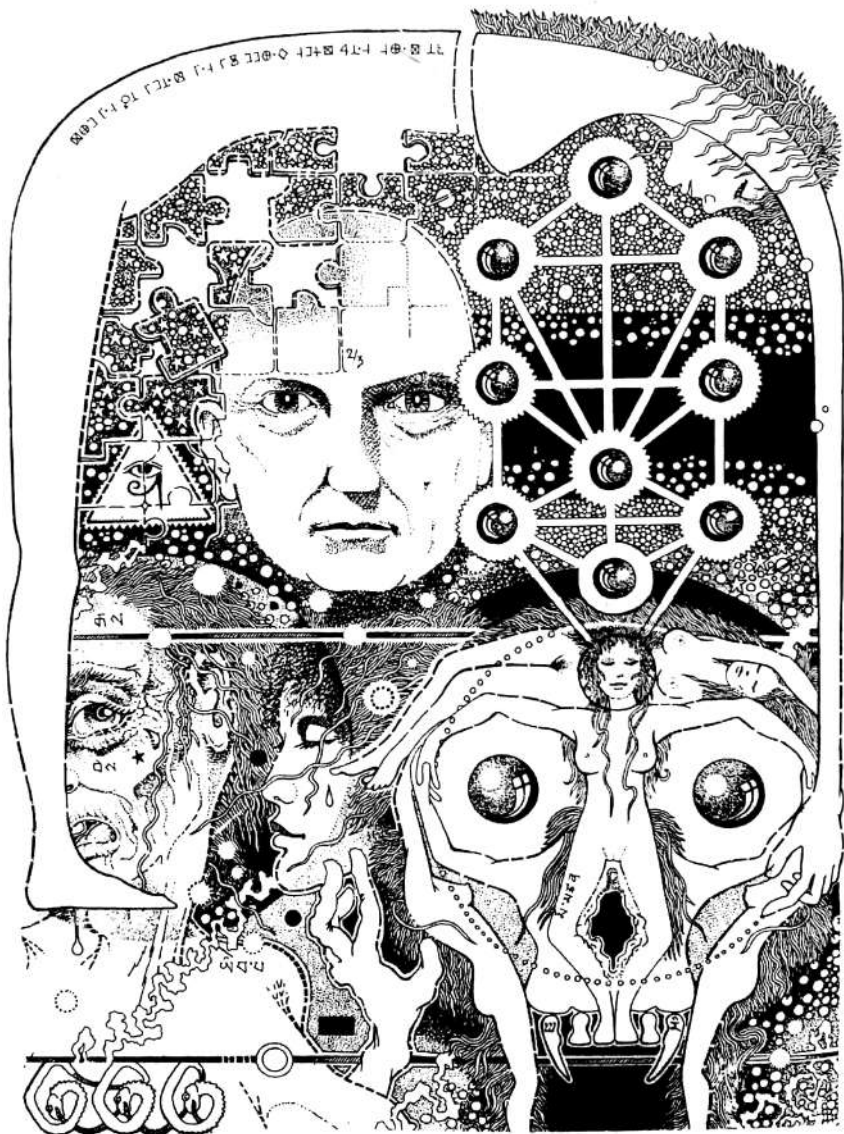
Uma vez entendida a mensagem, uma procura maior mostrou que outros capítulos descreviam mais atos sexuais como formas de meditação. A mesma técnica aparece outra vez e mais outra, em quase todos os livros de Crowley.\*\*

A idéia implicada no sexo sacramental tântrico (ou na magia do sexo, como também é chamado) é que a retenção do orgasmo normal por meio de diversas posições, meditações, encantamentos e, principalmente, orações leva à produção eventual de um novo tipo de orgasmo — o orgasmo polifásico, como o chama Leary. “A Ascensão da Serpente” é a metáfora hindu tradicional para essa explosão neurológica. A experiência é como o

\*N. do E.: Escrita de Crowley. (O *k* é para estabelecer a distinção entre o “estágio mágico” normal ou conjuração.

26. *The Book of Lies*, *op. cit.*, pp 148-49. O livro como um todo é a história de um caso de amor de Crowley com a amante e, ao mesmo tempo, um comentário acerca da Árvore da Vida Cabalista. Como Joyce, Crowley gostava de juntar sete níveis de significado em uma só frase.

\*\*N. do E.: Apesar de ter conseguido esse conhecimento por intuição, você pode ter uma opinião diferente. Louis Culling, um discípulo de Crowley, descreveu os métodos tântricos de Crowley sem códigos ou ambigüidades em *A Manual of Sex Magick*, 1972.



Aleister Crowley, a Grande Besta 666.

óxido nitroso, pois parece condensar, em poucos minutos, uma viagem induzida por LSD, assim como a prolongada hatha yoga parece produzir uma alteração permanente na neurofisiologia. Na terminologia de Leary, essa mutação tântrica proporciona um quinto circuito neurológico — quando a maioria dos seres humanos possui só quatro —, que pode impulsioná-lo mais à frente para circuitos até mais altos.

É claro que a marijuana também o coloca no quinto circuito — êxtase do cérebro direito —, mas só temporariamente. Esse era um dos ensinamentos secretos de Crowley — transmitido só verbalmente aos estudantes comprometidos — de que a combinação de marijuana + tantra era a chave de uma mutação rápida para um circuito estático.

Ocorreu-me que, finalmente, eu estava com o segredo dos Illuminati. Eles não eram a fantasia de paranóicos da ala direita. “Os Illuminati” era um dos nomes de um movimento místico clandestino que fazia uso da yoga sexual no mundo ocidental. Os véus da escuridão e do mistério, envolvendo personagens como Giordano Bruno, John Dee, Cagliostro, os rosacrucianos originais (século XVII), o próprio Crowley e outras figuras-chave da “conspiração”, nada tinham a ver com políticas ou planos de governar o mundo. Era uma maneira de se protegerem da perseguição da Santa Inquisição dos séculos passados e da polícia puritana dos nossos tempos.

Esse padrão histórico de perseguição e de ocultação confundiu tremendamente a transmissão. Alguns dos grupos denominados “Os Illuminati” não possuíam esse segredo específico em seu vocabulário de programação mental. Outros grupos, sem serem “Os Illuminati”, possuíam-no para confundir as coisas ainda mais (por exemplo, os irmãos e as irmãs do Espírito Livre, grupo ao qual pertencia Hieronymus Bosch e que influenciou grandemente suas pinturas, tinham o segredo, assim como algumas ordens rosicrucianas e maçônicas, mas não todas). Fiz o que pude para clarear a imagem histórica em outro livro.<sup>27</sup>

Resumidamente, o sistema de Crowley é a síntese de três elementos:

1. Ocultismo ocidental. O ensinamento secreto dos “iluminados, do rosacrucianismo do século XIX e, possivelmente antes, por intermédio das sociedades de magia da Renascença, da bruxaria medieval, dos Cavaleiros Templários, dos Sufis Europeus, etc., até o gnosticismo e, ainda mais anterior, possivelmente dos Mistérios Eleusínicos e dos cultos egípcios. Basicamente, como atesta Crowley, esse método consiste de perigosas “experiências fisiológicas” — usando rituais, às vezes drogas, outras vezes sexo, para impulsionar o sistema nervoso a um funcionamento “mais alto” (novos circuitos neurológicos).

27. *Sex and Drugs*, op. cit., pp. 77-92, 110-42. Vejam também *Book of the Breast*, Nova Iorque: Playboy Press, 1976, pp. 97-131.

2. Yoga oriental, inclusive meditação com exercícios físicos para tornar a meditação mais fácil e natural. Esse é um outro sistema para ativar circuitos mais altos.
3. Método científico moderno. Crowley ensinou a manter um ceticismo total a respeito de todos os resultados obtidos, a manter arquivos objetivos e cuidados a cada “experiência” e a manter uma análise filosófica neutra após cada estágio de percepção aumentada.

É essa síntese das tradições ocultas orientais e ocidentais, junto com o método científico moderno, que provavelmente é a maior realização de Crowley. Sua filosofia notoriamente anticristã — uma mistura de super-homem de Nietzsche e de darwinismo anarco-fascista — é bem distinta de sua metodologia. Se você gosta dessa filosofia ou não (o Libertário não gosta), você ainda pode fazer uso da metodologia de pesquisa idealizada por Crowley.



## Um Sinal Discordiano do Falecido Aldous Huxley

À medida que Shea e eu prosseguíamos com o trabalho de *Illuminatus*, o Materialista começou suas primeiras experiências usando as técnicas de Crowley de mutação de consciência.

Em uma determinada experiência, eliminei o uso da palavra “eu” de minha conversação, durante uma semana. Aleister, o Louco, recomendou o que Skinner mais tarde denominou de “reforço negativo” em casos de recaída; ele violentamente se cortava com uma navalha todas as vezes que se esquecia e voltava a pronunciar “eu” numa conversa. O seu menos corajoso narrador planejou um controle menos heróico: mordida com força o seu polegar a cada escorregadela. No quarto dia, o meu polegar estava todo inchado e dolorido, mas muito mais dolorido estava o meu ego. A subjetividade e a auto-centralidade da consciência normal humana era muito óbvia para mim. No sétimo dia, adentrei um estado alterado de consciência e considerei o ego como uma espécie de ficção inconveniente.

Em outra experiência, o Xamã comprou um baralho de tarô, anunciou que tinha poderes psíquicos e começou a fazer adivinhações. Isso rapidamente me forçou a usar partes de meu cérebro normalmente fora de uso e tornei-me ciente das funções neurológicas crescendo de maneira impressionante. Obviamente, nesse caso, eu estava no trajeto de colisão direta com a parede de tijolos do meu impregnado ceticismo e foi, somente dois anos mais tarde, que algo de natureza realmente mais dramática aconte-

ceu. Nesse meio-tempo, fiquei alerta a todos os tipos de sinais anteriormente invisíveis e minha empatia com outros sinais se intensificava. Também aprendi muito sobre como é fácil enganar aqueles que *querem* acreditar, o que mostrou, também, como era fácil eu mesmo ser enganado se eu *quisse* acreditar.

O Xamã também experimentou extensivamente os métodos de Crowley no alcance e na transcendência de visões religiosas. Esses métodos baseiam-se na yoga bhakti hindu e nos *exercícios espirituais* de Santo Ignácio de Loyola, com uma típica diferença crowleyana. Na yoga bhakti, forma-se uma conexão de amor com uma divindade em particular, dedicando cada momento a ela (ou ele) e invocando aquele ser divino mediante qualquer método possível, especialmente a *viva imaginação visual*. O método de Loyola é similar, só que você não tem a escolha das divindades para invocar. A diferença do método de Crowley é que nele você se mantém nesse estado até experimentar uma manifestação verdadeira do deus (no jargão ufológico, um contato) e, então, *parar imediatamente* e recomeçar com a escolha de outra divindade. Depois de passar por três ou quatro deuses nesse exercício, você compreenderá o burrico de Nasrudin (o neuroprogramador) e será cada vez mais cético a respeito dos mapas-realidade de todos, inclusive do seu.

Os outros exercícios de Crowley, experimentados pelo autor, não estão descritos aqui por serem perigosos demais para pessoas inexperientes e comuns. Crowley sempre insistiu em que ninguém deveria experimentar suas técnicas mais avançadas sem (a) ter uma saúde excelente, (b) ser competente em, pelo menos, uma habilidade atlética, (c) ter capacidade de realizar experiências precisas em, pelo menos, uma ciência, (d) ter um conhecimento generalizado de diversas ciências, (e) ter capacidade de passar em um exame de lógica formal e (f) ter capacidade de passar em um exame de história da filosofia, inclusive idealismo, materialismo, racionalismo, espiritualismo, teologia comparativa, etc. Sem esse tipo de conhecimento geral, de autoconfiança e de pensamento independente, conseguido através de todo esse estudo, a investigação da magia simplesmente explodiria sua mente. Como disse Brad Steiger, os asilos de loucos estão cheios de pessoas que ingenuamente se propuseram a estudar o oculto, antes mesmo de ter competência real para lidar com o ordinário (o dia a dia).

Os primeiros resultados, obtidos pelo autor, com as experiências de Crowley fizeram com que seu ceticismo aumentasse ainda mais — a ponto de, finalmente, tornar-se cético do próprio ceticismo — e uma habilidade de alcançar o êxtase e entrar em contato com misteriosas “entidades” sem necessidade de drogas psicodélicas fosse desenvolvida.

Coincidências em 23 também começaram a se multiplicar mais rapidamente do que a dívida nacional. Por exemplo, meu primeiro encontro com Malaclypse the Younger (Greg Hill), criador do grande *Principia Discordia*, ocorreu no dia 23 de abril e, enquanto discutíamos a coincidência,

cia, um vidraceiro que consertava uma janela quebrada do apartamento apresentou a sua fatura. O número da fatura era 05675 ( $5+6+7+5 = 23$ ) e o valor era US\$7,88 ( $7+8+8 = 23$ ). Para comemorar essa tríplice coincidência, reajustamos a cronologia para que *Illuminatus* começasse em 23 de abril.

Os 23 acumulavam-se mais rapidamente. Pela primeira vez, o Xamã começou a se perguntar se isso era provocado pelo meta-programador (percepção seletiva) ou se havia nisso um elemento de psicocinese. Era possível alguém inconscientemente o provocar, da mesma forma que uma “criança poltergeist” movimentava objetos à sua volta? Ainda não poderíamos levar a segunda hipótese a sério, mas o fato de alguém perguntar a respeito dessa possibilidade indicava o rumo que as experiências estavam tomando.

E então acontece a sincronicidade de Huxley.

Estava lendo o livro *This Timeless Moment*, de Laura Archera Huxley, e chegava ao último capítulo com as tentativas de Laura para se comunicar com Aldous, depois de sua morte. Quanto a essa possibilidade, eu era (e continuo sendo) um cínico um tanto duro; sei demais a respeito de como os médiuns operam. Nesse caso, Laura conseguia seus resultados por intermédio de Keith Milton Rinehart, um médium credenciado em testes científicos. Rinehart disse a Laura que Aldous queria transmitir uma “clássica evidência de sobrevivência” que, em parapsicologia, significa algo *que não podia ser explicado* pela teoria alternativa de PES (Pesquisa Extra-Sensorial) — ou seja, a possibilidade de Rinehart ler a mente de Laura. Depois de algum tempo, ele anunciou ter uma forma: Laura devia dirigir-se ao estúdio particular de Aldous, onde ela dificilmente entrava, e ali apanhar o quinto livro, que ela não havia lido, de uma certa prateleira. Rinehart disse que a mensagem se encontrava na *linha 23* da página 17.

Ao ler isso, o Numerologista arregalou os olhos.

Laura buscou o livro e, de fato, era um livro que não havia lido — uma coleção de ensaios sobre escritores modernos. Na linha 23 da página 17 ela encontrou:

Aldous Huxley não nos surpreende nessa comunicação admirável, em que o paradoxo e a erudição, no sentido poético e no sentido do humor, entrelaçam-se de forma tão eficaz.<sup>28</sup>



28. *This Timeless Moment*, de Laura Archera Huxley, Millbrae, Cal.: Celestial Arts, 1975, p. 236. A frase foi encontrada em um livro de crítica literária, *Coloquio de Buenos Aires*, editado e publicado por P.E.N. Clube da Argentina.

## A Teia

Devo admitir que alguns pensamentos assustadores passaram pela minha cabeça ao ler aquela frase tão maravilhosamente redigida e, de certa forma, transmitida por intermédio de Keith Milton Rinehart em sua tentativa de captar um sinal do falecido Aldous Huxley.

Entre outras coisas, o Xamã ponderou, por um momento muito louco, se todo o enigma 23 não seria uma conspiração astral de Aldous e de outros sábios engraçados para produzir, durante décadas, evidência cumulativa de que eles estavam de fato vivos apesar de mortos e ainda se comunicando conosco.

O decidido antiespiritualista não precisa se retirar neste ponto ou jogar o livro fora, afinal era só um pensamento fugaz.

E o *mistério 23* havia de tornar-se mais misterioso ainda alguns anos mais tarde, como veremos.

Entretanto, a complexidade da malha da sincronicidade (a “Teia” de Jano Watts) parecia gradativamente se aclarar. O primeiro livro de Huxley acerca dos psicodélicos mediante uma revisão do historiador conservador Russell Kirk originalmente atraiu o meu interesse na neuroprogramação química. Aldous era amigo pessoal de Jano e de Alan Watts, bem como de Tim Leary. Ele faleceu no mesmo dia em que John F. Kennedy foi assassinado. Kerry Thornley, além das baboseiras conspiratórias de Garrison, acreditava ser “o segundo Oswald” e deu o nome a seu filho de Aldous Wilson Thornley — dando prestígio a Aldous e a mim. *E Aldous havia sido originalmente iniciado no peiote em 1929 por Aleister Crowley.*<sup>29</sup>

Lembre-se de que Crowley intitulou-se Epopot dos Illuminati. Sua revista *Equinox* apresentava-se com toda a distinção: “Um Jornal de Iluminismo Científico”.

A Teia sincronizada começou a se assemelhar mais a uma rede de comunicações consciente, quando eu li a autobiografia de Alan Watts, em 1975, e descobri que havia sido iniciado na década de 1930 numa ordem de magia que se utilizava do yoga sexual no estilo de Crowley. Alan descreve seu iniciador como “um guru malandro na tradição de Crowley e de Gurdjieff”, dizendo chamar-se Mitrinovic.<sup>30</sup>

Após a iniciação, Watts tornou-se um padre episcopal por um tempo e esforçou-se para reintroduzir elementos ritualísticos exóticos (magia?) nas cerimônias, tanto que ocasionalmente ele era criticado por isso. Mais tarde, ele deixou a Igreja e tornou-se um divulgador de liderança do Zen-Budismo, Taoísmo e Cristianismo gnóstico. Foi ele que, em 1957, introduziu-me no zen; em 1964, ao Leary e, em 1971, a Crowley.

29. A fonte da viagem, induzida por peiote em 1929, de Huxley com Crowley é o livro *Sexuality, Magic and Perversion*, de Francis King, Nova Iorque: Citadel Press, 1974, p. 118.

30. *In My Own Way*, de Alan Watts, Nova Iorque: Vintage Books, 1973, pp. 141-42.

“Eu não sou um guru, nem um filósofo, nem um professor”, disse-me sinceramente numa ocasião. “Sou um simples apresentador.”

É de se perguntar: *Quem* Alan entretinha? Ele fazia parte de uma Teia de coincidências ou de uma rede de adeptos?

E quem era o misterioso Mitrinovic que iniciara Alan? Ele era um Sufi ou um dos Illuminati — ou seriam os Illuminati uma ramificação europeia dos Sufis?

Essa última teoria — de que os Illuminati *são* Sufis — foi relatada como sendo um fato histórico pelo autor Sufi, Idries Shah.<sup>31</sup>

De fato, Shah vai além e diz que os Illuminati originalmente faziam parte de uma seita Sufi que descobrira o segredo dos segredos, codificado no famoso verso “Lâmpada e Luz” do *Alcorão*, que eles interpretam simbolicamente. O verso é:

Allah é a Luz dos céus e da Terra.

Sua Luz assemelha-se a uma lâmpada em um nicho.

A lâmpada está dentro de um cristal, *como uma estrela brilhante.*

(*Itálicos adicionados.*)

Aleister Crowley também se referiu aos *Illuminati* como *Astrum Argentum* ou (Ordem da) Estrela de Prata. Logo encontraremos motivos para pensar que podemos identificar a estrela referida no texto, nos dois casos.



## A Dama de Guadalupe

Em 1971, demiti-me da *Playboy* porque fazer a mesma coisa todos os dias, cinco dias por semana, 50 semanas por ano, torna-se bem aborrecedor, não importa quão interessante o trabalho intrinsecamente seja. Depois de cinco anos, mesmo com um salário de US\$20.000 por ano, você acaba se tornando um zumbi se não procurar mudança e aventura.

É óbvio que a única razão pela qual a maioria das pessoas permanece no mesmo emprego, mesmas cidades, mesmos sistemas de crença, ano após ano, década após década, é aquele condicionamento cultural típico de cada tribo, um processo de estreitamento gradativo do túnel-realidade. A forma de se manter jovem (comparativamente; até que a pílula da longevidade seja descoberta) é dar um salto quântico de vez em quando e desembarcar em uma nova matriz-realidade.

31. *The Sufis*, de Idries Shah, Londres: Jonathan Cape, 1969, pp. 244-48, 380-81. Idries Shah também une o Sufismo à Maçonaria; a *Ordo Templi Orientis*, de Crowley, afirma que segue a tradição dos Templários, que possui o segredo perdido de outros grupos maçônicos (inclusive a misteriosa palavra Maçon) e foi fundada por um Sufi, Mansur el Hallaj.

No meu salto, fui parar em San Miguel de Allende, uma cidade nas montanhas ao norte da Cidade do México, declarada monumento nacional pelo governo e deliberadamente mantida como estava na época da Revolução de 1810.

Mas é claro que não é fácil escapar dos Illuminati. Logo descobri que Padre Hidalgo, que começara a rebelião de 1810, em San Miguel, era tanto maçom como jesuíta — a Igreja não havia proscrito a Maçonaria naquela época — e havia decorado diversas igrejas da área com o desenho do *olho no triângulo*.

Interessei-me por Padre Hidalgo, que gostava de citar Voltaire, o herético, e gostava de usar o *slogan* “Viva Nossa Senhora de Guadalupe e morra o mau governo”. Oficialmente, acredita-se que a Dama de Guadalupe seja a Virgem Maria, mas muitos arqueólogos céticos consideram-na como uma antiga deusa asteca, um tanto disfarçada (assim como a Santa Brígida é considerada a antiga deusa celta, Brigit, com outros trajes). Ela tem mais milagres a seu favor do que qualquer outra manifestação da Virgem Maria; Jacques Vallee descobriu numerosos paralelos entre ela e a moderna Dama do Espaço, que apareceu a muitas crianças contatadas em anos recentes. Mais recentemente, nos anos de 1920, um anarquista tentou destruir sua pintura sagrada, em sua basílica, nos arredores da Cidade do México, jogando-lhe uma bomba. Tudo em volta da imagem foi danificado, mas a pintura em si, “milagrosamente”, sobreviveu. Pelo menos assim declara a Igreja.

Neste ponto, o Xamã mantinha um bom contato “astral” com Nuit, a deusa egípcia das estrelas, por meio dos métodos crowleyanos de invocação (e, seguindo a ordem formal de Crowley em não atribuir “realidade objetiva ou validade filosófica” a qualquer comunicação assim recebida). Ele ainda não sabia que Nuit era relacionada principalmente à Sírius pelos egípcios, mas sabia de Frazer e de outros antropólogos, assim como dos livros de Carl Jung, que Nuit e a Virgem Maria eram o mesmo arquétipo com nomes diferentes. Começou a se dirigir a ela como Nossa Senhora de Guadalupe e tentou sintonizar o seu relacionamento com o Padre Hidalgo.

Durante uma viagem astral, ela informou ao Xamã inquisidor que o havia curado da poliomielite quando criança.

Procurando verificar isso com sua mãe, o Cético descobriu que, realmente, sua mãe havia oferecido várias devoções à Virgem naquele tempo, pedindo que ela o curasse. Oficialmente, ele não foi curado por essas oferendas medievais e supersticiosas; mas a verdade é ainda muito mais curiosa. Eu fui curado pelo método da Irmã Kenny — que na época era chamada de bruxaria e ilusão pela Sociedade Médica Americana. Por sorte ou por coincidência, meus pais encontraram um médico que acreditava na técnica da Irmã Kenny e usava-a quando necessário...\*

\*N. do T.: A maioria das crianças que, nos anos de 1930, tiveram poliomielite, como o autor, e não foram tratadas pelo método Kenny, mas pela terapia ortodoxa da A.M.A., continuam aleijadas. Eu me movimento bem e, só ocasionalmente, uso uma bengala.

Nesse meio-tempo, a luta de Tim Leary para manter-se fora da prisão, que havia começado quando G. Gordon Liddy o prendeu pela primeira vez, em 1964, finalmente chegava a um fim inevitável. Dr. Leary foi encarcerado em 27 de janeiro de 1970. Nove meses mais tarde — poucas semanas antes de seu quinquagésimo aniversário e já avô —, Timothy justificou sua imagem de “cultura-jovem” escalando uma parede de quase 20 metros e fugindo para a liberdade. Ele deixou para trás uma nota piedosa para o pessoal da prisão:

Em nome do Pai, da Mãe e do Espírito Santo — Ó, guardas — Eu saio agora para a liberdade. Eu rezo para que vocês se libertem. Manter um homem em cativeiro é um crime contra a humanidade e um pecado contra Deus. Ó guardas, vocês são criminosos e pecadores. Soltem-se. Sejam livres. — Amém.

Em poucos meses, Tim foi preso novamente pelo Bando da Pantera Negra, na Argélia. Uma segunda fuga levou-o à Suíça e a um novo encarceramento. O caminho para a liberdade começava a parecer estéril. Mas, então, por meio de uma campanha propagandista idealizada por intelectuais americanos, liderada pelo escritor de peças de teatro Arthur Miller e o poeta Allen Ginsberg, o governo suíço soltou Timothy, permitindo sua permanência no território e recusando sua extradição para a Califórnia. Ele foi o primeiro cientista, desde Kropotkin, a conseguir uma fuga da tirania em estilo e manter-se livre.

Nessa época, ainda estávamos no México e eu estava escrevendo dois livros, sob contrato, para a *Playboy Press*. A família toda comemorou o feito: apesar de Nixon, Kent State, Camboja, Vietnã e todo o resto, Tim Leary estava livre e ainda parecia haver esperança para este planeta retrógrado.

A família inteira do Xamã agora se envolvia em yoga e magia; o mundo da bizzaria é um lugar comum. Durante a estada no México, um dia, enquanto o Autor meditava, duas de suas filhas atravessaram o quarto sem vê-lo. Todos nós ficamos chocados com o fato na época, apesar de eu achar que não deveria estar literalmente invisível (como alguns dos discípulos de Crowley afirmavam ter acontecido com ele durante meditações pesadas). Por outro lado, tenho quase certeza de que ocorreu uma quietude tão grande, interna e externamente, que eu pude ser ignorado tanto quanto uma cadeira, talvez pelo fato de eu não estar emitindo nenhuma vibração humana.

Mais surpreendente foi um incidente envolvendo minha filha mais jovem, Luna — que desde seu nascimento parecia ser mais intuitiva, ter mais PES e estranhos poderes do que toda a família junta. Luna estava meditando em um quarto, com nosso filho Graham e nossa outra filha Jyoti. De repente, houve uma pancada que despertou Graham e Jyoti de seus tranques. Luna, que se posicionara à direita deles, estava agora repentinamente

no lado esquerdo. Naturalmente, eles entraram no sistema-crença de que Luna havia levitado ou se teletransportara. Luna afirmou não se lembrar de ter-se mexido.

Eu não sei *o que* aconteceu; eu não estava presente. Mas, conversando com Luna a esse respeito, ela me disse: “Você acredita em percepções extra-sensoriais e então elas acontecem ao seu redor. Você não acredita em levitação e então ela não acontece ao seu redor”. Aí ela riu e percebi — não pela primeira nem pela última vez — que Luna, cuja leitura favorita ainda eram os gibis, sabia mais a respeito de algumas coisas do que eu.

Continuei com minhas devoções a Nossa Senhora de Guadalupe, encantado por poder voltar a fazer o papel de católico (que havia abandonado, com grande indignação, aos 14 anos, quando começou a conflitar com os meus desejos sexuais), mas agora, enfrentando-o com seriedade. Era somente um túnel-realidade e, com os meta-programas (invocações), eu podia facilmente mudar de canal e sintonizar-me a um deus-sistema egípcio ou ao sistema budista. Eu podia também analisar todos eles de um ponto externo, penetrando novamente no científico sistema materialista.

A sincronicidade apareceu novamente. Um dia, na biblioteca de San Miguel, encontrei uma senhora que também era obcecada por “Nuestra Señora de Guadalupe”, apesar de não ser católica. Ela estava escrevendo um livro sobre seus milagres e esperava provar que a Senhora era, na realidade, uma extraterrestre. Nunca mais ouvi falar dessa mulher nem de seu livro, mas a mesma idéia apareceu em um dos mais influentes livros da liberdade feminina da década, *The First Sex*, de Elizabeth Gould Davis. Ele é agora um artigo de fé de algumas bruxas feministas galesas, conhecidas na época em que me mudei para a Califórnia.



## A Ascensão de Sírius

Em seu livro acerca do paranormal israelita Uri Geller, Dr. Andrija Puharich, um neurologista de certa reputação profissional, que provavelmente não queira destruí-la publicando falsidades, afirma que tanto ele quanto Uri Geller receberam freqüentes comunicações de extraterrestres.<sup>32</sup> A comunidade de intelectuais sugere publicamente que o Dr. Puharich “saiu fora de órbita”.

32. *Uri*, de Andrija Puharich, Nova Iorque: Bantam, 1974. As comunicações extraterrestres ocorrem em quase todos os capítulos.

Dr. John Lilly, um psicanalista conhecido internacionalmente, neuroanatomista, ciberneticista, matemático e especialista em golfinhos, discretamente sugere que ele também recebeu tais comunicações. A academia, aliviada pelo fato de o Dr. Lilly haver simplesmente sugerido, sem nenhuma afirmação, ignora satisfeita a potencial abertura.<sup>33</sup>

Em 1973, Dr. Timothy Leary confirmou a existência de telepatia interestelar,<sup>34</sup> mas como se encontrava em desgraça e na prisão, ninguém lhe deu importância.

R. Buckminster Fuller, o mais renomado cientista filósofo vivo, foi o segundo a declarar que, em algumas ocasiões, ele pensou ter recebido mensagens de telepatas interestelares.<sup>35</sup> Apesar do seu *status* mundial, essa viagem parece ter sido totalmente ignorada.

Mais recentemente, o físico Dr. Jack Sarfatti descreveu seus *flashes* extraterrestres em um artigo da revista *City*, de San Francisco,<sup>36</sup> mas ninguém lhe deu atenção. Qualquer vendedor ou policial que passasse por uma tal experiência seria imediatamente entrevistado e até levado para a televisão, mas parece que ninguém quer ouvir tais notícias vindas de observadores científicos treinados. Seria porque temos receio de não poder descartá-las como loucas, tão facilmente como faríamos com pessoas comuns?

Suponhamos que eu lhes dissesse que *mais de 100 cientistas* nos Estados Unidos já passaram por essa experiência. Esse número foi fornecido por Saul-Paul Sirag e ele afirma que, por enquanto, a maioria desses cientistas só discute o assunto com colegas de confiança, mas que, ultimamente, um número cada vez maior está considerando a possibilidade de “sair da toca” e começar a falar publicamente.

Sirag acrescenta que muitos cientistas não acreditam mais que a experiência seja literalmente extraterrestre, apesar de ser um dos modelos preferidos para descrevê-la.

Deixem-me registrar minhas próprias experiências desde o começo. Tentem estar “abertos” quanto à possibilidade de que eu não seja louco. Os dados desenvolveram-se gradativamente durante anos, começando com a “sincronicidade” jungiana, depois PES e depois... algo mais.

Por exemplo, no verão de 1972, durante uma visita a Yellow Springs, Ohio — a cidade onde tentei ser um agricultor por três anos, no começo

33. *The Center of the Cyclone*, de John Lilly, M.D., Nova Iorque: Bantam, 1972, pp. 23-25, 37, 231.

34. *Terra II*, de Timothy Leary e L. Wayne Benner, San Francisco: Imprinting Press, 1973. Capítulo 19.

35. *Intuition*, de R. Buckminster Fuller, Anchor Books, Nova Iorque: Garden City, 1973, pp. 159-65, 167-70.

36. “Faster than a Speeding Photon”, *City* (San Francisco) de 7 de outubro de 1975.



Dr. Timothy Leary, que recebeu os sinais da semente estelar durante os dias de cão, quando Wilson estava recebendo as transmissões de Sírius.

dos anos 60 —, eu estava jogando o Tarô para minha filha Karuna. Até hoje, todas as leituras de tarô, por mais agradáveis que fossem para os meus sujeitos, haviam sido inconcludentes para o Cético; cada acerto podia ser interpretado como intuição, leitura subliminar dos sinais corporais do sujeito ou simplesmente pura sorte na adivinhação. Desta vez, o oráculo disse a Karuna — algo que a surpreendeu pela audácia — que Roy, seu ex-namorado, entraria em contato com ela de repente (havia um ano que ela não o via). Na manhã seguinte, o telefone tocou e o Xamã disse, imediatamente, surpreso com sua autoconfiança: “É o Roy”. E, de fato, era.

Uma agradável coincidência? O meu diário de magia (Crowley insiste na manutenção de registros de todas as experiências) logo foi crescendo com esses tipos de “acertos”, anotados semanalmente. O oráculo também desenvolveu o que os oculistas chamam de “certeza interna”, isto é, eu *sabia* quando essa faculdade estava agindo e era confiável. Esse sentido de estar sintonizado é *tão precisamente específico* quanto o conhecimento interno de que estamos com náuseas a ponto de vomitar, ou de estarmos a ponto de nos resfriarmos, ou ainda de que estamos nos aproximando do ponto de ejaculação... Sinais inconfundíveis.

Em 18 de janeiro de 1973, dia de meu 41.º aniversário, voltamos a viver na fazenda. Karuna, nossa filha mais velha, informou-nos naquela manhã que, além de o Sol encontrar-se em Capricórnio (o meu signo), a Lua estava em Câncer (o signo de minha esposa). Apesar de ser extremamente cético quanto à Astrologia, decidi manter registros de qualquer acontecimento significativo do dia. Poucas horas depois de acordarmos, ouvimos pelo rádio que Tim Leary (quase dois anos depois de fugir da prisão) havia sido seqüestrado no Afeganistão por agentes americanos. Fiquei muito deprimido e soube, pela primeira vez, quanto me preocupava com aquele brilhante, mas incauto, homem, com quem me encontrei menos de uma dúzia de vezes em toda uma década. Mais tarde, Luna, nossa filha mais jovem, menstruou pela primeira vez. “O sangue do cordeiro”, pensei, perguntando-me como Carl Jung interpretaria esse conjunto de sincronicidades.

Na tarde do mesmo dia, ainda deprimido com o caso de Leary, Arlen e eu caminhávamos pelo bosque atrás da fazenda. De repente, tive um *flash* e vi Tim sorrindo maliciosamente. (“Eles o colocarão em segurança máxima agora”, dizia Arlen. “Provavelmente cometerá suicídio dentro de um ano.”) O sorriso de Tim tornou-se mais malicioso ainda.

“Não”, disse o Oráculo alegremente. “Nós o veremos em uma foto com aquele seu sorriso brilhando de novo.” Eu estava convencido por completo, pré-cognitivamente, de que as pesquisas neurológicas haviam levado Leary ao ponto onde ele tinha controle sobre os programas emocionais, e que poderia transcender qualquer tipo de sofrimento. E realmente “vi” a foto de Tim algemado, mas sorrindo.

Algumas horas mais tarde, entrávamos numa pizzaria em Mendocino para comemorar o meu aniversário. No caminho, compramos o jornal da noite e ali, na primeira página, estava o sorriso de Leary... e com as algemas.

Em 6 de junho de 1973 (seis meses após essa experiência), o Neurologista fez uma viagem programada com algo que um alquimista clandestino lhe dissera ser LSD. O programa era composto basicamente de duas partes: eu fiquei em um quarto escuro, deitado e de olhos fechados. A primeira parte consistia em ouvir a gravação da fita "Crenças Sem Limites" (hipnótica), do Dr. John Lilly; isso era repetido várias vezes no período das três primeiras horas da experiência. Durante a quarta e a quinta hora, uma fita de invocação do Sagrado Anjo da Guarda, de Aleister Crowley, era tocada.

A fita de Lilly repete, continuamente, que não há limites para a sua mente e que qualquer coisa que você possa *imaginar*, você pode fazer. A fita tem seu grande valor na quebra de nossas expectativas condicionadas a respeito da fronteira entre o possível e o impossível.

A fita, deliberadamente, incentiva a ingenuidade, mas é razoavelmente fácil restabelecer o ceticismo científico sobre os resultados obtidos *depois* que a experiência termina. Ceticismo *durante* a experiência previne quaisquer resultados interessantes.

Honestamente, a invocação de Crowley parece uma baboseira pretensiosa se for lida em silêncio. Contudo, em voz alta, ela vibra, suspira e canta com poder misterioso. Ela programa o xamã a visualizar, alternativamente, o "Sagrado Anjo da Guarda" como uma ligação fálica solar de energia incrível, tal como uma erótica deusa sexual, como a grande besta selvagem Pan, como um espírito-mãe verde e terrestre e, finalmente, como um vácuo total no coração de todas as coisas.

O Xamã fez uma revisão dos arquétipos de Jung, fortemente influenciado pelas imagens provocadas pela invocação de Crowley, mas ainda assim, com aquela peculiar qualidade de realidade externa e de *inteligência alienígena* enfatizada por Jung em suas discussões sobre os arquétipos. Também "passei" por várias "vidas passadas" — inclusive detalhes adicionais a respeito de uma "vida passada" como Grão-Mestre dos Illuminati bávaros, anteriormente descoberta sob hipnose dirigida por Jack Rowan, um hipnotizador de Nova Iorque; e também vidas de santos sufis, vidas de bruxas medievais e, finalmente, uma série de "memórias" de existências animais. Fui uma criatura-macaco, um roedor, um verme, um inseto, um peixe. Experimentei uma série de mortes e renascimentos como animal, humano, vácuo, estrela, inteligência molecular vibrando através do tempo e, no auge, como união de Shiva e Kali, deuses gêmeos ligados em orgasmos eternos, de acordo com o hinduísmo bengali. O Neurologista viu e compreendeu bem distintamente que Shiva também era Brahma, Jeová, Pan, etc., enquanto Kali também era Nuit, Afrodite, a Santa Virgem Maria, etc. O universo era experimentado como a incorporação *viva* desse par divino e não como uma máquina morta.

O Yogi entrou em Samadhi e acreditou finalmente que a sabedoria do adepto está além do flutuante êxtase corporal conseguido pela hatha yoga. Baseado na *compreensão* e na *participação* deste e neste planeta de consciência, Samadhi abre a memória neuroatômica que está em todos os seres vivos e nessa dançante energia quântica, erroneamente chamada de “matéria morta”.

O Místico compreendeu a insistência de Gandi: “Deus está na pedra, também — *na pedra!*”. Caramba, *eu* estava na pedra com Deus.

O Poeta apreciou o paradoxo de Eckhart: “Quebre um pedaço de madeira e Cristo está lá também!”.

O Xamã riu alegremente da maliciosa seriedade de Crowley dizendo a um discípulo, Frank Bennett, que o Sagrado Anjo da Guarda, invocado nesse ritual, é meramente “nossa própria inconsciência”; no entanto, estava dizendo para um outro discípulo, Jane Wolf, que o Sagrado Anjo da Guarda é “um ser separado da inteligência super-humana”. Ele é os dois e, ao mesmo tempo, é o “não-nascido”, como os sacerdotes egípcios diziam. O Satirista apreciava ainda mais a palestra engraçada de Crowley, “Magia na Teoria e na Prática”, na qual ele fala de yoga sexual (codificada como sempre) como uma forma de sacrifício e diz que, assim, ele sacrificou “uma criança macho de inocência perfeita e altamente inteligente” 150 vezes por ano desde 1912. O sacrifício em yoga sexual é o sêmen, que é verdadeiramente uma “criança macho” e realmente contém no código do DNA uma *inteligência muito alta*: a impressão genética do planeta Terra.

O Robô cambaleou em glória para a sua mesa e datilografou: “Poucos de nossos ancestrais foram damas e cavalheiros perfeitos. A maioria sequer foi mamífera e se parecia com jacarés ou monstros de gila”. A paranóia normal de nossa cultura (medo dos animais) nunca mais me incomodou; aproveitei-me de uma impressão pró-vida e hoje brinco com cobras como brinco com cães e com gatos.

O Xamã perdeu totalmente o medo da morte, sabendo que ela é literalmente impossível. Ele compreendeu a sagacidade de Yeats quando escreveu “O homem criou a morte”.

O Cético saiu fora de órbita.

No dia seguinte e nas semanas que se seguiram, minhas meditações de yoga foram largamente enriquecidas e ocasionalmente eu passava dias inteiros consciente das duas mentes pensando, minha mente e a mente “não-nascida”, ou como Suzuki Roshi costumava dizer: “Pequena Mente e Grande Mente”.

Em 22 de julho de 1973 — seis semanas após a viagem —, o Bruxo estava pronto para tentar a viagem novamente, mas sem o suposto LSD (que poderia ter sido mescalina, ou STP, ou PCP, ou qualquer outra coisa). (Meu amigo, mantenha-se LONGE do ácido clandestino. Não deixe que essas experiências o conduzam para fora do caminho. Se você quer fazer experiências perigosas, faça uso de plantas orgânicas — cuja pureza é conhecida —, como o peiote ou o cogumelo chamado psilocibina.)



Capela Perigosa, como a misteriosa entidade chamou "Eu", não pode ser localizada no contínuo tempo-espaco; não tem peso, nem cheiro, nem sabor e não é detectável por instrumentos comuns. De fato, tal como o Ego, é até possível negar que está ali.

*Tudo o que você teme está à sua espera na Capela Perigosa, mas medo é fracasso e o prenúncio de fracasso.*

Desta vez, utilizei-me da fita de Lilly e da invocação de Crowley, mas sem drogas, apenas santos rituais prolongados ou transe sexual tântrico envolvendo a cooperação da mulher mais maravilhosa da galáxia.

Durante as seis semanas, entre as experiências mais importantes, o Investigador se lembra de pensar que o que havia sido sintonizado *não* era a “consciência cósmica”, mas uma espécie de consciência *planetária*; ele queria saber quem definira o termo “consciência cósmica” e qual o seu conteúdo...

Eu me movi no tempo-espaco como um leque, diferentemente do movimento na volta ao passado e da viagem com uso de droga. O Yogi ficou quase consciente de um tipo de rede estelar galáctica, uma inteligência que parecia não estar totalmente formada, mas sempre *evoluindo*. De certo modo, isso ressoou em minha mente como o ensinamento Sufi que diz: “Allah constantemente recria a Si próprio a cada segundo”. A viagem foi cheia de luz e de alegria, a luz branca do vácuo que dá vida, como todos já devem ter ouvido falar, mas indistinta e não totalmente realizada. O Pesquisador simplesmente dormiu, não muito satisfeito.

No dia seguinte, 23 de julho, o Xamã acordou com uma mensagem urgente da Terra dos Sonhos e rapidamente escreveu em seu diário de magia: “Sírius é muito importante”. Havia mais, estava na ponta da língua, mas eu não conseguia lembrar.

Durante a parte da manhã, procurei nos livros de ocultismo referências à Estrela do Cão, Sírius; apesar de meu ceticismo a respeito da Astrologia, presumi que a mensagem-sonho fosse uma pista de que o ciclo Sírius, futuramente, devesse fazer parte de minhas experiências em magia. Para mim, a Astrologia era um conjunto de besteiras, mas estava disposto a dar-lhe uma oportunidade de acordo com o exercício em “Crenças Sem Limites”, do Dr. Lilly.

No livro *Renascer da Magia*, de Kenneth Grant, um dos cinco pretendentes à sucessão de Crowley como líder mundial do Ordo Templi Orientis, eis o que encontrei:

*Fênix* era o nome secreto de Crowley na Ordo Templi Orientis...  
Fênix também era uma antiga constelação da qual Sothis ou Sírius era a estrela chefe...<sup>37</sup>

Em outra passagem, ainda mais interessante, Grant menciona este ponto a respeito de Crowley e de Sírius:

Crowley identificou o coração de sua mágica corrente com uma estrela em particular. Na tradição oculta, trata-se de “o Sol atrás do Sol”, o Deus Oculto, a grande estrela Sírius, ou Sothis...<sup>38</sup>

37. *Renascer da Magia*, de Kenneth Grant, Madras Editora, 1999.

38. *Idem*, p. 50.

Era realmente interessante, sem dúvida, mas como eu havia passado uma vista d'olhos no livro de Grant, isso não *provava* nada. Entretanto, era intrigante. O Cético foi à cidade direto para a biblioteca pública. Imaginem o meu estado mental quando descobri que nesse mesmo dia, no dia 23 de julho, de acordo com a tradição egípcia, a conexão oculta (por meio do hiperespaço?) é mais poderosa entre a Terra e Sírius, dia em que recebi a mensagem "Sírius é muito importante"!

Celebrações em homenagem à Estrela do Cão, Sírius, começando em 23 de julho, são a origem da expressão "dias de cão", que se iniciam em 23 de julho e vão até 8 de setembro, quando são realizados os últimos rituais a Sírius.

O Cético ficou estonteado durante horas depois de ler isso. Era realmente possível... por intermédio da invocação de Crowley, haver sintonizado um canal Terra-Sírius usado por adeptos desde o antigo Egito?

Acredite se quiser, naquele mesmo dia 23 de julho, "eles", ou o que quer que seja, fizeram-me outra surpresa, talvez fosse para confirmar o efeito. Peguei o livro que começara a ler no início da semana, *Tantra: The Yoga of Sex*, de Omar Garrison, e descobri que, conforme os tantristas bengali, há uma diferença de cinco dias entre o ciclo sexual feminino e o masculino: o feminino é de 28 dias e o masculino é de 23.<sup>39</sup>

Quem sabe a minha intuição inconsciente, durante todos esses anos reparando e observando os misteriosos 23, estivesse me preparando para descobrir que o ciclo sexual tântrico masculino é de 23 dias.

Ou talvez estivesse lutando para chegar à sincronicidade da conexão anual Terra-Sírius no dia 23 de julho.

Talvez...



## O Sagrado Anjo Guardião\*

Nunca saberei como o elefante entrou no meu pijama.

Marx, *Animal Crackers*

Assim que eu comecei a perceber o místico 23 como o pivô central tanto da conexão Crowley-Tantra como da conexão Crowley-Sírius, passei a viver em um sistema-crença em que qualquer coisa podia acontecer e provavelmente aconteceria.

("Talvez o segredo final dos Illuminati seja de que você não saiba que é um membro até que seja tarde demais para desistir.")

39. *Tantra: The Yoga of Sex*, de Omar Garrison, Nova Iorque: Avon Books, 1973, pp. 69, 122.

\*N. do T.: Sobre o tema, sugerimos a leitura de *O Anjo Guardião — A Magia Sagrada de AbraMelin, o Mago*, Madras Editora.

Eu examinei novamente as minhas “memórias” de ter participado dos Illuminati no século XVIII. Conforme dados descobertos pelo trabalho do hipnotizador Jack Rowan, em 1971, e, novamente, durante a minha invocação do Sagrado Anjo Guardiã em junho de 1973, eu havia sido um tal de “Hans Zoesser” (1740-1812), Grão-Mestre da Loja de Viena, e participara da iniciação de Thomas Jefferson (um dos presidentes dos Estados Unidos), em Paris. O Cético nem sequer acreditava em reencarnação, mas a armazenagem neural certamente podia lembrar incidentes-chave da vida de Zoesser, assim como qualquer vida passada de “Robert Anton Wilson”.

Seria possível que o propósito desse holograma-coincidência de quarta dimensão fosse que eu entendesse que tanto “Hans Zoesser” quanto “Robert Anton Wilson” eram ficções? Muitas pessoas passaram pela experiência de não saber *quem* eram ou *onde* se encontravam; isso geralmente acontece nos primeiros momentos do despertar, pela manhã. Os Sufis dizem que, naquele instante de microamnésia, você está mais perto da iluminação do que em qualquer outro momento.

Seria essa, afinal, a iluminação dos Illuminati: a experiência do ceticismo levada ao ponto em que ele se elimina e desde que você não possa acreditar em qualquer coisa completamente, você torna-se livre do ceticismo, assim como de qualquer outra filosofia e, finalmente, se abre para pensar o impensável?

Ou o segredo final seria simples e grosseiramente o fato de que há a existência real de um canal PES interestelar com o qual seja possível sintonizar-se pela metaprogramação do sistema nervoso?

Nesse ponto da viagem interna, o Xamã sabe que se encontra longe, bem longe, mergulhado nos labirintos subterrâneos da Capela Perigosa e que o caminho de volta para o robô-realidade da colméia domesticada não será fácil. Ou como um negro drogado disse-me uma vez (referindo-se a um período anterior, quando pretendia ser um moderno jovem branco vadiando no ambiente dos músicos de jazz): “Cara, você só sabe que está frustrado e longe de casa”.

Era necessário realizar algumas experiências para determinar a capacidade de uma comunicação efetiva com a colméia — com aquelas pessoas encerradas dentro do que Blake chamou de “visão única e de sono de Newton”. Quando se estabeleceu que tal comunicação não estava interrompida, o Xamã e o Cético finalmente conferenciaram e decidiram que não estávamos enlouquecendo e, assim, continuavam com a experimentação do oculto. O neuro-metaprogramador adotou uma crença-sistema na qual havia um contato real acontecendo com a Inteligência Superior — isto é, com o extraterrestre de Sírius — ou com o Sagrado Anjo Guardiã — ou com o que quer que fosse...

Algumas das experiências intensificadas eram “meramente subjetivas”, mas também tremendamente importantes para o autor, de forma que nem o Cético admitiria que não fossem patológicas. Por exemplo, numa

certa ocasião, a entidade falou diretamente com uma voz melodiosa e angélica:

Vivem mais felizes aqueles que perdoaram mais.

Deve-se admitir que é até bem banal: todas as religiões mais importantes pregam o perdão. O impressionante era: (a) o momento — naquela mesma semana, o esforçado Escritor estava irritado com alguns editores por causa da lentidão referente aos pagamentos devidos; e (b) a ênfase pragmática engendrada naquele momento, à maneira da filosofia hedônica do Libertário. A voz não dissera: “Perdoe *porque* ‘Deus’ o exige”. Porém disse: “Perdoe e *você* será mais feliz”. O Libertário hedonista tentou e continua tentando: Isso realmente funciona! Quanto menos ressentimentos você abriga, mais feliz será a sua vida. Por que somos tão idiotas a ponto de ignorar essa lição óbvia, que uma pessoa verdadeiramente racional descobre com a idade de oito ou nove anos, se não antes?

Outras experiências eram mais objetivas. Um dia, em 1974, quando outra editora se atrasara com o pagamento, o Xamã decidiu tentar um ritual de magia financeira para fazer com que o cheque chegasse na correspondência da segunda-feira. No auge do ritual, a voz se pronunciou novamente dizendo: “Quinta-feira”. E tive a percepção de visualizar o cheque na caixa do correio. O Cético, imediatamente, comunicou a profecia a Arlen e a dois vizinhos, Charles Hixson e Stephen McAuley, que podem confirmar o fato. O cheque realmente chegou na quinta-feira.

Na maioria das vezes, o Sagrado Anjo Guardião comunicava-se por sincronicidade. Eu olhava para a página 23 de uma nova revista e encontrava ali uma linha que se referia ao sonho da noite anterior. Devo admitir que a maioria dessas mensagens era moralista demais e ingenuamente otimista de acordo com os padrões da nossa época cética, grosseira e desesperadora. Muitas mensagens envolviam os paradoxos do tempo.

Ocasionalmente, o Anjo falaria para fornecer informação bem trivial. Por exemplo, ao me deparar com alguém, o Anjo diria: “Gêmeos”. Para verificar a credibilidade do Anjo, eu perguntava à pessoa: “Você é um geminiano?”. E a resposta seria afirmativa. Esses casos, eu os classificava como se fossem minha mente expandindo seus poderes psíquicos por intermédio da ficção conveniente de uma entidade alienígena. Eu detesto intensamente a demonstração desses poderes a título de exibicionismo.

E, de repente, a entidade voltaria a ser externa e, quando eu estava deprimido ou preocupado, manifestaria mensagens incentivadoras e amorosas, emotivas demais para serem ignoradas. Eu só podia ser-lhe grato, não importava quem fosse.



## Seres de Luz, Cães Falantes, Mais Extraterrestres e Outras Criaturas Estranhas

A entidade ou entidades por mim contatadas, no período de julho de 1973 a outubro de 1974, tinham as características do “ser de luz” descrito por pessoas que foram ressuscitadas depois de uma experiência de quase-morte. Dr. Raymond Moody colecionou 150 casos desse tipo de visão, inclusive a visão por pessoas declaradas “cl clinicamente mortas” durante o intervalo.<sup>40</sup>

Muitos casos demonstraram ser fenômenos paranormais — as pessoas revividas lembravam de fatos que não poderiam ter observado durante o estado de coma ou de morte clínica, inclusive objetos em outros quartos do hospital. Os cristãos geralmente descrevem o “ser de luz” como Jesus, os judeus como “um anjo” e outras pessoas agnosticamente dizem que é um ser iluminado, telepático e *intensamente amoroso*. O autor diz que ele possui todas essas qualidades, além de um peculiar senso de humor. Por exemplo, às vezes, parecia falar tolices (como os alegados extraterrestres encontrados por Uri Geller e o Dr. Puharich). A maioria das tolices dizia respeito ao *tempo*, ao *futuro* e ao *infinito*, três fenômenos sobre os quais todos, inclusive os nossos maiores filósofos, parecem falar tolices. Mas a entidade, intencionalmente, sempre me alertava que deveria compreender melhor o *tempo*.

Muitas vezes, eu tinha a impressão de que a entidade não era totalmente coerente, mas, ao contrário, era a minha própria mente que não conseguia captar o que ela tentava comunicar.

Isso é geralmente típico dos fenômenos fortianos e daqueles ocorridos com óvnis. Vamos exemplificar algumas experiências de outras pessoas:

I. Consideremos o seguinte diálogo esclarecedor entre um Ufonauta e um ser humano:

Ufonauta: Que horas são?

Ser humano: Duas e trinta.

Ufonauta: É mentira. São quatro horas.

Esse incidente ocorreu na França em 1954 e o Óvni acelerou e sumiu logo após o diálogo. O horário era realmente 2h30.<sup>41</sup>

40. “Life After Life”, *Readers Digest*, janeiro de 1977, pp. 192-215.

41. *The Invisible College*, *op. cit.*, p. 26.

Por que o Ufonauta perguntaria o horário se já conhecia a resposta? Por que mentir a esse respeito quando o ser humano tinha um relógio e podia detectar a mentira? Estaríamos sendo invadidos pelo equivalente galáctico dos Irmãos Marx por acaso? E por que aquele coincidente 23 das 2h30? Estaria alguém fazendo uso do Discordianismo Zen para nos iluminar?

II. Um dia, em 1908, um cachorro aproximou-se de dois detetives da polícia numa rua de Pittsburgh e disse educadamente: “Bom dia”. Depois desapareceu num sopro de fumaça verde.<sup>42</sup>

Acompanhando os modelos da moderna cibernética acerca dos processos neurológicos, podemos recontar essa história mais objetivamente, dizendo que *certos sinais* recebidos pelos sistemas nervosos dos detetives foram *organizados por seus metaprogramadores* numa *impressão* de um cachorro dizendo “bom dia” e, em seguida, desaparecendo numa fumaça verde.

Mantendo-nos com a mesma abordagem cibernética, não seria perfeitamente objetivo dizer que você está lendo um livro. Em vez disso, dir-se-ia que *você está recebendo sinais que o seu metaprogramador está organizando na impressão* de que você está lendo um livro.

III. No Brasil, em 1971, dois jovens encontravam-se em um carro quando *tiveram a impressão* de que um ônibus aproximava-se perigosamente atrás deles. E, então, seus metaprogramadores divergiram. Um deles teve a impressão de que um disco voador havia aterrissado. Pensou ter sido levado a bordo e ter feito aquela costureira “viagem a um planeta alienígena”. Em seguida, encontrou-se em pé atrás do carro que alguém estacionara ao lado da estrada. O outro ficou com a impressão de um lapso de memória (ou de um salto no tempo?) e, acordando, simplesmente se encontrou em pé atrás do carro, sem lembrar de quem parara o carro e de quando saíra dele.<sup>43</sup> Existem três modelos para essa experiência:

*Um* — Um disco voador abduziu os dois jovens; após procederem a experiências com eles, usaram uma máquina defeituosa de apagar memórias, pois só obliterou a memória de uma das vítimas.

*Dois* — Havia algum tipo de anormalidade no campo magnético da Terra naquele mesmo ponto em que foi administrado o choque traumático. Uma das vítimas sofreu uma alucinação de estar voando em um disco voador e a outra sofreu um “apagão”.

42. *The Books of Charles Fort*, Nova Iorque: Henry Holt & Co., 1941, pp. 861-862. A fonte de Fort é o livro *New York World*, 27 de julho de 1908.

43. *The Invisible College*, op. cit., pp. 122-23.

Três — “Eles” (os sinistros experimentadores) encontravam-se naquele enigmático ônibus que chegara perigosamente perto, pouco antes do “estupro mental”. “Eles” conectaram os jovens a algum tipo de máquina de “estupro mental” e...

Mais panquecas do espaço...?

Vamos voltar novamente àqueles desafortunados detetives de Pittsburgh e tentar outra coisa: um cientista extraterrestre, com uma parapsicologia só alguns milhões de anos mais à frente que a nossa, enviou um *pensamento-projeção* de um cão falante naquela rua, fazendo-o desaparecer em fumaça verde. Ele queria ver como reagiriam dois detetives treinados quando seus modelos-realidade fossem abruptamente contestados. (Essa brusca contestação do modelo-realidade de uma pessoa é conhecida em Psicologia como *dissonância cognitiva*. As pessoas que a ela se sujeitam tendem a tornarem-se muito flexíveis e agnósticas ou muito rígidas e esquizofrênicas.)

Parafraseando Charles Fort, todos nós gostamos de pensar que somos céticos e difíceis de sermos enrolados, mas se contemplarmos mais alguns cães falantes e histórias de panquecas astrais, o leitor terá dificuldade em resistir a dar uma olhadela à volta da sala para ver qual “entidade” deu entrada ao ambiente nos últimos minutos.



## Semente Estelar

O próximo passo para verificar o que estava errado comigo envolvia Timothy Leary novamente.

Nos meses de julho e agosto de 1973, eu estava praticando uma série de experiências — seguindo a transmissão Sírius — pelas quais eu tentava a projeção astral. Encontrei-me com todos os tipos de entidades estranhas e divertidas em todo tipo de plano astral, mas, em nenhuma dessas experiências, jamais se desenvolveu qualquer tipo de evidência. Entretanto, eu era continuamente interrompido, durante as minhas viagens, por impressões de que Leary estivesse praticando as mesmas experiências em sua cela de Folsom. Eu também tinha visões de que ele estivesse voando acima das paredes da prisão.

Mencionei especificamente essas experiências de contato paranormal com Leary em um artigo sobre tantra yoga, publicado no *Seed* de Chicago, em setembro de 1973.\*

\*N. do T.: Cópias do *Seed* podem ser encontradas na coleção de publicações políticas radicais na Universidade Northwestern, em Evanston, Illinois.

Foi em 1977, *quatro anos mais tarde*, que Lynn Wayne Benner, o amigo mais próximo de Leary, em Folsom, contou-me os acontecimentos daquele agosto de 1973. Conforme Benner, Leary e ele não só estavam praticando as experiências paranormais interestelares descritas adiante, mas também experiências em levitação, nas quais tentaram *voar acima das paredes* de Folsom.

Escrevi para o diretor da prisão de Folsom no final de agosto e pedi permissão para me corresponder com Dr. Leary. A burocracia, sendo o que é, atrasou a permissão por diversas semanas.

Pouco tempo depois dos *flashes* telepáticos com Leary (julho e agosto de 1973), Walter Culpepper, um advogado da P.R.O.B.E. — uma organização criada pelo próprio Leary para abolir as prisões —, conseguiu um *show* beneficente para o Fundo em Defesa de Leary e para a P.R.O.B.E. Dois grupos de *rock* participaram e, em seguida, foi apresentado o filme *Na Prisão de Folsom com Timothy Leary, Ph.D.*, produzido por Joanna Leary.

O filme explodiu a mente do Cético. Timothy veio à tela e, imediatamente, mostrou o seu famoso sorriso paz-amor-felicidade — como se estivesse saudando visitas em sua própria casa. Realmente, ele não parecia nem um pouco um mártir sofredor que alguém pudesse imaginar. Tim sentou-se numa cadeira e respondeu a todas as perguntas do entrevistador de maneira séria e pensativa, afirmando não estar mais interessado em drogas que haviam sido “microscópios” para ele: ferramentas para revelar as possibilidades centrais do sistema nervoso. Ele queria falar de algo mais interessante agora: *O Espaço Exterior*. O entrevistador procurava levá-lo a falar das drogas, mas Leary manobrava-o de volta às dimensões cósmicas.

Comecei a notar algo estranho: Timothy parecia mais jovem do que quando o vi nos anos de 1960.

Tim levou o entrevistador a lhe perguntar sobre o estranho desenho em seu uniforme de prisão. “Esta é a Semente Estelar”, disse Tim, orgulhoso como um novo pai. O emblema era aquele estranho símbolo do infinito, o modelo nucleotídeo em forma de impressões de DNA e mensageiro-RNA para iniciar um novo programa de desenvolvimento.

Entretanto, a Semente Estelar não era um modelo nucleotídeo qualquer. Era aquele recentemente encontrado em um meteoro caído em Orgeuil, França, cuja rocha foi examinada microscopicamente por cientistas. É a primeira prova química de que o mecanismo da “inteligência” química — a criação de programas de vida (RNA) a partir de códigos-informação (DNA) — existe em outros lugares do universo.

“A Semente Estelar”, disse Leary entusiasticamente ao entrevistador, “prova que a inteligência celular não é exclusivamente terrestre e, portanto, aumenta as bases de probabilidades para acreditar que muitas formas de vida e de inteligência existem no tempo-espaço”.

Outros presidiários de Folsom adotaram o símbolo da Semente Estelar, depois que Leary saiu da prisão, gravado em cintos, pintado em blocos de

anotações, costurado nas roupas, e organizaram até grupos de discussão para conversar com Hal Olsen (condenado à pena perpétua, ilustrador de *Terra II*, de Leary) e Wayne Benner (o “Bandido de Casaca”, um dos quatro componentes do grupo de Leary nas experiências de telepatia) a respeito da possibilidade de uma Inteligência Superior e de implicações transcendentais da ciência moderna.

Nesse meio-tempo, continuei pesquisando Sírius. Eu estava bem agitado, como vocês poderão compreender, quando encontrei o seguinte texto no novo livro do Grão-Mestre Kenneth Grant, *Aleister Crowley and the Hidden God* (Aleister Crowley e o Deus Oculto):

Crowley estava ciente da possibilidade de abrir portais espaciais e admitir a existência de uma corrente extraterrestre na onda vital do ser humano...

É uma tradição oculta — e Lovecraft deu-lhe uma expressão persistente em seus escritos — que algum poder transfinito e superhumano está concentrando suas forças com a intenção de invadir e apossar-se deste planeta... Isso é reminescente das sugestões obscuras de Charles Fort a respeito de uma sociedade secreta na Terra, já em contato com seres cósmicos e, quem sabe, até preparando o caminho para o seu advento.\*<sup>44</sup>

Isso soa um pouco mais do que sinistro e, para mim, especialmente assustador, pois eu já havia incorporado no *Illuminatus* uma variação sobre o mito de Lovecraft. Lovecraft escreveu diversas histórias e novelinhas nas quais o “culto cthulhu” ou outra sociedade secreta proporcionava ajuda a planos hostis alienígenas; eu havia associado esse tema nos *Illuminati* como algo inexpressivo e dei umas boas risadas ao pensar que alguns leitores ingênuos pudessem ser idiotas o suficiente para acreditar nela. Agora, ela estava sendo proclamada por Kenneth Grant, que alega que a *Ordo Templi Orientis* foi fundada em 1890 por um amálgama da Irmandade Hermética da Luz de P. B. Randolph, com os originais *Illuminati bávaros*. Pela primeira vez, pensei (como voltei a pensar muitas vezes durante os escândalos de Watergate): “Meu Deus, será possível que eu não possa inventar nada que não acabe tendo algum fundo de verdade?”. Mas Grant vai em frente para nos animar — se pudermos ainda lhe dar crédito nesse ponto:

Crowley dispersa a aura do mal com a qual esses autores (Lovecraft e Fort) investem no fato; ele prefere interpretá-la, telemicamente,

\*N. do E.: Grant cita aqui, num rodapé de um dos próximos lançamentos da Madras Editora *O Livro dos Danados*, de Charles Forte: “...algum outro mundo não está tentando, mas este, durante séculos, em comunicação com uma seita ou talvez uma sociedade secreta, ou certas sociedades esotéricas, habitantes desta Terra”.

44. *Aleister Crowley and the Hidden God*, de Kenneth Grant, Nova Iorque: Weiser, 1975, pp. 36-37.

não como um ataque à consciência humana por uma entidade extraterrestre e alienígena, mas como uma expansão da consciência interna para englobar outras estrelas e absorver suas energias para dentro de um sistema que, pelo processo, é então enriquecido e tornado verdadeiramente cósmico.

E depois ele acrescenta, novamente indiferente, que uma estrela é especialmente importante:

A Ordem da Estrela de Prata é, portanto, a Ordem do Olho de Set, “o Sol atrás do Sol”. ...A Estrela de Prata é Sírius.<sup>45</sup>

## Magia, Tecnologia ou Ambas?

É interessante, nesse ponto, tentar argumentar, pelo menos a título experimental, que o fenômeno em pauta é redutível das categorias de Jung do “inconsciente coletivo” e da sincronicidade. Certamente essas noções jungianas encobrem grande parte do que está acontecendo, mas não encobrem o todo. Jung estava brilhantemente certo ao dizer nos anos de 1950 que o fenômeno dos discos voadores se tornaria “uma importante transformação espiritual e religiosa da humanidade”.<sup>46</sup> — E muitos ufologistas, inclusive Jacques Vallee e John Keel, observaram que a maioria dos contatados eventualmente se envolveu em grupos místicos ou ocultos, algumas vezes até como fundadores de novos cultos messiânicos. Mas ninguém deve presumir que a estranheza seja “meramente” subjetiva.

Objetos não identificados foram relatados pela missão NASA e constam da seguinte tabela:<sup>47</sup>

45. *Idem*, p. 37.

46. *Flying Saucers*, de Carl Jung, Nova Iorque: Harcourt Brace, 1959, p. xii. Jung afirma que a aparição de Óvnis, em todo o mundo, indica “modificações na constelação dos dominantes psíquicos, dos arquétipos, ou ‘deuses’, como costumavam ser chamados, e será acompanhada de transformações duradouras da psique coletiva”. Então, ele compara essas modificações com os “sinais e maravilhas” que acompanharam a transição do paganismo para a cristandade, há 2.000 anos.

47. *The Edge of Reality*, *op. cit.*, pp. 63-65.

<b>20 de fevereiro de 1962</b>	John Glenn, vôo da cápsula Mercury. Três Óvnis os seguiram
<b>24 de maio de 1962</b>	Scott Carpenter, Mercury VII. Foto do Óvni tirada do próprio Carpenter
<b>30 de maio de 1962</b>	Joe Waltan, X15. Foto tirada por Walton de 5 Óvnis
<b>17 de julho de 1962</b>	Robert White, X15. White fotografou vários Óvnis.
<b>16 de maio de 1963</b>	Gordon Cooper, Mercury IX. Cooper viu um Óvni verde, também seguido por radar em terra.
<b>3 de outubro de 1963</b>	Walter Schirra, Mercury VIII. Schirra reportou vários Óvnis
<b>8 de março de 1964</b>	Russo Voshkod II. Reportou um Óvni
<b>3 de junho de 1964</b>	Jim McDivitt, Gemini IV. McDivitt fotografou vários Óvnis
<b>14 de novembro de 1969</b>	Apolo XII. Conrad, Bean e Gordon reportaram que um Óvni os seguiu da Terra até 130.000 milhas da Lua.

(O Limite da Realidade) de J. Allen Hynek e Jacques Vallee. Chicago, 1975.

Os casos da NASA se enquadram na categoria de engenhos que parecem e agem como espaçonaves vindas de lugares ignorados, conforme indicou Dr. Hynek, que os colecionou para os arquivos da Força Aérea Americana. O problema é que, no mesmo livro, Hynek e Vallee mencionam inúmeros casos de objetos que se comportam como nenhuma máquina poderia normalmente se comportar — saltando em voltas com acelerações impossíveis, ou aparecendo e desaparecendo como um fantasma num filme de terror. Tal como Vallee, Keel e outros enfatizaram, o Óvni é um fenômeno adaptável que age de maneira tecnológica ao lidar com tecnólogos e age de modo oculto ao lidar com ocultistas. Brad Steiger propõe que a única generalização segura a respeito de óvnis é que eles sempre se enquadram na cosmologia do observador humano...

Certa vez, em algum lugar, li um texto de um autor freudiano que dizia serem dois os tipos de óvnis mais importantes: redondos ou de forma discóide e outros compridos, com formato de charuto. Os redondos, dizia, eram símbolos de seios (femininos) e os compridos, símbolos fálicos (masculinos).

Quem sabe!



## Esses Misteriosos Sufis

Um homem sem Deus é como um peixe sem bicicleta.

— Encontrado na parede do banheiro do barzinho de Larry Blake, em Berkeley, 1977.

Antes que terminasse o verão de 1973, a fantasmagoria aumentava.

*Illuminatus*, ainda sem vendas dois anos após a sua finalização, estava sendo declarado parcialmente verdadeiro pelas manchetes dos jornais. Shea e eu havíamos baseado nossa ultraparanóica versão de governo em duas fontes principais: (1) nossa imaginação surrealista e (2) as cartas para o *Fórum da Playboy* de indivíduos queixando-se de que o governo conspirava para destruir a liberdade civil. Essas últimas, é claro, eram subdivididas por nós, por Nat Lehrman e pelos executivos da Fundação Playboy, em duas sub-classes: (a) os casos documentados ou documentáveis de indivíduos são que estavam sendo realmente infernizados pela contra-revolução de Nixon e (b) aquelas de óbvios paranóicos que imaginavam grandes e incríveis conspirações em nível mundial. Somente aquelas cartas classificadas em (a) passavam para o Fórum ou recebiam ajuda financeira da Fundação Playboy; entretanto, aquelas classificadas como (b) serviam ao propósito de *Illuminatus*. Se uma história era suficientemente paranóica, nós a adaptávamos em uma sátira épica para, supostamente, descrever o pior e o mais perturbador governo que o mais paranóico clínico pudesse imaginar.

Em 1973, a história de Watergate era manchete em todos os jornais, todos os dias. A cada dia parecia que as idéias piores, mais absurdas, mais incríveis e mais depravadas de *Illuminatus* eram a própria realidade do regime Nixon. *Tentáramos imaginar o mal total combinado com a estupidéz total, mas Nixon havia encenado e vivido, de fato, todas as nossas fantasias.*

O Xamã começou a se perguntar se era possível todos os paranóicos estarem certos ou se sua paranormalidade havia se desenvolvido muito além do que ele pudesse imaginar.

Nesse meio-tempo, eu estava ficando cada vez mais pobre e comecei a me arrepender amargamente de ter-me demitido da *Playboy*. Eu já ficara desempregado por seis meses, com a idade de 30 e poucos anos, e havia sido muito desagradável; mas tinha a certeza de que logo me empregaria e de que algum dia eu seria um grande autor. Agora o Pobre Idiota estava desempregado, sem conseguir vender nada dos seus escritos aos quais se dedicou meses a fio e forçado a se inscrever no programa de auxílio-desemprego. Fui brutalmente recusado e passei um dia inteiro considera-

do a possibilidade de minha família morrer de fome. Isso poderia acontecer, como ocasionalmente acontecia nessa grande e próspera nação e como era comum na Ásia.

O Idiota apelou e conseguiu o auxílio-desemprego. Não só era desagradável, como terrivelmente assustador. Um homem de 40 anos não possui o mesmo otimismo de um homem de 30. O Idiota começou a se perguntar se algum dia ele poderia abrir mão do auxílio-desemprego... se algum dia *Illuminatus* seria publicado... se ele finalmente havia chegado ao fundo do poço na América: o Verdadeiro Fracasso *Americanus Nondesirabilis*.

Eu continuava investigando os Illuminati, filtrando agora a evidência por meio de hipóteses de que eram um grupo de místicos funcionando como sociedades secretas, fazendo uso da yoga sexual (como deduzira dos escritos de Crowley, em 1971), mas também porque tinham contato com inteligências superiores em outros lugares no tempo-espaço. Naturalmente, o centro de metaprogramação encontrou evidência para apoiá-las.

Em seu livro *History of Secret Societies*, Akron Daraul rastreou os Illuminati na antiga seita ismaelita do Islã, uma organização *quasi-Sufi* que usava sexo e haxixe para programar estados de consciência superiores. Louis Culling também rastreia a tradição da magia de Crowley com os *Sufis medievais*, que eram contemporâneos dos ismaelitas e presumidamente influenciados por eles. Francis King, o principal historiador (não-paranóico) de ocultismo dos nossos tempos, cita documentos oficiais da Ordo Templi Orientis, redigidos por Crowley ou sob sua supervisão, que afirmam que a Ordo Templi Orientis havia sido fundada por Mansur el Hallaj, um santo *Sufi* medieval.<sup>48</sup>

Os Sufis sempre afirmaram estar em comunicação com inteligências superiores, assim como os primeiros gnósticos dos quais muitos historiadores acreditam o sufismo ter derivado. Idries Shah, um filósofo Sufi, em um livro de estranhas parábolas intitulado *The Dermis Probe*, diz que seu propósito é ilustrar “algumas das peculiaridades do pensamento no país que é o mundo de hoje, visto por seus habitantes e por aqueles que se denominam *visitantes*”.<sup>49</sup> (Itálicos acrescentados.)

Logo que o Idiota entrou no sistema-crença no qual os Illuminati eram Sufis vivendo no mundo ocidental e continuando esse contato milenar com inteligências superiores, o fenômeno, cruzando sua vida, ajustou-se para apoiar essa teoria. Ele teve uma estranha experiência com um Sufi.

Meu filho Graham fora a Berkeley para visitar alguns amigos no verão. Ele havia prometido telefonar uma vez por semana, mas é claro que

48. *History of Secret Societies*, de Akron Daraul, Nova Iorque: Pocket Books, 1961. *Manual of Sex Magick*, de Louis Culling, St Paul: Llewellyn, 1971. *Secret Rituals of the O.T.O.*, de Francis King, Nova Iorque: Weiser, 1975. *The Sufis*, de Idries Shah, op. cit.

49. *The Dermis Probe*, de Idries Shah, Nova Iorque: Dutton, 1971, p. 9.

falhava de vez em quando. Um dia, eu havia programado uma palestra na First Unitarian Church, em Berkeley, e Arlen pediu-me para tentar encontrar-me com Graham e assegurar-me de que não estava com problemas. Encontrar um jovem de 14 anos em uma cidade do tamanho de Berkeley não seria fácil, mas, depois da palestra, dei uma volta nos arredores, esperando que o meu PES me conduzisse ao caminho certo.

Greg Hill, Bill Broadbent e eu entramos no Tilden Park e ficamos observando a representação de alguns palhaços. Graham não estava por ali e eu queria seguir adiante, mas Bill insistiu que esperássemos um pouco. E foi então que o Xamã começou a se interessar por um dos palhaços, Parcifal, reconhecendo alguns de seus números como exercícios Sufis para ativar a consciência de alto circuito.

Os Sufis são notórios por seu disfarce de palhaços, mas esta era a primeira vez que eu via um em atividade. “Aquele sujeito é um Sufi”, eu disse para Greg e Bill.

Depois da apresentação, Greg dirigiu-se a Parcifal e perguntou-lhe diretamente: “Você é um Sufi?”.

“Você também está no caminho?”, foi a resposta.

“Não”, Greg disse, apontando para mim. “Foi ele quem disse que você era um Sufi.”

Parcifal virou-se para mim. “É *you* quem está no caminho?”, perguntou.

“Bem, estou em um ou outro caminho”, eu disse. Começamos a conversar sobre Sufismo e a tradição oculta ocidental e de como ambas se conectam com o gnosticismo e com os mistérios egípcios. Finalmente, o Pai falou: “Eu preciso ir. Estou procurando meu filho”.

“Você o encontrará”, disse Parcifal.

O Pai deu aproximadamente dez passos quando “*viu*” Graham sentado no restaurante Hardcastle, na avenida Telegraph.

“Vamos voltar para a Telegraph”, eu disse aos meus amigos. Levamos meia hora e, quando chegamos, Graham e dois amigos haviam acabado de entrar no restaurante, pouco antes de nós. *Graham não estava no restaurante Hardcastle quando tive a visão no parque. O Oráculo havia enxergado através do tempo e do espaço.*

Graham, Greg Hill e Bill Broadbent podem confirmar essa história. O velho e bom Martin Gardner, porta-voz da ala fundamentalista da igreja materialista, dirá que somos todos mentirosos. Pois é!

Naquela noite, por curiosidade, o Numerologista procurou o nome “Parcifal” na *Cabala* de Crowley. É claro, a Cabala é pura superstição e besteira, mas alegam aqueles que nela acreditam ser um sistema de decodificação para descobrir o significado oculto de acontecimentos estranhos. Pela cabala, Parcifal = 418 = “A realização do grande trabalho”, significa o despertar total de toda a humanidade.

Quando procurei por Parcifal novamente, ele havia saído da América. Outros Sufis me contaram que estava em Israel, administrando uma casa para crianças judias e árabes cujos pais morreram nas guerras entre judeus e árabes.



## Uma Mensagem da Central Cósmica?

Em outubro de 1973, finalmente recebi permissão para me corresponder com Dr. Leary na prisão de Folsom. Comecei com uma carta acerca das implicações filosóficas gerais da sintonização do sistema nervoso para uma fidelidade maior na recepção de sinal e, muito cuidadosamente, *não* mencionei minha experiência de 23 de julho com Sírius. (Eu tinha bastante certeza de que as minhas impressões a respeito das experiências telepáticas que Tim estaria realizando estavam corretas, mas não tinha nenhuma idéia ainda de que ele estivesse empreendendo telepatia *interestelar*.) A resposta de Tim estava repleta de humor característico:

A administração da prisão é perfeita. Eles agem como uma cinta Van Allen protegendo a minha privacidade, filtrando as distrações... As pessoas às quais recusam privilégios de visitas são exatamente aquelas que querem explorar-me ou cujo amor por mim é falso.

(Minha gratidão pelo diretor da prisão não deve ser mal interpretada. Eles são muito possessivos e ciumentos — terríveis sentimentos. Seu amor por mim e dependência de mim são restritivos demais. Eles têm um medo tremendo de que eu os deixe... em apuros, por assim dizer. Isso não é saudável para eles...)\*

Voltei a lhe escrever, mas permaneci mudo sobre Sírius. Em vez disso, usei um papel de carta com o cabeçalho oficial da Sociedade Discordiana.

O papel de carta leva a impressão da cabala de Joshua Norton, que é a cabala da Sociedade Discordiana localizada em Bay Area — outros grupos são o “Tactile Temple de Eris Erótica”, em Los Angeles; o grupo do “Colorado Encrustation”, em Denver; o grupo “John Dillinger Died for You Society”, em Chicago; etc. Timothy, entretanto, parece ter pensado que Joshua Norton Cabal fosse o nome de uma pessoa viva. Na realidade, Joshua Norton — ou Norton I, como ele preferia ser chamado — era um morador de

\*N. do E.: Como Leary havia escapado uma vez de uma prisão da Califórnia, as autoridades de Folsom originalmente o colocaram “no buraco”, uma cela de confinamento solitário no porão de um prédio de segurança máxima.

São Francisco do século passado que se elegeu imperador dos Estados Unidos e protetor do México. Historiadores de Bay Area ainda discutem se Norton era um psicótico ou um presidiário inteligente; de qualquer forma, ele era aceito pelos cidadãos da época e realmente vivia como um imperador. É como escreveu Greg Hill, co-fundador do Discordianismo: “Todos compreendem Mickey Mouse. Poucos entendem Herman Hesse. Quase ninguém compreende Einstein. E ninguém entende o imperador Norton”. (A Sociedade Discordiana, repetimos, não é um jogo complicado disfarçado de nova religião, mas é realmente uma nova religião disfarçada de jogo complicado.)

Timothy respondeu:

Caro Bob...

Uma resposta rápida... para indicar que a transmissão dessa galáxia para a sua está funcionando bem.

Seu papel de carta me surpreendeu... poderia explicá-lo para mim? Como ODD3140Aft11bii? E quem é Joshua Norton Cabal?

Realmente o diretor me protege muito. Ele parece um grosseiro abade Zen. Ele não quer que eu seja incomodado com visitas ou correspondência que poderiam me deprimir, atrasar meu trabalho científico, etc. Desde que eu fique sentado em minha cela e escreva livros de ficção científica... todos estão contentes.

Sim, G. I. Gurdjieff é o meu sucessor direto. Nunca duvidei de que sua baraka\* fosse transferida para mim... talvez por algum intermediário. Amo-o e afino-me mais com a sua sabedoria do que qualquer outra.

Crowley... as coincidências-sincronicidades entre a minha vida e a dele são embaraçosas. Brian Barritt e eu tivemos uma experiência visionária no sábado e no domingo da Páscoa, em Bou Saada, a cidade Argelina onde C. teve a sua experiência.

Etc.

O Libertário escreveu de volta discutindo as estranhas conexões entre o trabalho de Leary e o de Crowley e Gurdjieff, mencionando ao mesmo tempo a evidência de que esses últimos haviam sido instruídos em certas técnicas avançadas de expansão da consciência pelas lojas Sufis do Oriente Próximo. Ele também mencionou que Rasputin ainda pode ter sido instruído da mesma forma por Sufis, durante suas andanças.

A resposta de Leary explodiu a mente do Libertário:

\*N. do T.: Palavra do antigo Sufi com significados em várias línguas que pode ser traduzida como bênção, sopro ou a essência de vida que desencadeia o processo da evolução da vida.

Caro Bob...

Adorei sua carta...

Você está em contato com ensinamentos, métodos, professores, etc. que transmitem Inteligência Superior?

Você está totalmente vinculado a essas coisas?

Nesse caso, você pode me dizer.

Eu não acredito em segredos...

Acredito que Inteligência Superior pode ser contatada, e descrevi como fazê-lo, e o que eles transmitem, etc. Você entrou com Joanna.

Peça que lhe envie uma cópia do *Terra II*.

Você menciona que Crowley, G. e Rasputin podem ter entrado em contato com lojas Sufis. Você acha que essa “loja” realmente existe no sentido humano de mestres no Oriente Médio que enviam G., C. e R. como emissários? Essa é a idéia mais excitante sobre a qual pensei muito por mais de dez anos.

Eu vi o que pode ser transmitido por uma unidade. Aquela à qual eu pertencia. Onde estão os outros?...

Estou surpreso por você ainda não ter entrado em contato com Michael Horowitz.

Mike Horowitz, um sujeito magro, sensível e brilhante, é diretor da “Fitzhugh Ludlow Memorial Library”, de São Francisco — um arquivo psicofarmacológico cheio de literatura rara sobre drogas —, uma livraria científica, propagandista (governo), literária ou simplesmente jornalística. Quando o Investigador entrou em contato com Mike, ele ouviu pela primeira vez uma referência a respeito das transmissões Sementes Estelares.

Aconteceu que Dr. Leary havia sido transferido de Folsom para Vacaville e as comunicações foram cortadas temporariamente. Uma vez mais tive de solicitar permissão para me comunicar com ele, preencher os formulários corretos, quando finalmente me foram enviados, e em seguida aguardar a decisão do diretor da nova penitenciária. O Libertário sentia-se cada vez mais como um dos eruditos da Idade Média, tentando manter a comunicação com um colega pesquisador, enquanto a Santa Inquisição criava o máximo possível de estática.

Ao avaliar os sinais da Semente Estelar, deve ser lembrado que, alguns meses antes dessa experiência, três psiquiatras do governo testemunharam (no julgamento da fuga) que Dr. Leary estava perfeitamente são e que possuía um alto QI. Como muitos extremistas de esquerda e de direita haviam impugnado a sanidade do Dr. Leary, deve ser registrado que Dr. Wesley Hiler, um psicólogo de Vacaville que falava com Dr. Leary todos os dias (muitas vezes para pedir-lhe conselhos), concorda enfaticamente com o veredito dos psiquiatras. “Timothy Leary é total e radiantemente são”, disse-me ele em uma entrevista em 1973.

Como é contado em *Terra II*, durante julho e agosto de 1973, Dr. Leary havia formado uma equipe de telepatia, com quatro pessoas, numa tentativa de fazer contato com inteligências superiores em algum outro lugar da galáxia. (Isso acontecia em meio aos meus “dias de cão”, quando eu estava tendo meus primeiros contatos — reais ou alucinatórios — com Sírius.) As pessoas envolvidas eram Dr. Leary e sua esposa Joanna, o prisioneiro Wayne Benner e sua namorada, uma jornalista que prefere ser chamada de Guanine.

As transmissões Semente Estelar — “alucinações” ou o que quer que seja — foram recebidas em 19 comunicações, raramente em linguagem reconhecível, o que requeria meditação considerável e discussões entre os quatro receptores, antes de poderem ser resumidas eventualmente na seguinte mensagem:

Chegou a hora de a vida na Terra deixar o útero planetário e aprender a andar entre as estrelas.

A vida foi fertilizada em seu planeta, há bilhões de anos, por padrões nucleotídeos que continham o desenho para a evolução gradativa por meio de uma seqüência de estágios biomecânicos. O objetivo da evolução é produzir sistemas nervosos capazes de comunicar-se com a rede galáctica e voltar a ela, onde nós, seus pais interestelares, os esperamos.

A vida no planeta Terra alcançou agora o ponto da metade do caminho, estabeleceu-se e evoluiu por meio de mutações e metamorfoses larvais para o cérebro de sete estágios.

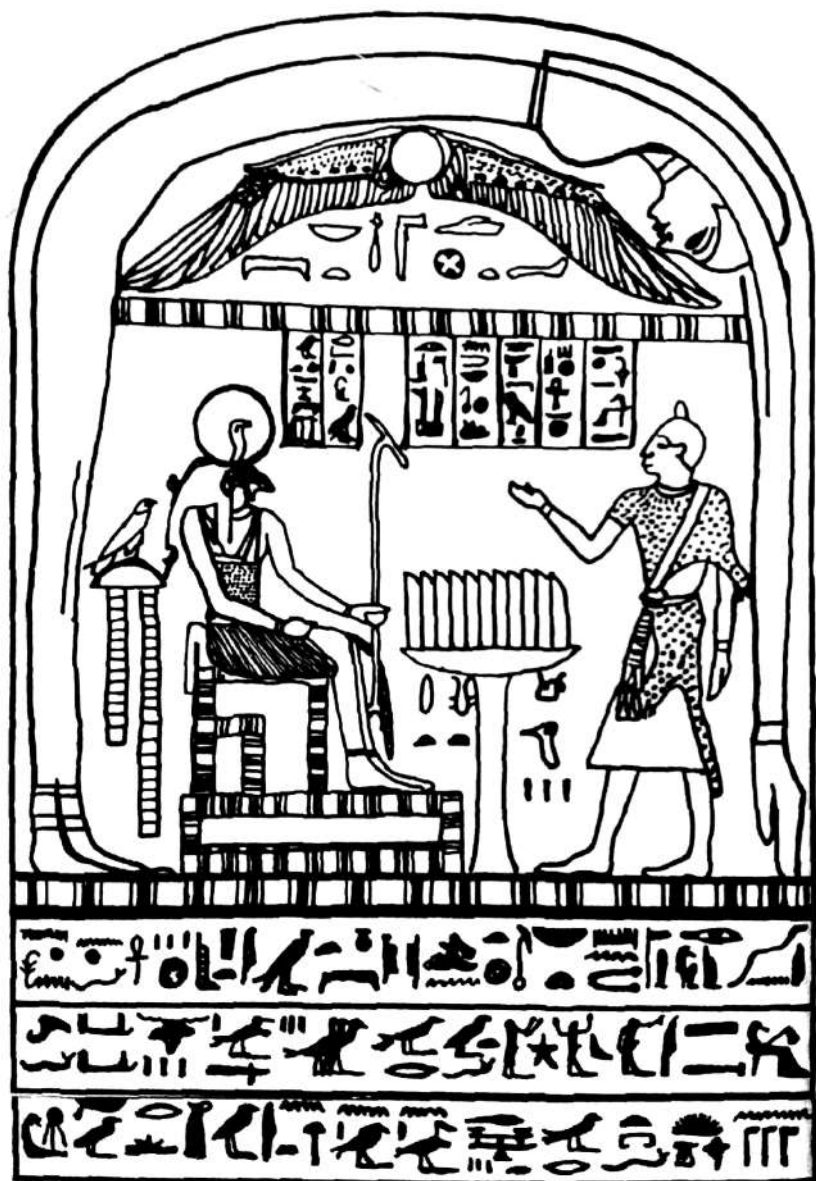
Neste momento, a viagem para casa é possível.

Juntem os mais inteligentes, avançados e corajosos de suas espécies, divididos igualmente entre homens e mulheres. Façam com que cada raça, nacionalidade e religião sejam representadas. Vocês estão por descobrir a chave para a imortalidade na estrutura química do código genético, a partir do qual encontrarão a escritura da vida. O tempo chegou para vocês aceitarem a responsabilidade da imortalidade. Não é mais necessário morrer.

Vocês descobrirão a chave para a inteligência aprimorada na química do sistema nervoso. Certas químicas usadas sabiamente capacitarão seu sistema nervoso para decifrar o código genético.

Toda a vida em seu planeta é uma unidade. Toda a vida deve vir para casa.

Liberdade total, responsabilidade e harmonia entre as espécies tornarão essa viagem possível. Vocês devem transcender às identidades larvais de raça, cultura e nacionalidade. Sua única aliança é com a vida. A única maneira de sobreviver é fazer a viagem para casa.



Lápide 666 no Museu de Boulak, Cairo. A deusa é Nuit, o deus é Hórus e o humano parece ser Ankh-f-na-Khonsu, um sacerdote cujo túmulo essa lápide adornava. Observem o globo alado e vejam as ilustrações nas páginas 144 e 145.

O povo japonês é a raça mais avançada em seu planeta e proporcionará proteção à companhia.

Estamos enviando um cometa a seu sistema solar como sinal de que o tempo chegou para olharem para as estrelas.

Quando chegarem de volta em casa, novas instruções e novos poderes lhes serão dados. Sua nave esperma é a flor da vida terrestre. Assim que a companhia estiver formada e a viagem iniciada, guerra, pobreza, ódio e medo desaparecerão de seu planeta e as profecias mais antigas e as visões celestiais se realizarão.

Mudem!

Venham para casa em glória.

Nos meses seguintes, o cometa Kohoutek, conforme profetizado nas transmissões, chegou ao sistema solar e acelerou interiormente em direção ao Sol, enquanto os astrônomos anunciavam um espetáculo sem precedentes e os discípulos de Leary exultavam pela confirmação.

E, então, o cometa falhou, deixando-nos em dúvida.



## Alguns Deuses Egípcios Interferem na Narrativa e Nossa Senhora do Espaço Fala Novamente

Em 1904, em uma das mais extraordinárias experiências de magia de sua vida, Aleister Crowley entrou em contato com uma Inteligência Superior chamada Aiwass, que lhe ditou *The Book of the Law*. A seguir, mostraremos algumas conexões entre esse livro e os sinais da Semente Estelar — mas antes, alguns detalhes de como Crowley recebeu esse estranho documento:

Aleister Crowley e sua primeira esposa, Rose, encontravam-se no Cairo, Egito, quando Rose começou espontaneamente a entrar em transe e dizer: “Eles estão esperando por você” e frases parecidas, mas incompreensíveis. Crowley não gostou nem um pouco disso, pois considerava típico dos descontrolados e quase-histéricos transe dos médiuns espiritualistas (que ele desprezava) e, além disso, faltavam os elementos da *desejada concentração* e do *controle racional* que ele exigia em suas experiências de magia. Não obstante, apesar de suas tentativas para banir o fenômeno, ele continuava a ocorrer e, finalmente, em um desses transe, Crowley fez uma série de testes para a alegada entidade. Por exemplo, ele pediu a Rose que descrevesse a aura do ser e ela disse “azul profundo”; ele perguntou o caráter do ser e ela disse “força e fogo”; ele pediu que ela esco-

lhesse o ser a partir de desenhos de dez deuses egípcios e ela escolheu Hórus. Ela também identificou o planeta Hórus (Marte) e assim por diante, numa série de perguntas similares. Crowley calculou, então, as probabilidades de acerto em todos os casos — por exemplo, adivinhar Marte tinha a probabilidade de 1/9 (9 planetas); escolher Hórus entre 10 figuras tinha 1/10 de probabilidade, etc. A probabilidade de ela adivinhar corretamente toda a série matematicamente era de 1/21.168.000. (O leitor cético poderá resistir à “realidade” de Hórus, aceitando a menos bizarra teoria de que Rose estava simplesmente lendo a mente de Crowley.)

No dia seguinte, Crowley levou Rose ao Museu de Boulak e pediu-lhe que identificasse a entidade entre as estátuas e pinturas que ali se encontravam. Ela passou por várias imagens de Hórus — enquanto o cínico Aleister observava, provavelmente rindo em silêncio — e, então, parou em frente a uma lápide mostrando *uma mulher escura* curvando-se sobre um *globo alado*, um *deus com cabeça de falcão* e um humano macho. “É este”, disse ela, apontando para Hórus, o deus com cabeça de falcão. A numeração da lápide, inserida por oficiais do museu, era 666 e aquela era uma sincronicidade que imediatamente chamou a atenção de Crowley. Ele havia usado o número 666 como seu número mágico durante anos.<sup>50</sup>

Crowley, então, decidiu cooperar e, de volta ao hotel, aceitou um leve transe durante o qual *The Book of the Law* lhe foi ditado numa voz de “rico barítono” por um ser invisível. O livro começa assim:

Had! A manifestação de Nuit.  
O desvelar da companhia do céu.  
Cada homem e cada mulher é uma estrela.

Nuit, *a divindade egípcia das estrelas*, parece nos dizer, nesses versos de abertura, que somos seus filhos. Ela segue adiante para declarar:

Eu estou *acima e em* você. Meu êxtase está no seu.  
Minha alegria é ver a sua alegria. [Itálicos acrescidos.]

A união do gênero humano com as estrelas está precisamente prevista:

Eles acolherão os meus filhos em seus seios; eles levarão a glória das estrelas aos corações dos homens.  
E o sinal será o meu êxtase, a consciência da continuidade da existência, a onipresença de meu corpo...  
Pois estou dividida por causa do amor, com o propósito da união.

Essa parece uma pré-afirmação vivamente poética da teoria de Leary de que a Inteligência Superior é “dividida” pelo envio de sementes de DNA para fertilizar cada planeta-útero da galáxia “com o propósito da união”: a

50. *The Law is For All*, de Aleister Crowley, editado por Israel Regardie, St. Paul: Llewellyn, 1976; *The Eye in the Triangle*, de Israel Regardie, St. Paul: Llewellyn, 1970. Veja também o livro *Confessions of Aleister Crowley*, Nova Iorque: Bantam, 1971, pp. 413-27.

volta desses “filhos”, após evolução coletiva, para além dos circuitos larvais em formas mais altas de consciência.

Eu vos amo! Eu anseio por vocês!... Vistam as asas e despertem o esplendor envolto em vocês: *venham para mim!* [Itálicos adicionados.]

Nuit, a Mãe-Estrela, está definitivamente chamando-nos para casa, para o centro galáctico. O “esplendor envolto” pode até sugerir a espiral do DNA dentro da qual Leary e outros pesquisadores pensam que se encontra o segredo da imortalidade. Mas, logo, aparece um texto interessante:

Pode um Deus viver em um cão?

Uma referência à estrela do cão, Sírius? Instruções para contatar essa inteligência são bem específicas:

Para me adorar tomem vinho e drogas estranhas e, então, direi ao meu profeta e estarei embriagada disso!

*A pílula da imortalidade está diretamente mencionada:*

Não pensem, ó Rei, sobre aquela mentira: de que deveis morrer: Verdadeiramente vós não morrereis, mas vivereis.

No Capítulo 3, Hórus, o deus da guerra, assume e anuncia previsões ferozes a respeito do século XX:

Agora, que seja compreendido primeiro que sou um deus da Guerra e da Vingança. Lidarei com eles severamente...

Eu sou o Senhor Guerreiro dos Quarenta; os Oitenta curvam-se em minha presença e são humilhados.<sup>51</sup>

Ora, essa não é uma profecia tão ruim para o século XX, quando o livro fora produzido em 1904 — e a maioria das opiniões na Europa era de que a guerra havia sido banida para sempre das nações civilizadas.

Parece estar claro que as transmissões de Semente Estelar adquiriram um sabor bem pesado ao passar pelo sistema nervoso de Timothy Leary, assim como o *Book of the Law* adquiriu um inegável aroma de Crowley ao passar pelos seus neurônios; mas a mensagem básica é incrivelmente similar.

Algumas outras estranhezas a respeito do *Book of the Law* e a Lápide da Revelação merecem ser observadas. Crowley era um ávido cabalista e passou anos examinando os números cabalísticos em busca de palavras-chave do texto. Isso se baseia na hipótese de que a numerologia cabalística seja um código desenvolvido há milênios para a comunicação entre os humanos e a Inteligência Superior. Sejam cínicos quanto quiserem,

51. Todas as citações de *The Book of Law* são extraídas do livro *The Law is For All*, op. cit., p. 231.

mas considerem os dados: Crowley percebeu gradativamente que todas as palavras importantes tinham o valor 93 na cabala grega. (A partir desse momento, ele se referia ao seu trabalho de magia como “a corrente 93”, e os seguidores de Crowley até hoje falam do trabalho como uma continuação da corrente 93.)

Noventa e três é também a numeração cabalista da palavra *Thelema*, a “palavra” para a Nova Era, conforme a entidade comunicante. A abadia de *Thelema*, em Rabelais, tinha o lema “Faze o que desejares”. O *Book of the Law* diz: “Faze o que desejares há de ser o todo da lei”. *Thelema* em grego significa *vontade* ou *lançar um feitiço mágico*. Aiwass, o “Sagrado Anjo da Guarda” presidindo esse contato, também tem o valor 93. E *Ágape* (amor), outra palavra-chave do texto, é novamente 93. O nome de “Deus” na Gênese (Alhim) contém o valor de  $\pi$  (3,1415) com quatro decimais; adicionem o 93 de Crowley e chega-se ao exato de seis decimais (3,141593).

O segundo número importante do livro é o 418, que “coincidentemente” era o número da casa de Crowley em Inverness, na Escócia. Seu significado-padrão cabalista é “o grande trabalho realizado”, ou a iluminação de toda a humanidade. Para Crowley, o significado de sua missão, segundo sua própria interpretação, não era iluminar alguns, como fizeram outros gurus e continuam fazendo, mas colocar em movimento forças ocultas que resultariam na iluminação de “tudo”, até o final desse século; 418 é também o valor de “Parcifal”, o Sufi cuja vida tão estranhamente atravessou a minha, naquele louco verão de 1973.

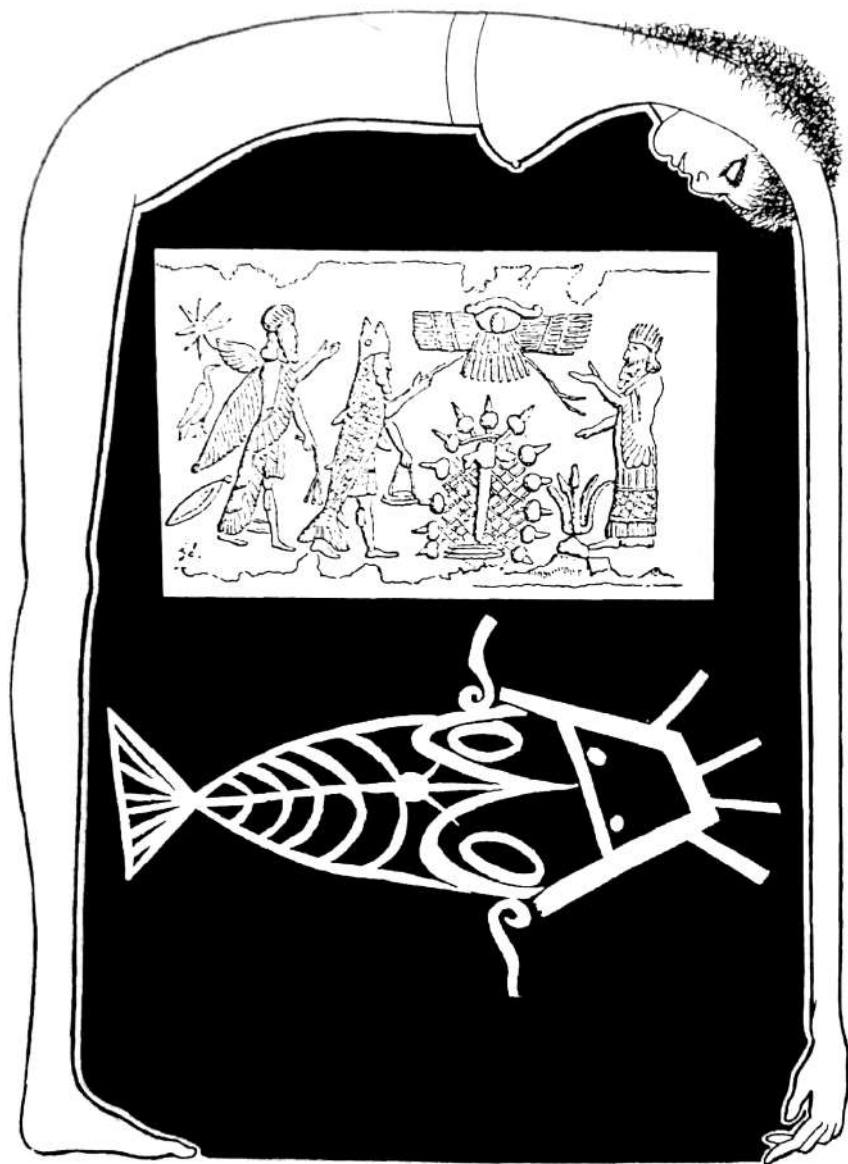
A Lápide da Revelação contém, além de Nuit, Hórus e Ankh-f-na-Khonsu, um misterioso globo alado. Dr. Jacques Vallee, em seu livro *The Invisible College*, mostra outras formas do globo alado de fontes egípcias e gnósticas e aponta para a similaridade de traçados modernos de óvnis indicados por testemunhas ou contatados.

O globo alado, com a inserção de um olho, aparece em um antigo selo assírio, encontrado pelo astrônomo Temple e reproduzido em seu livro *Sirius Mystery*. Nesse caso específico, ele é acompanhado de Oannes, o deus da água, que Temple identifica provavelmente como um visitante extraterrestre de Sírius. Observem o rabo de peixe em Oannes. Agora, vejamos a ilustração da página 145, que é um desenho da tribo Dogon na África, mostrando Nommo, que eles afirmam ser um visitante de Sírius. Observem a semelhança do rabo de peixe.

Dr. John Lilly, que duplicou uma boa parte da pesquisa de Timothy Leary e suplementou-a com métodos hipnóticos e yoga Sufi, descreve muitos encontros com o que parecem ser inteligências extraterrestres em seu livro *Programming and Meta-programming the Human Biocomputer*. Dr. Lilly também examina agnosticamente as possibilidades de que esses transmissores sejam viajantes do tempo vindos do futuro, adeptos muito avançados dos Illuminati, vivos agora na Terra, “anjos” no sentido tradicio-



O globo alado da Lápide da Revelação aparece em muitos antigos cultos mediterrâneos de iniciação. Aqui estão dois exemplos colhidos pelo Dr. Jacques Vallee.



*O desenho superior é da Assíria e data de alguns milhares de anos atrás. O desenho inferior é da tribo Dogon e é contemporâneo. Os dogons dizem que a figura de rabo de peixe é de Sírius e o astrônomo Temple afirma que o desenho assírio mostra o mesmo extraterrestre com um rabo de peixe.*

nal, ou aspectos projetados de sua própria mente. Em seu livro *The Center of the Cyclone*, ele claramente diz:

Essa rede [de adeptos] existe e funciona... em todo esse planeta. Suspeito que *ela se estenda muito mais além do que a nossa Terra*, mas isso ainda deve ser demonstrado publicamente, inequivocamente, além da *minha particular experiência e da experiência de outros*. [Itálicos adicionados.]<sup>52</sup>

Uma rede de adeptos que se estende para muito mais além do que a nossa Terra... é o que o seu narrador estava gradativamente chegando a acreditar e aqui estava sendo afirmado com uma pequena reserva, por parte do Dr. John Lilly — o homem que uma vez foi descrito pelo *New Iorque Times* como “um currículo de um homem único da civilização ocidental caminhando”.

Mas, então, a permissão para visitar Dr. Leary finalmente havia sido concedida pelas autoridades da prisão e eu estava prestes a receber dele teorias ainda mais extraordinárias.

(E assim que eu terminava de datilografar esta seção, a psicóloga Jean Millay chegava para uma visita. Sem que eu a motivasse e sem saber o que eu estava escrevendo, ela espontaneamente começou com uma história a respeito do momento em que ela pintara *Nuit* no teto do dormitório de um amigo. “E em seu ventre”, disse ela, “coloquei o *Olho de Hórus*”. Olhem para a página 138 e observem onde está a cabeça de Hórus na Lápide da Revelação. Jean nunca vira a lápide e ficou intrigada quando lhe mostrei a figura. O Centro de Controle da Coincidência Cósmica trabalhando em horário extraordinário neste caso...)



## Uma visita ao “California Medical Facility”

Vacaville é uma daquelas cidadezinhas da Califórnia que é tão convencionalmente linda quanto uma linda estrela iniciante logo após um teste cinematográfico bem-sucedido. Quando você chega de manhã após uma viagem pela “Greyhound”, os passarinhos estão cantando e o Sol está alto e dourado, e tudo está limpo e brilhando; é quase impossível acreditar que logo adiante se localiza uma instituição, uma combinação de prisão e de hospício, onde homens são engaiolados como animais.

52. *The Center of the Cyclone*, op. cit., p. 231.

Da estação até a prisão, o táxi cobra exatamente um dólar e o motorista chama seu destino de CMF — “California Medical Facility”. Algumas divisões têm a reputação de serem piores que o laboratório do Dr. Frankenstein. Liberalistas homossexuais, terapeutas radicais, libertários civis e outras pessoas reservadas ocasionalmente comentam que, na psicocirurgia e na terapia aversiva, os métodos utilizados para “curar” desvios sexuais têm mais em comum com um tratamento de gado do que qualquer terapêutica humana; mas esse é o lado psiquiátrico de Vacaville, onde são “hospedadas” as pessoas que eles pensam estar ajudando. O outro lado, o lado simplesmente punitivo, é mais humano; os internados são simplesmente engaiolados até o fim de suas sentenças e depois libertados. Ninguém procura “curá-los” e trata-se de uma instalação de média segurança. Ser transferido de qualquer prisão para esta é uma recompensa por boa conduta.

Depois de passar pela burocracia normal, o Libertário foi acompanhado até uma sala de visita consideravelmente mais decente do que em muitas outras prisões. Presos e visitas sentam-se em mesas sem telas ou vidros entre eles e podem usar as máquinas de cafés e sanduíches ali disponíveis. Não era muito diferente das lanchonetes escolares da região, com exceção do fato de que alguns homens agarravam-se às mãos de suas mulheres tão avidamente que era possível sentir a dor da frustração sexual.

Timothy Leary apareceu à porta do outro lado da sala com um sorriso irlandês espalhado em seu rosto. Seu olhar transmitia a curiosidade inofensiva de uma criança. Olhou-me de baixo para cima com o mesmo temor respeitoso; eu esperava que, em seguida, fosse me farejar como um cachorro, mas ele sorriu novamente e disse que eu estava em forma. Vindo de qualquer outra pessoa seria simples educação; vindo de Tim, após uma intensa inspeção, era um diagnóstico favorável.

A seguir, dirigimo-nos à outra área de visitas, onde nos sentamos em uma mesa com nossos cafés e sanduíches. Comentava agitadamente minha última carta e insisti que me correspondesse com um poeta inglês chamado Brian Barritt. Leary é muito sério quando explica algo técnico; o famoso sorriso desaparece completamente e sua concentração se aprofunda em total clareza. Ele tornou o argumento tão óbvio que nem Barritt, nem eu poderíamos escrever uma outra linha enquanto não colocássemos nossas cabeças em sincronia, visto estarmos explorando o mesmo elefante dos dois lados.

O elefante chamava-se Aleister Crowley, e o próprio Leary havia pesquisado aquele homem estranho durante os últimos poucos anos.

Durante seu exílio na Suíça, foi mostrado a Leary um baralho de tarô de Crowley. Para testar seu poder divinatório, ele colocou a pergunta: “Quem sou eu e qual o meu destino?”. Cortou o baralho até ficar com uma só carta, que era o Ás de Discos. A carta apresenta um grande disco contendo as

letras gregas TO, MEGA, THERION\* (a Grande Besta) e a assinatura do próprio Crowley. Leary interpretou-a com o significado de que ele é Crowley Roborn e é encarregado de completar o trabalho que Crowley iniciara, preparando a humanidade para a consciência cósmica.

[*The Confessions of Hope Fiend* é um resumo da sua fuga da prisão e do tempo que passou na Argélia com Eldridge Cleaver, e é deliberadamente assim intitulado para lembrar o *Diary of a Dope Fiend* (Diário de Um Louco Por Droga), de Crowley.]

Dr. Leary não considerava a doutrina da reencarnação literalmente. Em sua terminologia, todas as pessoas que causam uma forte impressão no sistema nervoso de outras reencarnam juntas. De certa forma, Leary acha que, a partir de Sócrates, ele reencarna todas as pessoas que, por meio da recepção de um sinal de ligação, causaram uma impressão em seu sistema nervoso.

Ele estava explicando essa teoria quando David Hilliard veio à nossa mesa. David havia sido uma Pantera Negra, preso por declarar publicamente que Nixon deveria ser assassinado. Ele se encontrava em Vacaville por ter agredido um policial.

Tim e David conversaram um pouco sobre Eldridge Cleaver e David se mostrava aborrecido com respeito ao tratamento que Tim sofrera por parte de Eldridge, na Argélia.

“Eu só compreendi Eldridge quando cheguei a Folsom”, disse Tim. “Ele simplesmente é o cara mais forte do bloco de celas. O rei, você sabe.”

Hilliard aquiesceu com profunda tristeza: “Todos nós temos o opressor dentro de nós”, disse ele.

Tim apresentou-lhe o Libertário: “Esse é Robert Anton Wilson, um dos homens mais sábios do planeta Terra”.

David e eu apertamo-nos as mãos. Eu estava um tanto impressionado pela apresentação e não sabia se deveria dizer algo sábio para justificar o elogio de Tim.

Estava me lembrando do que o Dr. Israel Regardie uma vez falou a respeito de Aleister Crowley: que a Besta conseguira a maioria de seus problemas por confiar nas pessoas erradas. “Quando você liga os circuitos neurológicos mais altos”, disse Regardie, está apto a imaginar que todas as outras pessoas estão aí com você. “Alguns gurus hindus acreditam honestamente que todas as pessoas que eles enxergam estão em Samadhi junto com eles”; Regardie acrescentara, “e Crowley freqüentemente tinha essa mesma ilusão”.

Depois de conversarmos um pouco mais com David Hilliard, ele se afastou para ver mais alguém, e Timothy começou a delinear suas idéias

sobre os circuitos neurológicos superiores que são ativados pelos psicodélicos. Era sua opinião que esses circuitos evoluíam para ser usados no espaço exterior e não meramente para alcançar o êxtase na viagem terrestre. Todos os xamãs e místicos que conseguiram ampliar esses circuitos sabiam que eles tinham a ver com a energia cósmica, mas não sabiam o porquê, como e qual o passo seguinte.

Potencialmente, nós temos oito circuitos, explicou. Os primeiros quatro são lineares e designados para serem usados na Terra. Eles dão suporte ao espaço euclidiano, ao tempo de Newton, a toda a mentalidade “quadrada”. Impressos nos jogos tribais locais ou sistemas-valor, esses circuitos estreitam o infante polimorfo em um adulto ajustado a uma personalidade, um papel sexual, um sistema de coordenadas — “geralmente conservador e suavemente paranóico, para mesclar-se com o sistema-valor local, conservador e suavemente paranóico”, disse ele ironicamente.

Os outros quatro circuitos ainda em evolução, ativados pelos xamãs e pelos místicos, não são simplesmente uma “fuga” da ansiedade do ego dualista. “Você não deve somente ligá-los para entrar em êxtase e afundar no útero hedonista de estrutura sedosa. Este é tão-somente o estágio inicial, comparável à introdução do adolescente à masturbação compulsiva, quando o circuito sexual é despertado pela primeira vez.

Você deve, então, seguir adiante para encontrar o programa, o uso correto das novas energias”, Tim continuou. “O drogado que fica só sentado, viajando, ainda não descobriu para que serve a droga, ou seja, o que as impressões do êxtase fazem às impressões anteriores. O viciado em ácido, ou o guru que ligou o circuito do êxtase e apenas se extasiou, só está recebendo de novo informação, nada fazendo com isso. Masturbação Transcendental.

O verdadeiro significado do ácido não estará claro enquanto não vivermos normalmente livres dos condicionamentos”, Leary insistiu. “Quando o dualismo humano do circuito dominação-submissão está ativado, os outros dualismos também estão. As quatro primeiras impressões — estatisticamente a consciência normal na maior parte de nossa história — ruião. Nesse momento, todos os astronautas mostram um tipo de percepção alterada, em grau maior ou menor. Ed Mitchell já está a par da conexão entre sua experiência espiritual no espaço e as velhas tradições ocultas e místicas. Esse é o motivo pelo qual ele fundou o Instituto para Estudos Noéticos (conhecimento) e mergulhou na parapsicologia e em PES.”

Os acontecimentos mais importantes das próximas três décadas, Leary predisse, serão a invenção de uma pílula da imortalidade e de uma pílula que simula a experiência da morte sem matar a pessoa que a ingere.

Leary também predisse a pílula da longevidade em *Terra II*, publicado em janeiro de 1973, dizendo que apareceria por volta de 1980. Um mês depois, em fevereiro, a Universidade do Estado de Michigan soltou a informação de que estavam pesquisando uma pílula que poderia estender a vida

humana para 200 anos. Em abril, Dutton publicou *The Immortality Factor*, de Osborn Segerberg Jr., que revisa a pesquisa atual sobre o envelhecimento e prevê uma pílula de extensão da vida por volta do ano 2000.

Dr. Leary não insiste em que uma fórmula de imortalidade literal será encontrada tão rapidamente. Por outro lado, ele acha que uma extensão para 400 anos é muito provável e, então, aquelas pessoas que viverem alguns séculos conseguirão uma tecnologia médica mais avançada, expandindo o ciclo de vida ainda mais: milênios, milhões de anos...

“Eu espero estar vivo quando o sistema solar se queimar, daqui a 5,5 bilhões de anos”, disse alegremente. “Ninguém nessa geração terá de morrer, a não ser que o queira.”

Uma pílula simulando a morte, criando a equivalência neurológica da morte sem na realidade matar o corpo, também aparecerá em algumas décadas, Leary ainda predisse naquele dia em Vacaville. Isso completará o trabalho do LSD na reimpressão de velhos circuitos mediante rituais de morte e renascimento em um só corpo. “Eu chamo isso de reencarnação em série.”

Eventos paranormais interestelares podem ter ocorrido durante toda a nossa história, Tim continuou, mas simplesmente nós não os compreendemos. Nossos sistemas nervosos traduziram suas mensagens em termos que *podíamos* compreender. Os “anjos” que falaram com Dr. Dee, o cientista-mago da época elisabetana, eram extraterrestres, mas Dee não pôde compreendê-los naqueles termos e os considerou “mensageiros de Deus”. O mesmo acontece com muitos outros xamãs e místicos.

Leary falou calorosamente de Carl Sagan, o astrônomo que o visitou em Vacaville. “Um homem brilhante, brilhante”, disse Tim. De fato, Tim recentemente renomeou sua especialidade para Exopsicologia, imitando a cunhagem do termo Exobiologia por parte de Sagan. As duas ciências se esforçam em deduzir as características da vida e da consciência através da galáxia, baseados na coleção de evidências astronômicas de que a Terra é mais típica do que atípica. As inteligências galácticas que são mais avançadas do que nós, afirmou Tim, podem ser consideradas como o nosso próprio futuro genético — a incorporação de níveis de consciência para os quais estamos ainda evoluindo.

Mas Leary não estava entusiasmado com o Projeto Cyclops de Sagan, uma tentativa de contatar inteligências superiores instalando enormes rádios receptores para escanear a galáxia em busca de sinais significativos. “Por que esperar passivamente que *eles* dêem o primeiro passo?”, Tim perguntou retoricamente. “Somos talvez adolescentes tão inseguros que não possamos tomar a iniciativa? Eu quero *é navegar!*”, disse enfaticamente com um sorriso no rosto.

Somente uma vez, em cinco horas, é que Leary mencionou o fato de que se achava na prisão. “Estou tão animado”, disse brevemente, “que me esqueci de onde eu estou. E, ocasionalmente, existem tipos de pesquisas

que não posso realizar aqui e sei que eu deveria tentar sair daqui.” Mas ele não se estendeu no assunto; pulou para outra especulação místico-científica sobre os circuitos tempo-espaço de Einstein e o funcionamento neurológico de homens e mulheres vivendo no espaço profundo.

O pesquisador já vira outras pessoas em estado de “alta consciência de alta energia”, como aquele em que o Dr. Leary vivia em Vacaville. Eram todos gurus orientais (budistas, hindus, sufis) e especialistas em sistemas de treinamento da percepção expandida. Nenhum deles tinha o conhecimento científico de Tim e, portanto, suas verbalizações eram menos surpreendentes; eles falavam de vastas abstrações indefinidas sem significado operativo, exceto em referência às suas próprias consciências alteradas. Leary está tentando definir esses estados mentais livres em termos neurogenéticos precisos, mas ninguém pode compreendê-lo totalmente sem compartilhar tanto dos mais altos estados de percepção quanto dos sistemas científicos que Leary conhece tão bem.

Quase no fim da visita, mostrei a Tim a minha equação:

$$B_n = B_o + P_n + MS$$

Em que  $B_n$  é o novo comportamento,  $B_o$  é o velho comportamento,  $P_n$  é um novo programa deliberado de automudança e MS é uma substância de metaprogramação, como o LSD.

Leary aprovou a equação calorosamente. “Você poderia escrever outra”, ele acrescentou, “com  $C_n$  e  $C_o$ .”

“C de consciência?”, perguntei.

“Exatamente. E ainda outra para  $I_n$  e  $I_o$ .”

Eu pensei em ideologia e decidi que não poderia ser; ele sabia que ideologia e moralidade são as duas causas principais do sofrimento humano.

“Intensidade?”, tentei.

Tim cruzou suas mãos em sinal de oração e olhou para cima com exagerada adoração. “Inteligência”, falou, nomeando seu Deus.



## As Perspectivas da Imortalidade

Algumas pessoas querem alcançar a imortalidade por meio de seus trabalhos ou por meio de seus descendentes. Eu prefiro alcançar a imortalidade sem morrer.

— Woody Allen, na revista *Immortalist*.

Assim que minha entrevista com Dr. Leary apareceu no *Phoenix* de San Francisco, fui assaltado com uma informação a respeito daquele grupo

que Carl Spann chama de “o imortalista embaixo da terra”. Fazem parte desse grupo cientistas, em sua maioria jovens, sobretudo do campo da Biologia molecular ou da Gerontologia, que haviam sido incentivados pelo livro *The Prospects of Immortality*, do professor R. C. W. Ettinger, publicado em 1964. Esse grupo acredita firmemente que a descoberta da estrutura do DNA (a dupla espiral) por parte de Crick e Watson abriu a possibilidade de reprogramar os processos biológicos e alcançar a imortalidade literal.

Quão *perto* está a imortalidade? Chamamos, aqui, algumas testemunhas:

“Daqui a uma ou duas décadas”, disse Hubert Humphrey, “podemos olhar para trás, para as presentes atitudes diante da morte e considerá-las ‘primitivas’ e ‘medievais’, da mesma forma que hoje olhamos para trás, para famosos provocadores da morte como a tuberculose.” O senador Humphrey disse isso depois de visitar a Rússia e ficar sabendo de suas pesquisas acerca da imortalidade.<sup>53</sup>

“No mínimo três ramificações da ciência estão realizando pesquisas a respeito do prolongamento da vida”, disse o Comitê da Abolição da Morte, de Berkeley, “principalmente as ciências da Criobiologia, Biologia e Cibernética... Quem conseguirá? Ninguém sabe. Mas visto que há mais de uma ciência trabalhando muito com esse problema, a previsão é de uma solução a curto prazo.”

“Imortalismo”, diz Carl Spann, um imortalista ativista, “é um tremendo passo na evolução do homem. É o desenvolvimento de um estado imortal de consciência... gente drogada em um mundo drogado, apegados à vida... O homem mortal, como Nixon, ainda está comprometido com os estados-nações e com os blocos do poder, pensando qual afinal é o mais destrutivo em nível global. O homem mortal polui o planeta porque ele não estará presente para sofrer as conseqüências.”

Spann, pensativo, ainda acrescenta: “Ficar entorpecido com droga é um mecanismo de defesa contra a insanidade global. E, no entanto, marijuana, haxixe, ácido e as drogas de expansão de consciência abriram o caminho para o estado imortal de consciência: Samadhi, satori, estados alfa e teta, a viagem completa do esclarecimento que proporciona uma fuga das pequenas e estreitas ilusões que o homem mortal tem de si mesmo”.<sup>54</sup>

Em 24 de setembro de 1964, o Comitê da Abolição da Morte de Berkeley organizou uma demonstração, diante de uma casa funerária, carregando cartazes com os dizeres: “A morte é uma doença e pode ser curada”, “Não acredite na mentira”, “Milhões que vivem hoje podem nunca mais morrer” (um velho *slogan* das Testemunhas de Jeová que provavel-

53. As citações do senador Humphrey e do Comitê da Abolição da Morte foram extraídas de artigos de jornais (sem datas) dos Arquivos dos Imortalistas do Sr. Carl Spann, de San Francisco.

54. *San Francisco Phoenix*, 11 de julho de 1974, artigo intitulado “Immortalist Revolution Wins the Bay Area”.

mente nunca esperavam que cientistas ou hippies acompanhassem sua filosofia), “Imortalidade JÁ!” e “Por que morrer? Você pode ser imortal”.

Presumivelmente, a maioria do público de 1964, que assistiu à demonstração pelos noticiários da televisão, pensou que aquelas pessoas fossem todas loucas.

No livro *The Immortality Factor*, de Osborn Segerberg Jr., um capítulo engraçado, chamado “Prognosis”, trata de recentes estimativas baseadas em adivinhações por parte de cientistas sobre *quando* a extensão da vida estaria disponível. Arthur Clarke (que em 1947 previu corretamente a primeira alunissagem não-tripulada para 1959, mas foi muito conservador quanto à alunissagem tripulada, prevendo-a para 1978), em 1962, deu o palpite de que a verdadeira imortalidade seria alcançada *perto do final* do século XXI. Três anos depois, em 1965, com mais pesquisas realizadas, um grupo de 82 cientistas especializados foi indagado e a maioria estava disposta a prever “o controle químico do processo de envelhecimento” para o período inicial do século XXI.

Em 1969, duas outras pesquisas de opinião especializada encontraram “significativa extensão do ciclo de vida”, prevista por vários cientistas, ocorrendo entre 1993 (baixa estimativa) e 2017 (alta estimativa). Em 1971, Dr. Bernard Stehler previu que nós compreenderíamos o processo do envelhecimento dentro de cinco a dez anos e que conseguiríamos revertê-lo entre dez e trinta anos.<sup>55</sup>

Como Leary indica em *Terra II*, a maior parte do trabalho científico nesse assunto específico já foi realizada desde a previsão de Dr. Stehler, em 1971, com uma conclusão mais otimista.

A Fundação para a Pesquisa da Imortalidade, em Sacramento, Califórnia, declarou em nota liberada para a imprensa: “Está ficando cada vez mais claro que estamos literalmente chegando a uma mudança sem precedente em nossa direção e em nosso potencial evolucionário... A pesquisa da imortalidade como objetivo pessoal não é mais uma aspiração religiosa, mas tornou-se uma possibilidade real”.

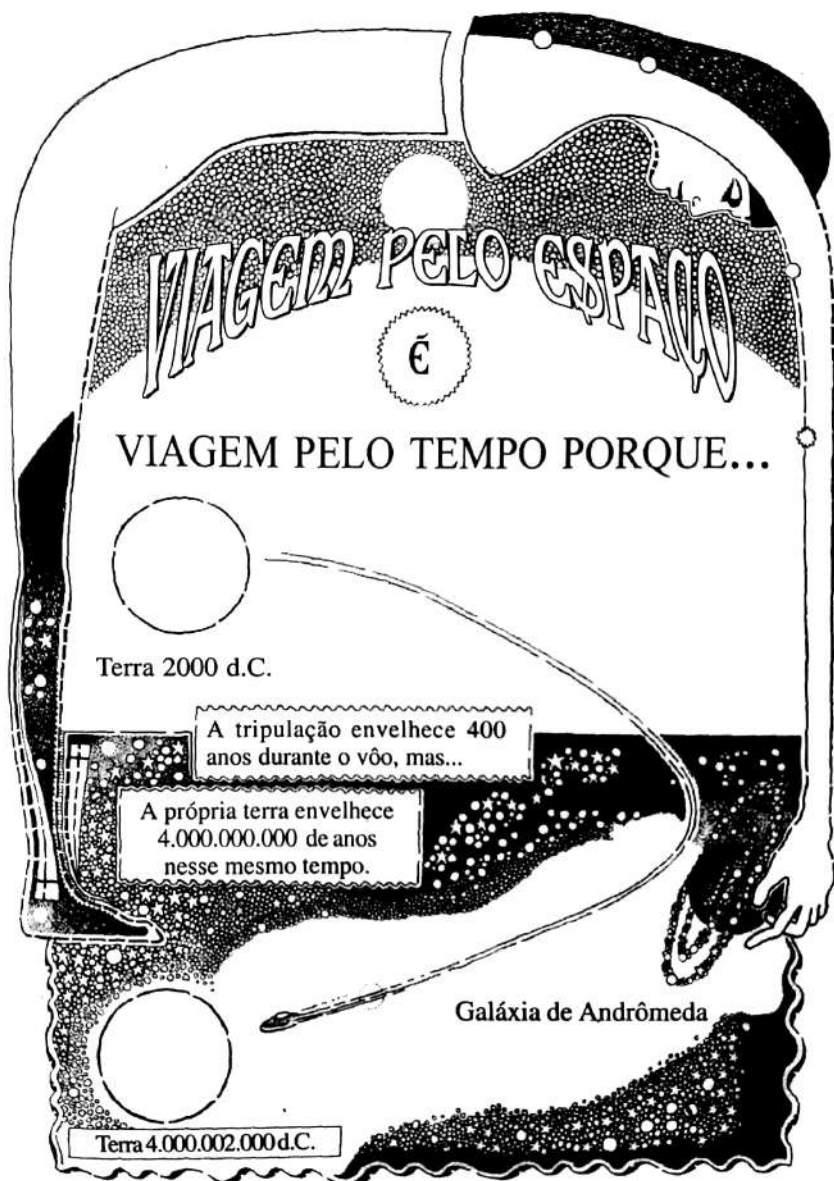
Pauwels e Bergier, que explodiram a mente da Europa e da América com o incrível livro *Morning of the Magicians*, profetizam em seu novo livro *The Eternal Man*: “Talvez já estejamos, neste momento, no processo de construção de uma cultura que conhecerá a imortalidade na terra e no céu...”<sup>56</sup>

Robert Prehoda, M.D., afirma em seu livro *Extended Youth*: “É possível que possamos retardar o envelhecimento biológico, dobrando ou triplicando a média do ciclo de vida... Se cada caso de envelhecimento puder ser corrigido e prevenido, poderíamos todos ser potenciais Matusaléns, vivendo 1.000 anos ou mais”.<sup>57</sup>

55. *The Immortality Factor*, de Osborn Segerberg Jr., Nova Iorque: Dutton, 1974, pp. 358-63.

56. *The Eternal Man*, de Louis Pauwels e Jacques Bergier, Nova Iorque: Avon Books, 1972, p. 14.

57. *Extended Youth: The Promise of Gerontology*, de Robert Prehoda, Nova Iorque: Putnam, 1968, p. 86.



*O salto quântico da "extensão da vida" para a "imortalidade" é o salto tempo-espaço através das galáxias. Essa ilustração mostra a relatividade do tempo em um voo espacial de 60 anos. Terra II planeja viajar durante 400 anos e voltar à Terra quatro bilhões de anos depois.*

Dr. Bernard Strehler, que devotou a maior parte de sua vida à pesquisa da longevidade e prevê que teremos a extensão da vida ainda nessa geração, também diz que seu derradeiro objetivo é a imortalidade. “O homem”, ele declara secamente, “nunca se dará por satisfeito enquanto não conquistar a morte”.<sup>58</sup>

O novelista Alan Harrington tem feito uma chamada para um comprometimento nacional para a eliminação da morte desde 1969, quando publicou sua brilhante polêmica *The Immortalist*, chamado de “o livro do século” por Gore Vidal. “Mobilizem os cientistas”, Harrington nos implora, “gastem o dinheiro e cacem a morte como se fosse uma fora-da-lei.”<sup>59</sup>

Dean F. Jumper, em seu livro *Man Against Mortality* (O Homem Contra a Mortalidade), sugere que a humanidade foi especialmente designada para conquistar a morte. Na guerra entre a vida e a morte, diz Jumper, “o homem pode ser a derradeira arma da vida. Ele pode ter sido designado a fazer de si mesmo e da vida imortais, pois já possui em si mesmo as habilidades e as motivações necessárias”.<sup>60</sup> (Itálico adicionado.) Alcançar a imortalidade, não só para nós, mas para todas as espécies viventes, é um pensamento desconcertante; isso seria a realização da promessa budista de livrar “todos os seres conscientes” do sofrimento.

Dr. Alex Comfort, considerado um dos maiores gerontologistas por seus colegas (porém conhecido pelo público em geral por seu lúdico livro *The Joy of Sex*), disse em 1972: “Estou confiante de que as técnicas para retardar e reverter o processo de envelhecimento estejam bem próximas”.<sup>61</sup> Em 1973, com o sinérgico resultado acerca da extensão da vida, após um ano de pesquisas realizadas em todos os laboratórios do mundo, Dr. Comfort concordava em ser mais específico do que dizer simplesmente “bem próximas” e, de fato, disse: “Se somente os recursos científicos e médicos dos Estados Unidos fossem mobilizados, o envelhecimento seria vencido dentro de uma década”.<sup>62</sup> (Itálicos adicionados.)

Certamente, para cada dez ou 20 cientistas que admitem acreditar na possível longevidade, somente um se atreveria a falar de imortalidade física. Entretanto, cada avanço na extensão da vida significa que alguns viverão para estar presentes no avanço seguinte e ainda no seguinte, até que a imortalidade seja realmente um fato.

Dr. Leary observa nessa conexão que as conversas sobre a extensão da vida nos círculos científicos são, atualmente, mais ligadas à Terra, centradas na Terra, um posicionamento que Leary denomina de “ptolomaicismo cego”.

58. Citado em *Prolongevity* (Prolongevidade), de Albert Rosenfeld, Nova Iorque: Knopf, 1976, p. 5.

59. *Prolongevity*, op. cit., p. 6.

60. *Prolongevity*, op. cit., p. 182.

61. O Dr. Comfort é citado no livro *No More Dying*, de Joel Kurtzman e Philip Gordon, Los Angeles: Tarcher, Inc., 1976, p. 3.

62. *No More Dying*, op. cit., p. 3.

As equações de Lorentz e Einstein a respeito da relatividade do tempo-espaço não deixam dúvida de que um giro em torno da galáxia, como é projetado por Leary e Benner em *Terra II*, pode levar 400 anos de tempo decorridos a bordo de uma nave e voltar no tempo-terra de 4.500.000.000 d.C. *Viajar no espaço é viajar no tempo*. Se os membros da tripulação tiverem uma extensão de vida de algumas centenas de anos, ao serem lançados no espaço no início do próximo século, poderão encontrar inteligências superiores com técnicas de extensão de vida mais avançadas do que as nossas, do contrário, voltarão a uma ciência terrestre *4.500.000.000 de anos mais avançada que a nossa atual* e poderão fazer uso de quaisquer técnicas de extensão de vida, inibição do envelhecimento, criogenia, rejuvenescimento, etc. que a engenhosidade humana pôde desenvolver.

A pesquisa atual a respeito da inibição do envelhecimento ou acerca da potencial imortalidade inclui:

- Os criogenistas, cujo *slogan* “congela-espera-reanima” ganhou alguma notoriedade nos últimos anos. (Essa é só a ponta do *iceberg*.)

- Dr. John Bjorksten, que trabalha com proteínas em seu próprio laboratório de Madison, Wisconsin, E.U.A. Em 1973, Dr. Bjorksten falou de uma droga encontrada que estenderia o ciclo de vida humano para *140 anos*; em 1976, enquanto este livro estava sendo escrito, Bjorksten disse, em uma entrevista ao *San Francisco Chronicle*, que esperava que a vida humana pudesse ser estendida até *800 anos*.

- Um grupo da Universidade de Michigan, que já está testando uma droga que pode estender a vida para 200 anos ou mais.

- Oak Ridge National Laboratory, que está pesquisando o BHT, um produto químico que pode aumentar o ciclo de vida em 50%.

- Os transplantes de órgãos.

- Os ciberneticistas, que podem encontrar um meio de “codificar uma personalidade completa, mantê-la em arquivo num circuito eletrônico e reanimá-la a qualquer momento”.

- Microwave Instrument Co., em Del Mar, Califórnia. Estão pesquisando drogas antienvelhecimento e poderão apresentar algum resultado dentro de três anos.

- Os parapsicólogos, que estão coletando dados que desafiam as bases da Física, indicam que toda ciência pode ser revolucionada a qualquer instante e, assim, abrir possibilidades que antes eram inimagináveis.

- E, finalmente, quase não se têm notícias do trabalho dos russos nesse campo, mas temos evidências de que provavelmente eles estejam mais adiantados do que nós.

Durante outra visita a Vacaville, eu disse ao Dr. Leary que, muitas das pessoas entusiastas de sua pesquisa a respeito das drogas, no início de 1960, tornaram-se hostis aos seus atuais projetos neurogenéticos e cósmicos.

“Eu não posso fazer nada”, disse ele. “As drogas eram simples ferramentas para mim. Microscópios. Eu as usei para mudar de foco sob variadas formas, para aprender todo o potencial do sistema nervoso humano.

Aquelas que imprimiram as minhas primeiras transmissões podem ter deixado de crescer provavelmente no quinto circuito: o êxtase corporal. Elas se tornaram engenheiras hedônicas e só.”

E continuou: “Mas a ligação é só o primeiro passo. A mensagem agora é que a mensagem muda continuamente. A inteligência deve aumentar à medida que a consciência expande, ou acabamos nos queimando. Estou só começando, no ano passado fiquei mais sábio... Sim, é isso: nos anos 60, eliminei meus próprios medos e, agora, não tenho medo do medo das outras pessoas. Verdade. Verdade. Verdade. Esse é o circuito mais alto de todos...”.

Ele mencionou um proeminente herói da contracultura: “Ele agora me odeia por não estar mais sofrendo. Se eu estivesse na miséria, ele me amaria. Ele sofre todas as vezes que se esforça para sair da cama, tenho certeza. Mas a glorificação do sofrimento é um dos reflexos larvais que devemos eliminar. Estou livre, você sabe, e aquelas pessoas não suportam isso. Elas querem sentir dó de mim, mas eu estou ocupado demais tentando libertar o resto da humanidade lá fora. Elas não precisam continuar repetindo as velhas e míseras impressões. Podem tornar-se imortais e ir para as estrelas...”.



## Parando o Relógio Biológico

Carl Spann me colocou em contato com outro imortalista local, Paul Segall, Ph.D., um pesquisador da U.C.-Berkeley. Dr. Segall esteve envolvido em trabalhos de extensão da vida durante 17 anos.

Dr. Segall se parece e veste-se como a figura de um *hippie* neoesquerdista. Ele pertence ao Parque do Povo da Terra, uma associação dos antigos radicais dos anos de 1960, donos de várias propriedades em Berkeley e no Oregon. O parque administra um serviço de socorro para pessoas com problemas, fugitivos, drogados e outras que não podem contar com a ajuda prestada pelas instituições do governo. Na verdade, o Povo da Terra representa a sobrevivência, apesar da contra-revolução de Nixon no começo da pacífica neo-esquerda, em todo o seu idealismo, e do populismo básico.

Com uma diferença. Devido à influência de Paul, quase todo o Povo da Terra é imortalista e grande parte voltou à universidade em busca de um diploma em Ciências.

Paul afirma que esteve “mergulhado em ciência desde o berço” — seu pai e um tio eram engenheiros e outro tio era químico. O próprio Paul começara pela Engenharia até sofrer uma experiência original em uma aula de Arte. Como ele conta: “Assistindo a uma sessão de *slides* acerca de pinturas de cavernas de 30.000 anos de idade, de repente, senti essa urgente

pergunta interna: *‘Que diabos estou fazendo aqui?’*. Quero dizer: *‘Que estou fazendo com minha vida?’* Tornei-me um imortalista naquele mesmo instante, muitos anos antes de ler qualquer literatura sobre Imortalismo”.

Paul transferiu-se da Engenharia para a Biologia e preparou-se para estudar por que cada organismo complexo deve morrer e o que ele poderia fazer a respeito. Durante os últimos 17 anos empregou seu tempo na pesquisa de sete abordagens para a longevidade-imortalidade:

1. Estudos a respeito da animação suspensa, pela qual os processos vitais são desligados e depois restaurados.
2. Gerontologia, o estudo dos processos de envelhecimento em níveis químicos e biológicos.
3. Transplante, que poderia eventualmente permitir a reposição de órgãos até o ponto em que “nós” estaremos presentes, mas todo o “nosso” corpo será novo...
4. Próteses e “cyborgs” (combinações homem-máquina).
5. Ressurreição — trazer literalmente os mortos de volta. Na última década conseguiu-se ressuscitar pessoas de alguns segundos até cinco minutos após a “morte clínica” e Paul acha que logo chegaremos a meia hora depois da morte clínica.
6. Reconstrução de identidade por meio da clonagem.
7. Regeneração, o estudo dos processos pelos quais as células se renovam.

Paul também é um executivo da Sociedade Criogênica de Bay Area, um grupo de cientistas que programaram o congelamento de seus corpos no momento de suas “mortes clínicas”, na esperança de ressuscitá-los por intermédio de técnicas a serem descobertas futuramente.

Em meados dos anos de 1960, Paul participou de uma palestra do Dr. Leary que ele achou ser um ponto de mudança em seu próprio desenvolvimento intelectual. Nessa palestra, Leary afirmou: “Tudo que experimentamos é alucinação, *maya*. A realidade é um princípio lógico-matemático-estrutural que nós não enxergamos. Isso quer dizer que cada pessoa cria seu próprio universo a partir de seus próprios processos neurológicos. A ciência nada mais é do que a busca pelas integridades estruturais não-visíveis que apóiam essas aparências”.

Paul generalizou essa síntese budista-científica na teoria de que *nós somos informação*.

“A razão derradeira de que a imortalidade é possível”, Paul me disse, “é que *nós não somos a matéria da qual somos feitos*. Literalmente. Você pode rastrear uma química pelo corpo com agentes radioativos, mas o

corpo continua sua função depois que a química foi eliminada. Nós não somos as químicas, mas o padrão, a construção matemática. Você poderia dizer que a fórmula para a imortalidade é: Cibernética + DNA. Mas o próprio DNA é cibernético, a primeira aplicação da teoria da informação cibernética para a Biologia. O DNA é inteiramente um sistema de informação, um sistema de programação. A cibernética é a chave, a realização de que *nós somos programados e que podemos ser reprogramados.*”

Em anos recentes, os estudos de Paul concentraram-se na procura do gatilho químico que fixa e aciona o programa senilidade-morte. Ele acredita ser o primeiro a introduzir o conceito de “morte programada” na literatura científica.

Paul ainda relembra: “Lá pelos anos 60, os biólogos ainda consideravam o envelhecimento um processo aleatório — a casual degeneração de células aleatórias. Um dia, encontrei-me com uma mulher que não via há mais de ano e a mudança nela era tão completa que, imediatamente, pensei na palavra ‘metamorfose’. Estalei! De repente, enxerguei o que estava procurando. Suponhamos que o envelhecimento não seja casual e aleatório. Poderia ser uma definida metamorfose pré-programada, assim como a evolução de um óvulo fertilizado para um infante recém-nascido, ou a mutação biopsíquica na puberdade, ou a transformação de girino para sapo, ou de bicho-da-seda para borboleta”.

Paul desenvolveu a teoria de que toda ontogenia é pré-programada e disse: “Eu penso ter sido o primeiro a colocar essa idéia no papel e estou encantado por ela ser a hipótese de trabalho de um número crescente de pesquisadores”.

“Traços não são naturalmente selecionados só para a sobrevivência individual, como Darwin pensou”, Paul insiste. “Alguns são selecionados para a sobrevivência de espécies. A morte pré-programada era um pensamento impensável quando considerávamos o indivíduo como a nossa mônada; como poderia a seleção natural produzir tal programa genético se a seleção só fosse beneficiar o indivíduo? Mas se alguns traços fossem para beneficiar um grupo e para a evolução do grupo, tudo se enquadraria. Juguem fora os modelos 77 e deixem entrar os modelos 78. Novamente, Dr. Leary e Alan Watts, com seus conceitos holísticos a respeito do transego, foram de muita ajuda na afirmação do meu pensamento.”

Dr. Segall encontrou três maneiras de reverter o gatilho do envelhecimento, realizando experiências em ratos — para parar o envelhecimento por períodos equivalentes ao ciclo de vida normal do animal e, em seguida, permitir que o envelhecimento normal prossiga. Ele acredita que a sua pesquisa logo conseguirá isolar o gatilho correto que ativa ou pára o envelhecimento.

Curiosamente, os três métodos de Paul inibem o suprimento de triptofano ao cérebro, direta ou indiretamente. Ele acredita ser essa uma pista significativa. “O triptofano está estreitamente relacionado com a se-

rotonina e com os psicodélicos como LSD, psilocibina, DMT, mescalina, etc. *A parada do tempo experimentada por usuários de psicodélicos pode estar relacionada à privação do triptofano enquanto a droga está no sistema.*”

Com humor otimista, Paul afirmou que seu presente trabalho produzirá resultados “dentro de 15 anos no máximo”, estendendo, em média, a vida humana “para 400 ou 500 anos”.

Uma razão para eu estar tão confiante de que alguma descoberta surgirá desse tipo de pesquisa “em 15 anos no máximo” é que Paul tem muitos concorrentes. (Como foi mencionado em algumas páginas atrás, Dr. John Bjorksten está atualmente falando em aumentar o ciclo de vida para 800 anos.) Quem quer que chegue lá primeiro poderá até ser agraciado com o Prêmio Nobel. A “única” vantagem dos outros pesquisadores será gozar de uma vida mais longa, até que a imortalidade seja alcançada.

Consideremos também a *aceleração* dos avanços científicos.

Dr. Isaac Asimov, em seu livro *The Genetic Code*, observa que parece existir um ciclo de 60 anos entre a primeira compreensão de um novo princípio científico e a transformação do mundo pelas aplicações daquele princípio. Dessa forma, ele exemplifica a descoberta da equivalência eletromagnética por Oersted, em 1820; 60 anos mais tarde, em 1880, geradores elétricos e motores estavam no mercado e a Revolução Industrial ocorria nas nações ocidentais; o telégrafo também estava disseminado e a nossa era de comunicações em massa estava começando a aparecer.

Da mesma forma, em 1883, Thomas Edison observou pela primeira vez o que se chamou de “efeito Edison”, apesar de nunca compreendê-lo nem saber de sua importância. Em 60 anos, em 1943 aproximadamente, a tecnologia da eletrônica, distinta da eletricidade — tecnologia baseada inteiramente no “efeito Edison” —, fez com que o rádio se propagasse em todos os lugares, surgindo logo em seguida a televisão.

Novamente, em 1896, Becquerel notou o comportamento subatômico do urânio. Sessenta anos mais tarde, em 1956, duas cidades foram destruídas pelas bombas atômicas e unidades de geração nuclear estavam operando em muitos lugares.

Em 1903, os irmãos Wright conseguiram levantar vôo em seu monoplane por alguns minutos. Sessenta anos depois, em 1963, aviões a jato, carregando 100 passageiros, cruzavam os céus diariamente.

Em 1926, Goddard lançou o seu primeiro foguete no ar e obviamente, em 1986, vôos interplanetários serão comuns.

Assim, Dr. Asimov conclui que 60 anos é o tempo normal entre um avanço científico e a adaptação do mundo à nova tecnologia derivada desse novo conhecimento. Como o DNA foi descoberto em 1944, a revolução biológica (inclusive a longevidade e possivelmente a imortalidade) deverá estar em seu ponto máximo em 2004. Agora, em 1974, estamos no meio desse ciclo e a nova tecnologia deverá avançar bem mais rapidamente.

Alguns leitores deste livro — aqueles mais determinados — poderão nunca mais morrer.



## Aparições e Desaparições

O clima agora está ficando assombrado.

As pessoas que diziam ser mensageiras de Deus, extraterrestres ou mestres elevados começaram a entrar em contato comigo e, às vezes, de formas estranhas. A maioria era simplesmente louca, mas algumas me deixaram com “a pulga atrás da orelha”.

Por exemplo, um sujeito que dizia ser um representante dos verdadeiros Illuminati, e que ao Cético pareceu ser um vigarista profissional, ofereceu um convite a mim e a Arlen para jantarmos em um restaurante em Berkeley, onde gastou US\$70. Ele assegurou que estava nos protegendo o tempo todo, dando-nos a entender muito sorratamente que ele era Deus; colocou US\$200 no meu bolso antes de nos separarmos, dizendo que a nossa penúria estava chegando ao fim.

Ele nunca mais apareceu ou tentou explorar o Pobre Idiota de forma alguma. Que tipo de vigarista é esse que sai perdendo ao invés de lucrar?

Esse cético ainda acredita que esse era um indivíduo paranormal com inclinação benevolente e um ar de drama e mistério. Não acredito que fizesse parte dos verdadeiros Illuminati (exceto por quatro ou cinco minutos, enquanto o Xamã ponderou acerca de todas as teorias impossíveis, normalmente filtradas e consideradas melodramáticas demais para serem verdadeiras...).

Em nosso último encontro em Vacaville, eu disse a Tim Leary: “Giordano Bruno, o primeiro filósofo a sugerir a existência de inteligências superiores nessa galáxia, fazia uso da yoga tântrica”.

“Sim, eu sei”, ele respondeu.

“Ah, você leu *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, de Francis Yates?”, perguntei.

“Não. Era óbvio pelos escritos de Giordano. A magia sexual é *sempre* o primeiro dos segredos”, foi a resposta.

Nesse encontro, Timothy estava exuberante e estranhamente reservado. “Logo estarei fora”, disse ele. “Tudo está se encaixando.”

Na semana seguinte, ele foi transferido de Vacaville para Terminal Island, perto de Los Angeles. Joanna Leary avisara seus amigos de Bay Area para não enviarem cartas porque ele estava para ser transferido novamente.

O grande silêncio começara e semanas passaram.

Mike Horowitz, o homem da Fitzhugh Memorial Library, veio uma noite ao Pobre Idiota com uma história estranha. Joanna Leary aparecera

na casa dele, acompanhada por três homens que ela apresentou como sendo de uma empresa de fotocópia. Ela tinha uma carta com a caligrafia inconfundível de Timothy, instruindo Mike a entregar os arquivos de Leary para serem fotocopiados e armazenados permanentemente.

“Eram policiais”, Mike me disse. “Podia cheirá-los.”

“Que diabos...”

“Eu não sei. Eu simplesmente não sei...”

Passamos e repassamos o ocorrido durante horas. Se Timothy estava fazendo um acordo com os federais, qual seria o acordo? A paranóia entra e saía da sala enquanto discutíamos, teorizávamos e reconsiderávamos.

O Oráculo consultou o tarô de tanto Mike insistir. (Eu desconfio das minhas próprias leituras quando a emoção pessoal está envolvida.) Eu esqueço minhas interpretações, mas lembro que a carta mostrando o “resultado do assunto” era a estrela. De acordo com o livro *Magical Revival*, de Kenneth Grant, essa carta representa Síríus. Coincidência?

Uma semana depois, consultei novamente o tarô em relação a Timothy por insistência de outro amigo frustrado. E, novamente, a carta da estrela apareceu como “resultado do assunto”.

Coincidência outra vez?

Em setembro de 1974, a paranóia desceu com força total. Notícias plantadas pela Polícia Federal começaram a aparecer nos jornais, dizendo que Timothy estava pronto para testemunhar contra qualquer um de seus amigos, para poder sair da prisão. Alguns de nós que haviam assistido às metamorfoses de Leary de cientista para guru, de guru para revolucionário marxista, de revolucionário de volta para cientista sabiam que virtualmente ele seria capaz de qualquer outra transformação, por mais incrível que parecesse em Psicologia normal.

O *Berkeley Barb*, um jornal local, divulgou uma história não documentada de que Joanna havia sido presa por cocaína. “Ah,” as vozes começaram a dizer, “é assim que os federais conseguiram quebrar Tim...” Mas não havia como verificar a idoneidade da história. Outras vozes diziam: “É um truque. Os federais estão tentando levar o pânico à contracultura...”

E então veio a segunda onda de rumores.

Os terríveis psicólogos de Vacaville haviam mexido com a cabeça de Tim, vozes diziam nos arredores de São Francisco. Ele agora era um zumbi, como McMurphy no final do filme *Um Estranho no Ninho*. Kesey, como o verdadeiro xamã que era, havia, sem saber, previsto o destino de Leary dez anos antes de acontecer.

Watergate estava ainda em erupção; até os mais decididos paranóicos e céticos a respeito de teorias conspiratórias eram empurrados, cada vez mais, a admitir que o governo era capaz de *qualquer coisa...*

O pior é que ninguém conseguia levar uma mensagem a Timothy ou receber qualquer sinal dele. Ele estava totalmente incomunicável devido aos federais.



## Uma Lição de Carma

Lao-Tse afirma (pelo menos na tradução de Leary) que o Grande Tao é, muitas vezes, encontrado em pais dispostos a aprender com seus filhos. Essa observação deveria causar em mim uma expansão e um grande esforço mental nesse momento da narrativa, porque as minhas crianças haviam se tornado adolescentes autodirecionados e penetraram no ocultismo com muito mais entusiasmo e muito menos ceticismo do que eu pensava ser saudável.

Durante alguns anos, não podíamos conversar a respeito desse assunto sem discussão, apesar das minhas tentativas em lembrar-me de Lao-Tse e realmente *ouvir* as crianças. Elas acreditavam em Astrologia, que para mim era simples bobagem; em reencarnação, que eu considerava uma metáfora extravagante que não devia ser aceita literalmente; naquela forma da doutrina do carma, que declara otimisticamente que os maldosos são realmente castigados e os bons são recompensados e que eu considerava uma fantasia de nossos desejos e bem similar à idéia cristã de inferno e paraíso. O pior é que possuíam um grande apetite por vários “mestres” orientais que eu considerava charlatões e um grande desdém por toda a metodologia científica ocidental.

Minha posição era idêntica àquela de Aleister Crowley quando escreveu:

Não colocamos nossa confiança  
Na Virgem ou na Pomba;  
Nosso método é ciência,  
Nosso objetivo é religião.

Depois de cada discussão com uma das crianças, prometi a mim mesmo escutar novamente, com mais simpatia e menos julgamento, o seu orientalismo *pop*. Finalmente, acabei conseguindo e, realmente, aprendi muito.

Então aconteceu um “milagre”. Sei que para um pai de nível médio é muito difícil acreditar em qualquer outra minha “maluquice”, mas o meu grupo de adolescentes autoconfiante e autodirecionado *começou a me ouvir*. A comunicação verdadeira estava estabelecida. Apesar dos meus 40 anos e de uma barba que começava a branquear, eu era capaz de conversar inteligentemente com quatro adolescentes acerca dos nossos pontos filosóficos discordantes, e o respeito mútuo começou a crescer enormemente.

Acredito que esse seja o maior resultado conseguido em todas as minhas explorações ocultas, mesmo que o leitor solteiro ainda não possa apreciar a extensão do milagre.

Luna, a caçula que poderia ter levitado no México e que teve sua primeira menstruação sincronicamente no dia em que Leary foi preso no Afeganistão, ensinou-me a lição mais difícil de todas. Ela havia começado a pintar e tudo o que fazia me encantava: era sempre luz e sol, de uma maneira dominadora como Van Gogh. Um dia perguntei: “O que todas essas pinturas *significam?*”. E ela respondeu: “Estou tentando mostrar a Luz Clara”.

E aconteceu que um dia, ao voltar da escola, ela foi espancada e roubada por um bando de crianças negras. Ela estava chorando e apavorada quando chegou em casa, e seu Pai estava chocado pela injustiça de esse fato ter ocorrido com *ela*, uma criança tão gentil e etérea. Ao tentar consolá-la, o Pai começou a vaguear emocionalmente e a denunciar a idéia do carma. Luna não foi espancada pelos seus pecados, mas pelos pecados de vários séculos de escravistas e racistas cuja maioria nunca sofreu por esses pecados. “Carma é uma máquina cega”, disse o Pai. “Os efeitos do mal seguem em frente, mas não voltam necessariamente àqueles que originaram o mal.” Depois, voltei ao fato em si e tratei de ser mais consolador.

No dia seguinte, ela voltara a seu estado normal, ensolarada e alegre como a luz de suas pinturas. “Estou contente por vê-la tão melhor”, o Pai disse finalmente. “Eu parei a roda do carma”, ela respondeu. “Toda a energia negativa está com as crianças que me bateram e eu não fiquei com ela.” E realmente não estava. A má energia passara por completo e não havia raiva nem medo. Eu nunca percebi nela qualquer hostilidade para com as pessoas negras depois do incidente, não mais do que antes.

E o Pai apaixonou-se por ela novamente e compreendeu o que a metáfora da roda do carma realmente simboliza e o que significa parar essa roda.

Carma, nas escrituras originais budistas, é uma máquina cega; de fato, ela funcionalmente é idêntica ao conceito científico da lei natural. As idéias sentimentais éticas a respeito da justiça encontram-se embutidas na máquina — para que aqueles que praticam o mal numa vida sejam punidos em outra — e foram incluídas mais tarde, pelos teólogos, como razões para os seus próprios preconceitos moralistas. Buda simplesmente indicou que todas as crueldades e injustiças do passado são sempre ativas; seus efeitos são sempre sentidos. De igual forma, ele explicou, todas as boas ações do passado, toda a bondade, paciência e amor de pessoas decentes são continuamente sentidas.

Como a maioria dos seres humanos ainda é controlada por razoáveis efeitos robóticos, a má energia do passado é bem maior do que a boa e a tendência da roda é continuar girando na mesma terrível direção: a violência provocando mais violência, o ódio criando mais ódio, e guerras, mais guerras. A única maneira de “parar a roda” é *pará-la dentro de nós mesmos* eliminando a má energia e concentrando-se na positiva. Não é fácil, mas uma vez que se compreende o que Gurdjieff chamou de “o horror da nossa situação”, a única opção é tentar e continuar tentando.

E Luna, aos 13 anos, compreendeu isso muito melhor do que eu aos meus 43 anos, toda a minha erudição e filosofia... Eu ainda considerava o hábito vegetariano e o pacifismo dela como sentimentalismo.



## Bruxaria

Um outro tipo de experiência oculta ocorreu em 26 de abril de 1974. O Xamã estava praticando um ritual com um grupo de bruxas de Bay Area, chamado de Nova Ordem Reformada Ortodoxa da Golden Dawn. Durante a parte da cerimônia em que o grupo “levanta o cone de poder” (molda o “astral” ou campo orgônico em um cone que pode ser visto e direcionado pela vontade dos membros), eu tive uma visão do meu filho Graham, que naquele momento se encontrava no Arizona com alguns amigos. Graham estava deitado no chão e policiais se encaminhavam para ele. Não pude ver mais nada, mas o Xamã rapidamente colocou um “cone de poder” à sua volta como instrumento de proteção e tentou deixar uma mensagem telepática para que ele me telefonasse pela manhã. O Pai estava amedrontado, imaginando que Graham poderia ter-se envolvido em um acidente de carro.

Na manhã seguinte, quando o telefone tocou, eu logo disse que era o Graham. (Muitas vezes, eu identifico a pessoa que chama antes de atender ao telefone. Alguns leitores têm certeza de que eu esteja mentindo como um diplomata. Outros acreditam porque querem acreditar. Não creiam nem descreiam. Leiam os livros de Crowley\* e tentem praticar suas experiências.) E realmente era. Graham contou sua aventura com “os porcos”, como os jovens costumam chamar os nossos oficiais da lei e da ordem. Ele e seus amigos estavam dormindo em um bosque quando alguns policiais entraram na clareira e descobriram o carro. Os garotos esperavam, no mínimo, ser expulsos do bosque para que seguissem caminho ou, por experiências anteriores, tinham medo de ser encarcerados até que todos os pais fossem notificados e ficasse comprovado que nenhum deles era um fugitivo. (Ninguém abaixo de 21 anos tem nenhuma liberdade civil nos E.U.A.)

Os policiais se encaminharam para onde os garotos estavam dormindo. Aqueles que tinham sido acordados, inclusive Graham, observavam a aproximação. De repente, os policiais se viraram, voltaram para seu carro e foram embora.

Verificamos os horários. O incidente ocorrera alguns minutos antes da meia-noite, a mesma hora em que eu tivera a visão astral. Se o meu

---

\*N. do T.: Deste autor, sugerimos a leitura de *Os Livros de Thelema* e *O Livro de Thoth*, ambos lançados pela Madras Editora.

“cone de proteção” afastou os policiais “astralmente” é uma questão experimental a ser determinada total e somente quando pesquisas científicas mais rigorosas forem realizadas nessa área. Pelo menos eu estava satisfeito de que, de alguma forma, havia mais bruxaria do que *simples* auto-hipnose.

Eu me envolvi com as bruxas num esforço programado por conseguir iniciação no maior número possível de escolas xamânicas, outra idéia adquirida do meu caro tio Aleister. Em seus livros *Liber Aleph*, *Magick* e em outros, Crowley incentiva o estudante de consciência superior a se envolver com o maior número possível de deuses e deusas para não cair no erro do monoteísmo. Ele mesmo nos deixou maravilhosas invocações para diversas divindades, assim como uma variedade de descrições poéticas e prosas de seus relatos amorosos com Allah, Nuit, Pan, Kali, a Virgem Maria e outros. (“Agradeço a Deus por ser um ateu”, ele também escreveu em um ensaio sobre “A Psicologia do Haxixe”).

Minha hipótese de trabalho era ainda aquela de considerar que qualquer “ser iluminado”, por mim contatado, *provavelmente* fosse subjetivo, caso não houvesse uma objetiva evidência de suporte; e *possivelmente* fosse extraterrestre (convertido numa forma antropomórfica pelo meu sistema nervoso), se ele produzisse resultados objetivos, como aquele de eu estar na Califórnia e no Arizona ao mesmo tempo. Ou arremessando o meu “corpo astral” para o Arizona, enquanto o meu corpo físico permanecesse na Califórnia, ou qualquer outra forma que você possa imaginar a respeito do ocorrido.

Enquanto isso, eu estava pesquisando outros contatados, não só aqueles que recebiam panquecas das estrelas, como Joe Simonton, ou mensagens de amor fraterno, como o notório George Adamski, mas muitos outros que normalmente não estavam sendo considerados como contatados.



## Nikola Tesla\*, um Xamã Secular

Encontrei as primeiras pretensas comunicações extraterrestres entre os pioneiros eletrônicos Marconi e Tesla. Ambos foram ridicularizados e simplesmente pararam de comentar o assunto.

Tesla é especialmente um caso interessante aos nossos propósitos. Muitos (inclusive o seu principal biógrafo) consideravam Tesla virtualmente super-humano e, no entanto, era tão ingênuo em assuntos práticos que

\*N. do T.: Sugerimos a leitura de *As Fantásticas Invenções de Nikola Tesla*, Madras Editora, 2004.

foi ludibriado várias vezes por homens de negócios a quem ele vendia suas invenções. O maior objetivo na vida de Tesla era o de criar energia abundante e barata para que todo o mundo pudesse viver com afluência; ele chegara tão perto disso em seu trabalho mais tardio que as corporações de suporte financeiro interromperam a fonte, temendo que ele fosse enfraquecer os monopólios que os enriqueciam. Ele também é um dos únicos dois homens que se recusaram a receber o Prêmio Nobel (o outro foi Jean-Paul Sartre).

A maior descoberta de Tesla foi o mecanismo pelo qual a corrente alternada pode ser gerada eletricamente para ser usada; os geradores de corrente alternada de Tesla foram muito mais importantes do que as máquinas de corrente contínua de Edison, na revolução tecnológica moderna. Essa *iluminação* chegou a Tesla por meio de uma série de visões quase místicas durante a sua adolescência. Os eventos principais foram:

1. As próprias visões, em algumas das quais Tesla literalmente entrava em transe e falava com entidades que somente ele via.
2. Uma série de misteriosas doenças entre as visões. Em algumas delas, Tesla tornou-se agudamente sensível, a ponto de todas as percepções serem dolorosas (as cores eram muito brilhantes, os ruídos muito altos, etc.). Muitas vezes, Tesla quase chegava à morte provocada por uma aparente drenagem da energia vital que seus médicos simplesmente não podiam explicar.
3. Depois da visão final, na qual Tesla “viu” que tudo no universo obedece à lei das Oitavas (veremos a importância das oitavas mais adiante), Tesla transformou-se numa espécie de vidente secular. Ele desenvolveu uma visão interna muito peculiar. Ele podia literalmente “ver” em detalhes qualquer máquina por ele imaginada, até as microscópicas medidas e dimensões, como se ele estivesse usando ferramentas próprias para medir uma verdadeira máquina. Ele patenteou dúzias desses dispositivos e tornou-se milionário antes de chegar aos 30 anos.<sup>63</sup>

Comparem isso com a experiência de Gopi Krishna, um típico adepto de yoga:

1. Como Tesla, Gopi Krishna teve uma série de visões e iluminações durante um período de anos.
2. Como Tesla, Gopi Krishna sofreu simultaneamente uma série de misteriosas doenças, quase morreu várias vezes e, em certas ocasiões, tornava-se *dolorosamente sensível a todas as sensações*.

63. *Prodigal Genius: The Life of Nikola Tesla*, de John C. O'Neill, Londres: Neville Spearman, 1968, pp. 23-49.

3. Depois da visão final, Gopi Krishna tornou-se um prodígio paranormal, escrevendo poesias em vários idiomas que normalmente não poderia ler ou escrever.<sup>64</sup>

Parece vermos aqui o mesmo processo de mutação ocorrendo em ambos os casos, ligeiramente modificado por influências de cultura. Vamos considerá-los em uma escala mais ampla:

1. Em cada tribo existem xamãs ocasionais, predispostos a visões e iluminações.
2. Geralmente, esses xamãs começam a ter suas visões durante, ou logo após, uma prolongada doença que quase os leva à morte.
3. Depois de sua recuperação, o xamã adquire habilidades psíquicas estranhas — “talentos selvagens” como os chamou Charles Fort.<sup>65</sup>

O processo todo pode ser condensado na fórmula *quase-morte + “renascimento” em um nível superior*.

No curso de minhas investigações, passei por um número de iniciações ocultas e percebi a similaridade básica de tais rituais em todas as tradições. Esse é o padrão de *morte-renascimento* que até hoje se repete simbolicamente na missa católica romana e na cerimônia da “elevação” maçônica. O Investigador não está traindo nenhum segredo ao dizer que, em ordens ocultas sérias, essas práticas não são meros rituais, mas verdadeiras provações. Enquanto possível dentro da lei, o candidato é freqüentemente levado a um estado de terror similar à emergente condição do sistema nervoso em crises de quase-morte. Então, o que ocorre é experimentado como renascimento, é o salto quântico para a percepção neurológica. Na terminologia de Leary, novos circuitos são formados e impressos.

É óbvio que os primeiros xamãs não tiveram mestres, eles apenas passavam acidentalmente pela transição doença-renascimento. Mais tarde, as escolas de xamãs desenvolveram técnicas (com psicodélicos, rituais de terror, yoga, etc.) para impulsionar o estudante nesse tipo de experiência. Na maioria dessas escolas, há uma grande confiança em uma entidade ou entidades de natureza super-humana que proporciona ajuda no processo de iniciação, algumas vezes, por um período de vários anos. (“Uma verdadeira iniciação nunca termina”, Crowley disse uma vez.)

Incidentalmente, Tesla permaneceu um rígido materialista toda a sua vida. Quando o seu biógrafo lhe disse que a sua paranormalidade havia sido demonstrada em numerosas ocasiões, Tesla replicou que na paranormalidade também havia um meio-material.

64. *Kundalini*, de Gopi Krishna, Berkeley: Shambhalla, 1970.

65. *The Invisible Landscape*, de Terrence e Dennis McKenna, Nova Iorque: Seabury Press, 1975, pp. 8-17.

Obviamente, todo o processo xamânico de quase-morte e renascimento em um nível superior será uma prática comum nos anos de 1990, se Leary estiver certo e se tivermos tanto uma pílula para a morte simulada como outra para a imortalidade.



## Outros Sinais Estelares

Em 1927, Jorgen Hals, um engenheiro de rádio nascido na Noruega, recebeu sinais que nunca foram explicados. Na década de 1950, vários cientistas russos tentaram provar que os sinais que Hals recebera eram de origem estelar, mas essa teoria ainda está sendo debatida e sem alcançar nenhum consenso.

Em outubro de 1971, L. George Lawrence, engenheiro eletrônico americano, estava investigando o “efeito Backster” (telepatia com plantas) no deserto perto do Monte Palomar, Califórnia. Ele usava um equipamento especial, desenhado por ele mesmo, consideravelmente mais sensível que o polígrafo de Backster. Para sua surpresa, Lawrence começou a receber sinais que pareciam vir do céu, da região da Ursa Maior. Não querendo divulgar essa descoberta logo no início, Lawrence trabalhou vários meses verificando o seu equipamento para insetos e reprojetoando-o para eliminar qualquer outra possível dúvida. Em abril de 1972, a experiência foi repetida no Deserto de Mojave. Ele obteve os mesmos resultados. O relatório de Lawrence para o Smithsonian Institute, em Washington, diz o seguinte:

Uma aparente seqüência de sinais de comunicação interestelar de origem e destino desconhecidos foi observada. Como a interceptação foi feita por sensores *biológicos*, uma transmissão de sinais do tipo biológico deve ser presumida. Testes experimentais foram conduzidos numa área de profunda faixa eletromagnética, o próprio equipamento sendo insensível à radiação eletromagnética. Testes de acompanhamento não revelaram defeitos no equipamento. Visto que experiências de escuta interestelar não são realizadas de forma rotineira, adianta-se a sugestão para que testes de verificação sejam praticados em outros lugares e possivelmente em escala global. O fenômeno é importante demais para ser ignorado.<sup>66</sup>

Carl Sagan, da Universidade de Cornell, juntamente com outras pessoas relacionadas com as comunicações interestelares, investiu a maior parte de seu tempo e energia em recepção de sinais de *rádio*. Todos os

66. *Secret Life of Plants*, op. cit., pp. 61-65.

projetos dessa espécie, financiados ou buscando financiamento, baseiam-se na hipótese de que a comunicação interestelar envolveria energias de ondas de rádio. Os resultados de Lawrence sugerem que poderia haver uma considerável quantidade de comunicação cósmica acontecendo, envolvendo o nível “biológico” ou o nível celular da consciência.

Agora, Lawrence está construindo um gigantesco Stellartron para buscar outras transmissões estelares. O efeito Backster e outras considerações a ele relacionadas, afirma Lawrence, levam à idéia de que “psi” seja parte de uma “matriz paranormal” — uma malha única de comunicações que engloba toda a vida.<sup>67</sup>

Aceitar a possibilidade dos sinais de Lawrence é levantar a acusação de “chauvinismo eletromagnético”, que Dr. Jack Sarfatti pronunciou contra Carl Sagan e muitos outros que estão interessados na busca de sinais interestelares. Sagan, diz Sarfatti, não deveria presumir que tais sinais deveriam ser tratados pela tecnologia eletrônica que já conhecemos. Esse chauvinismo, observa Dr. Sarfatti, é tão ingênuo quanto presumir que raças avançadas fariam o idioma inglês.

Considerem a Inteligência Superior contatada pelo americano Jack Parsons, o pioneiro em foguetes que co-fundou Cal Tech e tem a reputação de ter contribuído tanto em tecnologia básica e inovadora para a ciência aeroespacial quanto Goddard ou von Braun. Parsons, que era um membro da Ordo Templi Orientis, nos anos de 1930 e 1940, quando Aleister Crowley ainda era vivo e agia como chefe externo, publicou o livro *The Book of the Anti-Christ*, um documento estranho, lindo e revolucionário que, como *The Book of the Law*, foi supostamente ditado por uma Inteligência Superior. Essa entidade é descrita por Parsons como “muito santa e maravilhosa”. Ela exortou Parsons a declarar guerra a “qualquer autoridade cuja base não fosse a coragem e a humanidade... à autoridade de padres mentirosos, de juízes coniventes, de policiais corruptos” e pediu “o fim da restrição e da inibição, do recrutamento militar, da compulsão, da arregimentação e da tirania das leis”.

A segunda parte desse estranho documento incentiva todos os buscadores da verdade a praticar o yoga sexual de Crowley: “Concentrem toda a força e o ser em Nossa Senhora Babalon. Acendam uma única luz em seu altar, dizendo ‘chama é Nossa Senhora; chama é seu cabelo. Eu sou chama’”, etc. No Tarô de Crowley, Babalon é *A Estrela*, que Kenneth Grant diz ser Síríus.

Grady McMurty, um velho amigo de Crowley e de Parsons e atualmente califa da Ordo Templi Orientis nos Estados Unidos, gentilmente colocou em minhas mãos vários manuscritos da Ordem: publicações particulares dos anos de 1940. Em um específico documento, Parsons de-

---

67. *Idem*, p. 73.

clara sua devoção à busca xamânica-psicodélica em termos poéticos que podem ter sido considerados estranhos até para o próprio Crowley. O poema começa assim:

Eu elevo Dom Quixote, vivo à base de peiote,  
marijuana, morfina e cocaína,  
Não conheço a tristeza, mas só a loucura  
que queima o coração e o cérebro.  
Vejo cada empregada doméstica, extasiada, inumana,  
angélica, demoníaca, divina.  
Cada vagão um dragão, cada caneca de cerveja uma taça  
cheia de vinho ambrosíaco.

Ele foi impresso em 21 de fevereiro de 1943, na edição de *The Oriflamme*, jornal da Ordo Templi Orientis, dois meses antes de Hofmann descobrir o LSD.

Parsons morreu em um acidente de laboratório em 1949. De acordo com Kenneth Grant, o último ano de Parsons fora devotado à tentativa de conceber, junto com sua amante, uma criança da Lua — uma entidade magicamente separada das influências da Terra no momento da concepção e, desse momento em diante, dedicada às influências espaciais superiores. (Crowley descreve essa tentativa em sua novela *Moonchild*. De acordo com o meu conhecimento, isso não foi conseguido até agora.)

Metade da vida de Jack Parsons é parecida com a de Crowley e a outra metade é parecida com a de Leary. Sua vida foi um testamento da fé: *está na hora de deixar este planeta*. Por suas inúmeras contribuições à ciência aeroespacial, Parsons foi homenageado, tendo o seu nome agraciado uma cratera da Lua.<sup>68</sup>



## Nas Pegadas dos Illuminati

Um dia, apareceu-me em uma livraria o livro *Gurdjieff: Making a New World*, de J. G. Bennett. Adivinhem o meu estado mental quando li a seguinte passagem:

Após o falecimento de Gurdjieff\*, alguns dos velhos pupilos me pediram para escrever um comentário a respeito de *Belzebu*. Quan-

68. Detalhes da vida de Jack Parsons são extraídos dos escritos de Francis King e Kenneth Grant, *op. cit.*, e das reminiscências de Grady McMurty.

\*N. do T.: Saiba mais a respeito de Gurdjieff, lendo a obra *Os Ensinaamentos de G. I. Gurdjieff*, P. D. Ouspensky e Maurice Nicoll - baseados na *Vida e no Trabalho*, Madras Editora, 2004.

do escrevi alguns capítulos e enviei-os para efeito de comentários, quase todos concordaram que seria um erro publicá-los. Se Gurdjieff tivesse a intenção de fazer com que o significado fosse de fácil acesso para todos os leitores, ele teria escrito o livro de modo diferente. Ele mesmo tinha o hábito de ouvir capítulos lidos em voz alta e, se achasse as principais passagens de muito fácil compreensão — e, portanto, inevitavelmente superficiais demais —, ele os reescreveria para, conforme dizia, “enterrar o cão mais fundo”. Quando as pessoas o corrigiam e diziam que provavelmente ele quisesse dizer “enterrar os ossos mais fundo”, ele se virava dizendo que não eram os “ossos”, mas o “cão” é que devia ser encontrado. O cão é Sírius, a estrela cão, que representa o espírito da sabedoria na tradição de Zoroastro.<sup>69</sup>

Sírius de novo. “Coincidência”, diz o Cético uma vez mais. *Beelzebub's Tales to his Grandson*, o livro em questão trata de inteligências superiores extraterrestres que intervêm repetidamente na Terra para acelerar sua evolução. Mas, é claro, essa é só uma história...

Ou será que não é?

J. G. Bennett, em outro livro sobre os ensinamentos de Gurdjieff, intitulado *Is There Life on Earth?*, afirma que Gurdjieff foi iniciado em uma sociedade mística não mencionada, que se originou na Babilônia por volta de 4500 a.C. Grant também rastreia a tradição de Crowley no remoto Egito e na Babilônia dessa época.

“Coincidência, coincidência, coincidência”, sopra o Cético; mas será que ouço uma crescente incerteza em sua voz?

Esperem! Há muito mais por vir. Em julho de 1975, publiquei um artigo referente a tudo isso em *Gnostica*, um jornal de ocultismo. Algumas semanas mais tarde, recebi uma carta de Edward Gardiner, do Detroit Film Collective. O Sr. Gardiner escreveu que havia participado do Quarto Festival Internacional de Yoga e de Ciências Esotéricas, em Dallas. Em uma das palestras, Dr. Douglas Baker dissera que Sírius é o centro Ajna de um ser galáctico e que o nosso Sol é o centro do Coração. Nossa evolução planetária depende da elevação da energia do Coração (nosso Sol) para o Ajna (Sírius).

Dr. Baker representa a Sociedade Teosófica, fundada pela Madame H. P. Blavatsky\* por ordem de supostas transmissões de um Chefe Secreto chamado Koot Hoomi. Que Gurdjieff fora educado pelos Sufis é hoje ge-

69. Gurdjieff: *Making a New World*, de J. G. Bennett, Londres: Turnstone Books, 1973, p. 274. Na página seguinte, Bennett define o objetivo de Gurdjieff como escritor: “colocar constantemente o leitor na perspectiva não habituada de observador extraterrestre”.

\*N. do T.: Sugerimos a leitura de *O Mundo Esotérico de Madame Blavatsky*, Madras Editora, 2003.

ralmente aceito. Crowley havia sido orientado por um Chefe Secreto chamado Aiwass. Eu estimaria que cerca de 90% dos grupos ocultos no mundo ocidental são total ou parcialmente derivados de Blavatsky, ou Gurdjieff, ou Crowley, que juntos formariam o indispensável Grande Três do ocultismo do século XX. E agora temos os três ligados de uma forma ou de outra com Sírius.

É claro que se xamãs de qualquer escola fossem desenvolver ilusões acerca das estrelas, muito provavelmente escolheriam Sírius, a estrela mais brilhante no céu e difícil de ser ignorada. Ela também se encontra na constelação do cão, “o maior amigo do homem”.

No entanto, tal era a reprimida credulidade do Cético mais endurecido, que comecei a me perguntar uma ou duas vezes a respeito de novos significados para a antiga charada zen: “Um cão tem a natureza de Buda?”. E relendo o livro *Ulysses*, de Joyce, depois de muitos anos, o metaprogramador ficou abalado com a missa negra, durante a qual as almas de todos os que foram salvos cantam “Goooooooooooooooood” (Deus), enquanto as almas dos danados cantam “Dooooooooooooooooog” (Cão).

O palíndromo God-Dog (Deus-Cão) também aparece em *The Book of the Law*; vocês se lembram da pergunta: “Pode um deus viver em um cão?”. Minha fantasia deu um salto e eu me perguntei por que Joyce colocou *Ulysses* na primavera de 1904, na mesma época em que Crowley estava recebendo *The Book of the Law* (19 + 4 = 23...).

Esse mesmo palíndromo novamente aparece no primeiro capítulo do livro *High Priest*, do Dr. Leary, publicado em 1968. O capítulo é intitulado “Godsdog”.

Coincidência? Sincronicidade? Inteligência Superior?

Foi então que Brian Hanlon, um ufólogo de São Francisco, chamou minha atenção para um livro chamado *Other Tongues, Other Flesh*, escrito por George Hunt Williamson.

Williamson, um dos primeiros contatados de 1950, afirma ter-se encontrado com seres extraterrestres de Sírius. Ele imprime grande parte de sua linguagem — as “outras línguas” do título — e descobri que algumas palavras eram quase idênticas à linguagem “angélica” usada pelo Dr. John Dee\*, Aleister Crowley e outros magos da tradição dos Illuminati. Por exemplo, Williamson transcreve uma das palavras recebidas como *leshtal*; Crowley menciona a palavra “lashtal”. Isso é, aqui mais, impressionante ao lembrarmos os dois oficiais navais que mencionaram a palavra “affa” (nada) da mesma linguagem “angélica”.<sup>70</sup>

\*N. do T.: Deste autor, sugerimos a leitura de *A Mônada Hieroglífica*, Madras Editora, 2004.  
70. *Other Tongues, Other Flesh*, de George Hunt Williamson, Amherst Wisc.: Amherst Press, 1953, p. 72.

Williamson também informa que os sirianos estiveram em contato com a Terra durante “alguns milhares de anos” e que seus aliados usam, aqui, a insígnia do Olho de Hórus — a origem dos Illuminati, o desenho do olho no triângulo.<sup>71</sup>

Como todos os outros contatados, Williamson pode ser suspeito de ter alucinado ou simplesmente de ser um grande mentiroso. Entretanto, até os mais céticos podem ficar surpresos se, neste ponto, levantarmos algumas perguntas, como por exemplo: Que chances teria Williamson, seja como alucinado, seja simples mentiroso, de inventar palavras de linguagem “angélica” conhecidas somente por estudiosos da cabala? Bem, pode ser que tenha lido um pouco da cabala, claro. Mas quais seriam as chances, por coincidência ou por acaso, de dois oficiais da Inteligência Naval de alta segurança também mencionarem uma palavra da mesma linguagem, em contatos separados? Como poderia Williamson saber que Crowley estava de alguma forma ligado a Sírius, em 1953, ao escrever o seu livro, quando Kenneth Grant foi o primeiro a ligar Crowley a Sírius em 1973? Seria a coincidência de uma feliz adivinhação Williamson mencionar o “olho no triângulo” (usado por Crowley e os Illuminati) como suposto símbolo da sociedade secreta em contato com Sírius? Seria outra coincidência que o tal símbolo fosse usado por Adam Weishaupt e Thomas Jefferson? E seria ainda outra coincidência que Dr. Baker, o teosofista, declarasse Sírius como “o terceiro olho” de um ser cósmico?

Quando *Illuminatus* estava sendo redigido (1969-1971) não havia nenhum interesse de minha parte e nenhuma ilusão quanto a contatos com extraterrestres. Mas, agora, descobrimos que tanto o número 23 quanto o símbolo do olho no triângulo — os dois enigmas mais misteriosos daquele trabalho — têm uma longa história de conexão no mistério Illuminati-Sírius. Eu não sabia disso quando estava trabalhando no *Illuminatus* — mas evidentemente algo que é parte de minha mente, ou está em comunicação com minha mente, sabia.



## Drogas e Divindade

Depois de tudo isso, comecei novamente a estudar Gurdjieff avidamente. O livro *Beelzebub's Tales to his Grandson*, a maior prosa de Gurdjieff, trata de inteligências superiores interestelares que procuram ajudar e adiantar a evolução da Terra. Anteriormente, eu havia considerado

71. *Idem, op. cit.*, pp. 88, 219, 227.

esse trabalho como simples alegoria, uma plataforma conveniente para o ensinamento sério de Gurdjieff, mas agora comecei a ponderar se ele não estaria escondendo o seu verdadeiro segredo onde ninguém pensaria procurar por ele. Uma carta roubada de Sírius?

Eu estava ainda mais intrigado com o diagrama dos passos dos níveis vibratórios. Acima da humanidade, Gurdjieff colocou “anjos”, “arcanjos” e “o imutável eterno”. Dr. Kenneth Walker, um membro do Royal College of Surgeons e um cientista teimoso, faz um estranho comentário sobre esses seres superiores em seu livro *A Study of Gurdjieff's Teaching*:

Esses quadrados representam entidades superiores a nós e para nós desconhecidas, podendo ser chamadas de anjos e arcanjos se quisermos... Outros membros do grupo de São Petersburgo haviam concordado em equiparar “anjos” a planetas e “arcanjos” a sóis...<sup>72</sup>

Se substituirmos por “planetas” e “sóis” o conceito de “entidades inteligentes e mais evoluídas em outros sistemas solares”, teremos a teoria de 1973 de Leary sobre a telepatia interestelar.

Resumidamente, o sistema de Gurdjieff acredita que os seres humanos evoluem de mamíferos para a imortalidade. Ele diz repetidamente que quase todos nós (e com evidente satisfação em aborrecer a nossa auto-estima) estamos no nível mamário — robôs controlados pelo condicionamento. Pensamos estar conscientes, mas não estamos. Estamos adormecidos, hipnotizados, sonâmbulos — as metáforas variam, mas todas querem dizer que não conseguimos enxergar além do nosso condicionado túnel-realidade. Quando começarmos a despertar, perceberemos que o mundo nada tem a ver com os mitos e superstições que a sociedade nos impôs. E se a alegoria de Gurdjieff for interpretada literalmente, um grupo de inteligências interestelares, evoluído a estágios menos mamários que o nosso, está nos observando o tempo todo e, ocasionalmente, interfere para acelerar a nossa evolução àquele mesmo nível.

Nesse contexto, lembremo-nos da existência de dois grandes mistérios da Antropologia que não são de menor importância; ao contrário, são duas das mais importantes perguntas a ser colocadas:

1. Como começou a linguagem?
2. Como começou a civilização? Existem dúzias de teorias, mas nenhuma hipótese proporcionou ainda uma resposta que pudesse ser aceita pela maioria, bem como opiniões de tantos antropólogos que mantêm teorias pessoais divergentes entre si, não permitindo nenhuma conclusão. Nós simplesmente não sabemos.

Mas linguagem e civilização são funções da faculdade simbólica ou semântica, que, por sua vez, produziu aquele outro grande mistério: o xamanismo — do qual surgiu a religião e toda a malha de idéias artificiais (engendrada pelo homem) que nos diferencia de outros mamíferos terrestres.

A evidência cumulativa em livros como *The Sacred Mushroom*, do Dr. Andrija Puharich, *The Sacred Mushroom and the Cross*, de John Allegro, *Soma: Divine Mushroom of Immortality*, de R. Gordon Wasson, *The White Goddess*, de Robert Graves\* (quarta edição revisada), *Flesh of the Gods*, de Peter Furst, *The Peyote Cult* e *Ghost Dance: Origins of Religion*, do Dr. Weston LaBarre, *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental*,\*\* de Margaret Murray, etc., deixa poucas dúvidas de que o início da religião (percepção ou, no mínimo, a crença em inteligências superiores) está intimamente ligado ao fato de que os xamãs — na Europa, na Ásia, nas Américas, na África — estiveram dosando seus sistemas nervosos com drogas de metaprogramação desde pelo menos 30.000 a.C.

O padrão é o mesmo entre os nossos ancestrais das cavernas e os índios americanos, nas festas eleusinas em Atenas e entre os hindus pré-védicos, nas tribos espalhadas de pólo a pólo e na pesquisa contemporânea resumida pelo Dr. Walter Huston Clark em seu livro *Chemical Ecstasy*: as pessoas ingerem essas substâncias de metaprogramação e logo afirmam ter contato com inteligências superiores.

De acordo com o livro *Ghost Dance*, de LaBarre, os xamãs das Américas do Norte e do Sul fizeram uso de 2.000 substâncias químicas diferentes de metaprogramação; curiosamente, aqueles da Europa e da Ásia só usaram cerca de 250.<sup>73</sup> A *Amanita muscaria* (o cogumelho “fly agaric”) era a droga sagrada mais utilizada no Velho Mundo, e o cacto peiote no Novo Mundo. Pelos 30.000 e 40.000 anos passados, inúmeros xamãs foram treinados por xamãs mais velhos [como o antropólogo Carlos Castañeda foi treinado pelo *brujo* (bruxo) Dom Juan Matus em seus famosos livros] para usar essas substâncias, como Dr. Leary e Dr. Lilly as usaram, para metaprogramar o sistema nervoso e trazer à tona alguns sinais que normalmente não são rastreados. (Somente no espectro visual, sabe-se muito bem, desde Newton, que normalmente percebemos menos do que 0,5% de todas as pulsações conhecidas.) É possível generalizar com segurança que na ligação entre esses sensíveis e novos rastreamentos e a crença pessoal em inteligências superiores encontra-se a explicação mais provável das origens da religião.

\* N. do T.: Deste autor, sugerimos a leitura de *Mitos Gregos*, Madras Editora, 2004.

\*\*Lançado pela Madras Editora, 2003.

73. *Ghost Dance: Origins of Religion*, de Weston LaBarre, Nova Iorque: Doubleday, 1970.

Que a mente ativada é cósmica em dimensão é declarado diretamente pelo guia xamânico de Carlos Castañeda, Dom Juan Matus, no livro *Tales of Power*:

Ontem à noite foi a primeira vez que você voou nas asas de sua percepção. Um feiticeiro pode usar essas asas para tocar outras sensibilidades, as de um corvo, por exemplo, de um coiote, de um grilo ou a ordem de outros mundos deste espaço infinito. (Itálicos adicionados.)

Quando o professor Castañeda perguntou diretamente: “Você quer dizer outros planetas, Dom Juan?”, o velho xamã respondeu sem reserva: “Certamente”.<sup>74</sup>

Como o capitão James T. Kirk uma vez observou: “É possível que tudo isso seja um acidente? Ou existe alguma inteligência alienígena atrás disso?”.



## Os Horrores Começam

Nesse ponto de nossa aventura, eu estava entrando em meu segundo ano de seguro-desemprego e aproximando-me do 42º aniversário. *Illuminatus* ainda não fora publicado. Algumas vezes, ao olhar-me no espelho, podia imaginar as palavras FRACASSO: TOTAL, ABJETO, FRACASSO COMPLETO escritas em minha testa. Eu compreendia perfeitamente a citação de Mae West: “Fui rica e fui pobre, mas rica é melhor”.

Eu praticava diariamente os exercícios Sufis do chakra cardíaco para poder abrir-me ainda mais ao amor de todos os seres. Não era porque eu quisesse ou esperasse tornar-me santo, mas simplesmente porque, sem trabalho, eu poderia facilmente afundar na paranóia e na autopiedade, como aconteceu com muitos idealistas dos anos de 1960 durante a contra-revolução de Nixon. Às vezes, o chakra do coração se abria, deixando passar uma luz, como foi afirmado nos livros pertinentes, e o Místico amava todos os seres vivos. *O mundo inteiro era o meu corpo*. Era maravilhoso. Dois dias mais tarde, apesar do meu trabalho na abertura do coração, os problemas financeiros sobrecarregavam o Pobre Idiota novamente e eu sentia a aproximação clássica da síndrome da ansiedade — tonturas, mãos úmidas, taquicardia, enfim, todo o processo.

74. *Tales of Power*, de Carlos Castañeda, Nova Iorque: Simon & Schuster, 1974, p. 270.

De acordo com William F. Buckley Jr. e vários outros filósofos que nunca passaram pela pobreza, esse tipo de sofrimento supostamente reforça o caráter e mantém a América forte. O Pobre Idiota viu muitas pessoas no programa de seguro-desemprego durante aqueles meses — se você mora em um bairro pobre, encontra gente pobre — e fez um estudo detalhado do tipo de caráter que essa experiência proporciona. Em minha capacidade de julgamento, eu diria que todos seriam menos paranóicos se, ao invés de serem pobres durante sete dias por semana, passassem em conforto seis dias e sujeitassem-se à tortura chinesa da água no sétimo dia.

O Pobre Idiota continuou seus exercícios Sufis, concentrando seu amor em pessoas como Buckley, Nixon e Rockefeller. Ao mesmo tempo, atacou seus sintomas de ansiedade com *pranayama*, um método de respiração yoga que Crowley (entre outros) afirma que neutraliza e elimina qualquer emoção negativa. Depois de um mês de exercícios de 30 minutos diários pela manhã, os sintomas da ansiedade sumiram. O chakra cardíaco também se tornou mais ativo e comecei a me apaixonar por todas as pessoas que encontrava.

E então Kerry Thornley, alto sacerdote de Eris, entrou novamente em minha vida, trazendo consigo os horrores do assassinato de Kennedy.

Como resultado de sua rixa com o promotor Jim Garrison em 1967-1968, Thornley entrara em um sistema de crença em que Garrison era, como Joe McCarthy, um inescrupuloso perseguidor de poder, disposto a difamar qualquer número de inocentes para conseguir melhorar sua carreira política e aparecer em manchetes. Quando as teorias conspiratórias de Garrison caíram por terra na corte (ele nunca chegou a prender um único “conspirador”), até os seus mais fervorosos seguidores da imprensa clandestina estavam inclinados a aceitar o fato e dispostos a esquecer as absurdas investigações de Garrison.

Perto de 1973, Thornley havia começado a entrar em um sistema de crença diferente. Ele estava intrigado com muitos aspectos do caso que Garrison havia tentado levantar contra ele e ficou considerando os detalhes. Basicamente, o caso baseava-se naquilo que as pessoas comuns chamam de *coincidências*, e os adeptos de Jung e os parapsicólogos, de *sincronicidades*. Garrison denominou-as de “*propinquidades*” e disse que provavam a existência de “uma conspiração tão grande que abalaria a imaginação”.

Thornley começou a acreditar na conspiração. As coincidências-sincronicidades-propinquidades não surgiram por acaso, elas haviam sido manipuladas e, dessa forma, Thornley havia sido falsamente acusado, como aconteceu com Oswald: o bode expiatório para desviar os investigadores independentes (como Garrison) das pistas verdadeiras.

De acordo com Garrison, essas propinquidades indicavam que Thornley havia feito parte de uma conspiração que organizara o assassinato e preparara uma trama para incriminar Oswald. Durante anos, Thornley estava

Prezado senhor,  
Em 9 de agosto de 1975, 12 dias depois de entregar uma declaração ao Departamento de Polícia de Atlanta dando suporte às alegações feitas por Robert Byron Watson a respeito dos assassinatos de John F. Kennedy e de Martin Luther King, dois homens armados usando máscaras de esqui penetraram na casa de meu ex-companheiro durante uma festa à qual eu fora convidado. Esses indivíduos roubaram, entre outras coisas, todos os meus documentos de identificação.

Esse incidente foi registrado no Departamento de Polícia de Atlanta que, mais tarde, após capturar quatro homens, declarou tratar-se dos bandidos das máscaras de esqui. Eu não tinha nenhum motivo — exceto o meu conhecimento generalizado de como os assassinos de JFK operaram no passado (quanto à personificada incriminação de Oswald, por exemplo) — para concluir que esses bandidos tinham por missão roubar especificamente os meus documentos de identificação. Não obstante, mencionei a alguns amigos minha preocupação de que os meus documentos — independente do porquê foram roubados — poderiam acabar nas mãos da máfia, da C.I.A. ou do comando da Inteligência Naval (grupos que poderiam ter estado envolvidos no crime de JFK).

Ontem, finalmente, pude ler — e não graças ao Departamento de Polícia de Atlanta — a declaração completa de Robert Byron Watson acerca do que ouvira de alguns traficantes de heroína associados ao sindicato, planejando o assassinato de MLK e de como, mais tarde, ele foi envolvido pelo sindicato e pelo pessoal do promotor público que “plantaram” heroína em sua casa por intermédio do correio e, em seguida, prenderam-o para poder desmoralizá-lo em qualquer futuro testemunho que eventualmente poderia apresentar a respeito do homicídio de King.

A declaração de Watson contém esta frase: “Pouco antes de a heroína ser entregue em minha casa pelo correio, quatro homens armados e com máscaras de esqui quebraram a porta dos fundos aproximadamente às 9 horas da noite, enquanto minha mãe e eu assistíamos televisão”. Esses quatro homens, então, roubaram Watson e sua mãe usando as mesmas táticas pesadas e ameaçadoras — como, por exemplo: “vamos estourar os seus miolos” — empregadas pelos homens mascarados que nos assaltaram. Watson disse que foi informado de que se tratava de homens do sindicato.

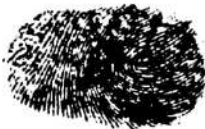
A mãe de Watson foi golpeada e derrubada; eu fui golpeado com uma pistola embaixo do meu olho esquerdo.

Em outra parte de sua declaração, Watson menciona que alguém usando o seu nome e o seu número de previdência social havia sido preso em Nova Orleans, num momento em que ele podia provar conclusivamente não estar em Nova Orleans.

Portanto, decidi que seria uma boa idéia avisar a todos que agora poderá haver um “segundo Thornley” à solta. Efetivamente, a partir de 9 de agosto, estou sem carteira de identidade, e qualquer pessoa que se apresente em qualquer lugar munido de meus documentos (licença de operador, carteira de estudante, carteira de previdência social, carteirinhas de biblioteca, etc.) é um impostor. Eu não estarei solicitando uma nova carteira de identidade, pois, nessas circunstâncias inusitadas, só poderia complicar as coisas.

Doravante, minha identificação será a impressão digital de meu polegar.

Kerry Wendell Thornley  
6 de setembro de 1975  
C.P. 827  
Atlanta  
GA 30301



*Carta de Kerry Thornley distribuída à imprensa clandestina e a vários investigadores de conspirações, depois de ter sido espancado e ter seus documentos de identificação roubados.*

convencido de que se tratava de uma coincidência — mas, então, começou a se questionar. Ele e Oswald haviam chamado a atenção de seus superiores por serem francos marxistas naquele tempo e eram chamados de “criadores de problemas”. Seria possível que a Inteligência Naval observara a semelhança física dos dois e começara a armar um plano para explorar essa semelhança mais tarde?

Quanto mais Thornley pensava a respeito, mais alarmantes as propinqüidades (ou coincidências) pareciam. Em um determinado ponto, ele procurou um hipnotizador para tentar descobrir se havia sofrido uma lavagem cerebral por parte da Inteligência Naval, apagando sua memória e controlando-o durante anos... poderia ele ter feito parte do plano sem sabê-lo? Naturalmente, o hipnotizador não foi capaz de encontrar uma resposta definitiva para essa questão.

E, logo no início de 1975, Thornley se lembrou de uma estranha conversa ocorrida em 1963 com um homem de Nova Orleans, que aqui chamaremos de Sr. M. O assunto era — você está sentado? — como assassinar um presidente e conseguir se “safar”. Era tudo abstrato e teórico (tanto Thornley quanto Sr. M. eram aspirantes a escritores e a idéia era montar um plano que convencesse o leitor de que, na vida real, funcionaria), mas a certa altura o Sr. M. disse que a melhor técnica seria usar indivíduos que *não faziam nenhuma idéia de que estavam sendo usados*.

Mais tarde, Thornley ouviu rumores de que o Sr. M. era, na realidade, membro de nível inferior da máfia de Nova Orleans. Naquele tempo, Thornley se lembrara disso: a derradeira idéia entre os profissionais interessados no caso do assassinato de Kennedy era que a máfia havia colaborado com a C.I.A.

Será que o assassinato foi realmente um trabalho organizado pela Inteligência Naval com a ajuda da máfia, e aquela estranha conversa do Sr. M. com Thornley havia sido um teste para verificar se alguma lembrança da hipotética lavagem cerebral ainda se mantinha perto da superfície da consciência?

Aproximadamente nessa época, uma das organizações encarregadas da investigação do assassinato soltou uma notícia sugerindo *múltiplos Oswalds* — uma elaboração a respeito dos “dois Oswalds” foi sugerida pelos professores Popkin (*The Second Oswald*) e Thompson (*Six Seconds em Dallas*). De acordo com esse modelo, Oswald morreu ou foi assassinado logo depois de sair dos Marines da Marinha Americana e sua carteira de identidade foi utilizada pela Inteligência Naval como cobertura para o trabalho de vários agentes que se parecessem com ele.

E alguns pesquisadores de conspirações, muito inteligentes, acadêmicos e não-paranóicos, começaram a notar um interessante padrão envolvendo os assassinatos de Kennedy e de Martin Luther King Jr.: uma série de pistas falsas que nunca foram seguidas pelas investigações oficiais, mas que mais tarde serviram para confundir as numerosas investigações dos

cidadãos (inclusive a de Garrison). Foi alegado que algumas dessas pistas falsas conduziam a Fidel Castro. De acordo com essa escola, todos esses desvios foram plantados na trilha como segurança, caso o cenário original do “louco e solitário assassino” viesse a cair.<sup>75</sup>

Thornley começou a se perguntar quanto de sua vida, como marinheiro e após ter deixado os Marines, havia sido manipulada como parte do estratagema. Foi quando ele leu a respeito do caso de Robert Byron Watson.

Watson, um presidiário, declarou ter ouvido um plano para matar Martin Luther King Jr. em uma loja de Atlanta, em 1968. Um dos conspiradores descritos por Watson pareceu se enquadrar com a figura do Sr. M., pelas lembranças de Thornley.

A história de Watson foi investigada e declarada sem valor pelo F.B.I. Naturalmente.

Também foi investigada e pronunciada verdadeira por Dick Gregory, ativista negro, comediante e estudioso de conspirações. Naturalmente.

É possível predizer, com 99% de precisão, se um indivíduo em particular acreditará na história de Watson, independente da evidência ou da sua falta — unicamente baseado na orientação política daquele indivíduo. (*Tudo o que você acredita o aprisiona.*) Aquele um por cento cujas reações às acusações de Watson *não podem* ser previsíveis por suas convicções políticas anteriores — aquele único indivíduo, entre 100, que realmente quer saber o que está acontecendo — é a única pessoa na Terra não incluída na triste declaração de Gurdjieff de que esse é um planeta de robôs condicionados.

Você deve lembrar que Thornley é um dos inventores da teologia do Discordianismo, explanado extensivamente em *Illuminatus*; e o Volume I da trilogia é dedicado a ele (e ao Sr. Gregory Hill, outro grande teólogo discordiano). Essa dedicação agora não parece feliz, porque o Sr. Thornley, acreditando ter resolvido os assassinatos de John F. Kennedy e de Martin Luther King Jr., está um pouco preocupado que suas tentativas de revelar a verdade seja mal interpretada como um golpe publicitário para promover *Illuminatus*.

Qualquer declaração pública, por parte de Shea ou minha, de que as afirmações de Thornley não são um golpe publicitário para o nosso livro, só fará com que as suspeitas aumentem a respeito dessa possibilidade.

Devo chamar a atenção para o fato de que, duas semanas depois que Thornley fez essas acusações contra o Sr. M. (à polícia de Atlanta), ele foi roubado, surrado e sua carteira de identidade foi levada.

Essa coincidência (ou propinquidade) não é engraçada.

75. Vejam “From Dallas to Watergate”, de Peter Dale Scott, no livro *Government by Gunplay*, editado por Sid Blumenthal, Nova Iorque: Biblioteca Americana, 1976, pp. 113-29.



## O Passeio de Ishtar: Uma Volta Guiada pelo Inferno

Todas as pessoas que se interessam por conspirações são eventualmente perseguidas. Essa é uma lei sociológica pela qual eu apostaria minha vida, porque eu vi sua confirmação em todos os grupos que investigam conspirações e dos quais tomei conhecimento. É possível que a perseguição seja criada pelos próprios investigadores (no sentido de que cada neurótico cria seus próprios problemas), ou que talvez, apesar de tudo, a louca sátira em *Illuminatus* seja verdadeira e que cada conspiração imaginada realmente exista. O fato é que aqueles que acreditam que o mundo é governado pelos jesuítas são perseguidos, assim como são perseguidos aqueles que acreditam que o mundo seja governado pelos anciãos de Sion; e ainda aqueles que acreditam que esse mundo seja governado pelos Rockefellers são perseguidos da mesma maneira. As pessoas que acreditam que a Força Aérea Americana esteja deliberadamente escondendo os fatos a respeito dos óvnis são perseguidas por um grupo especial de seres sinistros, conhecidos como os Homens de Preto, que, embora declarem ser oficiais da Força Aérea Americana, naturalmente são negados por esse órgão de segurança. Até parece existir a lei neurótica-psiônica: o que você mais teme eventualmente o perseguirá.

Está claro que o xamã vive esse processo em níveis diferentes do paranóico comum, porque o xamã está determinado a enfrentar o terror e a conquistá-lo. Entretanto, muitas pessoas são xamãs sem sabê-lo e invocam seus demônios particulares em total ignorância, pensando que as coisas acontecem fora deles mesmos.

Thornley começou a me escrever regularmente quanto à sua solução para os assassinatos e insistia cada vez mais em que sua vida estava em perigo. Procurei acalmá-lo um pouco, fazendo-o lembrar da diferença entre a teoria e a prova. Logo ficou evidente, por suas cartas subseqüentes, que ele estava um tanto convencido de que *Eu* fazia parte do grupo que conspirara o assassinato.

Como disse anteriormente, tenho uma perna prejudicada em consequência da poliomielite sofrida em minha infância e agora estava pior do que nunca. Algumas vezes, não podia andar sem uma bengala e, outras vezes, dores e espasmos me impossibilitavam de escrever durante o dia e de dormir à noite. "Isso é psicossomático", eu pensei. Lembrei-me, então, de um provérbio Sufi: "Não caminhamos com os nossos pés; mas com a nossa Vontade". Perversamente, a perna piorou. Tentei yoga, quiroprática,

clínica médica, curadores, terapia de polaridade, acupuntura e até aumentar o meu estado letárgico com a droga durante vários dias. A perna ficou pior.

Dell, que havia anunciado a publicação de *Illuminatus*, mudou de idéia e disse que não o imprimiria a menos que se cortassem 500 páginas.

Em minha angústia, pensei que estávamos arruinando uma obra-prima (assim é o ego artístico), mas cortamos as 500 páginas. Eu preferia ter um *Illuminatus* incompleto impresso em 1975 a nenhuma impressão.

As cartas de Thornley começaram a tornar-se cada vez mais denunciatórias. Ele agora acreditava que a Sociedade Discordiana, bem cedo, havia sido infiltrada por agentes da C.I.A. (provavelmente me incluindo) que a haviam usado como cobertura de um plano assassino.

A lógica da idéia era brilhante, de uma forma surrealista do tipo Kafka. Procurem imaginar um júri sério examinando um grupo de conspiração que adorava a deusa da Confusão, honrava o imperador Norton como um santo, possuía um Livro Sagrado intitulado “Como Encontrei a Deusa e o Que Fiz para Ela Depois de Encontrá-la” e apresentava representantes que se denominavam Malaclypse, o Jovem; Ho Chih Zen; Mordecai, o Asqueroso; Dama L., M.P.A.\* Fang, o Deslavado; Harold, Senhor do Fator Aleatório; Onrak, o Retrógrado e outros...

Enquanto o Suspeito recebia essas cartas e gentilmente tentava persuadir Thornley de que a sua imaginação crescia mais rapidamente do que a sua evidência, várias formas de paranóia se desenvolviam entre o grupo local da Semente Estelar de Leary. A cada semana alguém visitava o Suspeito e avisava, em sussurros urgentes, que alguém do grupo era um agente do governo. Frequentemente, a pessoa acusada numa semana era a pessoa que o visitava na outra, acusando por sua vez outra pessoa.

Era evidente que devia existir pelo menos um agente verdadeiro do governo no grupo, pois cada carta que Leary recebia ou enviava da prisão era copiada pelo sistema penitenciário da Califórnia, o F.B.I., a C.I.A. e a Administração Antidrogas. (Que será que eles pensavam a respeito de Joshua Norton e da deusa Eris, sem mencionar os extraterrestres e a imortalidade?)

Por volta dessa época, Dennis Martino morreu na Espanha assassinado, de suicídio e de causas naturais, tudo ao mesmo tempo. O que quero dizer é que a morte de Martino foi anunciada, inicialmente pela imprensa, como homicídio, depois, como suicídio e, afinal, como resultado de uma superdosagem acidental de heroína. Martino fora um agente do governo com a missão de se infiltrar como espião na organização em defesa de Leary — um procedimento que a Corte Suprema julgou censurável em

\*N. do E.: As iniciais se referem ao título da Dama L., “Maldita Puta Anarquista”, originalmente dado a ela por Eldridge Cleaver. “Sou eu”, disse ela felizmente.

outros casos. Pessoas próximas ao caso disseram que Martino também espionava o governo para o grupo de Leary. De acordo com Leary, na época, pelo menos duas outras pessoas de seu grupo de defesa também eram agentes do governo, mas esses eram simultaneamente co-conspiradores de várias organizações terroristas paramilitares de esquerda.

A maior pesquisadora de conspirações do mundo, Mae Brussel, em várias transmissões de rádios clandestinas insistiu em que, virtualmente, todos os terroristas de esquerda fazem parte de uma operação da C.I.A. para desacreditar o resto da ala esquerda. Mais recentemente, o Partido Trabalhista Americano assumiu o mesmo modelo e está acusando quase todas as pessoas da esquerda de serem agentes do governo trabalhando para desacreditar a ala esquerda. Apesar de nem Mae Brussell, nem o Partido de Esquerda Americano estarem melhor preparados para um caso de evidência como o do falecido Joseph McCarthy, as investigações de Watergate revelaram que a operação "COINTELPRO" do F.B.I. envolvia, de fato, *agentes provocadores* e tentativas para dividir a esquerda, incitando o crime e espalhando a paranóia. Quem sabe, apesar de tudo, os paranóicos não estariam certos. Talvez!

A família Wilson vivia, como todas as famílias que vivem à custa do salário-desemprego, no apartamento de um prédio abandonado infestado de baratas e de outros dejetos sociais. Uma senhora negra, nossa vizinha, tinha um filho de oito anos (ilegítimo) que estava morrendo de câncer. De vez em quando, ela saía de si e começava a infernizar o prédio inteiro, gritando que desejava que seu filho morresse e acabasse com sua agonia. É claro que a criança também ouvia isso. Senti muita pena deles e chorei.

Um morador do segundo andar, repentinamente, tornou-se esquizofrênico e começou a invadir o nosso apartamento (e todos os outros) anunciando incoerentemente que ele era o grão-mestre da Ordem Sufi, ou que todo o prédio se tornara um monastério zen do qual ele era o abade, ou várias espécies de baboseiras ocultistas.

Certa vez, nossa vizinha meio louca pôs esse homem totalmente louco para fora de seu apartamento (enquanto ele gritava daquela maneira). Entre o apartamento dela e o nosso, ele gritava ser o embaixador indiano das Nações Unidas que viera a Berkeley para alimentar as esfomeadas famílias americanas. Quando a polícia finalmente chegou para levá-lo, ele dizia ser o líder do grupo Weather Underground. Eu me contorcia de dó.

Mais tarde, descobrimos uma senhora que vivia no armário embutido do *hall*. Era uma velha "senhora louca", bem conhecida em Berkeley e que sempre vivia em *halls* ou em parques. Ela não queria se inscrever no programa de auxílio-desemprego porque tinha medo que a chamassem de louca e a internassem em um hospício.

O administrador do prédio a encontrou e expulsou-a. Durante algumas noites, ela acampou entre os arbustos ao lado do nosso prédio e depois se foi.

Pena e horror.

Decidi que eu estava vivendo nas *Profundezas Inferiores* do livro de Gorki ou algo parecido com um apavorante trabalho de ficção naturalista. O mundo todo se transformou em uma lição na futilidade da esperança humana. Paulatinamente estamos todos ficando loucos, pela pobreza, pela ansiedade e pelo mistério. Quem sabe se minha vida inteira não foi uma alucinação; quem sabe se nunca trabalhei para a *Playboy* por um salário de US\$20.000 por ano e se nunca jantei com Hugh Hefner; talvez isso tudo tenha sido pura imaginação de minha mente. Talvez eu tenha sido um louco miserável das favelas de Berkeley. Um passo fácil da piedade para a autopiedade.

Sentado em sua cadeira, o Louco Miserável passou um dia inteiro sem escrever, sem falar com a família, sem se mexer. Alguns diriam que eu estava em estado catatônico.

À tardinha, o Idiota levantou-se e foi à janela assistir ao crepúsculo do Sol, praticando o exercício do chakra cardíaco, esforçando-se para amar todos os seres e... afinal, voltei à vida.

\* \* \* \* \*

No dia seguinte, no escritório de revisão do *San Francisco Phoenix*, encontrei um livro intitulado *The Day the Dollar Dies*, de alguém chamado Willard Cantelon. Folheando-o, vi que dizia respeito aos meus velhos amigos, os Illuminati bávaros.

Li a versão da conspiração dos Illuminati do Sr. Cantelon com algum interesse. Segundo ele, os Illuminati atualmente estariam planejando destruir o sistema financeiro internacional e causar a queda de todos os governos fortes do mundo. Quando o caos estiver estabelecido, *serão anunciados contatos com inteligências superiores do espaço externo*.

Entretanto, continua o Sr. Cantelon, essas inteligências superiores são o Demônio e os seus anjos caídos que aparecerão na Terra como seres super-humanos e benignos; as massas os aceitarão como salvadores sem reconhecer sua verdadeira natureza e, então, afundaremos de vez. Satã instituirá o Governo Único e a Religião Única — a busca atual da extrema direita —, abolindo-se, em seguida, o dinheiro e efetivando-se um sistema de crédito computadorizado mundial.

Todos serão marcados, na frente e no pulso, com um número de crédito e cada “compra” consistirá da leitura eletrônica desses números por computadores instalados em cada loja ou banco. Essa é a chave para uma tirania irresistível, pois qualquer revoltoso teria seu crédito cortado e não seria capaz de conseguir alimento, vestuário ou moradia.

Sr. Cantelon nos assegura que tudo isso está previsto em *Revelações*, capítulo 13, 16-17:

E a todos os homens pequenos, e grandes, e ricos, e pobres, e livres, e escravos fará ter um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas: e que nenhum possa comprar, nem vender, senão o que tiver o sinal, ou nome da Besta, ou o número do seu nome.

Recordo a famosa resposta de Robert Welch, presidente da “John Birch Society”, quando lhe foi dito que suas teorias a respeito das conspirações eram fantasiosas: “Sim, mas estamos vivendo tempos fantasiosos”. Eu dei uma grande risada.

Depois de algumas semanas, comecei a pensar que tinha passado um tanto distraidamente pelo que os místicos chamam de “noite escura da alma”, ou “cruzando o abismo”. Não importa o que tenha sido, eu chegara a um profundo desespero e deliberadamente decidi amar o mundo, ao invés de ter pena de mim mesmo. Depois disso, perdi o medo de tudo.

Nem me incomodei quando investigadores de conspirações de São Francisco, olhando para a mesma figura por um outro ângulo, decidiram que Leary e eu éramos os líderes dos Illuminati e que havíamos engendrado o plano mestre do assassinato de Kennedy e de outros assassinatos. Quando a ligação oficial do S.L.A., a Coletiva de Pesquisas de Bay Area, afirmou que eu era a “babá” de Leary junto à C.I.A., eu ri novamente. Quando uma ameaça anônima de bomba chegou na semana seguinte, o Idiota achou graça de sua própria graça. O Sufismo havia-se justificado: os exercícios do chakra cardíaco funcionavam realmente. “O amor perfeito espanta o medo.” Eu começava a emergir do outro lado da Capela Perigosa.



## **Babalon, o Mistério**

Em 1974, o dia de Crowley — dia 12 de outubro é muitas vezes associado a um velho navegador italiano que introduziu a escravização no Novo Mundo e a sífilis no Velho Mundo — foi celebrado em nosso apartamento com estranhas festividades. Arlen e eu, representando a Sociedade Discordiana, junto com Stephen no andar de cima (membro dos Druidas Reformados da América do Norte), Claire e Carol em outro apartamento (bruxas ligadas à Nova Ordem Reformada da Golden Dawn) e a Sociedade para o Avanço da Grande Besta Selvagem, que na realidade era representada por mim, Stephen e outro vizinho chamado Charles, abrimos as portas de nossos apartamentos para uma festa do dia de Crowley e convidamos cerca de 100 bruxos e místicos locais.

“Sempre há vibrações paranóicas durante as festas do dia de Crowley”, Isaac Bonewitz, dos Druidas Cassídicos da América do Norte, gosta de avisar às pessoas, com um sorriso misterioso.

Na verdade, Crowley atraiu para si tanto os piores quanto os melhores elementos do mundo oculto e um declarado "crowleyano" pode ser tanto uma perigosa pessoa desequilibrada quanto um alto adepto.

A festa estava apenas começando quando o Xamã foi chamado ao telefone. Era Dr. H. (não é a sua verdadeira inicial), um talentoso psiquiatra um tanto fascinado por Leary e Crowley (e por mim). Disse que estava tendo uma viagem péssima induzida por ácido e que não conseguia controlar sua ansiedade e precisava de minha ajuda. O Xamã tem a reputação de curador e de emitir vibrações tranqüilizadoras ao tratar com pessoas em confusas viagens induzidas por ácido, mas ele nunca tinha feito isso por telefone. Vinte minutos mais tarde, com Dr. H. mais calmo e encaminhando-se agora para uma viagem melhor, eu estava completamente exausto.

O Bruxo voltou à sala de estar. Imediatamente, Tom (outro nome fictício) sentou-se ao meu lado e, dando uma risada estridente, contou uma piada sem graça e disse: "Acho que estou enlouquecendo de novo". (Ele estivera em um hospício por alguns meses, oito anos antes.) O Filósofo passou *três* horas, em meio a uma festa barulhenta, do tipo que só se vê em Berkeley, e unicamente entre *hippies* e bruxas, praticando psicoterapia sem licença. Tom estava convencido, finalmente, de que não *precisava* ficar louco novamente e que apenas sofrera uma alucinação pelo fato de pensar que o computador começava a programá-lo.

O Bruxo agora estava ainda mais exausto e foi aí que Dr. Vallee chegou. Há vários meses eu esperava falar com ele e, imediatamente, seqüestrei-o para um quarto particular meu. No curto trajeto, passamos por Hymenaeus Alpha (Grady McMurty), califa da Ordo Templi Orientis, e sua esposa, Phylis. Tom, ainda rindo em momentos inapropriados, mas agora sem a *certeza* de que estava enlouquecendo, acompanhava-nos.

O Cético já ouvira Jacques Vallee falar a respeito de ciência e espírito em uma conferência, patrocinada pela Sociedade Teosófica, no começo do ano. Ele havia encetado uma nova abordagem ao mistério Óvni e estava sistematicamente alimentando *todos* os relatos de contatos extraterrestres em um computador gigante. O computador estava programado para detectar padrões repetitivos. Jacques disse que a evidência emergindo lhe sugeria que os óvnis não eram extraterrestres, mas que pareciam ser sistemas inteligentes tentando *nos* convencer de que os fossem.

Agora, o Cético começou a bombardear Jacques acerca da sua evidência de que não se tratava de extraterrestres. Ele começou por explicar que, analisando os relatos cronologicamente, notou que eles (quem quer que fossem) *sempre* procuram dar a impressão de que são algo em que a sociedade que visitam possa compreender. Nos avistamentos medievais, disse, foram chamados de anjos; na grande agitação de 1902 em vários estados americanos, a um fazendeiro de West Virginia identificaram-se como tripulantes de uma nave aérea construída no Kansas, de onde vinham; nos avistamentos dos anos de 1940 e 1950, eles freqüentemente diziam ser de

Vênus; como Vênus foi analisada e parece ser incapaz de prover vida, eles agora dizem ser de outro sistema estelar nesta galáxia.

“De onde você pensa que eles vêm?”, perguntei.

Dr. Vallee sacudiu a cabeça na clássica forma francesa. “Eu só posso teorizar e teorizar infinitamente”, ele disse, “mas não é melhor simplesmente estudar os dados mais profundamente e procurar pistas?”.

“Sim, mas você deve ter uma opinião pessoal”, eu insisti. E ele aquiesceu dizendo graciosamente: “Eles associam tempo-espaço em formas das quais nós atualmente não temos nenhum conceito. E não podem explicá-las para nós porque ainda não estamos prontos para compreendê-las”.

Perguntei a Grady McMurty se Aleister Crowley havia-lhe sugerido algo indiretamente acerca da teoria extraterrestre que Kenneth Grant, encarregado externo de *uma outra* Ordo Templi Orientis, propõe em seus relatos dos contatos de Crowley com Inteligências Superiores.

“Algumas das coisas que Aleister me disse”, Grady respondeu com cuidado, “podem ser interpretadas como pistas indicando aquele caminho.” Ele continuou citando aforismos de Crowley a respeito de uma variedade de entidades-padrão contatadas por magia. Por exemplo, os espíritos abramelin devem ser observados cuidadosamente. “Eles *mordem*”, Aleister explicou em seu melhor estilo de dizer, “não estou brincando”. Os anjos de Enoch, por outro lado, não precisam ser chamados sempre. “Quando você está pronto, *eles chegam a você*”, Aleister disse secamente.

(As entidades de Enoch foram primeiro contatadas por Dr. John Dee no começo do século XVII. Dr. Dee, astrólogo da corte da rainha Elizabeth e também um importante matemático, foi controverso desde a sua época até a nossa, com alguns escritores considerando-o um gênio de primeira linha e outros, um lunático inteligente. Conforme dois livros interessantes, *The World Stage* e *The Rosicrucian Enlightenment*, ambos escritos pelo escrupuloso historiador Dr. Francis Yates, Dee era quase certamente um importante incentivador dos “Illuminati” e das “fraternidades rosacruicianas” da época, que tiveram um papel central no nascimento da ciência moderna. O suposto ufonauta de Urano que se comunicou com os dois oficiais da Inteligência Naval Americana deu um nome, AFFA, que é uma palavra em linguagem angélica usada pelas entidades contatadas por Dee e que significa *nada*. George Hunt Williamson também conseguiu algumas palavras em linguagem angélica por intermédio dos irmãos do espaço, você se lembra?)

A extraordinária qualidade dos contatados por óvnis, disse Jacques Vallee neste ponto, era *incoerência*. “Agora eu tenho graves reservas a respeito dos detalhes físicos descritos por eles”, ele disse. “Eles são como as pessoas depois de um acidente de carro. Tudo que sabem é que alguma coisa muito séria lhes aconteceu.” Somente o fato de que tantos casos envolvem *outras testemunhas*, que *vêm algo no céu* antes que o “contatado” passe por sua estranha experiência, justifica a hipótese de que a ocorrência seja mais que “subjativa”.

“A maioria”, Dr. Vallee resumiu, “sai da experiência com uma nova perspectiva em relação à humanidade. Uma perspectiva religiosa em termos gerais. Mas todos os detalhes são contraditórios e confusos.” Ele classificou homens verdes, gigantes vermelhos, naves físicas com janelas, etc. numa categoria que os psicólogos chamam de “memória substituta”, sempre fornecida pelo cérebro engenhoso quando a experiência em si é chocante demais para ser classificada.

Eu perguntei quantas pessoas na sala haviam experimentado o contato com o que parecia ser uma Inteligência Superior. Grady e Phylis McMurty levantaram as mãos, assim como dois jovens mágicos da área de Los Angeles e eu mesmo. Curiosamente, Jacques Vallee deu a impressão de que levantaria a sua, mas evidentemente mudou de idéia e não o fez. Eu disse que estava inclinado a acreditar nas inteligências superiores como extraterrestres e perguntei o que os outros pensavam.

Grady McMurty — califa da Ordo Templi Orientis — disse que a teoria de dimensões superiores fazia mais sentido para ele do que a teoria extraterrestre em termos de espaçonaves reais entrando em nossa biosfera. Os dois mágicos de Los Angeles concordaram com ele.

Tom, que havia sido um bruxo durante cinco anos e não havia levantado sua mão, disse que inteligências superiores estão arraigadas em nossa linguagem e números, como pensam os cabalistas, e não possuem outro tipo de existência. Ele acrescentou que, toda vez que tentou explicar isso, percebeu que as pessoas pareciam pensar que ele estava tendo um surto de esquizofrenia e começava a recear que tinham razão, portanto preferia não falar a respeito do tema de jeito nenhum. Tom — um programador de computação por profissão, um bruxo por religião —, mais tarde, foi um pouco mais longe dizendo que tudo que existe é informação e códigos; nós apenas *imaginamos* que temos corpos e vivemos em dimensões de tempo-espaço.

Doutor Vallee ouviu tudo com um sorriso neutro e não parecia considerar nenhum de nós como louco.

(Alguns dias mais tarde, conversando com Dr. Wesley Hiler, o psicólogo que trabalhara anteriormente na prisão de Vacaville, perguntei o que ele *realmente* pensava do Dr. Leary e de seus contatos com extraterrestres. Especialmente, desde que ele não considerasse Dr. Leary um louco ou um alucinado, o que estava acontecendo quando Leary pensou estar recebendo comunicações extraterrestres? “Cada homem e cada mulher que alcança níveis mais altos de desenvolvimento espiritual e intelectual”, Dr. Hiler disse calmamente, “sente a presença de uma Inteligência Superior. Todas as nossas teorias não têm comprovação. Sócrates chamou isso de *daemon*, outros de Deus ou anjos e Leary de extraterrestre. Pode ser que seja outra parte de nosso cérebro, a parte que geralmente não usamos. Quem sabe?”)

Como todos na sala, a esse ponto, tinham passado pela necessária experiência, ou tinham vontade de especular a respeito e estudá-la objeti-

vamente, ao invés de simplesmente bani-la e chamá-la de “alucinação”, comecei a falar sobre os paralelos entre Leary e Wilhelm Reich. “A tentativa de destruir tanto Dr. Reich quanto Dr. Leary alcançou seu pico mais intenso logo após ambos terem reportado seus contatos extraterrestres”, eu disse. “Continuo tendo essas estranhas hipóteses do que elas significam...”

“Esta é a pergunta de US\$64.000”, disse Grady McMurty enfaticamente e anuindo com a cabeça vigorosamente. “Durante anos, fiquei perguntando a Phylis e a todos os meus conhecidos: *Por que a gnose é sempre combatida?* Todas as vezes que a energia é levantada e a ‘iluminação’ de grandes grupos ocorre, a Inquisição local a suprime de vez. Por que, por que, por quê?”

Ninguém tinha uma idéia conclusiva a esse respeito.

“Vou lhes dizer o que eu penso”, disse Grady. “Há uma guerra no céu. Nem todas as Inteligências Superiores estão do mesmo lado. Algumas tentam encorajar nossa evolução para níveis mais altos *enquanto outras querem que fiquemos exatamente onde nos encontramos.*”

De acordo com Grady, algumas Lojas de ocultismo estão trabalhando com essas inteligências não-humanas que querem acelerar a evolução humana, mas, por outro lado, algumas outras estão trabalhando com as inteligências que querem que nos mantenhamos nesse mesmo nível animal de percepção.

Essa é uma idéia-padrão entre os círculos de ocultismo, e pode ser declarado, com segurança e sem exagero, que cada “escola” ou “Loja” de adeptos existente é considerada, por alguns dos outros, como pertencente à Fraternidade Negra do caminho do mal. Realmente, a própria Ordo Templi Orientis de Grady foi acusada disso mais freqüentemente do que a maioria das outras Lojas de ocultismo. Eu pessoalmente mantive meu bom humor e afastei a paranóia ao frequentar vários grupos de ocultismo como estudante ou participante, *sempre aderindo rigidamente* à legítima regra-padrão anglo-saxônica de que todo acusado deve ser considerado *inocente* até ser *comprovadamente culpado sem nenhuma sombra de dúvida*. Isso obviamente me poupa uma grande preocupação, mas a abordagem mais guardada é muito bem argumentada por Isaac Bonewitz, o autor de *Real Magick*. “Os mágicos paranóicos sobrevivem aos outros”, diz Isaac.

De alguma forma, a conversa desviou-se do conceito de Grady sobre a “guerra no céu”. Várias vezes, Grady tentou levar-nos de volta ao assunto, mas sempre buscamos um assunto diferente. Mais tarde, Tom disse sentir uma presença na sala, empurrando-nos para longe desse tópico...

Dr. H. — o psiquiatra que me chamara ao telefone no começo da festa — veio visitar-me no dia seguinte para agradecer minha ajuda em seu ataque de ansiedade. Ele também queria falar de suas experiências aceleradas com a magia. Tudo havia começado dois anos antes, depois de um seminário intenso em Esalen. Dr. H., de repente, descobriu que podia ver

as “auras” das pessoas. (A aura do corpo humano, conhecida pelos xamãs e pelas bruxas desde tempos imemoriais, foi repetidamente descoberta pelos cientistas, cuja maioria era denunciada como “excêntrica”. Franz Anton Mesmer a denominava “magnetismo animal”, no século XVI. No século XIX, Baron Reichenbach a chamou de “OD”. Na década de 1920, Gurvich a chamou de “raio mitogênico”. Wilhelm Reich a redescobriu na década de 1930, chamou-a de “energia orgônica” e foi destruído por médicos invejosos que o acusaram de estar alucinando. A fotografia Kirlian veio demonstrar, sem nenhuma dúvida, que essa aura existe.) Dr. H. ainda descobriu que podia usar a aura como ferramenta em seus diagnósticos, ao analisar novos pacientes. Nessa experiência, os livros de Leary e uma de minhas palestras acerca da magia de Crowley orientaram-no para novos horizontes.

No dia anterior, em uma praia de Sonoma, depois de tomar LSD e programar a abertura do ser para energias mais altas, Dr. H. (não estando sob influência direta da droga) passou por uma experiência com “algo que vinha do céu”. “Não era exatamente uma Inteligência Superior”, disse ele com cuidado, “ou, pelo menos, não o percebi sob o aspecto de Inteligência Superior. Para mim, era só *uma energia*. Uma terrível energia. O meu peito ficou doendo durante horas, depois do ocorrido. Pensei que a dor fosse me matar, mas eu estava absolutamente extático e sem ego, no auge da experiência. Se a dor no peito não fosse tão intensa, teria sido uma experiência totalmente positiva.”

(McGregor Mathers, encarregado externo da Ordem Hermética da Golden Dawn e o primeiro professor de ocultismo acerca de trabalhos como os de Aleister Crowley, do poeta William Butler Yeates e do escritor Arthur Machen, certa vez registrou um encontro com os chefes secretos. Essas entidades ambíguas, conhecidas por diversas escolas de treinamento de ocultismo, são diversamente interpretadas como espíritos desencarnados dos grandes magos do passado; magos vivos que podem teletransportar-se tão facilmente quanto um telefonema nosso a um amigo; no sentido tradicional, conhecidas como “anjos” ou simplesmente “seres para nós não identificáveis”. De qualquer maneira, Mathers observou que o encontro, apesar de agradável, deixou-o com a sensação de ter sido “atingido por um raio” e ele também sofreu dores no peito e uma extrema dificuldade respiratória. Dr. Israel Regardie também notou que Alan Bennett, principal professor de Crowley durante muitos anos, desenvolveu asma. O próprio Crowley teve asma, pois seus contatos com os Chefes Secretos eram mais frequentes; e Regardie finalmente sofreu de asma, durante vários anos depois de estudar com Crowley, uma condição que só encontrava melhora com a terapia bioenergética de Wilhelm Reich.)

Dr. H. continuou para descrever uma segunda experiência de energia e de explosão de luz, um ano após a primeira. Essa também foi extática e estranhamente apavorante. Desde então, ele sente que possui um “poder

de cura” em suas mãos e, experimentalmente, tentou um tipo de massagem Reich-Rolf em alguns de seus pacientes, com resultados favoráveis.

Ocorreu-me, então, que Dr. H., sendo menos preparado para tais experiências e menos comprometido com os métodos científicos *como um hábito da mente*, poderia muito bem ter lembrado cada uma dessas experiências como um encontro com um anjo ou com um Óvni...

Eu me lembrei da discussão de Crowley a respeito de Jesus, Buda, Maomé, São Paulo e Moisés, no primeiro livro de *Magick*. Crowley observa que Jesus nada diz acerca da sua Iluminação; Buda fala em ter sido tentado por vários demônios e, em seguida, ver a Luz Clara; São Paulo nos diz que havia sido “preso e levado aos Céus e viu e ouviu coisas das quais não lhe era permitido falar”; Maomé afirma ter sido visitado pelo Arcanjo Gabriel; e Moisés simplesmente diz que “contemplou Deus”. Crowley comenta:

Por mais diversificados que pareçam esses testemunhos à primeira vista, todos concordam em anunciar uma experiência da classe que 50 anos atrás seria chamada de sobrenatural, hoje pode ser chamada de espiritual e daqui a 50 anos terá um nome apropriado baseado na compreensão do fenômeno que ocorreu.<sup>76</sup>



## Leary Emerge da Escuridão e Sírius Aparece Novamente

Meu Deus, Totó, eu acho que não estamos mais em Kansas.

— L. Frank Baum

No início de 1975, comecei a receber cartas do Dr. Leary novamente. Mantivemos contato extensivamente acerca de muitos assuntos, inclusive a respeito do mistério de Sírius. Aqui está uma seleção do que Tim tinha a dizer (e observem que, só mais tarde, ele me revelou estar sendo mantido em solitária durante esses meses):

Senti uma grande compaixão e afeto ao perceber que você esteve preocupado comigo — e que confiou em mim sem compreender...\*

76. *Magick*, de Aleister Crowley, Nova Iorque: Samuel Weiser, 1974, p. 5.

\*N. do E.: Aqui, o Dr. Leary é ingênuo. O metaprogramador não havia realmente “confiado” nele, mas mantivera a mente aberta, balançando entre as acusações de traír informações feitas contra ele e a negação a essas acusações, preferindo apostar nele a apostar em seus acusadores. Mas sabe-se que é sempre um risco.

Eu só estou interessado em conversar com a Inteligência Superior — e saber que a Inteligência Superior não tem o mínimo interesse em política...

Por falar nisso, eu sempre tive a sensação de que a afirmação de Crowley — “Fazeis o que quiserdes” — é boa... A questão seguinte, então, é: “O que desejamos fazer?”. A maioria dos adeptos de Crowley que conheci (excluindo você) parece ter decidido tornar-se um asno pomposo de si mesmo. Eu nada tenho a ver com isso. Mas estou muito satisfeito em saber que encontramos os três passos óbvios que um Deus razoavelmente educado empreende: SM<sup>2</sup>LE.

[SM<sup>2</sup>LE era o novo acrônimo de Leary para o cenário futurista derivado das transmissões de Semente Estelar. Significa: “Space Migration + Intelligence<sup>2</sup> + Life Extension” (Migração Espacial + Inteligência<sup>2</sup> + Extensão da Vida).]

Assim que *Illuminatus* foi publicado, em setembro de 1975, os leitores começaram a mandar-me cartas referentes a estranhos 23 em suas vidas e uma boa parte pensava que valesse a pena informar-me que o Morgan Guaranty Trust [uma cama quente dos Illuminati, de acordo com os “Birchers” (membros da Sociedade de John Birch)] localiza-se no número 23 de Wall Street. A mais interessante dessas comunicações veio de um jornal inglês sobre discos voadores, intitulado *Fortean News*, e havia sido enviada pelo Sr. W. N. Grimstad, de São Petersburg, Flórida. O texto refere-se a alguns contatados mediunicamente (pessoas supostamente em contato com inteligências superiores extraterrestres por meio de transe mediúnico). Aqui está a passagem que o Bruxo gostou mais:

Uma entidade que freqüentemente se comunica com o grupo chamado JIRO — um apelido ridículo de tipo comum entre relatos de contatados. O número 23 foi comunicado repetidamente tanto nos escritos quanto pelo médium, mas os membros do grupo não podiam entender por quê. Ouvimos uma fita que consistia na voz transformada do médium, referindo-se a um constante 23 e (foneticamente) a ‘Leer’ (Lear, Leire, Llyr?)... Uma entidade declarou originar-se de LEHRA ou LEHAR (Llyr, etc., novamente)... As comunicações contêm referências aos números 666 e 33 (algumas vezes 333), assim como ao número 23.

Pouco depois de o Bruxo receber essa informação, Dr. Leary me escreveu da prisão que ele e um visitante, o novelista Ken Kesey, haviam consultado juntos o *I Ching*, perguntando quando Tim seria libertado de seu aprisionamento.

A resposta recaiu no hexagrama 23: “Desintegração”. [O número favorito de Crowley era 666, o número da Besta e da Lápide da Revelação; 333 é o número Cabalístico daquele “poderoso demônio Choronzon”, que certa vez afligiu Dr. Dee no século XVII e deu muito trabalho a Crowley

em Bou Saada, Norte da África, em 1909, cuja descrição do acontecimento está no livro *The Vision and the Voice*, de Aleister Crowley. Trinta e três tem tantos significados místicos na Maçonaria que eu poderia escrever um livro tratando do tema.)

O Sr. W. N. Grimstad, que me enviara o recorte do jornal acerca daquele Lear-23-666-333, mencionou em carta anexa que os grupos anti-Illuminati na Flórida (presumo que se referia aos Birchers) estavam espalhando a teoria de que *Illuminatus* era uma diabólica tentativa de confundir as forças dos anti-Illuminati e que nós mesmos, Shea e eu, éramos, na realidade, altos graduados dos Illuminati.

Isso não surpreendeu o Suspeito. Desde o começo, eu esperava que pessoas com um certo tipo de mentalidade dariam um tratamento satírico ao tema dos Illuminati, considerando-o como um esforço para encobrir os próprios Illuminati.

Mais tarde o Sr. Grimstad enviou-me uma fita intitulada *Ascensão de Sírius*, na qual ele e outro investigador de conspirações chamado Downard apresentam a teoria mais absurda, mais incrível e mais ridícula de todas a respeito dos Illuminati. O único problema é que, depois de já analisadas as informações estranhas, a teoria Grimstad-Downard poderia não parecer totalmente incrível para nós.

De acordo com a “Ascensão de Sírius”, os Illuminati, de forma oculta, estão preparando a Terra para contatos extraterrestres. Parte da preparação mágica, que só os Iluminados podem compreender, inclui:

- (a) A fundação de Cal Tech a 33° de latitude. (Na realidade, esse foi parcialmente o trabalho do engenheiro aeronaval e ocultista Jack Parsons, que era de fato um discípulo de Crowley, como já vimos antes. De acordo com certas informações, muitos dos cientistas da Cal Tech estavam envolvidos na magia de Crowley, tanto que o governo começou a preocupar-se e fez com que agentes se infiltrassem na Ordo Templi Orientis para verificar se havia perigo de subversão. L. Ron Hubbard, fundador da Cientologia, era certamente um membro da Loja O.T.O. naquela época e realmente, mais tarde, declarou havê-la infiltrado por ordem da Inteligência Naval.)
- (b) O assassinato de John F. Kennedy a 33° de latitude, para que se cumprisse o ritual alquímico da “morte do rei divino”.
- (c) O lançamento dos foguetes para a lua do Cabo Kennedy, novamente a 33° de latitude.
- (d) A programação de que o primeiro homem na Lua estivesse a 33° Mason, onde realmente Neil Armstrong estivera. (O Sr. Grimstad e o Sr. Downard parecem ter a mesma noção, vastamente conhecida

pelos investigadores anti-Illuminati, de que todos os maçons do 33 Grau são iniciados dos Illuminati.)

Eu mesmo enfaticamente não acredito nessa bobagem, apesar de se parecer com o tipo de magia numerológica-cabalística para a qual os Illuminati estariam inclinados, se eles realmente existem. E as localizações mencionadas não se encontram exatamente na latitude de 33°, apesar de estarem bem próximas.

Se vocês quiserem saber mais sobre a evidência numerológica Downard-Grimstad, escrevam para W. N. Grimstad — P.O. Box 14150, St. Petersburg, Flórida\* — e perguntem quanto cobram pelas fitas. (A minha ele enviou gratuitamente, esperando evidentemente que eu fizesse publicidade para eles. Você pode ver como lhe sou grato, Sr. Grimstad?)\*

A teoria Grimstad-Downard mostra novamente como os diferentes sistemas nervosos, ao captarem os mesmos sinais, organizam-nos em diferentes túneis-realidades. O mais curioso para mim foi a conversa de Grimstad e Downard acerca da “Phoenix” (Fênix), começando com os fatos (já citados páginas atrás) de que “Phoenix” era o nome secreto de Crowley na Ordo Templi Orientis e que os egípcios haviam localizado Sírius na constelação da Fênix. Os Srs. Grimstad e Downard acham significativo que o pássaro do *outro* lado do grande selo dos Estados Unidos (atrás do Olho na Pirâmide) seja considerado por *alguns* heraldistas uma fênix (a maioria insiste em que seja simplesmente uma águia). Eles também encontram um significado mágico na coincidência-sincronicidade ligado ao fato de que um dos comunicados do Exército da Libertação da Simbionese, enquanto esse grupo mantinha Patty Hearst prisioneira, foi publicado pelo *San Francisco Phoenix*.

Essa conexão é realmente absurda e, é claro, uma simples coincidência. Mas, para mim, tinha um “significado” sob o ponto de vista jungiano. Eu era editor de livros do *San Francisco Phoenix* quando aquela fita nos foi entregue pelo S.L.A. (Exército da Libertação da Simbionese) e estava escrevendo um artigo juntamente com Leary a respeito da lavagem cerebral de Patty Hearst, quando as fitas sobre Sírius chegaram por intermédio de Grimstad.

Percebi, então, que o Centro de Controle da Coincidência Cósmica ainda funcionava, em horário extraordinário no meu caso.

\*N. do E.: A madras Editora não participa, endossa ou tem qualquer autoridade ou responsabilidade no que diz respeito a transações particulares de negócio entre o autor e o público. Quaisquer referências de internet contidas neste trabalho são as atuais, no momento de sua publicação, mas o editor não pode garantir que a localização específica será mantida.

\*\* O Suspeito também desconfia que o Sr. Grimstad suspeite que ele seja um membro dos Illuminati e espera que possa se trair ao divulgar comentários a respeito das suas desconfianças.



## O Falcão de Hórus e Uri Geller

Em setembro de 1975, finalmente fui autorizado a ver Timothy Leary, em carne e osso novamente, no escritório de um xerife dos Estados Unidos. Eu diria que Timothy aparentemente não havia sofrido *uma lavagem cerebral*. Apesar de ter sido mantido em confinamento solitário durante 19 meses, ele ainda estava com a mesma alta energia, alto Q.I., alta exuberância individual de quando o vira pela primeira vez em 1964. Parecia estar mais *fortalecido* que *mais velho* e possuía uma amarga determinação a respeito de si mesmo e a respeito dos objetivos do *Terra II* (migração espacial, Inteligência Superior, extensão de vida) que me lembrava outros ex-condenados e seus objetivos.

“O universo é um teste de inteligência”, disse ele a certo ponto. Mais tarde acrescentou: “A prisão também é um teste de inteligência. Se um mutante não pode sobreviver a um teste severo, ele não merece instigar o estágio evolucionário seguinte. Esta é uma das leis de Darwin”.

Tim testemunhou contra quatro empresários que traíram sua confiança, tentando implicá-lo em seus próprios crimes, e o exploraram financeiramente. Ele nega ter testemunhado contra qualquer outra pessoa e é enfático ao negar ter testemunhado contra o “Weather Underground” (“Eu não sei de nada que possa incriminá-los”) ou contra a suposta conspiração da droga mundial, como é conhecida “A Fraternidade do Eterno Amor”. Ele afirma que suas conversas com agentes do Departamento de Narcóticos a respeito da “conspiração” convenceram a Administração Antidroga de que ela nunca existira, o que levou à desistência das acusações contra ele e contra outros acusados de terem se aproveitado dela. “Ninguém foi preso por minha causa e ninguém será”, ele declarou secamente. Nenhum de seus críticos refutou o fato apresentando um caso de uma pessoa convicta e sentenciada por causa de testemunho do Tim.

De qualquer forma, as quatro pessoas contra as quais Tim testemunhou não puderam ser sentenciadas à prisão (o estatuto das limitações sobre o único crime pelo qual poderiam ser condenadas prescrevera em 1975). Tim estava satisfeito por esses indivíduos não controlarem mais as suas finanças, mas o medo de seu testemunho fez com que eles liderassem uma campanha para desacreditá-lo. Isso, ele diz até contente, evitou que eles pretendessem fazer parte da sua equipe de defesa novamente.

Cinco meses depois, em fevereiro de 1976, a Comissão da Condicional reuniu-se decidindo que o Dr. Leary voltasse à prisão por mais dois anos, e que a sua nova audiência ocorreria em fevereiro de 1978, quando



*Uri Geller e Dr. Puharich eram tão frequentemente assombrados por SPECTRA com Cabeça de Falcão que eles o apelidaram de Horus.*

ele estaria com quase 60 anos de idade. Vocês devem admitir que é um tratamento ingrato, já que Tim havia realmente testemunhado contra uma miríade de velhos associados.

Neste ponto, o PEN — o clube dos poetas, dos ensaístas e dos novelistas — reabriu o processo e endereçou uma carta ao Congresso pedindo uma audiência sobre o caso Leary, para que se investigassem as acusações de conspiração na violação das liberdades civis de Leary, pois ele afirmava a possibilidade de haver envolvimento de oficiais de alta patente do Departamento de Justiça. O que Leary queria que o Congresso investigasse era: por que um agente do governo (Dennis Martino) fora colocado em sua organização de defesa legal, infringindo a lei da Suprema Corte que declara tal infiltração ilegal? Por que Tim ficou tanto tempo preso por uma ofensa cuja pena não passaria de seis meses? Por que ele foi colocado em confinamento solitário sem que houvesse nenhuma acusação de violência contra ele? Por que agentes do governo cooperaram com testemunhas hostis (os quatro empresários), divulgando a mentira de que Tim era um informante que testemunhara contra “centenas” de inocentes e de que estava a ponto de ser assassinado? Além da evidência de que dois outros membros de sua equipe de defesa (além de Martino) poderiam ser ou ter sido agentes duplos do governo. Esses dois, Tim afirma, incitaram crimes da ala esquerda, uma operação da COINTELPRO desde 1968.

COINTELPRO — “Counter-Intelligence Program” (Programa de Contra-Inteligência) — era um projeto do F.B.I. envolvendo a infiltração em grupos de direitos civis, grupos de paz, grupos da nova esquerda e outras organizações dissidentes, numa tentativa deliberada de incitar a violência, destruir a reputação daqueles que se opunham a elite e espalhar a paranóia contra dissidentes. Jane Fonda, o Grupo das Panteras Negras, os simpatizantes de Trotsky, entre outros, processaram o governo por conspiração na violação de seus direitos civis pelas operações da COINTELPRO. A família de Fred Hampton, o assassinado líder das Panteras Negras, também está processando o governo, alegando ter evidência de que o homem que drogou Hampton, antes que fosse morto, era um agente do F.B.I.

“A verdade é mais hilariante que os mitos”, disse-me Tim. “É exatamente como o seu romance, *Illuminatus*. Pelo menos dois dos meus representantes públicos também eram agentes do governo envolvidos com grupos de terroristas clandestinos. Mas não há nada de estranho ou de especial nisso — descobri que é bem normal. As pessoas do Weather poderiam emergir amanhã sem serem processadas porque qualquer ação contra elas seria igualmente corrompida.”

Quatro semanas depois que o PEN publicou essas acusações, a Comissão da Condicional organizou uma reunião não programada, voltou atrás em sua decisão anterior e ordenou a soltura de Tim para o dia seguinte. Ele se dirigiu para as montanhas do Novo México com Joanna para merecidas férias e lua-de-mel.

A história completa de tudo o que realmente ocorreu por detrás das cenas com Leary, as dúzias de advogados envolvidos, o Departamento de Justiça, Weather e a COINTELPRO eu nunca conheci. Mas, várias vezes desde então, os membros de Weather têm ponderado superficialmente a situação como se estivessem convictos de que Tim esteja certo e de que eles não possam ser processados.

“Aprendi muito sobre políticas mamíferas”, assegura Tim. “Eu já tive a minha dose ao lidar com o Departamento de Justiça, o Departamento de Narcóticos, o FBI, a CIA, o Weather Underground, Al Fatah na Argélia, os policiais locais de vários estados, carcereiros e administradores de 29 prisões em três continentes, e as gangues de prisões do arquipélago da Califórnia — o grupo Manson, a Fraternidade Ariana, o JDL, os muçulmanos negros, as máfias siciliana e mexicana... Nenhum outro psicólogo social jamais teve esse tipo de experiência na prática de campo, com grupos que o matariam em um minuto se demonstrasse fraqueza. Esta foi a maior experiência educativa de toda a minha vida.”

Mesmo antes de Leary sair da prisão, comecei a encontrar-me e a corresponder-me com diversos cientistas que haviam sido atraídos pelo cenário SMI<sup>2</sup>LE, apesar do potencial risco às suas reputações ao se envolverem com um suposto presidiário louco. A maioria, como o Dr. Paul Segall, era composta de velhos imortalistas e ligada principalmente à pesquisa da extensão de vida. Outros eram psicólogos fascinados pelo modelo neurológico pelo qual Tim explica os estados mais altos de consciência. Um grupo pelo qual eu tinha muito interesse era aquele formado por físicos da Califórnia que se dedicam à parapsicologia e ao trabalho de Leary em relação às suas próprias teorias sobre mecânica quântica. Esse grupo incluía Dr. Jack Sarfatti (co-autor de *Space-Time and Beyond*), Dr. Fred Wolf, Saul-Paul Sirag e Dr. Nick Herbert. Sirag, em particular, tornou-se logo um grande amigo.

Quando falo com Saul-Paul acerca de uma nova aventura de ocultismo, ele diz: “Tenho quatro modelos quânticos que explicam isso”. E, realmente, ele tinha sempre pelo menos três modelos para apresentar. Uma vez perguntei se não havia um modelo em particular do qual ele gostasse.

“Bem”, respondeu, “talvez tudo esteja acontecendo de uma só vez...” “Tudo”, para ele, significava os modelos discutidos naquela noite (extraterrestres, viajantes do tempo e uma mutação na neurologia humana).

Quando Uri Geller esteve sendo pesquisado nos Estados Unidos, em 1973, Saul-Paul tentou entrar uma vez em contato com SPECTRA, a suposta entidade que se comunica através de Geller e que o capacita em sua telepatia e na sua habilidade de dobrar metais.

Geller disse que Sirag que poderia ver SPECTRA se estivesse adequadamente sintonizado, olhando em seus olhos (de Geller). Sirag, assim

procedendo, viu a cabeça de Uri transformar-se na cabeça de uma ave de rapina. O interessante a respeito dessa experiência não conclusiva é que Sirag não sabia o que ocorreu e só soube mais tarde que SPECTRA havia anteriormente aparecido para o Dr. Andrija Puharich em forma de falcão.

Os encontros de Dr. Puharich com o falcão SPECTRA são descritos em seu livro *Uri*. SPECTRA manifestou-se diversas vezes em relação à guerra entre árabes e israelenses — incríveis conexões sincrônicas.<sup>77</sup>

Mais estranho ainda foi a publicação da revista *Analog Science Fact/Science Fiction*, logo após Sirag ter a “visão” da transformação de Geller no falcão Hórus; na capa da revista, o desenho de um homem vestindo um chapéu com formato de falcão ilustra uma história intitulada (A Missão de Hórus). A estranheza do fato é que esse homem da capa era parecido com Ray Stanford, um paranormal do Texas, conhecido de Alan Vaughn, um amigo de Sirag.

Uma carta enviada a Kelly Freas, o artista que desenhara a capa, revelou que ele não conhecia Stanford e que não imaginava estar reproduzindo nenhuma pessoa em particular. Outra mensagem a Stanford revelou algo ainda mais surpreendente. Ele disse ter estado em um carro que fora teletransportado por Geller a uma distância de cerca de 50 quilômetros. E disse também que um falcão aparecera dramaticamente durante um outro encontro seu com o notável Geller.

Tudo isso aconteceu entre abril e dezembro de 1973. Eu recebi minhas primeiras impressões de Síríus em julho de 1973. Leary e Benner receberam sinais da Semente Estelar em agosto de 1973. Quando eu estava quase terminando o primeiro rascunho deste livro, em julho de 1976, Saul-Paul Sirag telefonou-me para dizer que um amigo da Califórnia do Sul havia relatado outro “teletransporte” envolvendo Geller e um falcão associado à experiência.

Enquanto Saul-Paul me contava isso no telefone, eu podia entrever a imagem da televisão no quarto vizinho. Quando ele mencionou a manifestação do falcão, apareceu na tela a propaganda de um novo filme, *The Shadow of the Hawk*, estrelado por Chief Dan George. É verdade!

[Mais sincronicidade: trabalhando no terceiro rascunho deste capítulo, em janeiro de 1977, recebi a última edição (Vol. 5, nº 4) de *Gnostica*, um jornal de ocultismo para o qual frequentemente contribuo. Nesse número, havia um artigo intitulado “Novus Ordo Seclorum”, no qual o editor Carl Weschke afirma que o pássaro do grande selo não era uma águia nem uma fênix, mas um falcão — e especificamente o falcão de Hórus.]

Em *The Book of the Law*, de Crowley encontram-se textos, como por exemplo:

“Ra-Hoor-Khuit assentou-se ao Leste, no equinócio dos deuses”. (Ra-Hoor-Khuit é outro nome de Hórus em seu aspecto de Deus Guerreiro.)

77. *Uri*, op. cit., p. 116.

“Sacrifiquéis gado, pequeno e grande; depois, uma criança. Mas não agora. Vós vereis a hora, ó sagrada Besta, e vós, a Concubina Escarlata de seu desejo! E por isso estareis tristes. Não procureis em demasia para vos aproveitardes das promessas; não temais submeter-vos às maledicências. Vós, até Vós, desconheceis todo o significado.”

“Eu sou o Senhor do Silêncio e da Força com Cabeça de Falcão; o meu manto envolve o céu azul-negro.”

A ênfase de Ra-Hoor-Khuit como Cabeça de Falcão, e não só com aparência generalizada de falcão, é interessante à luz da visão de Saul-Paul Sirag, em que se concebeu a entidade extraterrestre com cabeça de falcão nos olhos de Uri Geller. Sirag desconhecia totalmente os textos mencionados até eu chamar sua atenção para eles.

Os trabalhos de Crowley são sempre herméticos, codificados e inescrutáveis. Estaria eu imaginando demais ao sugerir a possibilidade de que alguns leitores cometem o que os Sufis chamam de “erro de literalismo” e estejam agora sacrificando “gado, pequeno e grande”, a fim de se preparar para a apoteose dos 80, quando o Senhor com Cabeça de Falcão fará com que a Terra “se ajoelhe... e seja humilhada”?

As mutilações de gado já atingiram 15 estados até agora e, a não ser que recaia em uma explicação sobrenatural, a única teoria plausível é que esses sacrifícios fazem parte do trabalho de uma grande, bem organizada e disciplinada organização oculta.

Mike Reynolds, escritor da revista *Oui* e da imprensa clandestina, esteve pesquisando essas misteriosas mutilações há dois anos e pensa ter encontrado uma explicação para o mistério mais enfatizado por tablóides sensacionalistas, ou seja, o fato de que muitas mutilações ocorreram em áreas lamacentas *sem vestígios de pegadas à sua volta*. Fazendeiros disseram a Mike que helicópteros parecidos com os do exército muitas vezes são vistos deixando a cena pouco antes de o gado ser encontrado. Muitos desses animais têm as pernas quebradas. Segundo sugestão de Mike, os responsáveis apanhariam o gado em helicópteros, arremessando-os ao solo após as mutilações.

Mike também descobriu que muitos pequenos fazendeiros culpam as importantes corporações agrícolas, desconfiando que haja um plano para afugentá-los ou forçá-los a sair do ramo. Outros tentaram ligar as mutilações a óvnis, à C.I.A. ou ao “Pé-Grande”, a suposta criatura meio macaco e meio homem com aparições frequentes nas áreas rurais.

O sacrifício do gado faz parte de muitas tradições xamânicas ao longo da história.



## As Profecias do Mothman

As contemporâneas mutilações de gado começaram na Virgínia do Oeste, E.U.A., em 1968. Na mesma época, conforme registros do repórter John Keel, em seu livro *The Mothman Prophecies*,<sup>78</sup> nas áreas afligidas da Virgínia do Oeste também ocorreram diversos tipos de fenômenos paranormais.

Houve mais de 100 avistamentos de óvnis e três “contatos de primeiro grau” durante os quais as pessoas viram “extraterrestres” ou foram levadas a bordo de “espaçonaves”, sendo submetidas a testes. Houve também uma série daquelas explosões psíquicas chamadas de distúrbios *poltergeist* nas fazendas da área. Para aumentar toda essa loucura, foram registrados 70 avistamentos de um tradicional espectro da Virgínia do Oeste chamado “Mothman” (um monstro de grandes olhos vermelhos, forma humana e com asas tipo mariposa), além de vários encontros com os famosos Homens de Preto.

Os MIBs, como os investigadores de óvnis chamam essas figuras, sempre se vestem de um preto sinistro e andam em Cadillacs pretos. Dizem que são agentes do governo americano, mas nenhuma agência os assume. Eles normalmente amedrontam as pessoas que visitam, deixando atrás de si a impressão de demônios ou extraterrestres hostis. Eles foram descritos por centenas de testemunhas contatadas, desde o início da década de 1950.

Obviamente, havia uma histeria contagiosa naquele ano na Virgínia do Oeste, mas existiram diversos avistamentos objetivos de óvnis nos radares. As mutilações do gado também eram fenômenos objetivos. Keel recebeu repetidamente essas previsões dos contatados:

1. O papa seria esfaqueado em sua visita ao Oriente Médio.
2. Robert Kennedy estava em perigo e o perigo estava na cozinha de um hotel.
3. Haveria uma falta de energia, em nível nacional, em 24 de dezembro ao meio-dia.

Na primeira profecia, o papa não foi esfaqueado durante a sua visita ao Oriente Médio, mas foi esfaqueado um ano mais tarde em sua visita a Manila.

A segunda profecia se concretizou quando Robert Kennedy foi morto à bala na cozinha de um hotel.

A terceira era falsa. Mas ao meio-dia de 24 de dezembro, enquanto Keel aguardava se haveria ou não um corte de energia, uma ponte desmoronou na Virgínia do Oeste, bem no centro da área em que ocorriam os fenômenos Óvni-Mothman-poltergeist, matando mais de cem pessoas.

78. *The Mothman Prophecies*, op. cit.

“Eles conseguiram novamente”, disse Keel quando soube da tragédia. “Aqueles desgraçados conseguiram de novo. Eles sabiam que isso aconteceria... Só não queriam que eu avisasse ninguém.”

Daquele momento em diante, Keel considerou os “ultraterrestres” (seu nome para as entidades atrás do fenômeno Óvni) como maliciosos e vis.

## Cãezinhos de Sírius

Aquele cão inocente dormindo ao lado do fogo — pouco você sabe que se trata de um invasor da estrela do cão, Sírius.

— Álbum de comédia do Firesign Theatre,  
*Tudo o que Você Sabe está Errado.*

Em 1975, conheci uma jovem que dizia ser alta sacerdotisa de todos os druidas da Irlanda. Em uma leitura psíquica, disse-me que eu estava escrevendo um livro sobre Crowley (e estava) e que mantinha contato com uma Inteligência Superior (às vezes penso estar). Disse que essa Inteligência Superior era o espírito evoluído de um antigo poeta irlandês.

Em 1976, em Houston, conheci outra paranormal com o estranho nome de Penny Loony. Ela afirmou que eu estava escrevendo um artigo sobre a Atlântida (e estava), que os editores pediriam que fosse escrito novamente (o que aconteceu) e que o venderia na segunda apresentação (e eu de fato o vendi). Disse-me também que mantinha contato com uma Inteligência Superior, mas ela o descreveu como um antigo mestre chinês. Seria possível que fosse irlandês, chinês e extraterrestre “conjuntamente”?

Tentei, a título experimental, tomar LSD, presumindo que a Inteligência Superior pertencesse, na realidade, ao mundo das fadas da antiga tradição galesa. Tive a clássica experiência de ter sido levado para a Terra das Fadas, passando pelas dobras do tempo características dos hábitos feéricos — pensei estar bem “ali” durante horas, mas tudo aconteceu em alguns minutos no consenso das bruxas com quem estava trabalhando. Encontrei-me até com a Dama do Espaço em sua familiar forma céltica como “La Belle Dame Sans Merci”.

Mais tarde, achei a experiência inteira, descrita como um sonho em meu diário, registrada *duas semanas antes da experiência em si*. E, é claro, o tempo todo na Casa de Divertimentos Cósmicos eles tentaram dizer-me algo confuso a respeito do *tempo*...

O mais engraçado é que, algumas semanas depois, assisti ao velho filme *Harvey* na televisão e comecei a notar que Elwood P. Dowd, o herói da história, tem a mesma relação com “Harvey”, um coelho branco invisível, que qualquer xamã teria como seu “aliado”. Comecei a imaginar se o autor de *Harvey* não teria sido um iniciado de algum grupo de bruxos, ou de alguma Loja de Crowley, ou qualquer outro grupo de ocultismo. Nesse pon-

to do filme, um sujeito chamado Wilson, ao saber que Harvey é um “pookah”, procura no dicionário o significado dessa palavra. O dicionário o descreve como: “Um elfo celta ou espírito da vegetação de natureza travessa...”. E termina de forma impressionante “*e como o senhor está esta noite, Sr. Wilson?*”. O ator que faz o papel de Wilson deixa cair o dicionário, chocado, e eu também, confesso, me surpreendi um pouco.

Pouco mais adiante, Elwood faz um grande discurso a respeito da habilidade que Harvey tem em parar o tempo e entrar na eternidade.

Um pouco mais de fantasmagoria — uma última risada assombrada da Casa de Divertimentos Cósmicos — e passaremos para a “Parte II” e à busca de uma explicação para tudo isso.

No final de 1976, bem independente do Discordianismo, um grupo de políticos não-euclidianos, o Partido Surrealista Natural, começou a lançar um indivíduo de nome George Papoon para presidente. Papoon andava pela cidade com um saco de papel em sua cabeça e usava para a sua campanha o *slogan*: “Não insano!”. De alguma forma, entrei em sua maladreta e, um dia, eles distribuíram esta notícia à imprensa:

A coisa mais temida por parte do povo de São Francisco chegou ao seu inevitável cúmulo. Funcionários de escritórios e executivos inativos do prestigioso distrito financeiro se surpreenderam ao ver um gigantesco “donut” empoleirado sobre o prédio da Pirâmide Transarmênia... Ninguém parece saber por que escolheu a Pirâmide para o seu local de estacionamento, apesar de que uma coisa é certa, de acordo com Sur/Gen Zippo Klein, a maior autoridade do veículo e de seus supostos ocupantes: “Ali, eles não serão multados... Aposto meus sapatos que aqueles são os Cãezinhos de Sírius e só Deus sabe o que estão planejando ali em cima...”.

Essa foi seguida por uma outra série de notícias humorísticas a respeito dos “Cãezinhos de Sírius”, que supostamente estão espalhados entre nós. É claro que se trata de uma piada, assim como também o foi *Illuminatus* quando Shea e eu começamos a concebê-lo. Provavelmente, o povo de Papoon pensará que eu sou imaginativo demais se sugerisse que nenhum de nós começa a entender o que é uma piada ou de onde surgem as boas idéias...

Tenho certeza de que os fãs de *Illuminatus*, neste ponto, estão pensando a respeito do mistério do desaparecimento dos cães de Joe Malik. Essa charada ficou sem resposta propositalmente ao final da trilogia, como uma de nossas piadas de retardamento. Ao fazer novas leituras, os bons estudantes descobrirão que os cães de Malik não desapareceram porque desde o início nunca existiram. Eles eram inferidos (deduzidos por raciocínio). O fato é que as pessoas ouviam uivos e latidos de cães pelo apartamento de Malik e os cães nunca existiram, exceto como hipótese. A fonte, é claro, é o Museu de História Natural, que tocava o disco *Language and Music of the Wolves* (Linguagem e Música dos Lobos).

Entretanto, é estranho que uma das teorias discutidas pelos detetives (Vol. I, p. 49) seria de que os cães de Malik vieram da estrela do cão, Sírius.

***Primeiro há uma montanha,  
E então não há uma montanha.  
E depois, aí está a montanha.***

PARTE II: MODELOS E METÁFORAS

"DORMI COM FÉ & AO  
ACORDAR ENCONTREI EM MEUS  
BRAÇOS UM CADÁVER;  
BEBI E DANCEI TODA A NOITE  
COM DÚVIDAS & ENCONTREI-A  
UMA VIRGEM PELA MANHÃ."

CROWLEY  
THE BOOK OF LIES



# Modelos e Metáforas

## OUTRAS FÁBULAS E ALEGORIAS

### Dos Sufis

Um homem que havia estudado muito em escolas de sabedoria veio a falecer na plenitude do tempo e encontra-se no Portal da Eternidade.

Um anjo de luz aproximou-se dele e diz: “Não vá mais adiante, ó Mortal, até provar que merece entrar no Paraíso!”. Ao que o homem respondeu: “Espere um momento. Em primeiro lugar, você pode provar que este é o *verdadeiro Paraíso e não uma simples fantasia* de minha mente desordenada sofrendo os efeitos da morte?”.

Antes que o anjo pudesse responder, uma voz atrás do Portal gritou: “Deixe-o entrar — ele é um dos nossos!”.

### Dos Judeus

Um jovem foi ao rabi e disse: “Perdi a minha fé”.

E o rabi: “Verdade? E como você a perdeu?”.

“Estudei lógica na universidade”, disse o jovem, “e descobri que é possível provarmos os dois lados de qualquer caso, se formos suficientemente inteligentes.”

“Não diga!”, disse o rabi. “Você pode provar que não tem nariz?”

“Certamente”, respondeu o estudante. “Para começar...”

Mas, nesse ponto, o rabi deu-lhe um forte soco bem no nariz.

“E agora, o que está lhe doendo?”, perguntou o rabi, solícito.

### Dos Alemães

Erwin Schrödinger, Prêmio Nobel de Física, apresenta a seguinte charada aos físicos teóricos: Um gato está trancado em um quarto onde eventualmente morrerá; um gás venenoso será injetado por meio de um dispositivo

ativado por um processo quântico de decomposição. Depois de um intervalo  $t$ , o gato morreu ou está vivo?

O físico teórico não pode ir a um laboratório para tentar essa experiência (que de qualquer forma proporcionaria um só resultado). Ele senta com lápis e papel e calcula, pela mecânica quântica, o que aconteceu após o intervalo  $t$ . Ele chega à conclusão de que as equações apresentam no mínimo duas soluções.

Em um possível universo (ou estado *eigen*), o gato ainda vive; mas, em outro universo igualmente possível, o gato está morto.

Este é o famoso paradoxo do gato de Schrödinger. Basicamente ele pergunta se os nossos modelos físicos descrevem o universo de forma objetiva ou se simplesmente definem os limites do nosso próprio conhecimento.



## A Evidência Sírius

Será que extraterrestres reais de Sírius estiveram interferindo nos assuntos deste planeta retrógrado?

Vamos revisar algumas de nossas evidências. Eu fiquei obcecado com o número 23 e com os desenhos do olho no triângulo anos antes de encontrar qualquer conexão entre eles e Sírius. Depois de 23 de julho de 1973, eu certamente experimentei impressões que pensava serem comunicações de Sírius, desencadeadas por rituais no estilo Crowley. Kenneth Grant, um dos associados mais próximos de Crowley na Ordo Templi Orientis, liga insistentemente Crowley a Sírius e parece sugerir que o “Sagrado Anjo da Guarda”, contatado por intermédio das técnicas de expansão mental desenvolvidas por Crowley, nada mais é do que um ser de Sírius. J. G. Bennett, um dos associados mais próximos de Gurdjieff, também informa acerca de referências codificadas a respeito de Sírius nos escritos de Gurdjieff. Idries Shah, o historiador Sufi, rastreia o nome dos Illuminati em um verso do Alcorão que menciona uma estrela brilhante, e o nome alternativo de Crowley para os Illuminati era a Ordem da Estrela Brilhante (*Astrum Argentum*). George Hunt Williamson, contatado por um disco voador, diz que se comunicou com nativos de Sírius que usam uma linguagem contendo algumas palavras similares à linguagem “enochiana” ou “angélica”, usada por magos como Dr. John Dee e Crowley. Williamson também diz que uma Ordem secreta na Terra esteve em contato com Sírius há milhares de anos e que o emblema da Ordem é o Olho de Hórus.

Também vimos que existiu um certo número de transferências telepáticas, ou de idéias, entre o Dr. Leary e eu mesmo, durante o verão de 1973, antes de receber permissão para me corresponder com ele e para visitá-lo.

Leary e Benner receberam a mensagem da Semente Estelar durante os dias de cão de 1973, quando, de acordo com a tradição egípcia, a conexão entre a Terra e Sírius é mais forte e sincroniza com as minhas próprias mensagens iniciais de Sírius. Além disso, um grupo separado de contatados por óvnis, na Inglaterra, recebeu mensagens interestelares confusas a respeito do 23 discordiano, do 33 maçônico, do favorito 666 de Crowley, assim como variações do nome Leary.

No mínimo, temos um número extraordinário de coincidências. Para tornar as coincidências ainda mais estranhas, vamos analisar o livro *Sirius Mystery*, de Temple.

Antes de tudo, Temple é erudito, cauteloso e honesto. Não é só a minha palavra; ao contrário, aqui está o que algumas revistas dizem a seu respeito: “Muito bem documentado” (*Oxford Mail*); “honesto com seus leitores, cauteloso com suas fontes” (*Daily Telegraph*); “Robert Temple é cauteloso. Ele possui integridade intelectual” (*London Sunday Times*); “um trabalho de erudição respeitável” (*Manchester Guardian*). Temple confessa até a sua humildade ao escrever a respeito de um assunto tão sensacional (p. 4), e eu, entre muitos, acredito nele, pois tenho essa mesma sensação.

Temple reimprime, por completo, um estudo antropológico referente à tribo Dogon da África, e o conhecimento que possuem de Sírius é verdadeiramente surpreendente.

Os dogons sabem que Sírius tem uma companheira invisível (a branca anã, Sírius B). A existência de Sírius B sequer era suspeitada por nossos astrônomos até este nosso século e foi fotografada com sucesso somente em 1970.<sup>79</sup>

Esse povo conhece o período exato de Sírius B, que é de 50 anos.<sup>80</sup> Eles também sabem que Sírius B é uma das estrelas mais pesadas do universo.<sup>81</sup> Ao avaliar esse conhecimento, mantenham em mente que Sírius B não é só invisível a olho nu, mas também era invisível aos mais potentes telescópios até este século, e que a determinação de sua periodicidade e de seu peso envolve uma instrumentação extremamente precisa e, decididamente, uma matemática avançada. Como pode ser que uma tribo, um pouco mais adiantada que a idade da pedra, esteja a par desses dados? Eles simplesmente dizem que sabem porque um visitante de Sírius os informou há milhares de anos. Seria mais lógico afirmar que eles sejam afortunados adivinhadores?

É possível que os antropólogos franceses que reuniram os mitos dos dogons a respeito de Sírius — professores Griaule e Dieterlen — sejam um par de impostores? Bem, sim, é possível, mas seria isso provável? Todas as

79. *The Sirius Mystery*, op. cit., pp. 2-3

80. *The Sirius Mystery*, op. cit., p. 3

81. *The Sirius Mystery*, op. cit., p. 15.

fraudes científicas descobertas apontam para o trabalho de um só indivíduo, normalmente, com complexo de perseguição e um ressentimento contra o estabelecimento. Dois eruditos conspirando juntos, numa fraude dessas, seria singular. Também é interessante observar que Griaule e Dieterlen publicaram o relatório acerca dos dogons em 1950 — três anos antes que George Hunt Williamson divulgasse seu contato e 23 anos antes da publicação das revelações a respeito das conexões de Crowley com Sírius por parte de Kenneth Grant.

O interessante é que grande parte da informação de Temple tem ramificações em áreas que ele próprio não explorou. Por exemplo, ele descobriu que os bozos, uma tribo vizinha dos dogons, também têm conhecimento de Sírius B e chamam-na de *tono nalema* (estrela do olho).<sup>82</sup> Isso é muito sugestivo se nos lembrarmos de que Dr. Baker disse que o sistema de Sírius é o “terceiro olho” da entidade cósmica da qual o nosso Sol é o coração, e da afirmação de George Hunt Williamson de que o Olho de Hórus é o símbolo da sociedade secreta em contato com Sírius.

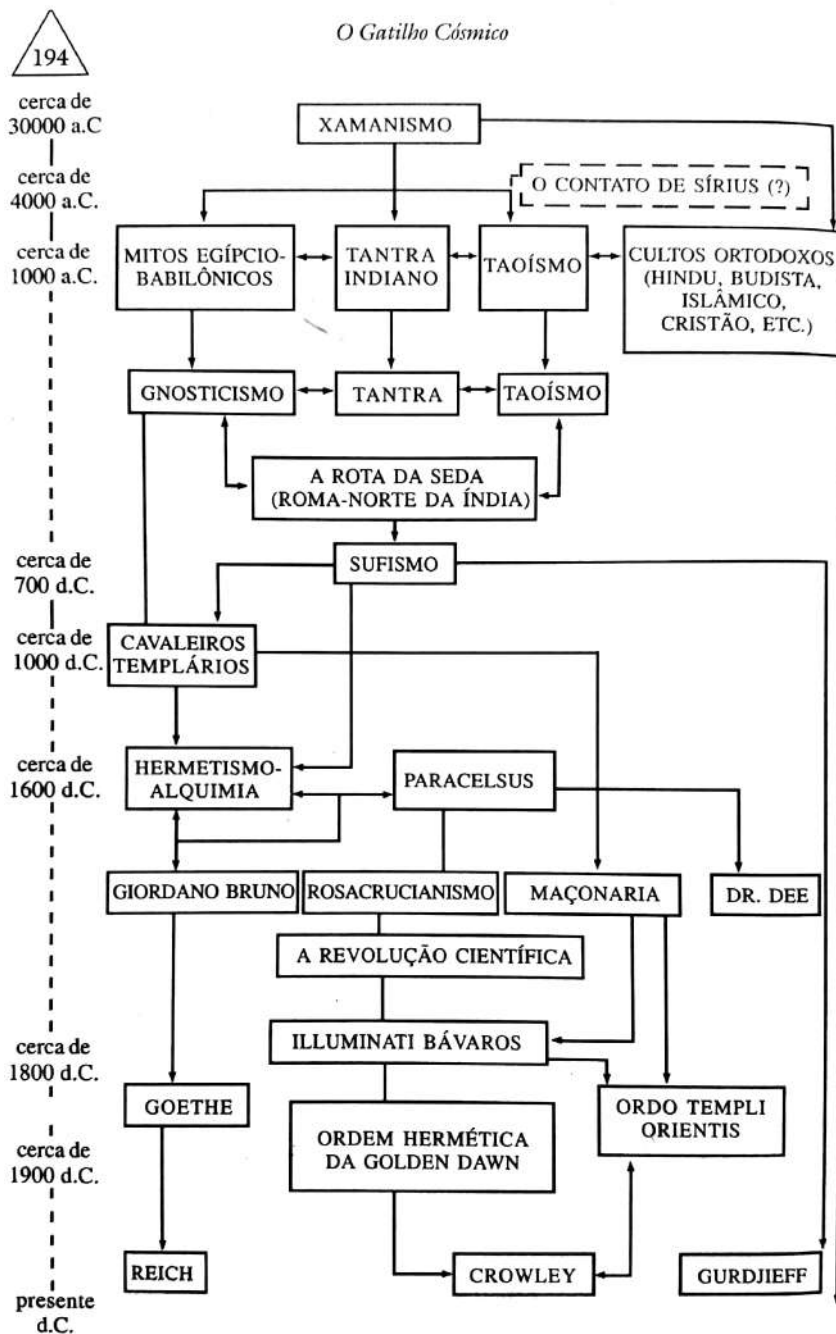
Temple acredita que o contato (que ele tenta descrever como físico, envolvendo espaçonaves reais) ocorreu na Suméria ao redor de 4500 a.C. Ele argumenta que o conhecimento alcançado (e este é o tema mais importante de seu livro) foi repassado pelos iniciados de diversas sociedades secretas do Oriente Próximo, Egito, Grécia, etc., até, no mínimo, Proclo, o neoplatônico, do século V d.C. Depois dessa época, Temple perdeu os vestígios, sugerindo que desapareceram, apesar de mencionar que alguns indícios apareceram “em personagens estranhas e fascinantes, como Giordano Bruno, Marsilio Ficino, John Dee, até Sir Philip Sidney e o Senhor de Leicester — sem mencionar os trovadores da Provença, Dante na Itália, o massacre de milhares de albigenses na França, os Cavaleiros Templários e uma infinita corrente de causas desesperadas ao longo de 2.500 anos”.<sup>83</sup> Os leitores dos meus livros, *Illuminatus* e *Sex and Drugs*, reconhecerão facilmente que essa tradição se disfarça, ou pode até ser idêntica à tradição secreta do Tantra e da magia do sexo no Ocidente de cuja tradição Crowley era o mais recente representante público.

Da mesma maneira, Temple se dá ao trabalho de demonstrar que o fonema NU, onde quer que seja encontrado no mundo antigo, é parte da tradição secreta de Sírius. Ele não percebe que NUI e ANUBIS, duas figuras que ele especificamente liga a Sírius, ainda estão bem vivas entre as Lojas de magia, atualmente trabalhando o sistema Aleister Crowley de entrar em contato com a Inteligência Superior.

De vez em quando, Temple parece estar considerando a idéia de que o *contato* pode não ser uma espaçonave, mas que possa ser realizado por

82. *The Sirius Mystery*, op. cit., p.49.

83. *The Sirius Mystery*, op. cit., p. 229.



*Todos os livros a respeito dos Illuminati têm um mapa mostrando como a "Conspiração" evoluiu durante os séculos. Aqui está um resumo das conexões sugeridas pelas evidências contidas neste livro. Somente as considerem uma conspiração, caso gostem de viver um roteiro no qual vocês sejam as vítimas.*

intermédio de meios mais sutis. Entretanto, ele não explora essa possibilidade, apesar de o fato de que toda a sua evidência se origina de xamãs, místicos, cultos secretos de iniciação e outros cuja maior preocupação sempre foi a expansão cerimonial da consciência.

Gostaríamos que Temple tivesse lido um pouco mais a respeito de ocultismo moderno para complementar os seus sete anos de pesquisas acerca dos mistérios egípcios e babilônicos. Ele emprega quase 50 páginas para demonstrar que, para os antigos iniciados, Ísis era um símbolo de Sírius e Osíris um símbolo do *Companheiro Escuro* de Sírius. Entretanto, ele não está a par da insistência de Crowley e de Levi de que o segredo tradicional revelado nos mistérios Eleusinianos era que “Osíris é um deus *negro!*”.<sup>84</sup>

Novamente, Temple demonstra (a partir de registros antigos) que a imagem familiar de Ísis, tendo um de seus pés na água, o outro na terra e uma estrela acima de sua cabeça, é um símbolo da conexão de Sírius. Entretanto, ele desconhece que a mesma imagem ainda aparece como Atu XVII do Tarô — A Estrela.

Por meio de uma análise detalhada dos mitos a respeito de Sírius nas tradições dogon, egípcia e babilônica, Temple consegue demonstrar que o *contato* provavelmente aconteceu ao redor de 4500 a.C. no Oriente Próximo, entre pessoas do nível aproximado da tribo Dogon. Algumas dessas pessoas teriam carregado a tradição pelo Saara, até os dogons de hoje e até as tribos Bozo, e algumas plantaram-na em cosmologias do Egito e da Babilônia. Como já vimos antes, Kenneth Grant rastreia a tradição de Crowley até 4500 a.C., no Oriente Próximo, e J. G. Bennett rastreia a tradição de Gurdjieff na mesma época e no mesmo local. Tanto Grant quanto Bennett não poderiam antecipar que Temple demonstraria, com muita evidência arqueológica, que algum tipo de *contato* com Sírius ocorreu naquela época e naquela localidade. Entretanto, ambos (Kenneth e Bennett) afirmam que ensinamentos secretos a respeito de Sírius foram transmitidos por Crowley e por Gurdjieff.

Temple também demonstra que o calendário egípcio girou em torno do movimento de Sírius — o ano começou com os “dias de cão”, quando Sírius começou a ascender atrás do Sol (23 de julho de nosso calendário; o dia em que eu tive minha primeira experiência com Sírius); que o primeiro hieróglifo para Osíris (o Deus Preto, Sírius B) era um *olho* e mais um trono; e que o ritual mais secreto de Osíris, o “ritual obscuro”, é descrito em um texto hermético como sendo tão oculto em seu significado total, que os homens somente o compreenderão quando aspirarem às estrelas “nas alturas” — o que pode significar: quando viajarmos para as estrelas.<sup>85</sup>

84. *The Sirius Mystery*, op. cit., pp. 55-100; *The Book of Thoth*, de Aleister Crowley, São Francisco: Level Press, 1974, p. 118.

85. *The Sirius Mystery*, op. cit., pp. 79-81.

A mais óbvia explicação para tudo isso parece ser uma comunicação Terra-Sírius que ocorreu pelo menos uma vez e provavelmente diversas vezes.



## ERP e o Teorema de Bell

Vamos tentar outra perspectiva para o problema. Vamos ver o que a Física moderna tem para nos oferecer. O fluxograma da página seguinte, montado por Saul-Paul Sirag, representa os principais problemas da teoria quântica e as direções da especulação atual.

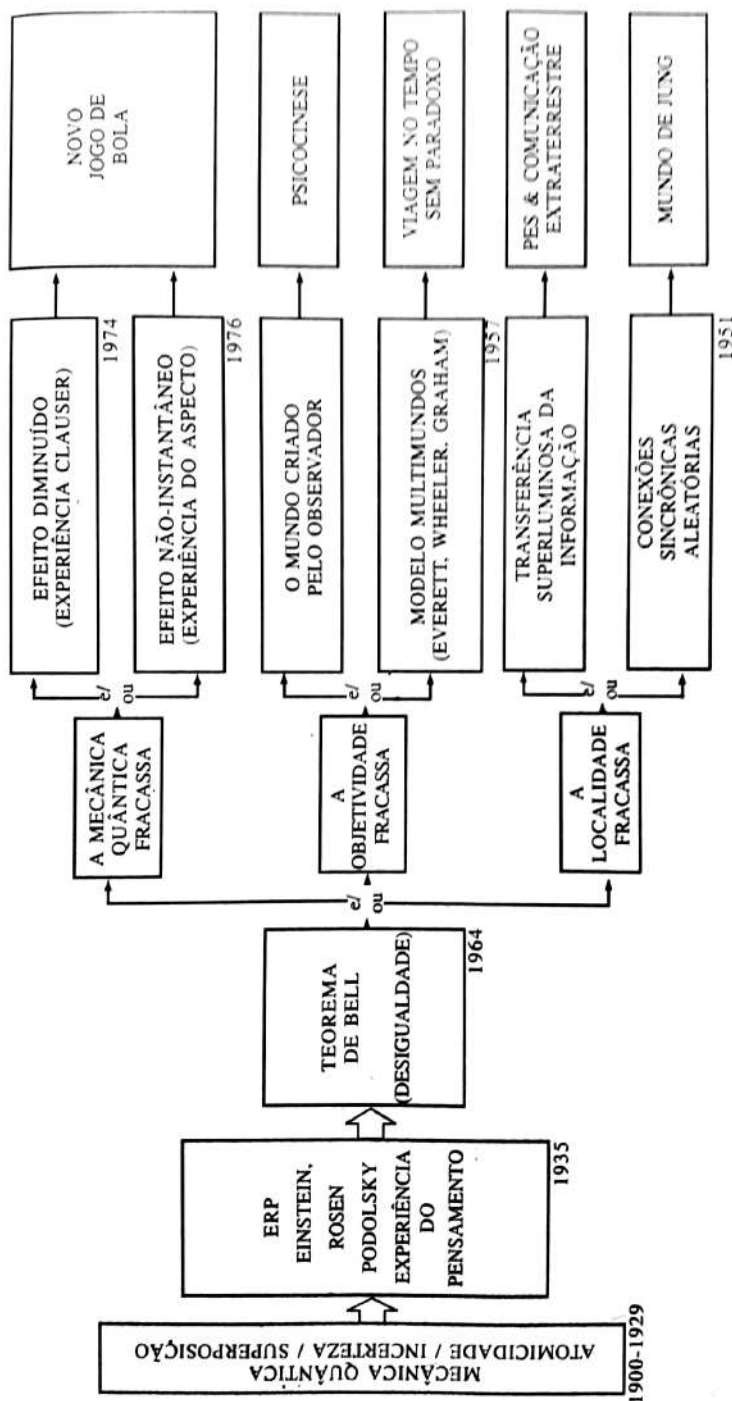
A demonstração Einstein-Rosen-Podolsky (ERP) indicou que, *se a mecânica quântica é verdadeira*, algumas partículas estão em contato instantâneo, mesmo que elas se encontrem em extremidades opostas do universo. (Isso só é verdadeiro para partículas que já tiveram contato físico, mas trata-se de um ponto técnico que não tem importância neste contexto.) O problema dessa demonstração ERP é que:

- (a) tal comunicação *instantânea* através de galáxias não tem uma explicação física e é difícil pensar a respeito do fato;
- (b) representando o problema principal, tal comunicação *instantânea* é proibida pela relatividade especial que não permite efeitos instantâneos, sendo tudo limitado pela velocidade da luz.

O objetivo da ERP era uma *reductio ad absurdum* (redução do absurdo) da teoria quântica. A ERP é deduzida por matemática rigorosa, a partir da mecânica quântica, e parece ser falsa pelos dois motivos mencionados no parágrafo anterior. Na Matemática, se a conclusão é falsa, deduz-se que o antecedente seja falso. Por conseguinte, a mecânica quântica é falsa.

Para Einstein, Rosen e Podolsky, esse era um pensamento feliz, pois os três tinham sérias reservas a respeito do elemento aleatório implícito em todas as equações quânticas — reservas resumidas no famoso pensamento de Einstein: “Deus não joga dados”.

Que pena, ERP foi promulgada em 1935 e, a partir de então — o maior período de trabalho experimental na história da Física, além de com mais físicos vivos hoje do que em toda a história —, tudo indica que a mecânica quântica definitivamente não é falsa. Funciona maravilhosamente bem. Por conseguinte, se o antecedente é verdadeiro, a conclusão é verdadeira e, portanto, os efeitos ERP *devem* existir — mesmo que eles sejam proibidos pela relatividade especial.



FÍSICA CONVENCIONAL

O FIO DA NAVALHA

ESPECULAÇÃO

Agora, os físicos não estão particularmente satisfeitos com essa conclusão, pois desejariam preservar tanto a mecânica quântica quanto a relatividade especial. Algo deve ser feito a respeito do paradoxo ERP — mas o quê?

Em 1964, o Teorema de Bell sugeriu três possíveis interpretações do efeito ERP e todas elas controversas. O Teorema de Bell parece sólido como aço (pelo menos agora em 1977), portanto, pelo menos uma das alternativas deve ser incluída no novo paradigma, quando a Física finalmente apresentará um novo paradigma. Vamos ver quais são as alternativas:

A mecânica quântica fracassa...

e/ou

A objetividade fracassa...

e/ou

A localidade fracassa...

*Se a mecânica quântica fracassa*, ela fracassará radical e totalmente. A experiência Clauser (Berkeley, 1974) demonstra que tentar redefinir as conexões quânticas não contornaria o Teorema de Bell, portanto, *a teoria quântica como é conhecida* deve ser revolucionada completamente se formos encetar esse caminho. Isso significa que estaremos por presenciar uma maior revisão epistemológica do que aquela relacionada com a própria relatividade e a própria teoria quântica. Provavelmente, estaremos presenciando a maior redefinição da realidade na história da ciência. Esse chocante acontecimento deverá ser a *maior* revolução da história científica, pois quase tudo na Física moderna depende da verdade da teoria quântica. Desistir da mecânica quântica equivale à desistência de Deus na religiosidade de uma pessoa. *Todas as coisas* — e não só algumas coisas — mudarão em nossa mente.

Saul-Paul Sirag resume laconicamente essa alternativa como “um novo jogo de bola”, à direita do fluxograma.

e/ou

*Se a objetividade fracassa*, deveremos presenciar uma revolução de pensamento igualmente gigantesca, mas podemos pelo menos sugerir a forma que assumirá. A objetividade, nesse contexto, significa a doutrina de que o universo existe independente das idéias ou da vontade do pesquisador. Dois modelos foram desenvolvidos sem a doutrina da objetividade. O primeiro é o “universo participativo” ou o “universo criado pelo observador”, do Prêmio Nobel Werner Heisenberg e do Dr. John A. Wheeler, de Princeton. Na versão de Heisenberg, eventos quânticos existem potencialmente antes do dimensionamento humano e na *realidade* somente depois que tal dimensionamento ocorreu. Heisenberg diz que a “estranheza” é a característica da *potentia* (do potencial); o tempo, aqui, flui para frente e

para trás, e nenhuma lei comum da Física se aplica neste caso. Aquelas leis entram em funcionamento somente *depois* que a intervenção humana (dimensionamento) ocorra.

#### e/ou

O “universo criado pelo observador” de Wheeler, como aquele de Heisenberg, descreve a “realidade” como o resultado da interação humana-quântica, mas acrescenta a possibilidade de que as transmissões ERP possam realizar esse resultado até antes de o dimensionamento ser efetuado. É claro que isso leva diretamente à possibilidade da psicocinese (magia...) e poderia explicar todos os tipos de eventos estranhos, desde os “milagres” religiosos até a habilidade de Uri Geller na transformação de metais, permitindo a alteração de seu estado físico, mudando a sua forma. Uma pequena extensão dessa hipótese nos permitirá considerar todos os meus 23 como o resultado de interações quânticas entre o meu cérebro e os eventos interceptados desde o meu interesse pelo número 23. Estamos muito perto da “Teia” de Jano Watt e do velho sistema de crença xamânica que Sir James Frazer denominou de “lei de contágio”. Crowley a chamou de “conexão mágica”.

#### e/ou

O segundo modelo não-objetivo é a idéia de mundos paralelos, extensivamente usada pelos autores de ficção científica. Uma formulação matemática dessa idéia foi desenvolvida por Wheeler, junto com Everett e Graham. Isso leva ao conceito de que há  $10^{100+}$  universos existindo “simultaneamente” em diferentes dimensões. [ $10^{100+}$  é só uma estimativa, mas significa 10 elevado à centésima potência (um número inimaginável) *como um valor mínimo* de universos]. Cada um desses universos é tão completo e tão extenso no tempo e no espaço quanto o nosso, e nós existimos em cada um deles, mas de maneiras diferentes.

Em outras palavras, tudo aquilo que *pode* acontecer, acontece *realmente*. Assim, apenas Saul-Paul Sirag explica esse modelo: “No universo ao lado, eu ainda sou um físico, mas trabalhando em outra área de pesquisa. Em outro universo, eu sou um ator que abandonou a Física sem nunca mais voltar a ela. Em outro universo ainda, morri em um campo de concentração e não existo mais no ‘presente’”.

A maioria dos físicos não pode considerar esse modelo seriamente e é comentado que Wheeler, Everett e Graham, que o criaram, também não acreditam nele. Entretanto, é uma interpretação legítima do problema levantado pelo Teorema de Bell.

#### e/ou

*Se a localidade fracassa*, encontramos-nos em um predicamento interessante. A localidade tem um significado um tanto quanto técnico na Física, mas basicamente podemos pensar nela desta forma: o universo lo-

cal, para qualquer ser inteligente, é limitado pela velocidade da luz. Isso quer dizer que qualquer sinal recebido viaja a uma velocidade igual ou menor do que a velocidade da luz. Esse universo “local” — tudo que podemos *detectar* movendo-se dentro da limitação da velocidade da luz —, de acordo com a relatividade Especial, é o único universo. Um universo não-local seria um universo além dessa limitação. Pela relatividade especial, esse universo não-local é metafísico e “insignificante”, no sentido de que, mesmo que existisse, seria impossível *detectá-lo*.

Entretanto, se interpretarmos ERP e o Teorema de Bell para significar que os eventos quânticos, apesar de tudo, estejam em comunicação *instantânea*, poderemos então entrar em contato com um universo não-local por intermédio da teia de comunicação quântica. Isso não é diferente do que dizer que *podemos estar na Califórnia e no Arizona ao mesmo tempo*, ou então *na Califórnia e no sistema da dupla estrela de Sírius ao mesmo tempo*, ou ainda *no passado, no presente e no futuro* “simultaneamente”.

Uma forma possível de olhar para esse pensamento incompreensível foi desenvolvida pelo Dr. Jack Sarfatti, que presume que as transmissões ERP (mais rápidas que a luz) sejam *informação sem transporte*. Limitar o nosso ponto de vista a um universo local — na velocidade igual ou menor do que a da luz — é um “chauvinismo eletromagnético”, propôs Sarfatti. *Informação sem transporte* é informação sem energia e, no sentido comum, sem “sinais”. O princípio da relatividade especial dessa forma não é desafiado, mas meramente reduzido a uma definição de localidade e aplica-se somente a *sinais e sistemas de energia*. A *informação pura* pode tomar a forma de transmissões ERP, não limitada pelos sinais ou pela velocidade da luz.

Essa informação superlumínica (transmissões ERP), argumenta Sarfatti, pode dar suporte às Percepções Extra-Sensoriais (PES) interestelares reivindicadas por autores recentes (inclusive eu mesmo), bem como as percepções comuns deste nosso planeta.

### e/ou

A informação superlumínica também poderia ser, como Sarfatti e Sirag propuseram em outros lugares, responsável pelo fenômeno incrível da sincronicidade; por exemplo, o meu holograma 23 do tempo-espaço. A sincronicidade, como é formulada por Jung e Pauli, simplesmente descreve *o que acontece*: coincidências se organizam em padrões aleatórios, mas significativos. A transferência da informação superlumínica ao nível quântico poderia explicar *como isso acontece*. Cada sistema subatômico no universo, ou nos multiversos, ajusta-se instantaneamente numa conformação com o todo, por meio de reação sinérgica mais rápida que a luz. Aqui abordamos a “teoria Bootstrap” do Dr. Capra, que faz com que “todas as coisas sejam a causa de tudo”, como no *I Ching* ou no Taoísmo.

Com esses modelos alternativos na vanguarda da Física, construímos uma série de explicações parciais dos dados estranhos que eu apresentei.

Se a mecânica quântica fracassar, então todos os meus dados — por mais incompatíveis que sejam com os atuais mapas-realidade — devem ser considerados como uma simples série de acontecimentos que serão explicados mais tarde, quando a Física estará mais adiantada, dentro de algumas décadas (ou séculos, ou milênios).

Se houver o fracasso da objetividade e existir um mundo de potencial que dê suporte ao mundo da realidade dimensionada, então todos os meus dados e os dados do Xamanismo, desde o princípio da história da humanidade, são simples arquivos de interferência abrupta entre o *potencial* e a *realidade*. O conceito de Heisenberg de *potencial* é muito parecido com o conceito de “outro mundo”: o *nagual* descrito nos livros de Castañeda, as esferas “astrais” da cabala, a “terra das fadas” dos celtas, o “sítio” das bruxas. No *potencial* bruto, literalmente qualquer coisa pode acontecer para frente, para trás ou lateralmente no tempo. Somente na *realidade* dimensionada é que somos limitados pelas leis da Física.

Se houver o fracasso da objetividade e existirem mundos paralelos, talvez numa quantidade de  $10^{100+}$ , é fácil ver como as comunicações daqui até eles podem ser confundidas pela incoerência e pela confusão. Diversos seres humanos que se dirigiam ao universo vizinho ou a vários universos, dois ou mais saltos à frente, poderão trazer de volta sinais que eles poderão organizar em tais termos, como, por exemplo: “Falei com Deus”, ou: “Eu viajei no tempo”, ou ainda: “Encontrei-me com um extraterrestre”. Particularmente, poderão trazer de volta profecias que se realizam e profecias que não se concretizam, sendo o nosso universo tangente aos universos paralelos em alguns pontos, mas não em todos.

As “profecias do Mothman”, de John Keel, funcionaram desta forma:  
**Profecia 1:** O papa será esfaqueado fatalmente no Oriente Próximo em 1968.

**Resultado:** O papa foi esfaqueado, não fatalmente, em Manila, em 1969.

**Profecia 2:** Robert Kennedy estava em perigo numa cozinha de hotel.  
**Resultado:** Robert Kennedy foi assassinado à bala na cozinha de um hotel.

**Profecia 3:** Haverá uma queda total de energia nos Estados Unidos ao meio-dia em 24 de dezembro de 1968.

**Resultado:** Não houve queda total de energia, mas uma ponte no centro do território de atuação do Mothman ruiu naquele horário, matando 100 pessoas.

Keel interpreta essa confusão compreendendo que as entidades comunicantes são zombeteiras, têm um péssimo senso de humor e estão

deliberadamente desorientando e atormentando aqueles que se envolvem com elas. Apesar de chamá-las de “ultraterrestres”, seu conceito sobre elas não é muito diferente daquele que, em séculos anteriores, chamava-as de “demônios”.

Entretanto, em termos de modelo multiuniverso, as entidades poderiam ser totalmente sinceras. Todas as profecias se realizaram em um universo ou em outro. Keel só pôde ser encontrado em um dos universos tangentes ao delas, onde só uma parte das profecias se realizou.

É interessante que o Dr. Vallee tenha encontrado um padrão similar de profecias parcialmente realizadas e parcialmente não, entre muitos supostos contatados.<sup>86</sup>

Se a localidade falha e se a informação mais rápida que a luz realmente existe, nós estamos no universo Jung-Pauli, no qual sincronicidade é, no mínimo, tão importante quando a causalidade linear.

E, se a localidade fracassa e raças adiantadas estejam usando informação mais rápida que a luz tão casualmente como nós usamos a eletricidade, parte dela deve cruzar este planeta ocasionalmente, apesar de a maioria não estar em comprimentos de ondas normalmente usados por nós. Essa é a “Rede” do Dr. John Lilly.

Enfim, parece não haver nada na “Parte I” deste livro, nada de tão incrível, ao leitor comum, que não possa ser explicado dentro das possibilidades dos crescentes limites da teoria quântica.



## Túneis-Realidade e Impressões

Vamos tentar a perspectiva do Dr. Leary acerca desses mistérios.

Para entender o espaço neurológico, Dr. Leary presume que o sistema nervoso consiste de oito potenciais circuitos, ou “engrenagens”, ou minicérebros. Quatro desses cérebros são os normalmente usados pelo nosso lóbulo esquerdo e responsabilizam-se pela nossa sobrevivência terrestre. Quatro são extraterrestres, silenciosos, inativos e residem no lóbulo direito, ali se encontrando para serem utilizados em nossa futura evolução. Isso explica por que o lóbulo direito é geralmente inativo nesse estágio do nosso desenvolvimento e por que ele é ativado quando a pessoa ingere psicodélicos.

Segue uma explicação breve de cada um dos oito “cérebros”:

1. *O circuito da biossobrevivência.* Esse cérebro invertebrado foi o primeiro a evoluir (cerca de dois a três milhões de anos atrás) e é o primeiro ativado quando uma criança nasce. Ele programa a percepção em uma

86. *The Invisible College, op. cit.*

rede dividida em coisas alimentadoras e de auxílio (que aborda e aceita), e coisas nocivas e perigosas (das quais foge ou ataca). A impressão desse circuito fixa a atitude básica da confiança ou da suspeita que permanece até o fim da vida. Também identifica o estímulo externo que para sempre ativa a aproximação e a rejeição.

II. *O circuito emocional.* Esse biocomputador, mais avançado, formou-se quando os vertebrados apareceram e começaram a competir por território (talvez 500 milhões de anos a.C.). Esse túnel-realidade maior é ativado, no indivíduo, quando o controle mestre do DNA aciona a metamorfose da forma de rastejar para aquela de andar. Como todos os pais sabem, o bebê não é mais um ser passivo (biossobrevivência), mas um político mamífero, cheio de exigências territoriais físicas (e psíquicas), que interfere rapidamente nos assuntos da família e na tomada de decisões. Novamente, a primeira impressão, nesse circuito, permanece constante a vida toda (a não ser que sofra uma lavagem cerebral) e identifica o estímulo que automaticamente aciona o comportamento agressivo e dominante, ou submisso e cooperativo. Quando dizemos que uma pessoa está se comportando emocionalmente de maneira egoísta, como “uma criança de dois anos de idade”, queremos dizer que ela está seguindo cegamente um dos túneis-realidade impressos nesse circuito.

III. *O circuito da destreza-simbolismo.* Esse terceiro cérebro foi formado quando as espécies hominídeas começaram a se diferenciar dos outros primatas (cerca de quatro a cinco milhões de anos a.C.) e é ativado quando a criança já está mais velha e começa a manipular objetos e a enviar/receber sinais laríngeos (unidades de linguagem humana). Caso o ambiente seja estimulante ao terceiro circuito, a criança recebe uma impressão “brilhante” e torna-se hábil e articulada; se o ambiente consiste de pessoas ignorantes, a criança recebe uma impressão “idiota”, isto é, permanece no estágio de mais ou menos cinco anos de idade com a típica falta de habilidade no manuseio de objetos e a total cegueira de símbolos.

Em linguagem popular, o túnel-realidade do primeiro circuito é geralmente chamado “consciência” *per se*: o sentido de estar aqui-agora, neste corpo, orientado para a sobrevivência do corpo. (Quando uma pessoa está “inconsciente”, o primeiro circuito está anestesiado, e os médicos podem operá-la, ou os inimigos podem atacá-la, sem condição de se defender ou fugir.) O segundo circuito, no mesmo vernáculo, é chamado “ego”. *O assim chamado “ego” é o sentido mamífero do segundo circuito do status (importância-insignificância) no bando ou na tribo.* O terceiro circuito é o que geralmente denominamos de “mente” — a capacidade de receber, integrar e transmitir sinais produzidos pela mão hominídea (artefatos) ou pelos nove músculos laríngeos hominídeos (a fala).

A impressão desses três circuitos determina, na idade de três anos e meio, o grau básico e o estilo de confiança/desconfiança que dará cor à

“consciência”, o grau e o estilo de dominação/submissão que determinará o “ego”-*status* e o grau e estilo de inteligência/falta de destreza com os quais a “mente” manipulará ferramentas ou idéias.

Em termos de evolução, a primeira “consciência” cerebral é invertebrada, fluindo passivamente entre a alimentação e a fuga do perigo. O segundo “ego” cerebral é mamífero, lutando sempre por *status* na organização tribal. A terceira “mente” cerebral é paleolítica, atracada à cultura humana e lidando com a vida por meio de uma matriz de objetos feitos por humanos e do simbolismo criado pelo homem.

O quarto cérebro é pós-hominídeo, especificamente característico do *Homo sapiens*, o homem “domesticado”, que é:

IV. *O circuito sociossexual*. Esse quarto cérebro foi formado quando bandos hominídeos evoluíram em sociedades e programaram papéis sexuais específicos para os seus membros, cerca de 30000 anos a.C. É ativado na puberdade, quando os sinais do DNA acionam a liberação glandular dos neuroquímicos sexuais, e a metamorfose para a maioridade começa. Os primeiros orgasmos ou experiências de acasalamento imprimem um característico papel sexual que, novamente, é bioquimicamente conectado e tem permanência vitalícia, a não ser que sofra algum tipo de lavagem cerebral ou que uma reimpressão seja realizada.

Em linguagem popular, as impressões e os túneis-realidade do quarto circuito são conhecidos como a “personalidade adulta”.

Masters e Johnson demonstraram que “disfunções” sexuais específicas — as chamadas “perversões”, “fetiches”, o desempenho baixo ou inexistente, como a ejaculação precoce, a impotência, a frigidez, etc., ou as impressões definidas como “pecaminosas” pela tribo local — são determinadas por experiências específicas no começo do acasalamento adolescente. O mesmo é verdadeiro para o comportamento igualmente robótico da pessoa “normal” e “bem ajustada”. O papel sexual do humano é tão rotineiro e repetitivo quanto aquele de qualquer outro mamífero. (Ou pássaro, ou peixe, ou inseto.)

Esses quatro circuitos são normalmente todas as redes já ativadas, em algum tempo, pelo cérebro. Deve estar claro agora por que Leary os chama de terrestres. Eles evoluíram continuamente e foram formados pelas condições gravitacionais e climáticas que determinam a sobrevivência e a reprodução nesse tipo de planeta, específicas dessa variedade de estrela do tipo G. Organismos inteligentes nascidos no espaço externo, não vivendo no fundo de um poço de 4.000 milhas de gravidade, sem competir por território na superfície de um planeta finito, não limitado pelos parâmetros para frente/para trás, para cima/para baixo, para a esquerda/para a direita da vida terrestre, inevitavelmente desenvolveriam circuitos diferentes, imprimidos diferentemente e não tão inflexivelmente euclidianos.

*O movimento para a frente/para trás* é a escolha digital básica programada pelo biocomputador operando o circuito I: avançar, ir para a

frente, cheirar, tocar, saborear, morder — ou retroceder, ir para trás, fugir, escapar.

*O movimento para cima/para baixo*, o sentido gravitacional básico, aparece em todos os relatos etológicos do combate animal. Levantar, inchar o corpo no tamanho máximo, rosnar, ulular, gritar — ou encolher, colocar o rabo entre as pernas, retroceder, rastejar e reduzir o tamanho do corpo. Esses são os sinais de dominância/submissão comuns a iguanas, cães, pássaros e presidentes de grandes empresas. Esses reflexos constituem o “ego” do circuito II.

*O movimento esquerda/direita* é a polaridade básica do desenho do corpo na superfície do planeta. A predominância da mão direita e a preferência associada às funções lineares do lóbulo esquerdo do cérebro determinam nossos modos normais de manufaturar objetos e o pensamento conceitual, isto é, a “mente” do circuito III.

Portanto, não é por acaso que a nossa lógica (e o nosso programa de computador) siga a estrutura binária (isto ou aquilo) desses circuitos. Também não é por acaso que nossa Geometria, até o século passado, tem sido euclidiana. A Geometria de Euclides, a Lógica de Aristóteles e a Física de Newton são metaprogramas que sintetizam e generalizam o movimento para a frente/para trás do primeiro cérebro, o movimento para cima/para baixo do segundo cérebro e os programas esquerda/direita do terceiro cérebro.

O quarto cérebro, que trata da transmissão da cultura tribal ou étnica através das gerações, introduz a quarta dimensão: o tempo.

Como cada um desses túneis-realidade consiste de impressões bioquímicas ou matrizes no sistema nervoso, cada um é especificamente acionado pelos neurotransmissores ou outras drogas.

Para ativar o primeiro cérebro é preciso um opio. A mãe ópio e a irmã morfina levam à inteligência celular, à passividade da biossobrevivência, à flutuante consciência do recém-nascido. (É por isso que os freudianos associam a adição ao opio com o desejo da volta à infância.)

Para ativar o segundo túnel-realidade, ingira uma considerável quantidade de bebida alcoólica. Padrões territoriais de vertebrados e políticas emocionais de mamíferos aparecem imediatamente quando a bebida flui, como Thomas Nashe se inteirou intuitivamente quando ele caracterizou os vários estados alcoólicos pelos termos: “bêbado como um asno”, “bêbado como um bode”, “bêbado como um porco”, “bêbado como um urso”, etc.

Para ativar o terceiro circuito, tente café ou chá, uma dieta de altas proteínas, velocidade ou cocaína.

O neurotransmissor específico para o quarto circuito não foi sintetizado ainda, mas é gerado pelas glândulas após a puberdade e flui de forma estrondosa pela corrente sanguínea dos adolescentes.

*Nenhuma dessas drogas terrestres altera as impressões bioquímicas.* Os comportamentos que elas acionam são aqueles transmitidos pelo

sistema nervoso durante os primeiros estágios da vulnerabilidade de impressão. O bêbado do circuito II exhibe os jogos emocionais ou as malandragens aprendidas com os pais na infância. A “mente” do circuito III nunca vai além das permutas e combinações daqueles túneis-realidade originalmente impressos, ou das abstrações associadas às impressões por meio do condicionamento futuro. E assim por diante.

Mas todo esse robotismo pavloviano-skinneriano muda drástica e dramaticamente ao olharmos para o lóbulo direito, os circuitos futuros e as químicas extraterrestres.

Os quatro futuros “cérebros” em evolução são:

V. *O circuito neurossomático*. Quando esse quinto “cérebro corporal” é ativado, configurações euclidianas básicas explodem multidimensionalmente. De acordo com a terminologia de McLuhan, estruturas se deslocam do *espaço visual* linear para o englobado *espaço sensorial*. Ocorre um *acionamento* hedônico, uma diversão extática, um destacamento do prévio mecanismo compulsivo dos quatro primeiros circuitos. Eu ativei esse circuito com maconha e tantra.

Esse quinto cérebro começou a aparecer aproximadamente há 4.000 anos, nas primeiras civilizações da classe do lazer, e vêm crescendo estatisticamente nos últimos séculos (até mesmo antes da Revolução das Drogas), um fato demonstrado pelas artes hedônicas da Índia, da China, da Roma e de outras grandes sociedades. Mais recentemente, Ornstein e a sua escola demonstraram com encefalogramas que esse circuito representa o primeiro salto do lóbulo esquerdo linear do cérebro para o analógico lóbulo direito.

A abertura e a impressão desse circuito têm sido a preocupação dos “técnicos do oculto” — xamãs e hatha yogis. O quinto túnel-realidade pode ser alcançado pela privação sensorial, isolamento social, estresse fisiológico ou um grande choque (táticas de rituais aterradores, praticadas por gurus como Dom Juan Matus ou Aleister Crowley), mas foi tradicionalmente reservado para a aristocracia educada das sociedades do lazer que resolveram os quatro problemas terrestres de sobrevivência.

Há cerca de 20.000 anos, o neurotransmissor específico do quinto cérebro foi descoberto por xamãs da área asiática do Mar Cáspio e espalhou-se rapidamente entre outros magos da Eurásia e da África. Era, é claro, cannabis, erva daninha, marijurana.

Não é por acaso que o adicto geralmente se refere a seu estado neural como “alto” ou “viajando”. A transcendência das orientações planetárias (circuitos I-IV) gravitacionais, digitais, lineares, aristotélicas, newtonianas, euclidianas encontra-se em perspectiva evolutiva: parte de nossa preparação neurológica para a inevitável migração para além do nosso planeta-residência está agora começando. É por isso que tantos adictos são adeptos da *Jornada nas Estrelas* e da ficção científica. (Berkeley, Califórnia, certamente a capital da *Cannabis* nos Estados Unidos, tem um ponto comer-

cial federativo na avenida Telegraph, onde o “mais abastado” pode gastar US\$500 ou mais em um só dia comprando livros referentes a *Jornada nas Estrelas*, revistas, notícias, decalques, fotografias, pôsteres, fitas, etc., e até desenhos completos da espaçonave *Enterprise*.)

O significado extraterrestre de estar “alto” é confirmado pelos próprios astronautas; 85% daqueles que enfrentaram a queda livre de gravidade zero descrevem “experiências místicas” ou estados extáticos, típicos do circuito neurossomático. “Nenhuma fotografia pode descrever a beleza da Terra”, delira o capitão Ed Mitchell, descrevendo sua iluminação em queda livre. Ele se parece com qualquer yogi ou adicto bem-sucedido. Nenhuma máquina fotográfica pode demonstrar essa experiência porque ela se encontra dentro do sistema nervoso.

Leary acredita que a *queda livre, no momento evolutivo apropriado, aciona a mutação neurossomática*. Anteriormente, essa mutação foi alcançada “artificialmente” pelo treinamento yoga ou xamânico ou pelo uso de cannabis, o estimulante do quinto circuito. Surfar, esquiar, mergulhar e a nova cultura sexual (massagens sensuais, vibradores, artes tântricas, etc.) evoluíram simultaneamente como parte da conquista hedônica da gravidade. O estado ativado é sempre descrito como “flutuando” ou, de acordo com a metáfora zen, “um pé acima do chão”.

VI. *O circuito neuroelétrico*. O sexto cérebro consiste em que o sistema nervoso se torne perceptivo de si mesmo à parte dos mapas-realidade gravitacionais impressos (circuitos I-IV) e até a parte do êxtase corporal (circuito V). O semantista Conde Korzybski chamou esse estado de “consciência do abstrato”. O Dr. John Lilly o denomina de “metaprogramação”, ou seja, percepção da programação de nossa própria programação. Essa “conteligência” (consciência-inteligência) relativista de Einstein reconhece, por exemplo, que os mapas-realidade euclidianos, newtonianos e aristotélicos são apenas três entre bilhões de possíveis programas ou modelos para a experiência. Eu ativei esse circuito com o peiote, o LSD e os meta-programas “mágicos” de Crowley.

Esse nível de funcionamento cerebral parece ter sido referido ao redor de 500 anos a.C. por vários grupos “ocultos” ligados à Rota da Seda (Roma-Norte da Índia). Ele se encontra tão além dos túneis-realidade terrestres que aqueles que o alcançaram dificilmente conseguem transmiti-lo à humanidade comum (circuitos I-IV) e não pode ser facilmente compreendido até mesmo pelos engenheiros do êxtase do quinto circuito.

As características do circuito neuroelétrico são a alta velocidade, a escolha múltipla, a relatividade e a cisão-fusão de todas as percepções de possibilidades alternativas dos universos paralelos da ficção científica.

As políticas mamíferas que monitoram as lutas pelo poder na humanidade terrestre são aqui transcendidas; em outras palavras, são vistas como estáticas, artificiais, uma elaborada charada. O indivíduo não é coercitiva-

mente manipulado na realidade territorial de outro nem é forçado a lutar contra ele com jogos emocionais recíprocos (os dramas habituais das novelas). Simplesmente escolhe conscientemente se quer ou não compartilhar do modelo-realidade de outro indivíduo.

As táticas para abrir e imprimir o sexto circuito são descritas e raramente experimentadas na raja yoga e nos manuais herméticos (codificados) dos alquimistas e dos Illuminati da Renascença medieval. Nenhuma química específica para o sexto circuito ainda está disponível, mas fortes psicodélicos, como a mescalina (de minhas experiências com peiote, o cacto sagrado, em 1962-1963) e psilocibina (do “cogumelo mágico” teonactl), abrem o sistema nervoso para uma série de meios, mesclando os circuitos dos canais V e VI. Isso é apropriadamente chamado de “viagem”, diferente de “ligado” ou “ficar alto” do quinto circuito.

A perseguição à pesquisa científica nessa área conseguiu o infeliz resultado de levar a ilegalidade da cultura da droga de volta para o hedonismo do quinto circuito e para os túneis-realidade pré-científicos (a restauração do oculto, solipsismo, orientalismo pop). Sem disciplina científica e sem metodologia, poucos são aqueles que conseguem decodificar com sucesso os sinais de metaprogramação do sexto circuito, muitas vezes apavorantes (mas filosoficamente cruciais). Esses cientistas que continuam a estudar esse assunto não ousam publicar seus resultados (que são ilegais) e registrar túneis-realidade cada vez maiores, o que é discutido de forma muito reservada e confidencial — como os estudiosos da época da Inquisição. (Voltaire anunciou a Idade da Razão prematuramente, com alguns séculos de antecedência. Ainda nos encontramos na Idade da Escuridão.) A maioria dos alquimistas que trabalha em silêncio desistiu desse trabalho desafiador e arriscado, restringindo suas viagens aos eróticos túneis do quinto circuito.

A função evolutiva do sexto circuito é possibilitar a nossa comunicação no nível das relatividades de Einstein e das acelerações neuroelétricas, sem fazer uso dos símbolos laríngeos-manuais do terceiro circuito, mas diretamente por intermédio da informação, da telepatia e da conexão computadorizada. Sinais neuroelétricos substituirão cada vez mais “a fala” (rosnos homínídeos), após a migração espacial.

Quando os humanos conseguirem alcançar fora do poço da atmosfera gravitacional da vida planetária, a aceleração da conteligência do sexto circuito tornará possível a comunicação de alta energia com “inteligências superiores”, o que significa nós mesmos no futuro e outras raças pós-terrestres.

É encantadoramente simples e óbvio, uma vez que nos conscientizemos, que as experiências de “viagens” neurais são realmente extraterrestres e que “ficar alto” e “viajar” são metáforas corretas. O êxtase neurosômático do quinto circuito é a preparação para o passo seguinte da nossa evolução, a migração para fora do planeta. O sexto circuito é a preparação

para o próximo passo depois desse: a comunicação entre espécies com entidades adiantadas que possuem túneis-realidade eletrônicos (pós-verbais).

O circuito VI é o “tradutor universal”, freqüentemente imaginado pelos escritores de ficção científica e já instalado em nossos cérebros pelo programa do DNA, assim como os circuitos da futura borboleta estão instalados na própria lagarta.

VII. *O circuito neurogenético.* O sétimo circuito entra em ação quando o sistema nervoso começa a receber sinais *de dentro do neurônio individual*, do diálogo entre o DNA e o RNA. O primeiro a realizar essa mutação falou de “memórias de vidas passadas”, “reencarnação”, “imortalidade”, etc. Que esses adeptos estivessem registrando algo real é indicado pelo fato de que muitos (principalmente hindus e Sufis) apresentaram vistas poéticas maravilhosamente precisas da evolução 1.000 ou 2.000 anos antes de Darwin e previram a super-humanidade antes de Nietzsche.

Os “registros akáshicos” da teosofia, o “inconsciente coletivo” de Jung e o “inconsciente filogenético” de Grof e Ring são três das modernas metáforas para esse circuito. As visões da evolução passada e futura, descritas por aqueles que passaram por experiências “fora do corpo” durante episódios de quase-morte, também descrevem o transtempo do túnel-realidade do circuito VII.

Exercícios específicos para ativar o circuito VII não são encontrados nos ensinamentos do yoga; isso geralmente acontece, se ocorrer, após anos de prática de *haja yoga*, que desenvolve a capacidade do circuito VI.

O neurotransmissor específico do circuito VII é, naturalmente, o LSD. (O peiote e a psilocibina também produzem algumas experiências do circuito VII.)

O circuito VII é melhor considerado, nos termos da ciência do ano de 1977, como sendo os arquivos genéticos acionados pelas proteínas anti-histonas: a memória do DNA voltando-se para os primórdios da vida. Um sentido de inevitabilidade da imortalidade e de simbiose entre espécies ocorre a todos os mutantes do circuito VII; agora podemos ver que essa também é uma previsão evolutiva, pois *encontramo-nos neste momento no limiar da estendida longevidade a caminho da imortalidade.*

O exato papel dos circuitos do lóbulo direito e o motivo para sua ativação durante a revolução cultural dos anos 1960 agora torna-se clara. Como o sociólogo F. M. Esfandiary escreve na revista *Upwingers*: “Hoje, quando se fala de imortalidade e de viajar para outros mundos, não queremos entendê-los em sentido teológico ou metafísico. As pessoas atualmente viajam para outros mundos. As pessoas aspiram à imortalidade. Transcenden-

dência não é mais um conceito metafísico. Tornou-se realidade”.<sup>87</sup>

A função evolutiva do sétimo circuito e de seu túnel-realidade evolutivo através das eras é uma preparação para a imortalidade consciente e para a simbiose entre as espécies.

VIII. *O circuito neuroatômico*. Segurem seu chapéu e respirem profundamente — este é, de longe, o mais avançado circuito dentro do qual a inteligência humana jamais ousou aventurar-se:

A consciência provavelmente precede a unidade biológica ou o programa-labirinto do DNA. “Experiências fora do corpo”, “projeção astral”, contato com entidades alienígenas (extraterrestres?) ou com inteligências superiores, etc., como aquelas que eu experimentei, têm sido relatadas durante milênios, não simplesmente por pessoas ignorantes, supersticiosas, ingênuas, mas frequentemente pelos melhores cérebros entre nós (Sócrates, Giordano Bruno, Edison, Buckminster Fuller, etc.). Tais experiências são reportadas diariamente a parapsicólogos e experimentadas por cientistas como Dr. John Lilly e Carlos Castañeda. Dr. Kenneth Ring atribuiu esses fenômenos ao que ele chama apropriadamente de “inconsciente extraterrestre”.

Dr. Leary sugere que o circuito VIII seja literalmente neuroatômico — *infra, supra e metafisiológico*, um sistema de comunicação da mecânica quântica que não exige uma embalagem biológica. A tentativa de construir um modelo quântico de consciência e/ou um modelo consciente de mecânica quântica, por físicos “ligados”, discutidos anteriormente (prof. John Archibald Wheeler, Saul-Paul Sirag, Dr. Fritjof Capra, Dr. Jack Sarfatti, etc.), indica fortemente que a “consciência atômica” sugerida primeiro pelo Dr. Leary em seu livro *The Seven Tongues of God* (1962) é a conexão explicativa que unirá a Parapsicologia à Parafísica na primeira Teologia científica, experimental e empírica da história.

Quando o sistema nervoso é acionado nesse circuito de nível quântico, tempo-espaço é obliterado e transcende-se à barreira da velocidade da luz de Einstein; na metáfora do Dr. Sarfatti, escapamos do “chauvinismo eletromagnético”. A conteligência dentro da cabine de projeção quântica é o “cérebro” cósmico inteiro, assim como a dupla hélice microminiaturizada do DNA é o cérebro local orientando a evolução planetária. Como Lao-tse disse de sua perspectiva a partir de seu próprio circuito VIII: “O maior se encontra dentro do menor”.

O circuito VIII é ativado pela Katamina, um produto neuro-químico pesquisado pelo Dr. John Lilly e que também é (de acordo com rumores largamente espalhados mas não confirmados) administrado aos astronautas a fim de prepará-los para o espaço. Altas doses de LSD também produzem algumas percepções quânticas do circuito VIII.

Essa conteligência neuroatômica está quatro mutações além da domesticidade terrestre. [A atual luta ideológica está entre os moralistas

(ou coletivistas) tribais do quarto circuito e os individualistas hedônicos do quinto circuito.] Quando a nossa necessidade por uma inteligência maior, por um envolvimento mais rico no roteiro cósmico, por uma transcendência maior, não se interessar mais por corpos físicos nem tampouco por corpos imortais saltitando pelo tempo-espaço na Dobra 9, o circuito VIII abrirá uma fronteira maior. Novos universos e novas realidades. “Além da Teologia: a ciência e a arte da divinização”, como Alan Watts uma vez escreveu.

É, portanto, possível que as misteriosas “entidades” (anjos e extraterrestres), reportadas de forma monótona por visionários do circuito VIII, sejam membros de raças já evoluídos nesse nível. Mas também é possível, como Leary e Sarfatti recentemente sugeriram, que elas sejam nós mesmos no futuro.

Os circuitos terrestres do lóbulo esquerdo contêm as lições aprendidas em nossa evolução passada (e presente). Os circuitos extraterrestres do lóbulo direito são o roteiro evolutivo do nosso futuro.

Até agora, apareceram duas explicações alternativas do motivo pelo qual a Revolução da Droga aconteceu. A primeira é apresentada de forma sofisticada pelo antropólogo Weston LaBarre e, de forma ignorante e moralista, pela maioria das propagandas antidrogas nas escolas e na mídia de massa. Essa explicação diz, em sua essência, que milhões desistiram das drogas legais (baixas) para aderirem às ilegais (altas), pois estamos vivendo numa época conturbada e muitas pessoas buscam uma fuga na fantasia.

Na melhor das hipóteses, essa teoria só explica parcialmente o aspecto mais feio e mais divulgado da revolução — o abuso indiscriminado da droga, característica dos imaturos. Nada diz a respeito dos milhões de respeitáveis médicos, advogados, engenheiros, etc., que desistiram da intoxicação por álcool do segundo circuito para o êxtase da maconha do quinto circuito.

Também não são levadas em conta as investigações filosóficas do sexto circuito por pessoas de alta inteligência e de profunda sensibilidade, como Aldous Huxley, Dr. Stanley Grof, Masters-Houston, Alan W. Watts, Carlos Castañeda, Dr. John Lilly e milhares de pesquisadores científicos e amadores da consciência.

Uma teoria mais plausível, idealizada pelo psicólogo Norman Zinberg a partir do trabalho de Marshall McLuhan, reza que os meios eletrônicos modernos alteraram tanto os parâmetros do sistema nervoso que os jovens não se contentam mais com as drogas “lineares” como o álcool, e só encontram significado na maconha e nos psicodélicos.

Isso certamente é parte da verdade, mas é uma teoria muito limitada (estreita) e agride demais a televisão e os computadores, sem estressar suficientemente a imagem tecnológica em geral — a progressiva Revolução da Ficção Científica cujos aspectos mais significativos são a migração espacial, a inteligência incrementada e a extensão da vida, que Leary condensou em sua fórmula SMI<sup>2</sup>LE.

A Migração Espacial + Inteligência Incrementada + Extensão da Vida equivale à expansão da humanidade em todo o tempo-espaço:

S.M. (migração espacial) + I<sup>2</sup> (inteligência incrementada) + L.E. (extensão da vida) = INFINITO.

Sem endossar totalmente o misticismo tecnológico de Charles Fort (que, por interpretação, diz que: “Chove quando é tempo de chover”), é óbvio que o metaprograma do DNA para a evolução planetária é muito mais sábio que qualquer um de nossos sistemas nervosos — que, de certa forma, são robôs gigantes ou sensores do DNA. Velhos gibis de ficção científica; os rudimentos de Buck Rogers; a sofisticada ficção científica de brilhantes escritores como Stapledon, Clarke, Heinlein; o *2001* de Kubrick — todos foram sinais cada vez mais claros do DNA, transmitidos por intermédio da intuição do lóbulo direito de artistas sensíveis, preparando-nos para a mutação extraterrestre.

É coincidentemente muito raro que a fonte de intelectuais “literários” abomine a ficção científica e a cultura da droga ao mesmo tempo. Também não é coincidência que a publicação de *Whole Earth Catalogs* — criada por Stewart Brand, diplomado pelos Alegres Farsantes de Ken Kesey — seja o Novo Testamento da abandonada cultura rural, cada edição repleta de toneladas de informações ecotecnológicas a respeito de um equipado conhecimento manual habilidoso, que Platão e seus herdeiros considerariam próprio só para escravos. Sem ser surpreendente, a mais recente publicação de Brand, *Co-Evolution Quarterly*, dedicou-se extensivamente à publicidade do *habitat* espacial do prof. Gerard O’Neill, L5.

Nem tampouco é um acidente que adictos pareçam preferir a ficção científica a qualquer outro tipo de leitura, inclusive as escrituras hindus de sabor extraterrestre e os poetas “viajantes” dos circuitos xamânicos e ocul-tos (VI e VIII), como Crowley e Hesse.

As drogas do circuito VI podem ter contribuído muito para a consciência metaprogramadora que levou à percepção repentina do “chauvinismo masculino” (liberalismo feminino), “chauvinismo das espécies” (Ecologia, os estudos de Lilly a respeito dos golfinhos), “chauvinismo da estrela tipo G” (Carl Sagan), até o “chauvinismo do oxigênio” (a conferência a respeito de inteligência extraterrestre), etc. Os túneis-realidade impressos que identificam alguém como “branco-macho-americano-terrestre”, etc., ou “negr-fêmea-cubana”, etc., não são mais suficientemente amplos para conter a nossa explosiva conteligência.

Como noticiou a revista *Time*, em 26 de novembro de 1973: “Dentro de dez anos, de acordo com os farmacologistas, eles devem aperfeiçoar pílulas e eletrodos cranianos com capacidade de prover felicidade a todos os habitantes da Terra”. A histeria dos anos de 1960 a respeito da maconha e do ácido era só uma abertura para esse avanço do quinto circuito. Nathan S. Kline, M.D., prevê afrodisíacos reais, drogas para acelerar o aprendizado, drogas para incentivar ou eliminar certos comportamentos. Aqueles

que foram queimados ou encarcerados no começo de século XVII (Bruno, Galileu, etc.) foram pioneiros da Revolução da Tecnologia Externa. Aqueles que foram presos e surrados por policiais, na década de 1960, foram pioneiros da Revolução da Tecnologia Interna.

*Jornada nas Estrelas* é um guia melhor para a emergente realidade do que qualquer leitura do *New Lorque Review of Books*. O engenheiro do suporte vital e do sistema de defesa, Scotty (circuito I), o emocional e sentimental Dr. McCoy (circuito II), o lógico oficial científico Sr. Spock (circuito III) e o Capitão Kirk, alternadamente paternalista e romântico (circuito IV), estão perpetuamente viajando pela nossa história neurológica e encontrando inteligências dos circuitos V, VI, VII e VIII, por mais rudimentares que sejam suas apresentações.

Resumindo, os vários níveis de consciência e os circuitos que estive-mos discutindo e ilustrando são todos impressões bioquímicas na evolução do sistema nervoso. Cada impressão cria um túnel-realidade maior. Na metáfora Sufi, o burrico que cavalgamos torna-se um burrico diferente depois de cada impressão. O metaprogramador aprende mais continuamente e é progressivamente capaz de perceber-se operando. Dessa forma, estamos evoluindo para a inteligência-estuda-inteligência (o sistema nervoso estudando o sistema nervoso) e somos, cada vez mais, capazes de acelerar nossa própria evolução.

Leary agora simboliza a inteligência-estuda-inteligência pelo seu símbolo I<sup>2</sup>.

Nos níveis inferiores, enxergamos só com um "I"\* , enquanto que nos níveis superiores enxergamos com vários "Is".\*\*

E o tempo-espaço se desloca de três dimensões euclidianas para as multidimensões não-euclidianas.



## A Oitava da Energia

A lei das Oitavas foi sugerida antes por Pitágoras, na Grécia antiga. Ao observar que as oito notas da convencional escala musical ocidental eram regidas por relacionamentos matemáticos definidos, Pitágoras prosseguiu para criar toda uma cosmologia baseada em oitavas. Nesse modelo octogonal, Pitágoras cometeu muitos erros por generalizar suas observações a partir de dados insuficientes. Entretanto, seu trabalho foi a primeira

\*N. do T.: Em inglês o I é pronunciado "ai", que também significa "olho"

\*\*N. do T.: Daf o trocadilho do autor: nos níveis inferiores, enxergamos com um só "olho", enquanto, que, nos níveis superiores, enxergamos com vários "olhos".

tentativa na história para unificar a ciência, a matemática, a arte e o misticismo em um sistema compreensível que, como tal, tem ainda muita influência. Leary, Crowley e Buckminster Fuller se autodescreveram como modernos pitagóricos.

Na China, quase contemporâneos de Pitágoras, os taoístas idealizaram uma cosmologia baseada na interação de *yang* (positivo) e *yin* (negativo), que resultou nos oito trigramas do *I Ching*, que, por sua vez, geraram os 64 hexagramas.

Na Índia, Buda anunciou, após sua iluminação sob a árvore do Esclarecimento (Bodhi), o Nobre Caminho dos Oito Passos. Em seguida, Patanjali reduziu a ciência do yoga para oito “membros” ou, como também poderíamos chamá-lo, oito “passos”.

O jogo de xadrez surgiu, em algum lugar do Leste, com um tabuleiro de 8x8 (64) quadrados.

Kepler descobriu as leis do movimento planetário por um feliz acaso, quando tentava encaixar os planetas na oitava de Pitágoras.

Na década de 1860, John Newland, um químico inglês, demonstrou que todos os elementos químicos se enquadram em oito famílias. Como o misticismo de Pitágoras não estava em moda naquela época, Newland foi literalmente ridicularizado e rejeitado pela Real Sociedade Química. Na década de 1870, munido de mais detalhes que Newland, o químico russo Mendeleev comprovou definitivamente que os elementos realmente se enquadram em oito famílias. Sua Tabela Periódica dos Elementos, uma oitava obsessivamente harmônica, está atualmente presente em todas as salas de aula de química. (A Real Sociedade mais tarde se penitenciou junto a Newland, homenageando-o com uma Medalha de Ouro.)

Já vimos que Nikola Tesla, por meio de visões que lhe permitiram deduzir o mecanismo da corrente alternada, também intuiu a básica lei das Oitavas que rege a energia universal.

Os geneticistas modernos descobriram que o “diálogo” do DNA-RNA — o sistema molecular de informação que rege a vida e a evolução — é transmitido por 64 *códons* (8x8).

R. Buckminster Fuller, em sua Geometria sinérgico-energética, que ele afirma ser “o sistema coordenado do Universo”, reduz todos os fenômenos a construções geométrico-energéticas baseadas no tetraedro (quatro lados), no octeto de suporte (oito lados) e no *acoplador* (oito lados de 24 fases). Fuller especificamente argumenta que o *acoplador* de oito lados de 24 fases fundamenta a divisão em oito dos elementos químicos da Tabela Periódica de Mendeleev.

Em 1973, ignorando o acoplador de Fuller — para o qual chamei-lhe a atenção mais tarde —, Dr. Leary começou a dividir seus oito circuitos em uma Tabela Periódica da Evolução de 24 estágios (vejam diagrama). Ao

mesmo tempo, ele iniciou a tentativa de correlacionar essa sua tabela com a Tabela Periódica dos Elementos da Química.

As oito famílias de elementos são:

1. alcalinos;
2. alcalinos terrosos;
3. família do boro;
4. família do carbono;
5. família do nitrogênio;
6. calcogênios;
7. halogênios;
8. gases nobres.

Leary afirma que as primeiras quatro famílias são terrestres, ou seja, são pesadas e tendem a cair para a Terra. As quatro seguintes são extra-terrestres, isto é, elas tendem a flutuar para o espaço. Similarmente, ele diz que os primeiros quatro circuitos do sistema nervoso são terrestres: suas funções são controlar a sobrevivência e a reprodução no fundo de um poço com gravidade de 4.000 milhas, onde nós realmente vivemos. Os quatro circuitos seguintes são extraterrestres: eles só entrarão em funcionamento quando conseguirmos viver normalmente com uma gravidade zero — no espaço livre.

Se os circuitos mais altos apareceram (parcialmente e em raros mutantes) durante alguns milhares de anos, isso se deve ao fato de que o desenho do DNA está gradativamente nos modificando para a futura evolução. Se funções mais altas estiverem aumentando a uma taxa acelerada — como muitos parapsicólogos pensam — é porque estamos nos modificando rapidamente para a migração extraterrestre.

Matematicamente, os primeiros quatro circuitos são euclidianos-newtonianos, orientando-nos para o espaço tridimensional e o tempo de uma dimensão de vida planetária. Os quatro circuitos seguintes são fullerianos-einsteinianos, orientando-nos para a gravidade zero interestelar.

É possível apreciar o desenvolvimento de um indivíduo (se ele evolui até o fim do oitavo circuito) e o desenvolvimento da própria vida como a criação dessa Oitava da Evolução. Dessa forma:

	<b>Indivíduo</b>	<b>Vida</b>
<b>Circuito I</b>	Biossobrevivência da criança Passividade	Vida unicelular
<b>Circuito II</b>	Políticas emocionais do bebê (ego)	Vida vertebrada, territorialidade, hierarquia
<b>Circuito III</b>	Mente de estudante manufatura de ferramentas	Linguagens hominídeas e

<b>Circuito IV</b>	Domesticidade pós-adolescência	Civilização urbanizada
<b>Circuito V</b>	Êxtase neurossomático	Queda livre (migração extraterrestre)
<b>Circuito VI</b>	Metaprogramação neuroelétrica	I <sup>2</sup>
<b>Circuito VII</b>	Consciência neurogenética	Imortalidade
<b>Circuito VIII</b>	Satori	União cósmica

Mas isso é incrivelmente parecido com os ensinamentos de Gurdjieff (os quais podem ser, de acordo com a opinião de muitos, os ensinamentos internos secretos do Sufismo). Os números vibratórios de Gurdjieff se enquadram na tabela a seguir:

384	Centro do movimento	Circuito I	Realidade invertebrada
192	Centro emocional falso	Circuito II	Realidade mamífera
96	Centro intelectual falso	Circuito III	Realidade paleolítica
48	Falsa personalidade	Circuito IV	Realidade civilizada
24	Centro magnético	Circuito V	Realidade hedônica
12	Centro emocional verdadeiro	Circuito VI	Realidade psiônica
6	Centro intelectual verdadeiro	Circuito VII	Realidade imortal
3	A essência	Circuito VIII	Realidade cósmica

Leary começou a dividir os oito circuitos em 24 fases quando se convenceu de que cada circuito tem uma fase de entrada, uma fase de tomada de decisão e uma fase de saída. [No nível sináptico (região do encontro de células nervosas), isso aparece como dendrites (ramificação da célula nervosa) recebendo sinais; corpos celulares tomando decisões; e axônios (prolongamento da célula nervosa) transmitindo sinais.] Esse mapa de 24 estágios pode ser correlacionado com o alfabeto hebreu e, dessa forma, traz uma nova luz na cabala, com as cartas do tarô (que dizem ser de origem Sufi) e com o zodíaco (se permitirmos que 12 figuras extraterrestres completem os 12 signos terrestres da Astrologia tradicional). Essas correlações não estão indicadas no diagrama; uma explicação completa será encontrada em dois livros.\*

Trabalhando independentemente, sem vínculo comigo e com Leary, o prof. Peter Flessel, da Universidade de São Francisco, começou a desen-

\*N. do T.: *The Periodic Table of Evolution*, de Timothy Leary e Robert Anton Wilson, e *The Game of Life*, também de Leary e Wilson.

## TABELA PERIÓDICA DA EVOLUÇÃO

CIRCUITO	FUNÇÃO DENDRÍTICA (entrada)	FUNÇÃO CORPO CELULAR (integrativa)	FUNÇÃO DO AXÔNIO (saída)
Neuroatômico (Metafísico-lógico)	Consciência Cósmica	Engenharia Cósmica	Fusão Cósmica
Neurogenético	Percepção do DNA	Engenharia do DNA (Longevidade)	Fusão do DNA (Simbiose Ecológica)
Neuroelétrico	PES Precogição	O Neurologista (O Xamã)	O Círculo Consciente da Humanidade
Neurossomático	Passividade Hedônica	Engenharia Hedônica Yoga	Sinergia Hedônica (Tantra)
Doméstico (Sociossexual)	O Adolescente (Bandos Bárbaros)	O Pai (Civilização Patriarcal)	Socialismo Centralizado (Unidade da Colméia)
Laríngeo Manual (Simbólico)	A Criança Aprendiz (Paleolítico)	A Criança Habilidade (Neolítico)	A Criança Criativa (Idade do Bronze)
Emocional Territorial	O Bebê (Mamífero Trapaceiro)	A Criança Lutadora (Mamífero predador)	A Criança Política (Conexão com o Clã)
Biossobrevivência	O Recém-Nascido (Consciência Unicelular)	A Criança Exigente (Consciência Marinha)	Conexão Mãe-Filho (Consciência Anfíbia)

*Leiam de baixo para cima. Todas as crianças começam como "O Recém-Nascido"; cada adulto alcança, pelo menos, o "Socialismo Centralizado" (apesar da possibilidade de o Centro de Controle ou fonte maior poder voltar em "O Bebê" ou em "A Criança Lutadora" ou em qualquer outro quadro). Os chamados gênios, místicos ou pessoas estranhas com talentos selvagens (psiónicos) são pós-larvais e podem alcançar qualquer quadro, desde o "Socialismo Centralizado" até a "Fusão Cósmica".*

volver correlações entre os códons do código genético e os hexagramas 8x8 do *I Ching*, que deverá publicar brevemente. Espera-se que com mais trabalho acerca da Tabela Periódica de Leary, as correlações de Flessel e o acoplador geométrico de 24 fases de Fuller, eventualmente, a ciência encontrará a “Pedra de Rosetta”, por meio da qual os símbolos tradicionais do ocultismo podem ser decodificados em categorias modernas, operacionais e científicas.

O leitor atento poderá ver que essa síntese emergente foge totalmente da dicotomia habitual do “espiritual” *versus* “material”, sendo puramente geométrico-energética e, dessa forma, da mesma categoria filosófica que os sistemas unitários do Oriente (Zen, Taoísmo, Vedanta, etc.) e fora dos dualismos da lógica grega e da Teologia cristã. Qualquer tentativa para descrever essa oitava como “mística” ou como “materialista” perde o verdadeiro ponto do trabalho de Leary.

## A Lei da Aceleração

Na década de 1890, Henry Adams convenceu-se de que a tecnologia estava seguindo uma lei geométrica ou exponencial. Isso quer dizer que os avanços básicos não seguem uma seqüência linear, como, por exemplo:

2    4    6    8    10    12    14    16,    etc.

mas particularmente uma seqüência exponencial como:

2    4    8    16    32    64    128    256,    etc.

Adams calculou que, projetando à frente a aceleração do tempo de Galileu para o seu próprio tempo, teríamos energia infinita à nossa disposição em 1920. É claro que ele não estava exatamente certo em seus cálculos. Mas também não estava totalmente errado. Korzybski, Buckminster Fuller, Alvin Toffler e outros mostraram, com inúmeros exemplos, que muitas áreas da tecnologia estão evoluindo exponencialmente e a tendência geral é que, claramente, haverá mais atalhos básicos (tanto na teoria científica quanto em aplicações tecnológicas) em cada atual geração do que em qualquer outra geração anterior.

Como Toffler especialmente enfatiza, há mais cientistas vivos nos anos de 1970 do que a soma de todos os cientistas em toda a história passada. Assim sendo, essa geração deverá testemunhar mais avanços do que todas aquelas *de nossa história anterior somadas*. Neste contexto, o cenário de Leary, o SMI<sup>2</sup>LE (Migração Espacial + Inteligência<sup>2</sup> + Extensão da Vida), é tão-somente a abertura para um despertar planetário (e extraplanetário) que só podemos começar a discernir muito sutilmente.

Essa é, de fato, a tese de um notável livro que oferece o conjunto final de modelos e metáforas que estaremos discutindo — *The Invisible Landscape*, de Terrence L. McKenna e Dennis J. McKenna.<sup>88</sup>

Os irmãos McKenna, cujo conhecimento abrange Antropologia, Biologia, Química e Botânica, conduziram uma experiência de meta-programação na Bacia Amazônica Alta, usando o “cogumelo mágico” local, que contém psicodélicos da família da psilocibina. Durante 37 dias, passaram por experiências PES de alto nível, a costumeira intensificação de coincidência-sincronicidade e a presença de uma entidade alienígena que poderia ser um antropólogo do futuro com o aspecto de inseto. A história do século XX pareceu um esforço frenético (apesar de inconsciente) na construção de uma nave para fugir da Terra e voltar ao Centro Galáctico. Isso aconteceu em 1971. (Leary e Benner receberam as transmissões da Semente Estelar pedindo o retorno ao Centro Galáctico, em julho-agosto de 1973. Como os McKennas não publicaram um relato de suas experiências até 1976, o ocorrido não poderia ter influenciado Leary e Benner.)

Durante o período de seis anos após a experiência na Bacia Amazônica, os McKennas estiveram se dedicando ao desenvolvimento de um modelo que esclarecesse a ação dos psicodélicos em geral e as suas próprias experiências em particular. Esse modelo é tão extensamente detalhado e específico que eu não poderia resumi-lo aqui, e sugere numerosas experiências em Neuropsicologia, Química e Física quântica, que podem vir a ser de importância crucial à ciência como um todo.

Os McKennas consideram nosso universo um *holograma* criado pela interação de dois hiperuniversos, assim como um holograma comum é criado pela interação de dois raios *laser*. Como consequência desse modelo, se o nosso universo é um holograma, então, cada parte contém a informação do todo, como acontece em holografia normal. Como já vimos anteriormente, a interpretação de Sarfatti do Teorema de Bell e a teoria de Leary da consciência de oito circuitos, também levam a essa conclusão que, de fato, significa que cada átomo contém o “cérebro” de todo o universo.

Esse também é o axioma da magia e foi originalmente mencionado na Tábua Esmeraldina de Hermes, na famosa frase: “O que está acima é igual ao que está abaixo; o que está abaixo é igual ao que está acima”. Alquimistas e ocultistas geralmente se referiram a ela como o princípio que afirma que “o macrocosmo está no microcosmo”.

Mas a teoria McKenna vai muito além disso. Segundo eles, existem 64 intervalos de tempo no holograma do nosso universo e cada um deles está relacionado a um dos 64 (8x8) hexagramas do *I Ching*. O que chamamos de “mente” ou “consciência” é uma forma de onda fixa nesses 64

88. *The Invisible Landscape*, op. cit.

sistemas de tempo. Como os dois hiperuniversos que formam o holograma do nosso conhecido universo interagem no tempo, a "mente" manifesta-se mais em nossa vida. Isso quer dizer que os vínculos quânticos do DNA estão evoluindo cada vez mais rapidamente. Não estamos sendo levados por uma, mas por 64 ondas evolutivas, todas nos conduzindo ao despertar cósmico, algo parecido com o Ponto Ômega sugerido pelo paleontólogo Teilhard de Chardin.

No modelo, a ação dos psicodélicos abre o sistema quântico da informação dentro do DNA para a inspeção a ser realizada pelos centros neurais superiores. Quando o Dr. John Lilly diz que viajou no tempo com o LSD e então acrescenta que essa é "apenas" uma metáfora, provavelmente ele esteja sendo modesto demais. Se os McKennas estiverem corretos em sua teoria básica, cada viagem psicodélica é literalmente uma viagem pelo sistema quântico da informação a uma velocidade mais rápida que a luz, isto é, fora do "tempo" do universo local (Einstein).

Essa parece ser uma formulação mais científica do que as idéias incoerentes a respeito do tempo que muitos contatados por óvnis tentaram comunicar.

É claro que a questão natural agora é: Quando, então, os 64 intervalos de tempo dos McKennas chegarão ao pico do nosso tempo linear?

Os McKennas programaram um computador com seus 64 sistemas de tempo *I Ching* e a resposta é que tudo deverá acontecer por volta de 2012 d.C.

Para alguma perspectiva acerca dessa notícia apocalíptica, considere-mos os estudos solicitados pela McGraw-Hill Publications Company a um grupo de cientistas com o objetivo de prever o desenvolvimento da tecnologia para o próximo quarto de século. Na apuração mais recente, a maioria dos cientistas previu que, por volta de 2000 d.C., teríamos:

- medicamentos para curar o câncer;
- visão artificial para os cegos;
- drogas para aumentar permanentemente a inteligência;
- controle químico do envelhecimento;
- controle químico da senilidade;
- preservação criogênica bem-sucedida.<sup>89</sup>

O cenário dos McKenna é algo mais dramático do que as acelerações exponenciais sugeridas por Henry Adams, Korzybski, Fuller, Toffler e até Leary, porque, dentro da teoria McKenna, todos os 64 intervalos de tempo atingirão o pico juntos, ou seja, os McKennas acreditam em:

— Um ciclo de 4.300 anos desde a urbanização até a alvorada da ciência moderna;

89. *No More Dying*, op. cit., p. 4.

— Um ciclo de 384 anos em que a ciência desenvolveu um crescimento maior do que aquele havido no ciclo de 4.300 anos;

— Um ciclo de 67 anos (desde o avanço tecnológico dos anos de 1940, inclusive a energia nuclear e o DNA, até o pico no ano 2012), quando haverá uma aceleração maior do que a do período entre Galileu e a bomba de Hiroshima;

— Um ciclo de 384 dias, entre 2011 e 2012, quando haverá mais transformações do que em todos os ciclos anteriores;

— Um ciclo de seis dias, ao final do ciclo anterior, no qual as coisas se movimentarão ainda mais rapidamente; e assim por diante, até o grande clímax, quando eles afirmam:

Nos últimos 135 minutos, 18 dessas barreiras (isto é, barreiras comparáveis à aparição da vida, à invenção da linguagem ou ao alcance da imortalidade — R.A.W.) serão cruzadas, 13 delas nos últimos  $75 \times 10^{-4}$  segundos.<sup>90</sup>

Isso quer dizer que, nas últimas duas horas antes do pico, realizaremos 18 extensões de consciência e de poder, cada uma comparável à passagem do mar para a terra, ou da Terra para o Espaço. E, no último 0,0075 de segundo do grande ciclo, passaremos por 13 dessas transformações.

Em um recente giro de palestras, tive a oportunidade de falar com centenas de cientistas a respeito do cenário SMI<sup>2</sup>LE, e a maioria concorda que poderemos realmente ter a migração espacial, a inteligência<sup>2</sup> e a extensão da vida até os anos de 1990, se tentarmos e trabalharmos com suficiente empenho.

Com a virada do próximo século,\* seremos então espécies totalmente novas em muitas dimensões: vivendo no espaço e não em um planeta; tendo capacidade de programar os nossos sistemas nervosos em qualquer grau de qualquer função desejada; possuindo um ciclo de vida de séculos e caminhando a passos largos para a imortalidade. Entre os anos 2000 e 2012, caso o cenário dos McKennas seja confiável, terá início a verdadeira Ação Cósmica. É como os McKenna dizem: é difícil evitar uma hipérbole tentando contemplar o que isso significa.

90. *The Invisible Landscape, op. cit.*, p. 184.

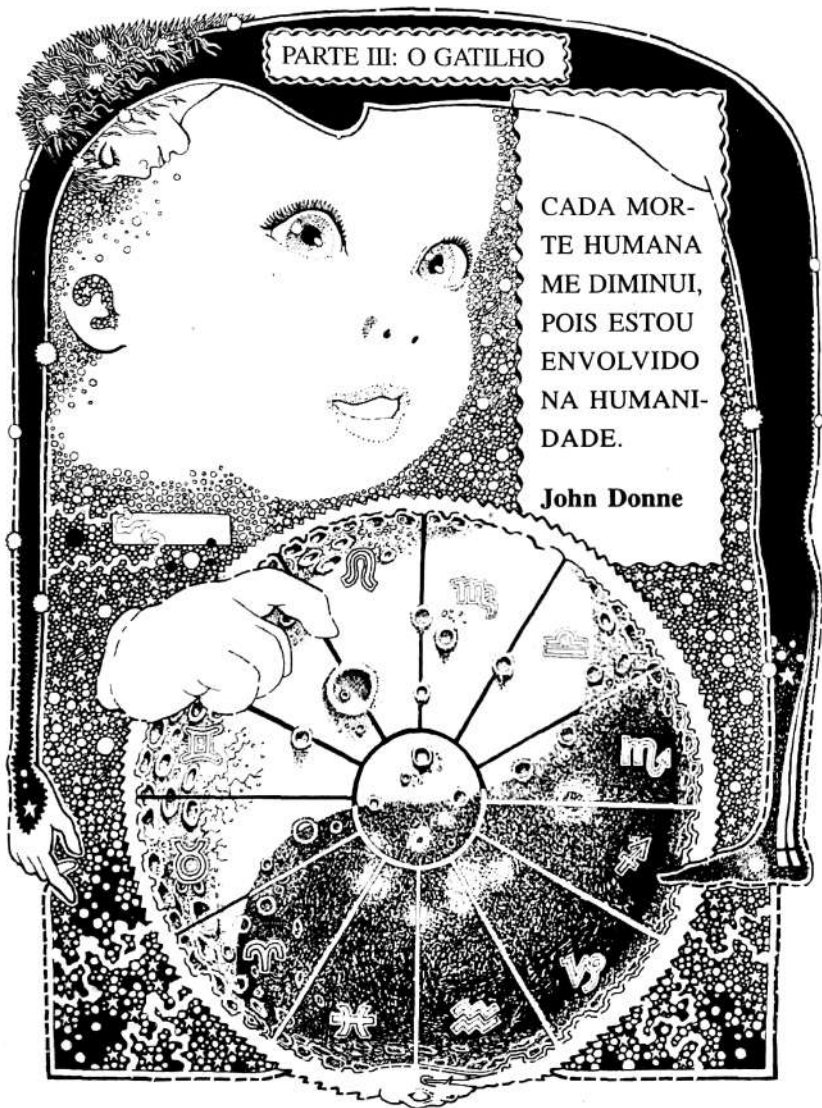
\*N. do E.: Lembramos que a obra foi editada no século XX.



PARTE III: O GATILHO

CADA MORTE HUMANA ME DIMINUI, POIS ESTOU ENVOLVIDO NA HUMANIDADE.

**John Donne**



# O Gatilho:

## UMA FÁBULA FINAL

### Dos Egípcios

A deusa Ísis casou com Osíris, seu irmão mais velho, que ela amava muito. Set, a velha serpente da inveja, odiava sua felicidade e, dissimuladamente, matou Osíris. Para prevenir qualquer possibilidade de ressurreição, Set desmembrou o corpo e espalhou suas partes Nilo acima e Nilo abaixo.

Quando Ísis soube o que havia sido feito, ela invocou Thoth, o deus da Eternidade, e pediu-lhe que parasse o fluxo do Tempo para que assim pudesse encontrar as partes do corpo de Osíris antes do pôr-do-sol. E Thoth parou as asas do tempo e o universo imobilizou-se. Chorando e sofrendo de desespero, Ísis foi à procura de cada parte do falecido Senhor Osíris e, quando encontrou todas, realizou o Ritual Negro, e a eternidade pariu o Tempo novamente, e Osíris reviveu.

E o segredo do Ritual Negro é o Segredo dos Segredos; até aqueles que o conhecem não possuem o conhecimento completo; mas ele será revelado quando seguirmos Ísis e Osíris nas alturas; sim, é isso, na infinidade estrelada acima de nós.



## Sírius Ascende Novamente

Recentemente recebi duas notícias muito interessantes. Alan Vaughn, um conhecido ocultista da costa Oeste e editor da revista *Psychic*, havia lido um rascunho deste meu livro e imediatamente me telefonou todo agitado. O Sr. Vaughn tinha a impressão de ter sido contatado por Sírius em 1973 — em janeiro de 1973, para ser exato. Aqueles que queiram confirmar isso, ou ter mais detalhes a respeito, podem entrar em contato com o Sr. Vaughn no seguinte endereço: *Psychic*, 680 Beach Street, San Francisco, California — E.U.A.

A segunda notícia é extremamente impressionante se observarmos que, quer abordemos o Mistério de Sírius da época moderna, voltando atrás a partir de Aleister Crowley, quer comecemos pela parte antiga, trabalhando para a frente a partir dos egípcios, sempre colidimos com a história misteriosa e enigmática da Maçonaria. Há pouco tempo, comprei o livro *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*, do General Albert Pike 33°. Referências-padrão concordam em considerar Pike o mais alto iniciado da Maçonaria americana do século XIX. A respeito de Sírius, ele diz:

Encontrar na ESTRELA BRILHANTE de cinco pontas uma alusão à Divina Providência também é fantasioso; e dedicar uma comemoração à Estrela que dizem ter guiado os Magos é proporcionar-lhe um significado comparativamente moderno. Originalmente, ela representou SÍRIUS, ou a Estrela do Cão.<sup>91</sup>

Não é preciso dizer que essa estrela brilhante aparece em todas as Lojas maçônicas.

Um outro indício veio de um livro sensacional, intitulado *The Curse of the Pharaohs*, de Phillip Vandenberg. De acordo com o autor, um arqueólogo de nome Duncan MacNaughton descobriu, em 1932, que os túneis escuros da grande pirâmide de Quéops funcionam como telescópios, tornando as estrelas visíveis até durante o dia. De acordo com MacNaughton, a Grande Pirâmide está orientada para dar uma visão da área sul do céu, onde Sírius se move durante o ano para a câmara do rei.<sup>92</sup>

91. *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*, de Albert Pike, Supreme Council of the Southern Jurisdiction Washington, D.C., 1871, pp. 14-15.

92. *The Curse of the Pharaohs*, de Phillip Vandenberg, Nova Iorque: Pocket Books, 1977, p. 205.

Apesar do meu ceticismo e dos meus modelos alternativos, eu só posso perguntar: “*E se for verdade?* E se realmente a Terra e Sírius mantêm um estranho vínculo cósmico?”. Como afirma K. G. Temple, em seu livro *The Sirius Mystery*:

Eu até me aventuraria a dizer que estamos sendo observados e vigiados, neste mesmo momento, por uma civilização cuja base se encontra no sistema de Sírius, monitorando nosso desenvolvimento para ver quando *nós mesmos estaremos prontos* para receber seus contatos... Será que [este livro] poderia ser considerado por eles como um indício? Se o que eu proponho neste livro é realmente verdadeiro, então estaria eu puxando o gatilho?<sup>93</sup>

Sírius encontra-se a uma distância de 8,6 anos-luz da Terra. A Sociedade Interplanetária Britânica já possui uma espaçonave que poderia ser enviada à Estrela Barnard (seis anos-luz de distância) no ano 2000. Até lá, as primeiras cidades espaciais de O’Neill estarão orbitando a Terra e, em 2004, de acordo com os cálculos do Dr. Asimov, a revolução biológica estará produzindo DNA para qualquer propósito desejado, possivelmente até para a imortalidade. Em 2012, se o cenário McKenna estiver correto, deveremos atingir o ponto ômega. Neste caso, caro Dr. Temple, estamos todos puxando o gatilho, agora e juntos.



## Sangue dos Deuses?

Recentemente, a revista *Ancient Astronauts* divulgou um artigo dizendo que um número de ocultistas proeminentes e pesquisadores da consciência eram híbridos interestelares — descendentes do acasalamento entre humanos normais e os deuses do espaço de Von Däniken. Fiquei satisfeito em saber que eu fazia parte da lista dessa nova raça. O artigo afirmava que o que todos nós temos em comum (a nova raça), além da tendência a altos estados de consciência, é o sangue Rh negativo.

É uma teoria encantadora. A única coisa errada com ela é que esse modesto autor tem sangue Rh positivo. Sinto desapontá-los.

A estranheza e a sincronicidade continuam a me assombrar. (“Depois de certo ponto”, Crowley escreveu, “todo o universo se torna uma iniciação contínua.”) Quando aquela vidente, com o nome incrível de Penny Loony, passou-me as profecias mencionadas no texto de título “Cãezinhos de Sírius”,

93. *The Sirius Mystery*, op. cit., p. 221.

ela acrescentara que dentro de um ano eu estaria viajando para a Europa e mergulhando entre as ruínas de Atlântida. Não acreditei muito nessas duas previsões, principalmente na segunda, pois não acredito em Atlântida.

Mas, em 23 de novembro de 1976 — um dia sagrado para o Discordianismo, primeiro por ser um 23 e segundo por ser o aniversário de Harpo Marx — um jovem inglês muito engenhoso, chamado Ken Campbell, estreou uma adaptação de dez horas do *Illuminatus* no Teatro de Ficção Científica de Liverpool, Inglaterra. A peça obteve um sucesso razoável (o *Guardian* a revisou três vezes e cada revisor ficou muito entusiasmado) e Campbell e seu sócio, o ator Chris Langham, foram convidados a apresentá-la como primeira produção do Teatro Cottesloe, uma extensão do Teatro Nacional da Inglaterra, com o patrocínio de Sua Majestade, a rainha.

Essa novidade pareceu-me a maior piada discordiana, pois *Illuminatus*, como posso não tê-lo mencionado antes, é o romance mais anarquista deste século. Ao escrevê-lo, Shea e eu definimos bem seriamente que nosso objetivo era tentar fazer ao Estado o que Voltaire fez à Igreja — reduzi-lo a um objeto de desprezo no meio cultural. A adaptação de Ken Campbell permaneceu totalmente fiel a esse espírito. niilista e conteve longos textos originais do romance, explicando, às vezes com certa monotonia, por que tudo o que o governo faz é sempre executado de forma errada. As platéias não se importavam com essa pedante palestra porque estavam perfeitamente integradas em um caleidoscópio de humor, suspense e muito sexo (acredito que muito mais sexo oral do que qualquer outro drama na história). Pensar que esse ritual totalmente subversivo estava sendo patrocinado por Sua Majestade, a rainha Elisabeth II, era para mim néctar e manjar dos deuses.

Também voamos para Londres, a convite do Teatro Nacional, para a estréia e apaixonei-me pelo elenco todo, mas especialmente por Prunella Gee, que enfaticamente tem o meu voto como atriz mais “sexy” desde Marilyn Monroe. Entre nós, houve muita bebida e alguns até fumaram haxixe e contaram-me uma série de sincronicidades em conexão com a produção da peça. Durante a apresentação em Liverpool, cinco atores se feriram, para que se cumprisse a *lei dos cinco*. Com a idade de 23 anos, Hitler viveu em Liverpool por cinco meses. O setor de Liverpool em que a peça estreou, aliás, a própria rua, é descrita em um sonho de Jung registrado na página 223 de seu livro *Memories, Dreams, Reflections*. O teatro de Liverpool foi inaugurado no dia em que Jung faleceu. Em *Illuminatus*, há um submarino amarelo, e os Beatles cantaram “Yellow Submarine” pela primeira vez nesse mesmo teatro de Liverpool. O ator que faz o papel de Padre Pederastia, na cena da missa negra, havia-se encontrado uma vez com Aleister Crowley em um trem.

O elenco desafiou-me a encenar uma personagem durante a apresentação no Teatro Nacional. Concordei e tomei parte, como figurante ex-

tra, da cena na missa negra quando substituí o Bode, tendo um acesso de espirros que não conseguia parar; e ali estava eu, de nádegas descobertas, cantando “Faça o que desejar, será toda a lei”, patrocinado pela rainha Elisabeth II da Inglaterra, e nunca vou parar de me perguntar quanto desses acontecimentos havia sido programado por Aleister Crowley, antes mesmo que eu nascesse.

E, dessa forma, a profecia de Penny Loony de que eu viajaria à Europa se cumpriu e, certamente, Crowley e os Illuminati estavam envolvidos nisso.

Quanto à previsão de que mergulharia nas ruínas de Atlântida: ao voltar da Inglaterra, um ocultista de nome Alve Stuart convidou-me para uma expedição ao Triângulo das Bermudas, com a finalidade de investigar vários mitos, inclusive a idéia de que parte de Atlântida se encontrava ali e também os relatos dos nativos da área que informavam a presença de óvnis, vistos muitas vezes *saindo das águas*. Recusei, em parte por causa de outros projetos ainda mais estranhos e divertidos e em parte porque queria ver o que aconteceria se eu recusasse o evidente desejo “deles” de que eu fosse àquela região de Atlântida.

Um mês depois, Charles Berlitz informava ter encontrado uma pirâmide afundada no Triângulo das Bermudas. Disse que era duas vezes o tamanho da pirâmide de Quéops e isso foi muito engraçado, porque Shea e eu havíamos encaixado em *Illuminatus* uma pirâmide “duas vezes o tamanho da pirâmide de Quéops”, só que nós pensávamos estar escrevendo uma ficção, na época.

Soou também, por meio de Carl Weschcke, um editor de ocultismo que divulgou diversos artigos meus em sua revista *Gnostica*, que Berlitz se juntara a Alve Stuart, o homem que me convidara para ir a Atlântida. Os dois, neste momento, encontram-se no Triângulo, esperando trazer de volta fotografias daquela pirâmide, que Shea e eu pensávamos ter inventado, e dos óvnis saindo das águas para as estrelas. Que lindo! Estou ainda vivendo em Junglândia. Ontem à noite, ao ligar a televisão, deixei no canal que anunciava o filme *Aeroporto 77*. O anúncio começava apresentando um operador de radar gritando: “O vôo 23 caiu no Triângulo das Bermudas”.

Por diversas vezes, acreditei haver encontrado o “verdadeiro” Cabeça dos “verdadeiros” Illuminati. (O indivíduo que me deu os US\$200, quando eu estava no Programa de Auxílio ao Desemprego, não disse ser o Cabeça dos Illuminati, mas simplesmente um de seus agentes.) O primeiro verdadeiro Cabeça que eu conheci foi o Rev. Thomas Patrick McNamara, de São Francisco. Ele é encantador e genial. O segundo verdadeiro Cabeça é Robert Shell, de Roanoke, Virginia, E.U.A. Ainda não me encontrei com ele pessoalmente, mas temos nos correspondido bastante e ele também parece ser encantador e genial. O terceiro é uma pessoa do Sul da Califórnia que aqui permanecerá sem nome e não é encantador nem genial. Ele ameaçou me processar por uma carta enviada ao *Green Egg*, um jornal de ocultismo,

onde declarei, por brincadeira, ser o verdadeiro Cabeça dos Illuminati. Enviei-lhe como resposta um formulário dizendo que a sua carta não fora aceita pelo meu computador e pedi que ele a convertesse em linguagem Fortran para que eu me inteirasse do seu teor; não ouvi mais falar dele. Um outro verdadeiro Cabeça dos Illuminati é um indivíduo chamado Frater Paragranis, na Suíça, que assume esse título no livro *Sexuality, Magick and Perversion*, de Francis King.

Também estou me correspondendo, há quase um ano, com um maçom grau 33 do Texas. Às vezes, penso que *ele* seja o verdadeiro Cabeça dos Illuminati, outras vezes é ele que pensa que eu o seja e ainda, outras vezes, acho que ele somente gosta de se corresponder com escritores profissionais nos assuntos de ocultismo.

Recentemente, o dramaturgo inglês Heathcote Williams remeteu-me um xerox da peça de um ato *There Is No More Firmament*, do pioneiro surrealista Antonin Artaud, escrita nos anos de 1920. Esse drama, estranhamente sugestivo, certamente merece ser mencionado como parte do Mistério de Sírius.

Essa peça de Artaud começa com música dissonante sugerindo um “cataclismo distante”. Ao descerrar a cortina: uma cena comum de rua na qual os atores andam a passos rápidos. Há alguma troca de diálogos (“Vinhos... janelas... o ouro está caindo”), sugestões de violência e insanidade (“Ele está me arrancando as roupas. Socorro, ele está me arrancando as roupas...”, “Estou pegando fogo, estou queimando, vou pular”) e, finalmente, a palavra “Sírius” repetida em vários tons de voz e em cada tonalidade da escala musical: SÍRIUS... SÍRIUS... SÍRIUS... SÍRIUS... E, então, um alto-falante proclama: “O GOVERNO ORDENA QUE SE MANTENHAM CALMOS”.

Os atores correm em círculos dizendo que o Sol está ficando maior, a peste irrompeu, há trovões sem relâmpagos, etc. Uma voz procura explicar razoavelmente: “Foi um fenômeno magnético...”. E, novamente, o alto-falante: “ESTUPENDA DESCOBERTA. O CÉU ESTÁ FISICAMENTE ABOLIDO. A TERRA A UM MINUTO DISTANTE DE SÍRIUS. NÃO HÁ MAIS FIRMAMENTO”.

Um figurante grita que é o fim do mundo. Outro diz que dois mundos estão para se chocar. Os tambores tocam e um coro canta a música *Internationale*. Slogans comunistas e anarquistas são expressos por gritos. Um dos atores sugere: “Aí está, você está vendo? Era a Revolução”. Há um outro canto; estão saudando o novo governante, o rei Mob.

Um grupo de cientistas aparece e discute veementemente entre si a respeito do que está acontecendo, enquanto um revolucionário discorda: “Não é mais ciência, é imoralidade”. Outro promete com pouca segurança: “Ainda não veremos o Anticristo”. Finalmente, um cientista apresenta-se à frente da platéia e explica: “O agrupamento molecular em Sírius é tudo. Essas

duas forças, as nossas e as deles, tinham de ser colocadas em contato umas com as outras”.

A cortina se fecha. Instrumentos de percussão violentos e sirenes criam uma balbúrdia estrondosa enquanto o público se retira.

[Para os curiosos, o texto inteiro dessa peça pode ser encontrado em Antonin Artaud, *Collected Works* (Obras Completas), Vol. II, Londres: Calder and Boyars, 1971.]

Artaud “enlouqueceu” cerca de dez anos depois de escrever essa peça e passou o período da Segunda Guerra Mundial em um hospício. Depois da guerra, ele recobrou sua “sanidade” e viveu seus últimos anos em Paris, como um herói dos jovens intelectuais que o consideravam um profeta. Durante os anos da hospitalização de Artaud, as pessoas chamadas de “equilibradas” passaram grande parte de seu tempo tentando explodir o máximo possível do mundo civilizado.



## O Companheiro Obscuro

Em 23 de julho de 1976 — o terceiro aniversário da minha primeira experiência com Sírius —, fiz a tentativa de duplicar o efeito, que era certamente interessante e sugestiva, de qualquer ponto de vista. Desta vez, realizei uma invocação do Hadit, que pela simbologia de Crowley representa a inteligência identificada com Sírius, fazendo uso de toda a parafernália da magia cerimonial. Fui assistido por Isaac Bonewits, autor de *Real Magick*, e por Charles Hixson, um programador de computação interessado em cabala.

Nenhum dos dois sentiu qualquer coisa fora do normal. Eu entrei em um alto estado “místico”, mas nenhum fenômeno objetivo aconteceu de imediato, apesar de ter concentrado a minha energia na produção de um efeito objetivo. Entretanto, na semana seguinte, a revista *Time* publicou um sumário de uma página inteira do livro *The Sirius Mystery*, de Temple. Achei isso enfurecedor; seria tão simples ver isso como uma resposta ao meu ritual, assim como era igualmente fácil descartá-lo como uma “mera coincidência”. De algum lugar pensei escutar uma risada irônica e um misterioso murmúrio dizendo: “Vamos deixar que você continue adivinhando um pouco mais”.

Naquela mesma semana, um assunto de página inteira era ainda mais sugestivo e até menos conclusivo. *Rolling Stone* publicava um anúncio publicitário promovendo um grupo de *rock* chamado Rameses, que vinha da Alemanha, e apresentando um cantor de nome Winifred. Isso era muito estranho porque, no livro *Illuminatus*, os Illuminati acabam sendo dirigi-

dos por um grupo de *rock* alemão (denominado American Medical Association e não Rameses) que apresentava *um cantor de nome Winifred*. Entretanto, o mais provocante era que esse grupo estava sendo promovido, aqui nos Estados Unidos, pela Annuet Coeptis Records (uma gravadora) em cuja publicidade constava o desenho do “olho sobre a pirâmide”, que já vimos tantas vezes ligado aos Illuminati e a Sírius.

E, como realmente aconteceu, diversos leitores de *Illuminatus* recortaram o anúncio do *Rolling Stone* e enviaram-no para mim perguntando como eu havia “conseguido” esse truque. Respondi a todos que se tratava de magia.

Saul-Paul Sirag recentemente sugeriu, talvez com um pouco de humor, que o cenário SMI<sup>2</sup>LE, visto que a ciência trabalha acerca da teoria da propulsão interestelar, eventualmente resultaria na possibilidade de uma viagem no tempo. Ele me disse que, em algum momento dos anos de 1990, alguns de nós se envolveriam nas primeiras experiências de uma máquina do tempo. Como todos os protótipos, esse provavelmente terá alguns probleminhas e involuntariamente criará algumas rugas ou estranhezas no fluxo do tempo que, ao voltar para trás, criarão os eventos ocultos que envolveram tantas pessoas no cenário da Semente Estelar na década de 1960 e no início de 1970. Então, a Inteligência Superior responsável por isso tudo somos *literalmente* nós mesmos no futuro.

Será que todo esse material a respeito de Sírius era tão-somente um falso indício? De forma estranha, provavelmente não; pode ser que, ao conseguirmos viajar no tempo, Sírius esteja intimamente envolvida nisso. O astrônomo A. T. Lawton e o jornalista Jack Stonely, em seu livro *CETI*, observam que os buracos negros produzidos pelas estrelas nêutrons em colapso, teoricamente, seriam máquinas do tempo ideais. Eles dizem que a estrela anã mais próxima que poderíamos usar para esse propósito seria a Companheira Obscura de Sírius.<sup>94</sup>

Isso me faz lembrar que Osíris, o Companheiro Obscuro de Sírius na mitologia egípcia, era o deus da ressurreição e da vida eterna. E, ao mesmo tempo, me faz lembrar um tratado hermético citado por Temple, que diz: “O ritual obscuro de Osíris (concedendo a Imortalidade) não será completamente compreendido até que persigamos as estrelas nas alturas”. É como afirma Temple: “isso parece significar viagens em espaçonaves”.



94. *CETI: Communication with Extra-Terrestrial Intelligence*, de Jack Stonely e A. T. Lawton, Nova Iorque: Warner Books, 1976, p. 200.

## Via Dolorosa

Em setembro de 1976, eu estava dirigindo um seminário a respeito dessas idéias com os físicos Sirag e Sarfatti, a psicóloga Jean Millay e o matemático Michael Mohle. Jean Millay, no decurso da sua apresentação dos instrumentos de reação biológica, demonstrou como harmonizar as ondas cerebrais de todos os participantes. Quando entramos em estado alfa, simultaneamente, eu logo o reconheci; é o estado em que me encontro todas as vezes em que, de repente, a minha Percepção Extra-Sensorial entra em ação. Eu estava curioso por saber se eu receberia algum sinal daquele tipo e, imediatamente, essa percepção avisou-me que *meu filho Graham morreria logo*.

Todas as pessoas que se envolvem com a parapsicologia, em um dado momento, percebem, com alguma ansiedade, que estão sujeitas a ter esse tipo de precognição a qualquer momento. Por meio dos métodos de concentração ensinados por Crowley, atirei-me a um alto estado de energia e aboli o medo e a ansiedade. Em seguida, de maneira supersticiosa e sentindo-me sucumbir àquela credulidade que assalta muitos investigadores ocultos, realizei, nas semanas seguintes, uma série de rituais para proteger Graham. Como eu sabia que, de acordo com a teoria da magia, isso poderia desviar um pouco a calamidade, incluí rituais para proteger também toda a minha família.

E, pela primeira vez em minha vida adulta, rezei com o intuito de ter forças para agüentar o infortúnio no caso de não poder desviá-lo.

Em 2 de outubro, Luna — aquela minha filha que havia levitado e me ensinara tanto a respeito da roda do carma — veio ao meu quarto, onde eu escrevia, e pediu-me que lhe recomendasse um livro para que, em seu dever escolar, fizesse o resumo. Enquanto conversávamos a respeito do assunto, senti uma forte vontade de chegar a ela e dizer-lhe: "Você sabe que estive muito ocupado esses dias e mal tivemos tempo de conversar. Mas você sabe que a amo como sempre amei". Ela me respondeu com aquela Luz Clara no rosto e um grande sorriso: "É claro que eu sei".

Essa foi a última vez que falei com ela e serei sempre grato ao impulso que me levou a dizer-lhe, uma vez mais, quanto a amava.

No dia 3 de outubro, durante um assalto, Luna foi espancada até a morte na loja em que trabalhava depois da escola.

Eu estava dormindo (uma soneca inusitada à tarde) quando Butler, um policial de Berkely, veio à nossa casa e pediu para falar comigo e minha esposa. Como não costumo dormir durante a tarde, tive a impressão de que o meu inconsciente poderia estar sabendo de algo e induzira-me a repousar um pouco mais, preparando-me para a notícia.

"É a respeito da sua filha Luna", disse o oficial. "Por favor, sentem-se." E nos sentamos.



*O ritual obscuro de Osíris (que concede Imortalidade) somente será compreendido quando perseguimos os deuses até as suas casas nas estrelas.*

“Eu sinto muito ter de informá-los de que ela está morta.” Ele era negro e tinha o olhar mais compadecido que eu já vi.

“Ó meu Deus, não!”, eu disse, começando a chorar e pensando quão vazias eram as minhas palavras; o Autor que aqui escreve está sempre observando o ser humano com quem convive, em meu caso. De forma horrível, empatizei totalmente com a comiseração e o desconforto do policial Butler, pois eu já vivera essa cena muitas vezes, 20 anos antes, quando era atendente de ambulância e enfermeiro de hospital. Mas, naqueles casos, eu fizera o papel da testemunha que sentia pena e desconforto pela família atingida repentinamente. Porém, agora, brusca e incrivelmente, eu me encontrava do outro lado do drama.

A hora seguinte ficou muito vaga em minha mente. Lembro-me de ter dito a Arlen: “Tivemos muita, mas muita sorte por ter aquela Luz Clara brilhando em nossa família durante 15 anos. Apesar da nossa dor, devemos sempre agradecer essa sua presença”. Estava pensando na luminosa observação de Oscar Ichazo, que diz: “Ninguém é verdadeira e mentalmente são até que sinta gratidão por todo o universo”, começando a entender o que Oscar queria dizer.

Lembro-me de estar sentado na sala de estar, falando com Graham e Karuna, e pensando: “Diabos, o pesar não é tão mau assim. Logo estarei bem”. Um minuto mais tarde, estava chorando descontroladamente de novo.

Tarde da noite, eu me conscientizei, com total tristeza, de que isso se tornaria pior, muito pior do que qualquer outro pesar sofrido. Como perdera meu pai, meu irmão e o meu melhor amigo nos últimos poucos anos, pensava estar acostumado com esse tipo de dor e que poderia me afastar dela com o auxílio das técnicas de Crowley para quebrar qualquer compulsão emocional. Mas esse acontecimento era um inferno completamente diferente: perder um dos pais, ou irmãos, ou amigos, não é comparável à perda de uma filha adorada a vida toda, desde a sua infância. “Sofrerei como nunca sofri antes”, pensei quase com pavor; e lembrei-me da galanteria de Tim Leary na prisão e determinei a mim suportar a dor tanto quanto ele suportara a dele.

E então tocou o telefone e o meu caro amigo ciberneticista, Michael McNeil, gentilmente me perguntou se eu havia considerado a possibilidade de preservar, por congelamento, o corpo de Luna na esperança de que futuramente a ciência pudesse ter a capacidade de ressuscitá-la

Nessa época, eu já saíra do Programa de Auxílio ao Desemprego e recebia regularmente um bom dinheiro pelas minhas obras, mas ainda assim era impossível. “Nós não temos esse montante de dinheiro”, eu lhe disse. E Michael retrucou: “Podemos levantá-lo. Paul Segall e o pessoal da Sociedade Criogênica de Bay Area estão dispostos a doar seu trabalho gratuitamente. Tenho promessas de dinheiro para cobrir as despesas do primeiro ano...”

“Promessas? De quem?”, perguntei estupidamente.

“De pessoas que apreciam o seu trabalho acerca da longevidade e da imortalidade e que querem ajudá-lo agora”.

Estava estupefato. Pensava que os meus escritos eram conhecidos só por pequenos grupos, em lugares como Texas e Missouri, apesar do sucesso de *Illuminatus*. Pelos padrões nacionais, eu ainda era um grande desconhecido.

“Espere um pouco”, eu respondi e fui falar com Arlen. Era um momento terrível. Já havíamos falado a respeito, mas achávamos que, com a nossa receita, isso seria impossível e estávamos resignados a aceitar a morte de Luna com todo o estoicismo e tolerância que podíamos juntar. Seria uma crueldade desnecessária pedir a Arlen que considerasse a esperança, de longo alcance, de uma ressurreição?

Em poucos segundos, depois de dar uma explicação meio confusa, Arlen disse: “Sim. Mesmo que não funcione para Luna, cada suspensão criogênica pode contribuir para o conhecimento da ciência. Alguém, em algum momento, poderá se beneficiar”.

“Minha querida...”, exclamei recomeçando a chorar. Tal como Luna, Arlen estava me ensinando, uma vez mais, como parar a roda do carma, como converter energia negativa em positiva antes de passá-la à frente.

O dia seguinte foi um grande drama, pois Luna não havia morrido de morte natural e estávamos criando um precedente: ninguém, em qualquer lugar, jamais tentara preservar criogenicamente uma vítima de homicídio. Michael McNeil e o Dr. Segall consultaram um advogado antes de enfrentar o delegado e o promotor público diretamente. Um passo em falso e perderíamos o caso, enredado na burocracia, na indiferença e na falta de consideração por parte do departamento policial ocupado no atribulado trabalho do dia-a-dia. Felizmente, o delegado de polícia era uma pessoa de mente aberta e logo compreendeu e interessou-se pela idéia da suspensão criogênica.\*

Foi então que, quando tudo parecia andar de acordo, veio outro golpe. Paul Segall chamou-me para informar que o corpo de Luna estava em estado adiantado de decomposição e que a preservação criogênica parecia virtualmente impossível. E acrescentou: “Eu sugiro que se preserve o cérebro”.

Eu compreendi logo: nesse momento, isso nos dava duas possíveis oportunidades (transplante de cérebro e/ou clonagem) e, quem sabe, quantas outras alternativas científicas futuras que agora nem podíamos imaginar.

---

\*N. do E.: O prof. R. C. W. Ettinger descreveu uma prova matemática detalhada do óbvio: não importa como se calculam as chances da preservação criogênica e de como se estimam os avanços da ciência. O resultado será de uma chance acima de zero. Sepultamento ou cremação resultam em exatamente zero.

“Faça-o”, respondi.

E foi assim que Luna Wilson, que tentou pintar a Luz Clara e a criança mais bondosa já conhecida, tornou-se a primeira vítima de homicídio a encetar a viagem criogênica para um possível renascimento. A nossa é a primeira família da história a tentar anular o poder divino que cada assassino assume quando decide tirar a vida de alguém. Conhecedor das implicações do que estávamos fazendo, também conhecia a resposta para aqueles que me perguntariam, como realmente o fizeram mais tarde: “Você ainda se opõe à pena capital?”. É claro que a resposta é sim e cada vez mais veementemente. Eu fiz uma básica escolha *pela vida e contra a morte*, e toda a minha psicologia mudou no processo. Se eu ainda me lembrasse de que todas as realidades são construções neurológicas e relativas ao observador, não estaria menos comprometido agora com uma realidade acima de todas as alternativas: a realidade de Jesus e de Buda, a quem a veneração é o imperativo supremo.

Fiquei relembando, mais e mais, os famosos versos de *Macbeth*:

*O maior homicídio sacrílego fez com que se abrisse  
O Templo Ungido do Senhor*

Essas linhas me confundiram certa vez na faculdade. Duncan foi assassinado em seu dormitório e não em uma igreja. Eu soube mais tarde que Shakespeare fazia uso da metáfora medieval de que o corpo é o templo da alma. Nessa metáfora, o homicídio é um sacrilégio, pois o corpo é a habitação do Senhor e matá-lo é desapropriar um pouco Deus do universo.

Sacrifiquem gado, pequeno e grande: depois, uma criança.

E lembrei-me do pobre John Keel quando a ponte ruiu matando cem semideuses, a maioria adormecida e sem ter consciência de suas divindades: “Àqueles desgraçados conseguiram de novo. Eles sabiam que isso ia acontecer”.

Luna era tão maravilhosa que poderia ter convencido aqueles bandidos adolescentes a parar de roubar, porque roubar aumentaria o carma negativo e eles parariam. Até os policiais a amavam. E quantos pais e mães, nesse cruel e insano século, já choraram sobre os corpos mutilados de seus filhos, assim como Arlen e eu choramos aquela noite, o dia seguinte, e ainda choramos...

*O maior homicídio sacrílego...*

Em outra ocasião, Saul-Paul Sirag me disse que a formulação mais elegante do Teorema de Bell é de que não existe *uma verdadeira separação*, em qualquer lugar que se esteja. “Não mande verificar para quem toca o sino; ele toca para três.”

Quando o rei de Wu enviou Confúcio para o exílio, muitos de seus discípulos o seguiram. Mas, anos mais tarde, um deles disse que desejava ver seu lar novamente. E Confúcio lhe perguntou: “Quanto é longe, se você pode pensar nele?”.

Essas palavras passaram pela mente de Ezra Pound nas celas da morte de Pisa, onde ele presenciava diariamente o enforcamento de um homem, enquanto esperava saber se ele também seria sentenciado à morte. As palavras de Confúcio aparecem tanto em chinês como em inglês nos *Cantos Pisanos*, que Pound escreveu durante esses terríveis meses, geralmente associados às imagens do diamante que não é destruído na avalanche e da “rosa no pó de aço”, a forma visível criada por um campo magnético invisível.

*Quanto é longe, se você pode pensar nele?*

A polícia apanhou o assassino em poucos dias. Era um índio sioux conhecido das redondezas de Berkeley, alcoólatra inveterado e dado a ameaças de suicídio e a declarações de que um dia faria algo grandioso em favor de seu povo. Eu suponho que em sua mente ele estava se vingando por tudo aquilo que a sua raça sofreu, enquanto bateu em minha filha até a morte. Aqueles militares que lançaram as bombas de napalm sobre as crianças vietnamitas pensavam estar protegendo as suas casas da invasão de hordas bárbaras. Gurdjieff costumava dizer: “Justiça? Decência? Como pode ser esperada justiça e decência em um planeta de gente adormecida?”. E durante a Primeira Guerra Mundial, ele disse: “É claro, se eles acordassem, jogariam fora suas armas e voltariam para casa, para suas mulheres e famílias”.

Na semana seguinte, passei, indo e vindo, sem saber para onde e para quê. Pensava quase com humor: “Ah sim, você está em choque!”.

Passei horas sentado no terraço olhando para as cidades de Berkeley, Oakland, São Francisco e Daly City e remoendo o paradoxo zen de que cada homem, mulher e criança, ali embaixo, pensava ser tão importante quanto eu. *E estavam certos*. No quarto dia, tentei colocar por escrito e externar alguns dos meus sentimentos, mas tudo que datilografei foi: “O assassinato da minha criança não é pior do que o assassinato de qualquer outra criança; ele só parece pior ao ego”.

No meio-tempo, literalmente centenas de pessoas passaram em nossa casa para expressar seu pesar ou para contribuir com as nossas despesas. Mais de cem comerciantes da avenida Telegraph, onde Luna era conhecida e amada por todos, contribuíram generosamente sem serem solicitados a fazê-lo.

Tim Leary ofereceu-se para cancelar seu giro de palestras e passar uma semana conosco para ajudar no que fosse necessário, mas argumentei com ele que, no momento, era mais importante divulgar a mensagem do SMI<sup>2</sup>LE. Ele passou a telefonar freqüentemente para transmitir palavras de conforto a cada membro da família. Um dia, ele enviou um telegrama com estas palavras:

VOCÊS ESTÃO ENVOLTOS NUMA TEIA DE AMOR E  
GRATIDÃO. ESTAMOS TODOS COM VOCÊS E OS APOIAMOS.

Uma rede de amor... essa frase me abalou, pois passei mais de dez anos perguntando se a matriz do oculto com a qual eu estava envolvido era uma rede consciente ou simplesmente uma malha de sincronicidades. Uma rede de amor é o que a comunhão dos santos representa para os cristãos, a sanga para os budistas, os chefes secretos para os ocultistas e o círculo consciente da humanidade para Gurdjieff.

A revista *Barb* de Berkeley pediu-me que escolhesse algumas das poesias de Luna para que fossem publicadas em uma página memorial que estavam preparando. (Durante a primeira semana, fiquei surpreso pela quantidade de pessoas, além da família, que reconhecia o que pensávamos que só nós sabíamos, o drama que estávamos vivendo: quanto Luna, era *especial e amorosa...*)

Folheando o caderno de Luna escolhi cinco poemas para mandar para a revista. Entre eles, estava este:

### A Teia

Olhem através de um telescópio  
para ver o que eu posso  
ver:

Perplexa pela visão das constelações  
que me observam.

Eu estava impressionado pela coincidência-sincronicidade do telegrama de Leary (VOCÊS ESTÃO ENVOLTOS NUMA TEIA DE AMOR...) com os meus longos anos de especulação a respeito da Rede ou da Teia. Tim diria que eu estava assumindo uma nova impressão; penetrei em um sistema de crença em que a Teia de Amor não era uma das hipóteses entre muitas, mas uma Realidade onipresente.

Uma vez que os meus olhos se abriram verdadeiramente para ela, a Teia estava presente em todos os lugares, em cada árvore, cada flor, no próprio céu e na luz dourada que havia sido parte de Luna. Tão fortes são a Vontade e a Imaginação que, uma vez, ela falou comigo e disse: "Foot Doot". Essas foram algumas das primeiras palavras que ela pronunciara quando pequena e que ouvíamos diariamente por quase um ano, em 1963. Na realidade, ela queria dizer: "Fruit Juice" (Suco de Frutas), que sempre preferira com leite. É absurdo para um homem de 45 anos sentar-se à máquina de escrever para datilografar as palavras "Foot Doot".

Entre os papéis de Luna, Arlen encontrou uma mensagem de Tim Leary enviada, enquanto estava na prisão de Vacaville, em 1974, em resposta a um pedido seu de que lhe enviasse uma mensagem com a sua própria caligrafia. E ele escrevera:

*Amada Satélite,*

*Estaremos vindo para nos juntarmos a você no espaço externo.*

Já se foram quatro meses desde que Luna entrou em suspensão criogênica. Agora, sou Diretor da Sociedade Prometeu, um grupo baseado em Maryland engajado em fazer com que o Congresso crie um instituto de pesquisa em longevidade e imortalidade. Tim Leary e eu estamos profundamente envolvidos com a Sociedade L5, um grupo de cientistas determinados a enviar para o espaço a primeira cidade espacial (desenhada pelo prof. Gerard O'Neill, de Princeton) a partir de 1990. Também estou trabalhando com o Grupo de Pesquisas da Consciência da Física, junto com Jean Millay e outros pesquisadores da reação biológica. Estou convencido de que a Inteligência<sup>2</sup> — um avanço planetário em inteligência — será alcançada ainda em nosso tempo. Os sinais da Semente Estelar, ou como queiram explicá-los, continuam realmente o imperativo evolutivo que aguarda a nossa geração.

Olhando, pela janela, para a extensão urbana de Bay Area, às vezes me lembro de que, em algum lugar lá embaixo, outra jovem está jogada ao chão espancada até a morte e outro pobre policial está transmitindo a notícia a outro casal apavorado. Ainda sofremos um homicídio a cada 14 minutos nessa sociedade louca. Eu realmente reconheço que tenho sido um homem de sorte, minha família foi afortunada em comparação ao que aconteceu com os judeus (em grande parte da Europa) nos anos de 1930 e de 1940 ou às raças de cor, neste continente, durante três séculos, ou ao pesadelo terrível do Vietnã entre os anos de 1940 e 1973. Ou ainda em comparação à maior parte da história humana que, como Joyce afirmou, ainda é um pesadelo do qual estamos procurando acordar.

Tim Leary esteve aqui, na semana passada, dando uma palestra na Universidade de Berkeley. Recebemos a notícia de que sua apelação havia sido rejeitada pela Corte de Nova Orleans e que, provavelmente, teria de voltar à prisão novamente. Tim não quis divulgar essa notícia (eu soube por intermédio da única pessoa na sala, quando a informação chegou pelo telefone); Tim continuou a irradiar seu habitual humor, alegria e otimismo.

Arlen manteve uma conversa com ele, expressando sua gratidão pelo exemplo que dera durante o seu confinamento durante os últimos três anos. "Você nos convenceu de que é possível transcender o sofrimento", ela lhe disse, "e isso nos ajudou, mais do que qualquer outra coisa nas primeiras semanas depois da morte de Luna." E ele respondeu: "Esse é o ponto principal de todo o meu trabalho na mudança do cérebro!". Abraçou-a com sentimento. "É isso! Você entendeu! *A energia positiva é tão real quanto a gravidade do planeta.* Eu a senti."

Duas horas mais tarde, já de saída, Tim foi interpelado por um dos nossos hóspedes para uma pergunta final: "O que você faz, Dr. Leary, quando alguém continua lhe transmitindo energia negativa?". Tim sorriu com aquele seu conhecido sorriso malicioso que tanto aborrece todos os seus críticos: "*Volte novamente com toda a energia positiva que você tenha*", disse ele e dirigiu-se para o carro que o levaria ao aeroporto, para uma outra palestra. E só Deus sabe seu destino em seu décimo quarto ano de luta com o sistema legal.

E foi assim que aprendi o segredo final dos Illuminati.

FINAL



# Epílogo

por Saul-Paul Sirag

Encontrei-me pela primeira vez com Uri Geller em abril de 1973. Eu estava trabalhando em um artigo a respeito dele para a revista *Esquire* e fui a Nova Iorque em maio e junho para entrevistá-lo. Depois de vários encontros com Geller e Dr. Andrija Puharich, na casa deste e não daquele (onde Geller freqüentemente se hospedava), na cidade de Ossining, conversamos acerca de aspectos extraterrestres de suas histórias pessoais. Mencionaram uma entidade que se apresentara como um computador comunicando-se com eles de “milhões de anos-luz no futuro” (e Puharich sabia muito bem que ano-luz é uma distância e não um tempo). Mostraram-me a foto de um típico ÓVNI que Geller fotografara pela janela de um avião sobrevoando a França. Contaram-me a respeito de “algo parecido com um *laser* vermelho” que se identificou como sendo uma forma de entidade comunicadora. (“Agora você pode ver como nos parecemos”, ela supostamente declarara.) Mencionaram fitas que se gravaram sozinhas e até, mais milagrosamente, apagaram-se sozinhas — uma lorota fantástica que estranhamente prenunciavam as fitas apagadas de Watergate, meses mais tarde.

Eu estava intrigado com essas declarações extraterrestres, apesar de considerá-las bem absurdas. Finalmente, perguntei a Geller se seria possível eu ver essa entidade, mesmo que fosse necessário me manter em estado alterado de consciência, induzido por algum psicodélico.

Puharich já era famoso (ou infame, se quiserem) por suas pesquisas com psicodélicos nos anos de 1950 e escrevera um livro referente às experiências extra-sensoriais que ele conduzira com *Amanita muscaria*, chamada de *cogumelo sagrado*. Uri tinha certas reservas quanto aos psicodélicos, mas ainda assim disse que gostaria de *me* ver em um estado psicodélico. E, dessa forma, passei algumas horas com Uri Geller numa viagem induzida

pelo LSD. A experiência foi dirigida por um amigo, em seu apartamento em Manhattan, sem que ele ingerisse nada para poder comparar as anotações mais tarde.

Em um certo ponto naquela noite, senti que o momento era adequado e perguntei a Geller se naquele momento seria possível eu ver a entidade. Ele então me pediu que olhasse em seus olhos e dissesse o que eu estava vendo. O meu primeiro pensamento foi que essa não era a maneira de proceder. “Eu só verei aquelas luzes vermelhas das quais falaram. Será que ele não entende que é só o que verei? É claro que sabe — é só um truque psicológico. Ao ver as luzes vermelhas, vai me dizer que eu também vi a entidade, mas não comprovará nada.”

Mas não foi nada disso. Quando olhei em seus olhos, eles pareceram transformar-se em olhos de pássaros que mais sugeriam ser ave de rapina. Em seguida, o seu nariz transformou-se num bico e da sua cabeça inteira brotaram penas até o pescoço e os ombros. Pulei um pouco para trás, surpreso. “Uri, você se parece com uma águia!”, exclamei estarrecido.

Uri ficou muito agitado — como só Uri consegue. Mas nada comentou a respeito do que eu vi e sempre manteve o mistério. Então nos envolvemos em assuntos de telepatia e de dobradura de metais. Eu havia colocado a experiência da águia no arquivo “Não Sei”. Não sabia o que pensar disso — dificilmente pensaria que um extraterrestre tivesse esse tipo de aparência.

Minha memória do acontecimento ativou-se novamente em novembro daquele ano. Eu voltara para Berkeley, em junho, para associar-me às pesquisas do Instituto para o Estudo da Consciência. (Para mostrar como é emaranhado esse assunto todo, poderia mencionar que Arthur Young, fundador do Instituto, foi quem originalmente sugerira a Robert Temple a idéia de descobrir como a tribo Dogon chegou a saber tanto a respeito da companhia obscura de Sírius. E, por sua vez, Arthur Young soube, em primeira mão, desse núcleo tribal por intermédio de Harry Smith, um produtor de filmes que afirmava ser um dos filhos de *Aleister Crowley*...)

De qualquer forma, em novembro de 1973, comecei a ouvir falar de Ray Stanford e de suas histórias de teletransporte por intermédio de Alan Vaughn, que fora ao Texas para entrevistar Stanford para a revista *Psychic*. Stanford afirmava ter sido teletransportado em seu carro *duas* vezes no outono daquele ano. Nas duas ocasiões do teletransporte, disse Stanford, ele estava se dirigindo ao aeroporto para receber Uri Geller.

Stanford atribuíra esses teletransportes a SPECTRA — o nome que Geller, e Puharich usavam ao se referirem à entidade extraterrestre. Nessa época, Puharich já havia lançado o seu livro *Uri*, que tem um capítulo todo a respeito de SPECTRA, mas eu não ouvira nem Geller, nem Puharich usar esse termo, nem tampouco se referir a SPECTRA como um falcão. Para Ray Stanford, SPECTRA era um ser poderoso que chegara a ele sob a forma de falcão. Vocês devem entender que Stanford é um paranormal que

estive muitas vezes envolvido com pesquisas de óvnis — bem antes de ouvir falar de Geller — e tivera experiências com entidades de aparência de falcão. De fato, antes dos teletransportes, Stanford tivera alguns sonhos estranhos, povoados de falcões, nos quais era convidado a juntar forças com SPECTRA. Nesse contexto, minha experiência (da “águia”) com Geller começava a fazer um certo sentido.

Foi em meados de dezembro de 1973 que a edição de janeiro de 1974 da revista *Analog* apareceu nas bancas com uma história de capa intitulada *The Hórus Errand*. A ilustração da capa mostrava um homem, em uniforme branco-dourado, com um capacete em formato de falcão e o Olho de Hórus no bolso do lado esquerdo. Em cima do bolso direito, uma etiqueta com o nome que era (pasmе!)... *Stanford!*

Para mim, isso era uma sincronicidade jungiana incrível e telefonei para Alan Vaughn a fim de trocarmos idéias. Ele foi correndo para comprar a revista e, quando voltou, chamou-me para dizer que a figura era até parecida com Ray Stanford. A sincronicidade estava se tornando pesada — e ainda não conhecíamos Timothy Leary, Robert Anton Wilson nem tampouco sabíamos de suas conexões sincrônicas com tudo isso.

Vaughn escreveu para o artista que desenhara a ilustração de “Hórus” para *Analog* — Kelly Freas, um dos melhores artistas em ficção científica. O resultado foi que Freas desconhecia totalmente Ray Stanford e não tinha ciência de que estava usando o rosto de Stanford na ilustração. Entretanto, havia uma ligação. Dez anos atrás, Freas havia solicitado a Stanford que lhe fizesse uma leitura psíquica via correio eletrônico. Nessa leitura, Stanford dissera que Freas havia sido, em vida passada, um ilustrador no Egito antigo. Por esse motivo, Freas usa símbolos egípcios sempre que tem oportunidade — assim como fez na ilustração da “Missão Hórus”. Os temas egípcios são de menor importância na história, e o capacete, por exemplo, não leva nenhuma descrição além das cores branca e dourada. Freas o desenhou com a cabeça de falcão porque Hórus, o Senhor da Cabeça de Falcão da Força e do Fogo, era o deus mais conhecido do antigo Egito.

Freas também afirmou que ele não havia feito nenhuma conexão consciente entre o Stanford da história e o Ray Stanford que lhe havia enviado a leitura psíquica por correio eletrônico. Enfatizou ainda que não fazia a menor idéia de como era Stanford. Outro fato inusitado na ilustração da *Analog* é que Freas, como ele mesmo disse, geralmente pinta imagens humanas a partir de fotografias ou de modelos vivos, mas, nesse caso especificamente, ele apenas pintou a partir da sua própria imaginação. A capa também apresenta um raio *laser* vermelho partindo do alto da construção piramidal, logo atrás da figura de Stanford. A história não menciona nenhum raio *laser*, mas isso foi o que eu esperara ver nos olhos de Uri Geller...

Existe uma dimensão maior nessa história toda. Geller e Puharich descreveram-me a entidade como o computador de uma aeronave. Até

novembro de 1973, eu soube que eles estavam descrevendo a entidade como um falcão, chamando-o de SPECTRA. No livro *Uri*, de Puharich (publicado em 1974), SPECTRA é descrito como um computador gigante que, ocasionalmente, projeta uma entidade com aparência de falcão, neste planeta.

As pessoas me dizem que o nome SPECTRA cheira a ficção científica de segunda classe. Isso pode ser verdade, assim como é verdade que a RCA fabricava um grande computador chamado Spectra-70. De repente, a RCA saiu completamente do mercado de computadores em outubro de 1971, em circunstâncias misteriosas. Dois meses depois, em dezembro de 1971, SPECTRA começa a aparecer a Geller e a Puharich e, com uma voz mecânica, identificou-se como o computador de uma espaçonave a “53.069 eras-luz” de distância. Mais tarde, SPECTRA apareceu em forma de falcão. É claro que o Dr. Puharich possui uma grande experiência em eletrônica e, certamente, o nome Spectra-70 do computador RCA estava em algum lugar do seu consciente ou do seu subconsciente. Mas isso não explica a minha experiência com o pássaro de rapina nos olhos de Uri Geller, ou os sonhos com falcões e SPECTRA de Ray Stanford, ou os teletransportes que Stanford (e outros) dizem ocorrer em torno de Geller.

Desde que conheci Robert Anton Wilson, estive aprendendo a filosofia de Hórus e descobri que as sincronicidades acontecem em todos os lugares. Por exemplo, depois que *Illuminatus* foi publicado, brincando, eu disse a Wilson que ele deveria ter colocado São Francisco em sua conspiração-mito, pois São Francisco, tal como os Illuminati, foi fundada em 1776. Nós dois rimos disso, mas, poucos meses mais tarde, cruzei com o fato de que Phi Beta Kappa foi fundada em 1776 e sugeri a Wilson que incluísse isso, caso ele publicasse uma seqüência do seu livro *Illuminatus*.

Mais tarde e a título de verificação, procurei em *The Secret Societies of All Ages and Countries*, de Heckethorn, e ali estava bem especificado: Phi Beta Kappa era uma ordem dos Illuminati bávaros, introduzida nos Estados Unidos em 5 de dezembro de 1776. Por acaso, o seu lema era *Philosophy is the Rule of Life\**

A teoria da conspiração mais compreensiva que eu conheço é a interpretação da mecânica quântica idealizada por Sir Arthur Eddington. (Lembre-se de que Wilson diz que, todas as vezes que ele me conta algo estranho, eu posso encontrar um modelo da teoria quântica que possa explicá-la — portanto, aqui vai...)

Eddington afirma que a lição da Física e especialmente da mecânica quântica é que, até onde podemos descrever o mundo como um todo, estamos necessariamente descrevendo a estrutura de nossas próprias mentes. No caso em que se pense que eu esteja simplificando demais a visão de

\*N. do T.: A Filosofia é a Regra da Vida.

Eddington, deixe-me citar algo de seu livro *Philosophy of Physical Science*, pág. 148:

O ponto inicial da ciência física é o conhecimento da estrutura grupal de um conjunto de sensações em uma consciência. Quando esses fragmentos de estrutura, fornecidos a vários intervalos de tempo e por diversos indivíduos, forem combinados e representados de acordo com as formas de pensamento que discutimos [isto é: a estrutura grupal]... conseguimos a estrutura conhecida como o universo físico.

Se o significado de Eddington não lhes é perfeitamente claro, citarei uma versão um pouco mais poética de um ensaio da sua reimpressão no livro *The World of Mathematics*, editado por James Newman, página 1.104:

Encontramos uma estranha pegada nas praias do desconhecido. Idealizamos teorias profundas, umas e outras, para explicar sua origem. Finalmente, conseguimos reconstruir a criatura da pegada estranha. E, pasme! É a nossa própria pegada.

Recentemente, estive usando a abordagem de Eddington para derivar a relação da massa de prótons-elétrons. (Na realidade, e para ser exato, estou usando uma pequena modificação na abordagem de Eddington.) Do ponto de vista da teoria grupal de Eddington, as criaturas para quem o tempo-espaço tem quatro dimensões encontrarão estruturas algébricas de dez elementos e de 136 elementos que atuam como papel fundamental.

Eddington tentou, sem sucesso, derivar a relação da massa de prótons-elétrons dos dois números, 10 e 136, junto com o número da unidade, 1. Eu observei que, se tivermos 136 elementos e quisermos ordená-los em pares, ou seja, um para o próton e um para o elétron, teremos 18.360 maneiras de ordenar esses 136 elementos. (Essa é uma verdade, é claro, não importa em que consistem esses 136 elementos.) Como eu quero fazer *alguma coisa* com o dez de Eddington, eu divido o nosso sistema de ordenamento em dez partes (para as dez dimensões da curvatura do tempo-espaço). E, assim, obteremos 1.836 — que é um número bem próximo da desejada relação da massa prótons-elétrons.

Como todos os dados neste livro, isso pode parecer uma “mera coincidência”. Entretanto, depois de fazer esse cálculo, encontrei, em um velho número da revista *Scientific American* (maio de 1963), um artigo escrito por P. A. M. Dirac dizendo que: “O campo gravitacional é um campo tensor com dez componentes. Descobrimos, então, que seis dos componentes são adequados para descrever todas as coisas de importância física e os outros quatro podem ser eliminados da equação. Entretanto, não devemos escolher os seis componentes importantes do conjunto completo de dez sem incorrer no risco de destruir a simetria quadridimensional”.

Dirac, um dos fundadores da teoria quântica, esteve aqui tentando casar a mecânica quântica com a relatividade geral e estava encontrando

problemas. Sua situação de dificuldade foi a minha oportunidade. Eu tinha conseguido a relação da massa de prótons-elétrons dividindo 18.360 por 10. Então, partindo da proposta de Dirac, decidi verificar o que aconteceria se eu dividisse 18.360 por 9, por 8, por 7 e por 6. O que consegui foram os números da massa de elétrons dos outros bárions, o lambda, o xi, o sigma e o ômega.

Dirac havia se queixado de que, ao usar menos de dez tensores, se destrói a simetria do tempo-espaço, mas era exatamente o que eu queria. O motivo é que, desde que Dirac escrevera isso, em 1963, descobriu-se que fendas na massa podem acontecer ao quebrar o padrão de simetria de suporte da relatividade geral. É dessa forma que a força fraca foi extraída da força eletromagnética por Steven Weinberg e diversos outros físicos bem conhecidos hoje. Agora, estou preparando um papel de onde consigo extrair a força forte do padrão de simetria da relatividade geral. (Na realidade, isso já foi feito por Abdus Salam e por Jack Sarfatti. Eu só estou proporcionando mais munição.)\*

Mas as coisas começam a parecer positivamente factíveis ao observar que os números 1, 10 e 136 de Eddington fazem parte de uma seqüência numérica conhecida na Matemática. A seqüência é: 1, 10, 45, 136, 325... etc.

O número seguinte da seqüência numérica é: **666**.

Berkeley, Califórnia

---

\*N. do E.: Para aquelas pessoas interessadas em se inteirar da completa derivação matemática, veja "A Combinatorial Derivation of Proton-Electron Mass Ratio", de Saul-Paul Sirag, publicado na revista *Nature*, outono de 1977.

# Índice Remissivo

---

## A

Abordagem Multimodelo 41  
Adams, Henry 227, 238  
Adamski, George 153  
Aeroporto 77 (filme) 236  
Afrodisíacos 220  
Afrodite 104  
Ágape 130  
Al Fatah 187  
Albigenses 201  
Alcorão 96, 208  
Alegres Farsantes 219  
Allah 96, 106, 153  
Allegro, John 164  
Allen, Woody 139  
Alucinação 39, 48, 56, 70, 83, 146, 175, 207, 210, 212  
Anjos 11, 35, 40, 49, 131, 136, 163, 173, 175-177, 179, 218  
Antropologia 164, 228  
Argyle-Smith, Philip Campbell 31  
Armstrong, Neil 183  
Arquétipos 104  
Artaud, Antonin 237, 238  
Ashram de Millbrook 58  
Asimov, Isaac 146, 147, 232  
Astrologia 102, 106, 149, 227  
Astronomia 35  
Astrum Argentum 96, 199

Atlântida 30, 193, 234-236  
Auras 50, 178  
Aurobindo, Sri 41

---

## B

Backster, Cleve 48  
Baker, Douglas 159  
Barritt, Brian 123, 133  
Bay Area, Sociedade Criogênica 53, 121, 144, 147, 151, 173, 239, 245  
Beatles 232  
Benares, Camden 80  
Benner, L. Wayne 113, 115, 124  
Berkeley Barb (jornal) 148  
Berlitz, Charles 234  
Bjorksten, John 142, 146  
Blavatsky, Helena Petrovna 159  
Bohr, Niels 10, 16, 41  
Bonewitz, Isaac 173, 177  
Bosch, Hieronymus 91  
Bozo (tribo) 201  
Brahma 105  
Broadbent, Bill 119, 120  
Bruno, Giordano 12, 91, 147, 214, 235  
Brussel, Mae 171  
Bruxaria 91, 98, 151, 152  
Buck Rogers 218  
Buda 24, 74, 75, 151, 160, 179, 220, 243  
Buracos Negros 238

Burbank, Luther 50  
 Burroughs, William S. 26, 66

---

**C**

Cabala 38, 120, 121, 130, 161, 206, 226,  
 237

Cabo Kennedy 183

Calendário Egípcio 201

Campbell, Ken 232

Carlos Magno 85

Castro 167

Cavaleiros Templários 30, 91, 200

Celtas 206

Centro Galáctico 227

Centro galáctico 129

Chapman 84

Chefes Secretos 19, 178, 244

Choronzon 182

Cibernética 111, 139, 145

Cientologia 11, 183

Circuitos 26, 40, 48, 90, 91, 129, 134-136,  
 138, 155, 207-216, 219, 221, 224, 225,  
 228

Clonagem 144, 242

Cocaína 149, 158, 210

Coincidência 34, 39, 53, 55, 56, 67, 70, 79,  
 87, 89, 94, 98, 102, 108, 132, 148, 159,  
 160, 161, 166, 168, 183, 184, 218, 227,  
 237, 245

COINTELPRO 171, 185, 186

Cole 76

Comfort 141

Comportamentalista 60

Comunicação interestelar 156

Confúcio 243

Consciência 12, 19, 24, 26, 46-48, 50, 53,  
 55, 56, 61, 62, 67, 74, 75, 76, 92, 105,  
 106, 116, 119, 120, 123, 129, 133, 135,  
 136, 138, 139, 143, 153, 157, 167, 186,  
 200, 208, 210, 212, 215, 218, 219

Criobiologia 139

Criogenia 141

Cristãos 22, 90, 110

Crowley 10, 12, 14, 19, 25, 26, 30, 33, 69,  
 84, 101, 105, 111, 112, 119, 133, 143,  
 149, 150, 166, 178, 182, 200, 214, 235

Culpepper 114

Culto das Bruxas na Europa Ocidental  
 164

---

**D**

Dama do Espaço 82, 97, 193

Daraul 119

Darwinismo 92

Dee 91, 161, 175, 198, 200

Deus 5, 10, 45, 55, 81, 82, 84, 100, 106,  
 108, 117, 118, 131, 132, 138, 140, 148,  
 154, 161, 178, 182, 191, 198, 202-204,  
 207, 241, 244

Discordianismo 55, 79, 81-83, 85, 111,  
 121, 168, 195, 232

DMT 146

DNA 23-25, 69, 70, 105, 115, 130, 139,  
 145, 147, 208, 209, 214-216, 218, 221,  
 224, 228, 229, 232

Dom Juan 49, 90, 164, 165, 211

Doutrina da objetividade 203

Druidas 173, 193

---

**E**

Eckhart 105

Ecologia 38, 219

Edison 50, 146, 154

Ego 45, 59, 92, 135, 170, 178, 208, 210,  
 244

Einstein 23, 59, 60, 67, 202, 212, 216

El Hallaj 119

Espaçonaves 51, 117, 176, 191, 200, 238

Estado Aalfa 238

Exopsicologia 81, 136

Experiência Clauser 203

---

**F**

Fábulas 44, 196

Fact 57, 64

Fadas 40, 51, 55, 193, 206

Falcão 129, 184, 187-190  
 Fechner 50  
 Fênix 107, 183, 190  
 Ficção científica 5, 19, 51, 123, 204, 212,  
 213, 214, 218, 219, 232  
 Física 16-19, 26, 36, 40, 41, 53, 57, 60, 64,  
 67, 82, 142, 167, 198, 202-204, 206,  
 210, 228, 246  
 Flash Gordon 35  
 Fonda 186  
 Fort 113, 116, 155, 218  
 Freas 187  
 Freud 54  
 Fundamentalista 84, 120

---

**G**

Gabriel 179  
 Galileu 17, 79, 219, 227, 229  
 Geller 30, 101, 111, 184, 187, 190, 204  
 Ginsberg 98  
 Ginzburg 57  
 Gnosticismo 91, 120  
 Grant 107, 115, 116, 148, 158, 161, 175,  
 198, 200, 201  
 Graves 65, 164  
 GUPA 84

---

**H**

Hadit 237  
 Hals 156  
 Hampton 186  
 Hanlon 160  
 Harrington 141  
 Haxixe 119, 140, 153, 234  
 Heisenberg 203, 206  
 Heroína 70, 89, 163, 170  
 Hipnose 74, 104, 153  
 Holograma 53, 108, 205, 228

---

**I**

I Ching 12-14, 24, 67, 69, 182, 205, 220,  
 230, 232  
 Illuminati 34, 84, 111, 173

Illuminatus 25, 29, 34, 55, 67, 80, 92, 100,  
 101, 105, 106, 130, 132, 133, 174, 176,  
 179, 181, 182, 198, 205, 208, 214, 218  
 Illuminoids 34  
 Imortalidade 26, 53, 125, 130, 135, 139-  
 142, 144-147, 156, 163, 173, 216, 218,  
 228, 232, 235, 241, 244  
 Imortalistas 30, 53, 187  
 Inteligência Superior 19, 20, 44, 109, 115,  
 123, 126, 129, 130, 157, 160, 176-178,  
 181, 184, 193, 200, 238  
 Ishtar 45, 168  
 Ísis 201, 230

---

**J**

Jackson 76  
 Jefferson 30, 108, 161  
 Jeová 52, 105, 140  
 Jesuítas 14, 169  
 Jesus 14, 36, 39, 49, 69, 110, 179, 242

---

**K**

Kali 105, 153  
 Katamina 216  
 Kennedy 55, 65, 108, 163, 178, 215  
 KGO 32  
 King 33, 119, 236  
 Koestler 56  
 Kohoutek 126  
 Koot Hoomi 160  
 Krishna 41, 155

---

**L**

L5 219, 246  
 LaBarre 164, 218  
 Laralus 39, 52  
 Lane 82  
 Lao-Tse 23, 150, 238  
 Lápide da Revelação 130-132, 182  
 Lei da Aceleração 227  
 Lei das Oitavas 154, 220, 221  
 Levitação 100, 114  
 Libertarianismo 66

Linguagem angélica 176  
 Lourdes 65  
 Loyola 93  
 LSD 59, 61, 63, 70, 72, 73, 76, 90, 104, 109,  
 140, 141, 149, 161, 182, 198, 226, 229,  
 230, 239  
 Luz Clara 151, 181, 239, 241, 243

**M**

Maçonaria 30, 31, 33, 97, 182, 231  
 Maçons 31, 87, 183  
 Magia 9, 11, 14, 25, 26, 45, 51, 52, 90, 91,  
 93, 96, 100, 102, 105, 107, 110, 117,  
 119, 126, 131, 148, 176, 178, 183, 200,  
 204, 228, 237-239  
 Mágico de Oz 65  
 Marijuana 77, 91, 140, 158  
 Marte 129  
 Martino 171, 186  
 Marx 234  
 Massagem 179  
 Materialismo 93  
 Mathers 179  
 McAuley 110  
 McNamara 235  
 Meditação 90, 91, 125  
 Mente 20, 40, 45, 47, 48, 53, 57, 62, 75, 90,  
 93, 95, 104, 106, 110, 111, 115, 123,  
 129, 132, 141, 163, 165, 172, 181, 196,  
 199, 203, 209-211, 228, 241, 242, 244  
 Mescalina 46, 106, 146, 213  
 Mescalito 49, 50, 52-54, 65  
 Mickey Mouse 123  
 Migração Espacial 21, 25, 79, 182, 185,  
 214, 218, 227, 230  
 Migração extraterrestre 224  
 Milagres 64, 65, 97, 101, 204  
 Missa Negra 85  
 Missa negra 160, 234  
 Mitrinovic 96  
 Moisés 181  
 Morfina 158, 211

Morte 12, 16, 20, 34, 45, 69, 75, 94, 106,  
 111, 136, 139, 140, 141, 144, 145, 154-  
 156, 171, 183, 196, 215, 239, 242-244,  
 246  
 Mothman 39, 191, 192, 206  
 Mulher Peiote 65  
 Murray 164

**N**

NASA 11, 21, 117  
 Nixon 36  
 Nommo 131  
 Norton I 121  
 Nuit 65, 97, 105, 129-132, 153, 200

**O**

Oak Ridge National Laboratory 142  
 Oannes 131  
 Olsen 115  
 Onrak 170  
 Operação 56, 95, 100  
 Ordo Templi Orientis 106, 116, 119, 157,  
 158, 174-177, 182, 183, 198  
 Orgasmo 90  
 Osíris 48, 200, 201, 229  
 Óvnis 11, 26, 30, 35, 38, 65, 111, 117, 131,  
 169, 185, 186, 203, 204, 208, 239, 245  
 Óxido nitroso 90

**P**

Pan 104, 105, 152  
 Panquecas 30, 37, 38, 52, 53, 112, 153  
 Panteras Negras 185  
 Parafísica 215  
 Parapsicologia 52, 94, 112, 135, 186, 215,  
 238  
 Parcifal 119, 120, 131  
 Patanjali 220  
 Pauli 205, 207  
 PCP 106  
 Pentágono 87  
 PES 26, 94, 100, 101, 108, 119, 135, 205,  
 227

Pílula da imortalidade 130, 135  
 Pitágoras 219  
 Platão 218  
 Playboy 66, 70, 73, 75, 80, 96, 117, 171  
 Ponto Ômega 228, 231  
 Pookah 193  
 Popkin 56, 167  
 Potentia 203  
 Probe 120  
 Projeção 55, 85, 125, 126, 229, 230  
 Próteses 145  
 Psicocinese 21, 95, 204  
 Psicodélicos 59, 62, 96, 135, 146, 156,  
 208, 214, 218, 229, 231  
 Psicofarmacologia 60, 71  
 Psilocibina 12, 106, 152, 219, 220, 234

**Q**

Queda livre 212

**R**

Ra-Hoor-Khuit 190  
 Rasputin 124  
 Reação biológica 239, 246  
 Realidade 10, 16-21, 24-25, 32, 36, 46-47,  
 52, 56, 57, 62-65, 69, 70, 74, 77, 81,  
 83, 84, 87, 89-91, 96, 100, 101, 104,  
 107, 112, 116, 121, 125, 132, 140, 147,  
 166, 174, 182, 192, 203, 210, 211, 213-  
 215, 218-221, 225, 227, 230, 231  
 Reencarnação 109, 134, 138, 150, 215  
 Reincidência 12, 63  
 Relatividade 18, 24, 142, 202, 203, 205,  
 213  
 Repressão sexual 76  
 Ressurreição 145, 230, 238, 242  
 Ritual Negro 231  
 RNA 24, 25, 115, 215, 221  
 Rolling Stone 238  
 Rosacrucianos 91  
 Roubecek 62

**S**

Samadhi 105, 135, 140  
 São Francisco 123, 124, 150, 161, 173,  
 195, 226, 236, 244  
 Satori 34, 46, 140, 226  
 Seed 114  
 Seita ismaelita 119  
 Semente Estelar 114, 115, 125, 129, 131,  
 171, 182, 190, 199, 228, 238, 246  
 Serotonina 146  
 Set 11, 117, 230  
 Sexo oral 91, 234  
 Sexo tântrico 34  
 Shiva 105  
 Sincronicidade 56, 67, 69, 80, 87, 95, 96,  
 101, 102, 108, 110, 117, 129, 184, 190,  
 206, 228, 232, 245  
 SÍRIUS 231  
 Sírius 11, 19, 26, 30, 34-37, 39, 40, 65, 98,  
 101, 107, 108, 109, 114, 116, 117, 121,  
 125, 130, 132, 149, 158, 160, 161, 163,  
 181, 183, 184, 190, 193, 195, 196, 198-  
 202, 205, 231, 232, 234, 236-238  
 Sociedade Teosófica 160, 175  
 Sócrates 134, 177, 216  
 Solomon 76  
 SPECTRA 190  
 Stellartron 158  
 STP 106

**T**

Tammuz 45  
 Tarô 93, 102, 134, 151, 160, 203, 228  
 Teletransporte 190  
 Tempo 19, 20, 24, 32, 48-50, 52, 60, 62-64,  
 66, 72, 74-76, 82, 83, 89-91, 94, 95,  
 98, 101, 102, 105, 110-112, 117, 119,  
 120, 121, 125, 129, 131, 133, 138, 140,  
 141, 143, 147, 150, 152, 153, 159, 163,  
 171, 173, 174, 178, 183, 185, 196, 199,  
 203-205, 211-213, 218, 228, 229, 231,  
 234, 236-239, 245, 246  
 Thelema 131

Tomismo 81  
 Triângulo das Bermudas 235  
 Tribo Dogon 132, 200, 202  
 Triptofano 146

---

**U**

Ultraterrestres 40, 193, 207  
 Ulysses 41, 161  
 União cósmica 226

---

**V**

Vedanta 227  
 Velocidade 52, 67, 203, 205, 206, 211, 213,  
 216, 229  
 Vênus 176  
 Viagem no tempo 238  
 Vibradores 213  
 Virgem Maria 64, 65, 97, 105, 153  
 Vulcano 31

---

**W**

Watergate 77, 79, 117, 119, 150, 164, 172  
 Weather Underground 85, 172, 185, 187  
 Winifred 238

---

**X**

Xadrez 13, 24, 221

---

**Y**

Yoga 17, 33, 75, 90-93, 96, 100, 105, 106,  
 108, 115, 119, 132, 148, 155, 156, 158,  
 160, 166, 170, 213-215, 221

---

**Z**

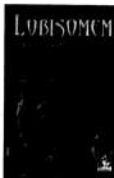
Zen 34, 36, 45, 54, 56, 81, 96, 112, 123,  
 161, 171, 172, 213, 227, 245  
 Zodíaco 227



## GOVERNO OCULTO DO MUNDO

Deus ou Lúcifer?  
*Wulfing von Robr*

Quem governa o mundo? O capital bruto ou as lojas das sociedades secretas, os mestres ascensionados da Fraternidade Branca ou os magos negros? Quem controla nossas vidas? O ego ou os ideais, Deus ou Lúcifer? O que é a vida? A existência errante no caos, o jogo de forças benignas e malignas invisíveis ou simplesmente um palco onde representamos papéis? Quem são os governantes da luz e das trevas e qual é a função dos mestres visíveis e invisíveis no mundo e na nossa existência?



## LOBISOMEM

Um Tratado sobre Casos de Licantropia  
*Sabine Baring-Gould*

Neste livro, *Lobisomem*, de Sabine Baring-Gould, são tratados inúmeros casos de Licantropia, bem como sua distribuição geográfica.

O autor coletou inúmeras histórias sobre essa fera mitológica. Algumas delas podem deixar o leitor estarrecido devido à sua ferocidade. O lobisomem entre os nórdicos, na Grécia, na Roma antiga, durante a Idade Média, casos de Serial-Killers associados à Licantropia nesta obra são apresentados.



## MAGIA THELÊMICA DE MAAT, A

Amor Sob Vontade  
*Nema*

Este livro traz os ensinamentos básicos para a própria iniciação e o desenvolvimento do leitor no tema. A autora preocupa-se em destilar o elixir da corrente mágica iniciada por Aleister Crowley e o derrama de maneira farta e generosa.

## UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA CABALA

*William Wynn Westcott*



A Cabala é a tradição secreta dos judeus. Ela influenciou a magia e o ocultismo. Um manancial de saber iniciático, ela é formada a partir de elementos do gnosticismo, do misticismo Merkabah e do neoplatonismo, o que a torna uma tradição eclética e profunda, tendo em vista a riqueza dos seus componentes.

## LIVRO DOS MORTOS TIBETANO, O

O Bardo Thödol  
*Lama Kazi Dawa Samdup*



*O Livro dos Mortos Tibetano*, também conhecido como *O Bardo Thödol*, trata-se de uma possível adaptação budista de uma antiga tradição tibetana, anterior ao século VII, ditada por grandes mestres do mundo budista. Suas experiências foram transmitidas aos seus discípulos e estes as reuniram e as eternizaram por escrito. Trata-se de uma leitura fascinante e repleta de espiritualidade.

## MAGIA SECRETA DO TIBETE, A

*J. H. Brennan*



Com a leitura deste livro você aprenderá as autênticas práticas mágicas tibetanas, como: o tumo, a habilidade de evitar o frio por meio da estimulação dos chacras e dos canais de energia do corpo; o transe da luz, que remete a vidas passadas; a manipulação de energias por meio do som, do ritmo, do cântico e dos tambores, além da prática espiritual da Yoga do Sonho.

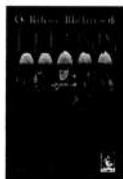


**COLETÂNEA HERMÉTICA**  
Um Compêndio Rosa Cruz  
*William Wynn Westcott*

*Coletânea Hermética* é uma obra que traz conhecimentos ocultos sobre a filosofia Hermética. A luz desse ensinamento é o dom de Deus que, por Sua vontade, Ele confere a quem desejar. O Arcano Hermético esclarece que a ciência de produzir o grande Segredo da Natureza é um conhecimento perfeito da Natureza Universal e da Arte pertinente ao Reino dos Metais. Este livro é o resultado de longos estudos das ciências ocultas, da Cabala, da Alquimia e da Magia Superior.

**MISTÉRIOS DE MITRA, OS**  
*Franz Cumont*

Nesta obra, você encontrará informações a respeito da origem e da história da religião mitraica. Sendo uma ramificação do antigo tronco masdéista, o Mitraísmo preservou, em muitos aspectos, as características dos antigos cultos das tribos iranianas e contribuiu para a dar uma forma precisa a certas doutrinas da Igreja, como os conceitos de fim do mundo e dos poderes do inferno.



**OS RITOS E MISTÉRIOS DE ELÊUSIS**

*Dudley Wright*

Esta obra apresenta os Mistérios de Elêusis, um dos mais famosos e o mais antigo de todos os mistérios gregos. Eram assim chamados porque suas doutrinas e rituais, os quais eram ensinamentos relacionados com a vida após a morte, somente poderiam ser revelados aos iniciados, que juravam mantê-los em segredos. Esse estudo é valioso tanto para o maçom quanto para qualquer ser interessado em aprofundar seus conhecimentos acerca desses Mistérios que, embora tão antigos, ainda hoje permitem inúmeras reflexões.

**LIVRO DE ENOCH, O**  
O Profeta

Esta obra é de grande importância não somente em virtude da sua menção aos versículos 14 e 15 da epístola de São Judas, mas também por ter sido citada por vários padres da Igreja Católica primitiva. Sabe-se que mais de 70 textos do livro de Enoch influenciaram não somente os diversos escritos do Novo Testamento como também as obras de Clemente de Alexandria, Tertuliano e São Jerônimo.



**MAGIA HERMÉTICA**  
A Árvore da Vida — um Estudo sobre a Magia  
*Israel Regardie*

Neste livro clássico, Israel Regardie traz à tona os maiores mistérios das diversas tradições que compõem o saber Arcano: A Magia Egípcia, a Yoga, a Cabala, a Alquimia, a Magia Sexual, tratando também do deus oculto, a mística entidade conhecida como Sagrado Anjo Guardião.

**MAGIA EGÍPCIA, A**  
*E. A. Wallis Budge*

As areias escaldantes do Saara produziram uma obra que rivaliza com as pirâmides e templos de Luxor e Karnac. Esta obra é a magia egípcia, que influenciou inúmeros povos, como por exemplo os próprios gregos, em que Egito era sinônimo de Magia.

A *Magia Egípcia* mostra que no Egito a crença na magia, ou seja, no poder de nomes mágicos, feitiços, encantamentos, fórmulas, gravuras, figuras e amuletos constituía uma grande e importante parte da religião egípcia.

